

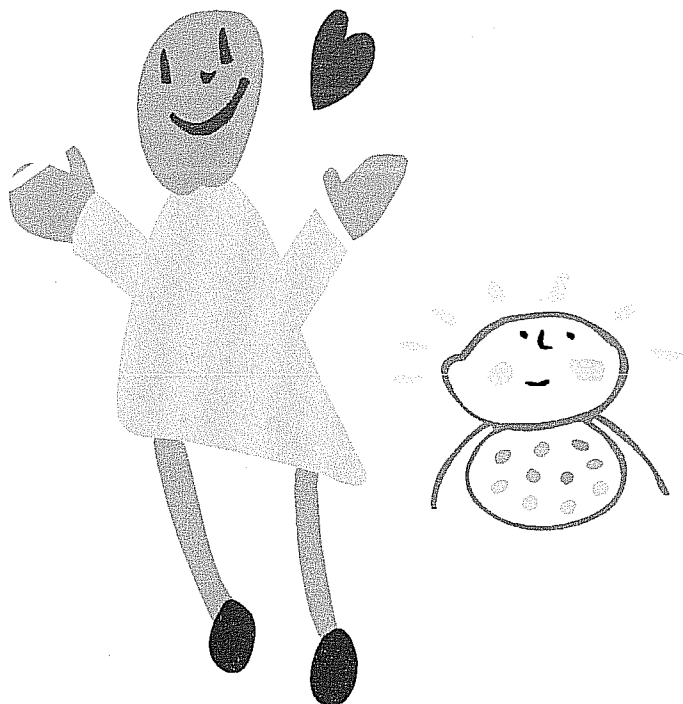
DM
TEIX.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

“Reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo:
reavaliação 4 anos depois”

Volume I




Orientador: Prof. Doutor Emílio Salgueiro

Seminário de dissertação: Prof. Doutor Eduardo Sá

2000

Sandra Isabel Teixeira

nº 879

	ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação	C.
Registo: 13551	
Data: 27/09/02	
Tel. 21 891 17 60	

AGRADECIMENTOS

Terminada mais uma etapa da minha vida académica, torna-se difícil agradecer apenas a algumas pessoas, pois acredito que, todas as relações que fui estabelecendo ao longo da vida foram enriquecedoras e que, de alguma forma, se reflectem neste trabalho... Contudo, deixo aqui o meu agradecimento especial a algumas dessas pessoas.

Aos meus pais por estarem sempre presentes em todos os momentos (importantes) da minha vida e pela motivação que me transmitiram para a realização desta dissertação.

À minha irmã por, apesar de ter sido “destronada” por mim do seu lugar de filha única, ser a minha melhor amiga.

Ao Prof. Doutor Emílio Salgueiro agradeço por, uma vez mais, estar presente num momento importante da minha vida académica/ profissional, esperando que o esteja em muitos outros. Obrigado pela sua disponibilidade, pelo apoio que me tem dado e por ter sempre uma palavra confortante.

O meu agradecimento também ao Prof. Doutor Eduardo Sá pelos conhecimentos transmitidos nas aulas de seminário de dissertação.

Às minhas amigas e colega de trabalho (Rita, Sandrinha, Cláudia, Sofia, Margarida e São), pelos muitos e bons momentos que passámos juntas (e que sei que se manterão por muitos anos) e que permitiram alguns momentos de descontração durante a realização desta dissertação. Permitam-me que, entre estas, faça dois agradecimentos especiais....

À Rita... por tudo!!! Pela sua amizade, por saber que, em qualquer situação, tenho o seu apoio e por, em muitos momentos, acreditar mais em mim do que eu própria, transmitindo-me muita da sua força.

À Sandrinha, pela sua amizade e boa disposição permanente que, mesmo

em momentos mais difíceis, nos fazem esquecer as tristezas, contagiando-nos com a sua alegria.

À Cláudia, à Anabela e à Rita, minhas amigas e colegas de curso, agradeço a sua amizade e por saber que, ainda que, por vezes, a distância física nos separe, posso contar sempre com elas.

Por último, gostava de deixar uma palavra de agradecimento às famílias que participaram neste estudo, pela forma acolhedora como me permitiram “entrar” nas suas casas, fazendo-me sentir parte das suas famílias. À Isabel, à Sara, à Mónica, ao Duarte, ao Tomás e ao Jorge, assim como aos seus irmãos, quero agradecer os bons momentos que partilhámos e desejar-lhes que sejam grandes amigos ao longo das suas vidas.

RESUMO

A maior parte dos estudos sobre irmãos centra-se na forma como as crianças reagem à gravidez materna e ao nascimento dos irmãos, sendo que, a maioria deles, se refere, essencialmente, aos comportamentos apresentados pelas crianças nesses períodos, e pouco à forma como esta situação é vivenciada por elas.

Neste estudo, procurámos ter uma maior compreensão da vivência da criança, em três momentos distintos. Num primeiro momento, estudaram-se as fantasias fraternas pré-natais das crianças durante a gravidez materna; num segundo momento estudou-se o ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão, o qual foi realizado quando os irmãos tinham cerca de 1 mês de vida; num terceiro momento (estudo actual), procurou-se uma melhor compreensão da forma como a relação fraterna e parental é vivenciada pela criança 4 anos depois do nascimento do irmão. Os dois primeiros estudos foram realizados em 1994-1995. O actual foi feito em 1998-1999.

Em todos estes momentos procurou-se verificar se existem diferenças significativas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino relativamente a essa vivência.

Dado o nosso objectivo, foram estudadas 6 crianças (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) (as mesmas nos três momentos do estudo), que há cerca de quatro anos atrás vivenciaram pela primeira vez o nascimento de um irmão e que, actualmente, têm idades compreendidas entre os 9A5M e os 10A11M. Com os pais destas crianças foi realizada uma entrevista em que se procurou compreender a "história da criança". Com as crianças, para além de uma pequena entrevista, utilizou-se também o Teste Projectivo Patte Noire, o Teste das Relações Familiares e o Desenho de uma Família Imaginária.

Fazendo uma pequena síntese dos resultados encontrados nestes três momentos, verificou-se que, ainda que existam diferenças na forma como as crianças do sexo feminino e do sexo masculino reagem à situação de terem um irmão mais novo, a rivalidade fraterna (nas crianças de ambos os sexos) começa no momento em que a criança percebe que a mãe tem "um irmão na barriga", o que

vem alterar as relações existentes na família (a criança sente-se destronada do seu lugar privilegiado na relação com os pais). Quatro anos depois do nascimento dos irmãos, as tendências regressivas e depressivas apresentadas pelas crianças durante a gravidez materna e após o nascimento dos irmãos, mantêm-se, assim como existe uma grande ambivalência de sentimentos das crianças em relação aos irmãos. Se nos primeiros dois momentos estiveram presentes fantasias de separação da fratria das figuras parentais, devido a sentimentos de exclusão da relação pais-irmão, neste terceiro momento estas fantasias deram lugar a fantasias de morte da fratria, surgindo então receios de morte própria. O conflito entre irmãos parece ser, neste momento, mais angustiante para as crianças do sexo feminino do que do sexo masculino. A figura materna é, de uma forma geral, sentida como gratificante: é no momento após o nascimento dos irmãos que ela aparece como menos gratificante, aparecendo então a figura paterna como mais gratificante (nas crianças do sexo feminino surgiu o tema de “pai alimentador”).

Nas crianças por nós estudadas, esta rivalidade fraterna aparece de uma forma positiva, pois apesar de estar presente na relação entre irmãos ela é apenas uma parte, pois existem muitos outros sentimentos positivos, que permitem uma convivência afectuosa entre os irmãos.

REACÇÃO DE IRMÃOS AO NASCIMENTO DE UM IRMÃO MAIS NOVO:
REAVALIAÇÃO 4 ANOS DEPOIS

VOLUME 1

ÍNDICE:

* Agradecimentos

* Resumo

* Introdução

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Vivência da criança durante a gravidez materna	12
2. Fantasias	16
2.1. A fantasia na criança	16
2.2. Fantasias: cena primitiva, concepção e nascimento de um irmão	17
3. Alterações na dinâmica familiar após o nascimento de uma criança	19
4. Ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão	23
4.1. O novo bebé sentido pela criança como um "intruso"	23
4.2. Reacção da criança ao nascimento de um irmão.....	26
4.3. Identificação regressiva ao irmão/ Identificação às figuras parentais	29
4.4. Rivalidade fraterna: "Gatas Borracheiras e irmãs malvadas"	31
4.5. O irmão como fonte de interesse e a sua importância para o desenvolvimento	39

4.6. O irmão mais novo: um caminho mais fácil?	43
4.7. A influência parental na relação entre irmãos	48

II- METODOLOGIA

1. Há 4 anos atrás... estudo das fantasias infantis fraternas pré-natais e ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão	58
1.1. 1º Momento do estudo: Fantasias infantis fraternas pré-natais	58
1.1.1. Objectivo do estudo	58
1.1.2. Selecção e caracterização das crianças	58
1.1.3. Instrumentos	59
1.1.3.1. Instrumentos utilizados com a mãe	60
1.1.3.2. Instrumentos utilizados com a criança	60
1.2. 2º Momento do estudo: Ajustamento psicológico da criança ao nas- cimento de um irmão	62
1.2.1. Objectivo do estudo	62
1.2.2. Caracterização das crianças	62
1.2.3. Instrumentos	63
1.2.3.1. Instrumentos utilizados com a mãe	63
1.2.3.2. Instrumentos utilizados com a criança	63
1.3. Síntese dos resultados obtidos nos primeiros dois momentos do estudo	64
2. Quatro anos depois... reavaliação da reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo (3º momento do estudo)	66
2.1. Objectivo do estudo	66
2.2. Caracterização das crianças	66

2.3. Instrumentos	67
2.3.1. Instrumentos utilizados com os pais	67
2.3.2. Instrumentos utilizados com a criança	68
2.4. Modo de análise dos dados	71
2.5. Apresentação e análise dos casos	73
2.5.1. Isabel	74
2.5.2. Sara	108
2.5.3. Mónica	139
2.5.4. Duarte	164
2.5.5. Tomás	194
2.5.6. Jorge	219
3. Discussão geral: comparação dos resultados encontrados nos três momentos de observação	244
3.1. Fratria	244
3.1.1. Crianças do sexo feminino	244
3.1.2. Crianças do sexo masculino	250
3.1.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino	254
3.2. Figura materna	257
3.2.1. Crianças do sexo feminino	257
3.2.2. Crianças do sexo masculino	261
3.2.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino	265
3.3. Figura paterna	268
3.3.1. Crianças do sexo feminino	268
3.3.2. Crianças do sexo masculino	271
3.3.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino	273
3.4. Casal parental	275

3.4.1. Crianças do sexo feminino	275
3.4.2. Crianças do sexo masculino	277
3.4.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino	278
4. Síntese Conclusiva	280

* Referências bibliográficas

INTRODUÇÃO

Muitos de nós temos a experiência de ter irmãos. Para cada um, essa experiência será sentida de diferente forma: nalguns casos são relações de grande proximidade, de uma amizade e cumplicidade únicas; noutros, pelo contrário, prevalece um sentimento de rivalidade, como se o irmão fosse o “inimigo” com o qual se trava uma “luta constante” por um lugar privilegiado no afecto dos pais (e no afecto dos outros, ao longo da vida), que se gostaria que fosse exclusivamente seu. Podemos perguntar-nos porque tal acontece, o que leva a estes dois extremos nas relações fraternas. As respostas poderão ser as mais diversas. Por exemplo, poderão estar, em parte, relacionadas com a qualidade da relação pais-criança antes do nascimento dos irmãos, assim como com a forma como os pais sentem/reagem ao sofrimento da criança devido à chegada de um irmão. Contudo, certamente, o padrão de relação que se estabelece entre as duas crianças encontrará a sua origem numa altura muito precoce, que se inicia no momento em que uma criança se apercebe que vai ter um irmão (durante a gravidez materna) e nos primeiros anos de convivência entre ambos.

Colocaram-se-nos, então, algumas questões: **Como é vivenciada a gravidez materna por uma criança que nunca a experienciou antes? Como é o ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão nos primeiros meses de vida deste? Como se vai a criança ajustando psicologicamente a esta situação durante a sua infância?**

Sabemos que, mesmo crianças pequenas, demonstram uma grande curiosidade pelo ventre materno, quando se apercebem de que este está a aumentar de volume. É comum as mães grávidas falarem sobre as reacções dos seus filhos às suas “barrigas”, fantasiando, também elas, acerca das fantasias destes. À medida que a gravidez vai avançando, a criança tem comportamentos para com o ventre materno e (in)directamente para com o irmão. Por vezes, são agressivos, como por exemplo, pontapés e socos no ventre materno, demonstrando

inveja e ciúmes do “rival oculto”. Outras vezes, porém, são comportamentos amistosos, como por exemplo, dar beijinhos e festas no ventre materno, os quais indicam aceitação (pelo menos aparente) do irmão. Estes dois tipos de comportamentos podem estar presentes numa mesma criança: falamos então da ambivalência de sentimentos, comum na relação entre irmãos.

Após o nascimento, quando a criança é confrontada com um “bébé real”, este é vivenciado como um “rival”, um “intruso”, alguém com quem a criança vai ter que partilhar o seu “mundo” e, principalmente, a atenção, os cuidados e o amor parental que, no caso dos filhos únicos, lhe estavam reservados anteriormente. Se até então a criança se sentia o “príncipezinho do seu mundo”, depois do nascimento do irmão esse “príncipezinho” sente-se “destornado” e, por vezes, sente-se como a “Gata Borralheira”, maltratada pelas irmãs e madrasta (mãe) malvadas (o que poderá levar a tendências depressivas na criança). A criança tem, então, que alterar o seu comportamento, para dar respostas adequadas à nova situação, de forma a estabelecer relações harmoniosas com o meio e, mais especificamente, com o novo membro da família. Ou seja, vai-se processar um ajustamento psicológico ao nascimento do irmão. Este poderá ser feito com maior ou menor facilidade, de uma forma mais ou menos rápida, dependendo de vários factores, entre os quais, se destacam, pela sua importância, as respostas dos pais aos comportamentos dos filhos. Assim, num meio familiar harmonioso, a rivalidade fraterna vai-se reduzindo, principalmente quando as angústias das crianças são contidas pelos pais, permitindo-lhes assim elaborá-las, o que constitui um salto qualitativo no desenvolvimento da criança.

O presente estudo constituirá um terceiro momento de avaliação, ou seja, uma reavaliação da reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo, 4 anos depois do nascimento destes. Os dois primeiros momentos do estudo foram realizados em 1994 e 1995. No 1º momento, estudaram-se as fantasias fraternas pré-natais das crianças durante a gravidez materna. No 2º momento, estudou-se o ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão, o qual foi realizado quando os irmãos tinham cerca de 1 mês de vida. Este 3º momento, procura uma

melhor compreensão da forma como a relação fraterna e parental é vivenciada pela criança 4 anos depois do nascimento do irmão.

Este trabalho é constituído por duas partes. Numa primeira parte, realizou-se uma breve revisão teórica, na qual são abordados alguns temas, como sejam, a vivência da criança durante a gravidez materna, as fantasias infantis, em particular aquelas que estão relacionadas com o nascimento e com a fratria, alterações na dinâmica familiar após o nascimento de uma criança, e o ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão, abordando várias dimensões deste. Numa segunda parte- prática- realizou-se a reavaliação da reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo, quatro anos após o primeiro estudo. Foi feita a análise dos dados recolhidos através de alguns instrumentos de avaliação psicológica (entrevistas com os pais e com a criança; teste projectivo Patte Noire, Teste das Relações Familiares; Desenho de uma família Imaginária) de acordo com critérios de selecção pré-estabelecidos, de forma a nos permitir tirar conclusões relativamente aos objectivos a que nos propusemos.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Vivências da criança durante a gravidez materna

A gravidez é uma fase da vida familiar durante a qual, os pais e as crianças já existentes se preparam para o nascimento de um novo membro, antecipando novos papéis e relações. No caso de uma segunda gravidez, uma das principais tarefas dos pais é preparar o primogênito para receber o novo bebê (Abardanel, 1983).

Para uma mãe, uma segunda gravidez poderá representar a “deserção” do primeiro filho. É como se, com a nova gravidez, estivesse a “abandonar” a criança mais velha e a pôr em perigo o seu futuro. Muitas mães não acreditam terem capacidade suficiente para cuidarem de mais um filho. Conseguiram-no com o primeiro e sentiram a solidez dessa relação. Talvez não se atrevam a enfraquecê-la, a diminuir a sua intensidade, por uma relação nova e desconhecida. Este sentimento de incapacidade poderá ser transmitido ao filho mais velho, como um medo de que os pais não estejam disponíveis para ele, que o “abandonem”. Por outro lado, surge, também, nos pais, o receio de que o filho mais velho venha a sofrer e a ser prejudicado pelo novo bebê (Brazelton, 1992). Para este autor, assim como para Abardanel (1983), o medo de “abandonar” a criança está, de certa forma, baseado na realidade. Isto porque, durante a gravidez, a mulher tende a “voltar-se para dentro de si”, a afastar-se, inconscientemente, dos outros filhos. Estes, por mais novos que sejam, apercebem-se que a sua relação com a mãe está a mudar, tentando então compreender a experiência pela qual ela está a passar.

Brazelton em “Tornar-se Família” (1992) conta um caso que exemplifica este receio das mães de abandonarem os primogênitos devido à nova gravidez e o receio de não serem capazes de amarem as duas crianças:

“Mrs. Clark trouxe a filha de 2 anos de idade a uma consulta de rotina. Alice era uma menina encantadora (...) começou a movimentar-se, puxando um brinquedo atrás do outro, virando-os, rodando com barulho as rodas dos carros, beijando as bonecas, falando atabalhoadamente com elas muito alto. Quando

começámos a falar parecia prestar pouca atenção, quer à mãe, quer a mim (...). Mrs. Clark ficou de repente muito séria. Inclinou-se para a frente na cadeira, não apresentando já um aspecto alegre e agradável, a face perdeu qualquer pinta de sangue (...) a voz tensa e ansiosa. “Estou grávida outra vez”. Disse isto como se fosse uma espécie de sentença de prisão. Lembrei-me de como ela tinha ficado feliz com a gravidez da Alice e de como as duas passaram um tempo mesmo bom. (...) Quando ela mudou de tom, a Alice parou de brincar e começou a olhar para a mãe. Os olhos, o rosto estavam sérios como os da mãe (...) avançou em direcção à mãe. Perguntei então a Mrs. Clark porque estava tão séria e se estava a sentir-se bem. “Ah sim! Estou bem, queremos outro bebé! O meu marido está radiante e espera que seja um rapaz. Eu também estou contente- acho que sim. **Mas não posso abandonar a Alice!** Proferiu esta última frase abruptamente, à medida que, inconscientemente, alcançava Alice, que estava agora agarrada ao seu joelho. De um par competente e feliz tinham-se transformado em duas almas penadas (...) “Mal aprendi a ser mãe para a Alice, como é que vou ser capaz de ser mãe de suas crianças? **Tenho medo de abandonar uma para ser mãe de outra.** Nunca fui boa a partilhar relações”.

Outra questão que causa grande ansiedade nos pais, e que está relacionada com esse medo de que o primogénito sofra, é saberem quando será o melhor momento para contarem aos filhos que vão ter um irmão. A verdade é que, mesmo sem os pais lhes contarem, as crianças apercebem-se muito precocemente da gravidez materna. Ao observarem o ventre da mãe a aumentar de volume, as crianças, por mais novas que sejam, já não tem dúvidas sobre o que está a acontecer, demonstrando-o através de comportamentos conscientes, como seja, o ataque físico directo, os pontapés ou socos no ventre materno. Outra conduta característica é o facto da criança atirar objectos pela janela. Tais acções exprimem os ciúmes e o desejo de morte do “rival oculto”. Aquelas crianças, com as quais não se comenta a gravidez materna, começam a apresentar terrores nocturnos: despertam, contam que têm pesadelos, vão para a cama dos pais e resistem a voltar para o seu quarto. Nestas, a percepção do irmão que irá nascer causa

vivências terríficas de ataque por parte deste e de perda da protecção parental. É também frequente que, durante a gravidez da mãe, a criança apresente transtornos psicossomáticos, assim como doenças infecciosas da infância, o que demonstra que, o período da gravidez materna pode ser vivido de uma forma muito angustiante pela criança. Através da análise de crianças e de entrevistas com os pais, verificou-se que, mesmo crianças pequenas são conscientes da gravidez materna, tal como postula Freud em "Teorias Sexuais Infantis" (1908) e em "Análise de uma fobia de uma criança de 5 anos" (1909) (citados por Soifer, 1977). Quando nada lhes é dito, as crianças sentem mudanças e uma grande tensão à sua volta, e é importante dar-lhes uma razão para isso.

Brazelton (1992) refere que, se há pais que tentam esconder a gravidez, dos filhos, pelo menos enquanto pensam que tal é possível (enquanto o volume da barriga das mãe não é muito grande), há outros que, pela própria excitação por irem ter um novo bebé, exageram a conversa acerca deste. Diz Brazelton:

"Aprendi isto com uma criança chamada Joe, de 3 anos de idade, um rapazinho gorducho, extrovertido que dizia sempre tudo o que lhe vinha à cabeça. A mãe, especialista em desenvolvimento infantil, começou a falar de tudo abertamente com ele, pressionando-o muitas vezes contra becos sem saída pela vontade de o informar acerca dos acontecimentos futuros. Durante toda a gravidez, ela falou ao Joe sobre "o bebé", perguntando-lhe como é que ele se sentia e avisando-o de como poderia vir a sentir-se. Para o fim destes intermináveis meses, após outro discurso da mãe sobre a preparação, Joe exclamou: "É rapaz? É rapariga? Que é um bebé?"

Se os pais falarem à criança sobre a gravidez e a chegada do irmão, dentro das possibilidades de compreensão desta e em concordância com a sua idade, com as suas necessidades, fantasias e receios, criarão um clima favorável para que a criança fale da gravidez e de como será a sua vida depois do irmão nascer, quando sinta necessidade de o fazer, o que constitui um passo importante para as relações presentes da criança com os pais e com o "bebé imaginário", assim como para as relações familiares futuras.

A literatura psicanalítica sobre a gravidez tem dado grande relevo à relação que a grávida estabeleceu com os seus próprios pais, relação essa que influencia os seus sentimentos sobre ela própria como mulher e como mãe (Birbring et al., 1961; Benedek, 1970; Colman e Colman, 1971, in Abardanel, 1983). Assim, a qualidade da interacção da mãe com o primogénito, durante a segunda gravidez, vai depender, em parte, das relações que ela teve na sua própria infância. Uma mãe que está à espera do seu segundo filho, tem fortemente presente a sua própria experiência como irmã e a forma como os seus pais lidaram com a rivalidade, competição e partilha fraternas. Influenciará assim, as expectativas do filho e os seus sentimentos em relação ao futuro irmão (Abardanel, 1983).

Colman e Colman (1971), referidos pelo mesmo autor, não falam apenas da mãe, mas também do pai, dizendo ser comum que ambos os pais quando se encontram à espera de uma criança, se identifiquem “à criança da mesma posição de ordem de nascimento que eles”. Esta identificação tem um efeito significativo nas atitudes em relação à gravidez e ao primogénito. Se, por exemplo, a mãe fôr a segunda filha e se se vir a ela próprio como o feto, então o primogénito representará o irmão mais velho. Dependendo da relação que teve na infância com o irmão, a mãe poderá antecipar uma espécie de repetição da sua própria relação com este, com todo o conteúdo emocional dessa relação. Assim, a segunda gravidez envolve a mãe grávida e o pai num “reabrir das suas próprias histórias”. Este processo de reviver e reintegrar relações familiares, vai ter uma grande influência na relação que os pais vão estabelecer com os seus próprios filhos.

Pode-se pois dizer que, mesmo antes de o corpo materno o revelar, o bebé já vive nos contactos familiares (Clerget, 1980). Isto porque, os pais falam dele, pensam nele, fantasiam acerca dele, fazem projectos para o seu futuro,.... A forma como os pais vivenciam a gravidez, irá afectar não só a sua relação com o primogénito, como também a forma como este irá vivenciar a gravidez materna e o nascimento do irmão.

2. Fantasias

2.1. A fantasia na criança

O termo “fantasia” é usado para referir o processo mental de imaginar objectos, símbolos ou acontecimentos que não se encontram presentes no momento, assim como para referir o próprio símbolo ou imagem. Em geral, a fantasia é normal, agradável e criativa, indicando estabilidade psicológica. Só se torna patológica quando domina a vida mental do indivíduo, funcionando como uma retirada da realidade e não como um ajustamento a esta (Reber, 1985).

A intenção primária da fantasia é servir dois objectivos básicos: estimular a criatividade e oferecer uma ajuda para chegar a um equilíbrio emocional (Corsini, 1984).

O ser humano tem um grande poder de fantasiar, capacidade de conseguir algo perdido ou inacessível, de atingir os seus desejos para lá do que é razoável. Tudo isto através da fantasia (Lagache, 1964). O prazer que dela advém triunfa sobre o objecto desagradável, permitindo assim, um cancelamento do sofrimento (Anna Freud, 1937).

Na criança, a fantasia tem um papel muito importante, abrangendo uma parte considerável da sua vida. Se a fantasia é uma função irreal, na criança tal não pode ser considerado com tanto rigor, especialmente nas mais pequenas (Singer, 1973, in Corsini, 1984). De acordo com o pensamento egocêntrico da criança, as relações entre a fantasia e a realidade não são muito claras. Amigos imaginários podem ser reais e irreais ao mesmo tempo, e as crianças podem percepçionar as suas fantasias como verdadeiras (Corsini, 1984).

Anna Freud (1937) faz referência à negação na fantasia: o ego da criança pequena vive segundo o princípio do prazer e só mais tarde, é treinado para suportar aquilo que é desagradável. Durante este período, a criança é ainda muito fraca para se opôr activamente ao mundo exterior, para se defender deste através da força física ou para o modificar de acordo com a sua vontade. Neste período de

imaturidade e dependência, o ego procura, por todos os meios, defender-se de tudo o que lhe é desagradável e que o ameaça. Para tal, a criança utiliza a fantasia, que lhe permite negar a realidade. Esta é transformada, de acordo com os objectivos da criança e no sentido de realizar os seus desejos. Este mecanismo pertence a uma fase normal do desenvolvimento infantil, mas quando se mantém durante toda a vida, é indicador de um estado avançado de distúrbio mental.

2.2. Fantasias: cena primitiva, concepção e nascimento (de um irmão)

São muitas as fantasias que as crianças fazem acerca da cena primitiva, da relação íntima dos pais e da gravidez e nascimento de uma criança, fantasias essas que resultam de muitas dúvidas e questões que as crianças têm e para as quais procuram uma explicação: "O que se passa à noite no quarto dos meus pais quando eles ficam sozinhos?", "Porque não posso estar com eles nesses momentos?", "A mãe está grávida e eu vou ter um irmão, mas como é que ele entrou para a barriga da minha mãe?", "E como é que ele vai sair de lá?"....

A criança fantasia pois, acerca da cena primitiva, da concepção e do nascimento.

Assim, relativamente à cena primitiva (relação sexual entre os pais) esta é frequentemente fantasiada de uma forma agressiva: ataque do pai à mãe, mordidura e castração. Contudo, é importante realçar que, se é verdade que a criança vivencia as fantasias como se elas fossem reais, também é verdade que, em parte, essa vivência é influenciada pela actividade real do casal parental (Ajuriaguerra e Marcelli, 1984). Segundo Santos (1990), consoante a idade, a criança tem fantasias diferentes em relação à vida íntima dos pais, inclusivamente em relação às relações sexuais destes, das quais se sente excluída. Por volta da idade escolar, o envolvimento sexual dos pais, secreto, exclusivo, misterioso, é vivido pela criança como uma experiência de exclusão, de rejeição e mesmo de abandono. Daí, a necessidade que as crianças desta idade têm de brincar aos pais e às mães: é como se nestas brincadeiras a criança procurasse uma imagem em espelho, ou

seja, ver se descobre o que se passa na realidade, a qual é sempre algo fantasiada, que é a sua realidade, aquilo que ela pensa acontecer na vida íntima dos pais.

Relativamente à concepção do bebé, esta é fantasiada como resultando de fecundação oral, pelos alimentos ou pelo beijo, e depois miccional (Ajuriaguerra e Marcelli, 1984). Rabain (1984) refere que, ao sentir-se excluída da relação íntima dos pais, a criança inventa um romance infantil para salvaguardar, em parte, as suas ilusões. Dependendo da idade, esse romance poderá privilegiar o tema do bastardo, na tentativa de negar a actividade do pai no processo de geração, negando assim a totalidade da cena primitiva que liga os pais entre si, de forma a restaurar o seu narcisismo ferido. A criança constrói curiosas teorias sexuais que respondem ao seu desejo de investigar e à sua curiosidade, ou seja, organiza um trabalho de pensamento no qual procura prevenir a reedição desse “estranho e desagradável fenómeno” que é a chegada de um irmão ou irmã na sua família. Por vezes, põe em acção os seus fantasmas destructivos, o que nos reenvia para a elaboração que Freud fez de uma recordação de Goethe que, na sua autobiografia refere que, no momento do nascimento do seu irmão atirou a louça da sua casa pela janela, como se quisesse deitar fora o irmão, tirá-lo da sua família.

No que se refere ao nascimento, este pode ser fantasiado como precessando-se pelo umbigo ou pelo ânus, com fantasias mais ou menos sádicas e agressivas de dilaceramento do ventre (Ajuriaguerra e Marcelli, 1984).

Há outras fantasias possíveis, como por exemplo, a de Hans, menino de 5 anos, a quem os pais disseram que a irmã tinha sido trazida por uma cegonha, que fantasiou a esse respeito: *“Hanna não podia andar... mas a cegonha carregou-a no bico. A cegonha veio, bateu, mas toda a gente estava a dormir. Ela tinha a chave e abriu a porta. Era a meio da noite e a cegonha pô-la devagarinho na cama da mãe e foi-se embora outra vez”* (Freud, 1909, in Rabain, 1984). A fantasia de Hans acerca do nascimento da irmã foi, de certa forma, influenciada pelas figuras parentais, partindo assim de uma base que a criança considera ser verdadeira.

Relativamente às fantasias infantis fraternas pré-natais, estas não têm sido alvo de muitos estudos. Num estudo exploratório (Castro, 1991) realizado durante a gravidez das mães, com crianças de idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos, e através do teste projectivo Patte Noire, verificou-se existir um receio de destrutividade na relação fraterna, o qual nas crianças mais novas se manifestava por fantasias de morte própria, e nas crianças mais velhas por fantasias de abandono. Face ao ataque destrutivo a uma figura fraterna, as crianças mais novas manifestavam impulsos de passividade, enquanto que as mais velhas apresentavam impulsos de ajuda para com o elemento atacado. As crianças manifestavam fantasias de exclusão da relação mãe-irmão, vivenciadas de um modo nostálgico e/ou invejoso. Relativamente aos sentimentos apresentados face ao casal parental, verificou-se, no mesmo estudo, alguma agressividade. Enquanto que as crianças mais novas manifestavam fantasias de exclusão da relação parental, as mais velhas apresentavam tentativas de inclusão nessa mesma relação, não sendo essas tentativas sentidas como culpabilizantes.

3. Alterações na dinâmica familiar após o nascimento de uma criança

A família é um exemplo paradigmático de um contexto que tem o seu próprio carácter dinâmico, mas que necessita de alguma consistência nas interações, de forma a que se mantenha uma espécie de "identidade familiar". O nascimento de uma criança leva a algumas alterações na dinâmica familiar, mas essa "identidade familiar" mantém-se, sendo a esta que a nova criança terá de se adaptar durante o curso do seu desenvolvimento. Este complicado fenómeno de equilíbrio inclui não só o estabelecimento de relações com a criança, como também o rearranjo de todas as relações já existentes no interior da família (Kreppner, 1982, in Kreppner, 1988).

Relativamente ao nascimento de um primeiro filho, alguns autores defendem que, se é certo que, na maioria dos casos, o nascimento é um momento de grande alegria, muito desejado pelos pais, ele também poderá constituir um momento de crise para o casal ou para uma das figuras parentais.

Assim, para Dyer (1963) e LeMasters (1964) (in Osofsky e Osofsky, 1984), o nascimento de uma primeira criança pode ser experienciado como um período de crise para ambos os pais, levando a alterações significativas na relação marital, uma vez que, há a incorporação de uma criança no casal. Dyer (1963), estudou o nível de organização familiar durante a gravidez, o impacto da gravidez na família e o subsequente nível de organização familiar e concluiu que, na maioria dos casais, o nascimento de um primeiro filho leva a uma reorganização das regras e das relações existentes no casal, o que poderá levar a algumas dificuldades de adaptação. Feldman (1971), também referido pelos mesmos autores, considera que, contrariamente às expectativas usuais, os filhos (desde a gravidez até à idade adulta) podem ter um efeito negativo na relação do casal. Dos estudos que realizou concluiu que tal acontece porque após o nascimento de um filho, as mulheres tendem a ter mais preocupações relacionadas com a sua identidade e aspirações pessoais, enquanto que, os homens apresentam sentimentos de exclusão da relação mãe-criança, sentimento esse que será tanto maior, quanto maior for o grau de satisfação da mulher no seu papel de mãe.

Também para Kreppner (1988), o facto de o casal estar envolvido na prestação de cuidados ao(s) filho(s), terá algumas consequências na relação marital. Belsky, Spanier e Ravine (1983) (referidos por Belsky e Isabella, 1985) verificaram que, o ajustamento marital diminui significativamente na transição para a paternidade/maternidade. A experiência do nascimento de um bebé, levam a alterações nas rotinas diárias e a comunicação marital efectiva torna-se ainda mais importante. Quando as relações experienciadas na família de origem não foram positivas, a capacidade de um indivíduo lidar com esta necessidade de comunicação pode ser limitada. Qualquer que seja o grau de comunicação efectiva existente entre o casal antes do bebé nascer, poderá ser quebrado, especialmente se um dos membros tiver uma grande necessidade de manutenção das rotinas maritais, como forma de protecção do seu eu (Belsky e Isabella, 1985).

Osofsky e Osofsky (1980) (in Osofsky e Osofsky, 1984), concordam com o acima referido, mas consideram que, se para alguns casais, a gravidez e a paternidade podem ser um desorganizador, para outros, é uma oportunidade de

maturação e crescimento. A vida do casal passa por alterações significativas e irreversíveis, as quais podem ser experienciadas com desconforto ou com prazer. Antes da gravidez, o homem e a mulher, apesar de juntos, são relativamente autónomos. Com a gravidez, experienciam importantes alterações neles próprios e na relação de um com o outro, levando a uma diminuição da sua autonomia.

Assim, pode-se dizer que, com o nascimento de um primeiro filho, as alterações subsequentes têm que ser analisadas em duas vertentes: por um lado, esse nascimento representa uma mudança à qual o casal tem que se adaptar- alteração de um sistema diádico para um sistema triádico- acumulação da relação marital e parental; por outro lado, tem que se ter em conta a forma como essa situação é vivida por cada membro do casal. Desta forma, a reorganização da família, devido à situação de mudança, só pode ser entendida tendo em conta as vivências subjectivas de cada um dos elementos da família face a essa situação (Kreppner, 1988).

E como se vai organizar a família face ao nascimento de um segundo filho? Com o nascimento de um segundo filho, já não se é pai apenas de uma, mas de duas crianças, com idades e, por vezes, com género diferente, cada uma com uma personalidade distinta, o que constitui um grande desafio para os pais (Furman, 1995). Se uma família com um filho estabelece uma rede relacional triádica (mãe-pai-criança), com uma relação de esposos entre o pai e a mãe e duas relações parentais (mãe-criança; pai-criança), com o nascimento de um segundo filho, esta tríade tem que se expandir para um sistema relacional tetradiádico, ou seja, relação mãe-pai-criança1-criança2 (existindo assim seis relações diádicas: mãe-pai, mãe-criança1, mãe-criança2, pai-criança1, pai-criança2, criança1-criança2) (Kreppner, 1988).

No que se refere à nova criança, tornar-se membro de uma família requiere que ela desenvolva relações com os diferentes membros desta, assim como uma maior compreensão das relações afectivas entre estes, das regras, expectativas, jogos, brincadeiras, proibições e sanções da vida em família. As interacções

familiares, das quais a criança se torna participante, não são emocionalmente neutras, tendo grande significado para ela (Dunn e Munn, 1985).

Os esforços da família para encontrar novas formas de interação, são influenciados pelos diferentes estádios de desenvolvimento da criança. Numa primeira fase, os pais, ao estarem envolvidos na atenção e cuidados ao novo bebê, poderão dar menos atenção e cuidados à criança mais velha. Esta passa então por um período de mudança, podendo reagir de diferentes formas, na tentativa de ultrapassar este período de uma forma mais ou menos harmoniosa (Kreppner, 1988).

Kreppner et al. (1982) (in Kreppner, 1988), observaram dezasseis famílias durante um período de dois anos. Cada família tinha, no início do estudo, um primogénito de idade compreendida entre 1 e 3 anos e um segundo filho recém-nascido. Das observações que realizaram, verificaram que, após o nascimento do segundo filho, o sistema familiar passa por três fases. Assim, quando o segundo filho tem entre 0 e 8 meses, processa-se a sua integração na família, o que leva os pais a distribuírem por ambos os filhos a atenção que anteriormente era exclusiva do primogénito. Há pois, um envolvimento do casal como pais e a manutenção da relação marital. Numa segunda fase, quando o segundo filho tem entre 9 e 16 meses, verifica-se o treino da linguagem. Há ainda uma “negociação de posições”, ou seja, a transmissão de regras sociais e sanções para as transgressões do bebê. Por outro lado, os pais têm ainda que lidar com a rivalidade entre irmãos. Numa terceira fase, quando o segundo filho tem entre 17 e 24 meses, formam-se dois subsistemas: pais e filhos. Há relações individuais entre os pais e as duas crianças.

O mesmo autor considera serem três as estratégias mais utilizadas pelas famílias na tentativa de uma melhor integração do novo membro na família: o pai toma uma maior responsabilidade pelo primogénito e a mãe pelo bebê; o pai intervém mais nas tarefas domésticas de forma a que a mãe tenha maior disponibilidade para as duas crianças; os membros do casal vão alternando de papéis.

4. Ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão

4.1. O novo bebé sentido pela criança como um “intruso”

A chegada de um bebé a uma família provoca uma série de reacções psicológicas particulares na criança, assim como representa um período de ajustamento psicológico para ela (Dunn, Kendrick e MacNamee, 1981; Field e Reite, 1984, Stewart et al., 1987, referidos por Stewart et al., 1987).

Até ao aparecimento da teoria de Adler (1931) (in Furman, 1995), o interesse pelo estudo das relações entre irmãos era pequeno. Na sua teoria, Adler propõe que, a posição que a criança ocupa na fratria vai influenciar o seu desenvolvimento. De início, quando o primogénito é ainda filho único, recebe uma grande atenção dos pais. Com o nascimento do irmão, ele é “destronado”, tendo que partilhar com a nova criança, a atenção e o amor dos pais que até então lhe estavam reservados. Tipicamente, a criança mais velha luta pelo amor da mãe. Esta luta pode levar a um padrão de interacção coercivo com a mãe ou a uma maior aproximação ao pai. Adler defendia que as crianças mais velhas eram as que maior probabilidade tinham de virem a ser “crianças problemáticas”. Isto porque, elas teriam grandes sentimentos de insegurança e de ódio pelas pessoas, em particular, pelos irmãos mais novos. Contudo, querendo desdramatizar um pouco esta imagem, referiu que, se os primogénitos sentissem segurança no afecto que os pais têm por eles e se tivessem sido preparados para essa nova situação, poderiam imitar os pais e tornarem-se protectores dos irmãos. Relativamente aos segundos filhos, Adler defendia que, ao nunca terem sido filhos únicos, tendo sempre partilhado o amor dos pais, mesmo que também eles fossem “destronados” da sua posição de “filho mais novo”, essa experiência seria menos traumática do que a dos primogénitos. Nos casos dos filhos únicos, Adler considerava que os sentimentos de competição estavam mais direccionados para os pais: falava então do “complexo de mãe”, no qual a criança teria uma ligação extremamente forte com a mãe, desejando afastar o pai dessa relação.

A verdade é que, face ao nascimento de um irmão, a criança vai ter necessidade de alterar o seu comportamento, de forma a dar respostas adequadas à nova situação, respostas essas que lhe permitam estabelecer relações harmoniosas com o meio e, mais especificamente, com o novo membro da família, o qual é sentido por ela como um “intruso” (English, 1958).

A criança vive, pois, uma frustração real: os pais, principalmente a mãe, dispensam ao novo bebé os cuidados e atenção que anteriormente lhe estavam reservados. Surge assim, a inveja e o ciúme que vão suscitar medidas defensivas e novos comportamentos na criança. Esta já não é filha única, não é mais o “centro do mundo!”. A mãe já não é só dela e a criança sente-se privada do objecto de amor primário: não pode mais viver a ilusão de um amor sem partilha com a mãe. Não será pois exagero dizer que, com o nascimento do irmão a criança tem que fazer um trabalho de luto, pois tem que renunciar à relação privilegiada com a mãe e elaborar a ambivalência que sente em relação ao objecto materno (Rabain, 1985).

Para além de ter que partilhar a mãe com o recém-nascido, o nascimento deste faz ainda alusão à actividade sexual dos pais, confrontando a criança com uma ambivalência edipiana que deverá ser integrada. A criança tem então que elaborar uma dupla rivalidade: com o recém-nascido e aquela que a confronta com o rival parental. Ela sente-se excluída da sexualidade dos pais, sendo que essa “actividade misteriosa” se desenrola na sua ausência (Rabain, 1985). No período pré-edipiano, com o nascimento de um irmão, para além do triângulo pai-mãe-criança, estabelece-se uma segunda relação triângular: criança-irmão-pais. Estes triângulos, nos quais as crianças experienciam e desenvolvem diferentes formas de lidar com os conflitos relacionados com ciúme, inveja, amor e ódio são diferentes das relações triádicas do período edipiano, no qual a criança não só tem que lidar com os conflitos na sua relação com cada um dos pais, como também com os seus conflitos no que se refere à relação dos pais um com o outro. A forma como a criança vai lidar com o conflito no período pré-edipiano irá afectar a forma como, mais tarde, se irá confrontar com os aspectos edipianos; ou seja, uma criança que experiencia uma intensa rivalidade e ciúmes do irmão no período pré-edipiano está mais susceptível de experienciar um intenso conflito em relação aos mesmos

sentimentos na fase edipiana. No período edipiano, pela elaboração e sublimação através da fantasia e da brincadeira, o irmão pode ser um substituto do pai na procura de resoluções adaptativas do conflito edipiano (Kris e Ritvo, 1983).

Rabain (1981) fala dos desejos de morte que as crianças têm, em relação aqueles que lhes causam sofrimento e... os irmãos são causadores de sofrimento para as crianças! Mas, para a criança, estar morto significa apenas “estar longe e não incomodar mais”: desejam que o bebé morra, ou a mãe que, subitamente, deixou de ser sentida como amável para elas (Baudert, 1974). Freud (1900) (in Colonna e Newman, 1983) faz também referência à intensidade dos sentimentos hostis, os quais normalmente têm a forma de desejos de morte das figuras fraternas: *“...muitas pessoas que amam os seus irmãos e irmãs e que se sentiriam abandonadas se estes estivessem a morrer, têm, desde muito cedo, desejos de morte inconscientes em relação a eles, desejos esses que são, por vezes, realizados em sonhos”*.

Freud deu um grande relevo aos sentimentos da criança mais velha, chamando a atenção para o facto de que, com o nascimento de um irmão ou irmã, o complexo de Édipo é alargado para um complexo de família. O sentimento de injúria leva a que a criança receba o novo irmão com repugnância e desejo de que este desapareça. Uma criança que foi posta em segundo lugar pelo nascimento de um irmão e que, pela primeira vez, se sente separada da mãe, não esquece facilmente a perda do seu lugar: sentimentos que no adulto seriam descritos como de grande amargura, nascem nela e são, frequentemente, a base de uma desavença permanente entre irmãos. Em “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900) (in Colonna e Newman, 1983) refere vários exemplos de hostilidade em relação aos irmãos. Um deles é o de uma criança de 5 anos, Hans, analisada por Freud, que sentiu uma grande aversão em relação à irmã quando esta nasceu. Os pais disseram-lhe que tinha sido “a cegonha quem trouxe o bebé”. Hans disse então: “a cegonha pode-o levar embora outra vez”, mostrando várias vezes, o desejo de que a cegonha não trouxesse mais bebé. A irmã foi sentida por ele como tendo-lhe

“roubado” o amor dos pais. O sentimento de aversão que Hans sentiu em relação a ela não desapareceu, tendo sido compensado por um afecto exagerado.

4.2. Reacção da criança ao nascimento de um irmão

As relações fraternas requerem que a criança supere algumas dificuldades, as quais têm o seu início muito antes do nascimento do irmão, de forma a que os sentimentos de ternura e de amizade vençam os de ciúme e de rivalidade. Nenhuma criança consegue ignorar os conflitos provocados pela presença dos irmãos. Os sentimentos de interesse, vontade de participar, medo de ser menos amada, desejo de ser a preferida, provocam perturbações que variam de criança para criança. De qualquer forma, é sempre doloroso para ela, que deixa de se sentir em harmonia com os pais e receia perder o amor destes.

As reacções dos primogénitos ao nascimento de um irmão podem ser muito variadas.

Nas primeiras semanas após o nascimento do irmão, grande parte destas crianças revela índices elevados de perturbações do sono, choro frequente, perda da capacidade de concentração no jogo, enurese e/ou encoprese e condutas rebeldes e exigentes (Dunn, 1984).

Num estudo realizado por Stewart et al. (1987), os pais referiram que, após o nascimento do novo bebé, as crianças apresentavam mais problemas relacionados com a higiene e com a alimentação, assim como apresentavam mais comportamentos agressivos. Dunn (1984) refere que, após o nascimento do irmão, a rebeldia e a agressão da criança para com a mãe aumentam muito, principalmente quando esta está a cuidar do seu novo filho. Verificou ainda que, as crianças que reagem com maiores alterações ao nascimento de um irmão, são aquelas que normalmente se mostram mais irritadas e mais emotivas a alterações e frustrações. Num outro estudo, Dunn (1988) refere que, após o nascimento de um irmão, verificam-se alterações na interacção entre o primogénito e a mãe, com uma nítida diminuição da atenção materna e de brincadeira e um aumento do comportamento

materno respeitante à punição e restrição. Consequentemente, os primogénitos tornam-se ou mais exigentes e com maior necessidade de proximidade com a mãe ou apresentam comportamentos de retraimento e de isolamento.

Nagera (1969) (in Colonna e Newman, 1983) descreve uma reacção menos usual ao nascimento de um irmão: a criação de um companheiro imaginário.

Alguns autores estudaram a relação que se estabelece entre irmãos, tendo em conta a idade da criança, quando o irmão nasce.

Assim, Sewall (1930), Smalley (1980) e Koch (1958) (referidos por Rabain, 1985) verificaram, no que se refere a fratrias de duas crianças, que quando a diferença de idades entre as duas é menor que 18 meses, a relação que se estabelece entre elas é de "bons companheiros e mesmo de dependência mútua que recorda aquela que se estabelece entre gêmeos". Quando a diferença de idades entre as duas crianças se situa entre 2 e 4 anos, a relação é mais conflituosa, surgindo comportamentos hostis entre os irmãos.

Segundo Almodovar (1981) (in Rabain, 1985), se a criança tem menos de 2 anos quando o irmão nasce, este terá um efeito organizador, permitindo-lhe uma melhor diferenciação do "eu" do "outro". Se, pelo contrário, a criança tem entre 2 e 4 anos (período no qual ela se define como distinta dos outros), o nascimento do irmão poderá introduzir uma "confusão eu/outro" que terá um efeito perturbador, ao qual a criança reagirá com "reacções de identificação regressiva ao bebé ou por afirmação brutal da sua superioridade".

Mauco e Rambaud (1951) (referidos por Gayet, 1993) são da opinião que, é quando a criança tem 5 anos que a chegada de um irmão produz perturbações mais fortes nela (agressividade verbal e gestual, agressividade voltada para si, atitudes regressivas, autoritarismo,...).

Lima (1991) refere que é entre os 3 e os 6 anos, que o nascimento de um irmão poderá provocar um maior desequilíbrio na criança, uma vez que, quando acaba de sair de um período de dependência total, do qual não tem uma recordação consciente, a criança é, subitamente, deparada com as necessidades dos primeiros tempos, só que agora com uma diferença: a mãe já não é apenas sua!

Num estudo realizado por Nadelman e Begun (1982) (referidos por Stewart et al., 1987), as crianças pequenas mostraram uma grande angústia após o nascimento dos irmãos, a qual se manifestou através do aumento do uso de chucha, “acidentes higiênicos” durante o dia, assim como enurese nocturna. As crianças mais velhas mostraram menos angústia, manifestando-a através da necessidade de proximidade com a figura materna (por exemplo, dificuldade em ficarem com uma ama, seguem a mãe pela casa, brincam pouco com outras crianças). Estes autores não encontraram diferenças significativas no pré e no pós parto, o que parece indicar que, a gravidez avançada é um período tão angustiante para a criança, como o período imediatamente após o parto.

Brazelton (1988) chama a atenção para o facto de que, quando a diferença de idade entre as duas crianças é pequena, a mãe tem tendência a tratá-las como se fossem ambas da mesma idade, ou a pressionar a criança mais velha a crescer mais depressa. Como esta resiste, agindo como o bebé, a mãe, inconscientemente, pressiona-a no sentido de tomar mais responsabilidades do que aquelas que a criança está preparada para assumir.

O filho mais velho, principalmente em famílias numerosas, é obrigado a ceder, cedo de mais, o seu lugar aos irmãos mais novos, não podendo ser criança tanto tempo quanto seria necessário. À medida que o número de irmãos vai aumentando, os pais encarregam-no de uma parte das tarefas, impondo-lhe, muitas vezes, tarefas que ultrapassam as suas capacidades, prejudicando assim, o seu desenvolvimento. Assim, Baudert (1974) considera que, o filho mais velho torna-se numa criança dócil e facilmente conformada que aprendeu por experiência que, todas as coisas- incluindo ela própria- só existem para os outros; ou pelo contrário, torna-se numa criança pouco dócil e obstinada por não ter conseguido executar o que lhe era pedido.

Relativamente ao sexo da criança, Nadelman e Begun (1982) (in Stewart et al., 1987) descrevem os meninos pequenos como apresentando mais sinais de stress após o nascimento do irmão, do que as meninas: passam muitas horas

deitados ou sentados sem qualquer actividade. As meninas aumentam o uso de biberão e de chucha, mostram mais comportamentos de oposição na hora de dormir, não gostam de ouvir falar sobre bebés, mas diminuem o seu falar abebesado e continuam a brincar com as outras crianças (contrariamente aos meninos).

Smalley (1930) (in Rabain, 1985) considera que, os comportamentos hostis são mais marcados nas fratrias de crianças do mesmo sexo. Isto porque, estas estão em competição pelo mesmo tipo de reforço e pelo mesmo tipo de brinquedos, daí que experienciem mais situações de conflito.

Para alguns autores como, por exemplo, Munn e Dunn (1989) na relação entre irmãos, mais importante que a idade e o sexo das crianças, é o temperamento destas. Assim, verificaram que, em famílias em que a criança mais velha era considerada pelos pais como tendo um humor negativo e não se ter adaptado ao nascimento do irmão, eram pouco frequentes as brincadeiras conjuntas das duas crianças, assim como o conflito entre os irmãos era maior, independentemente da idade e do sexo das crianças.

4.3. Identificação regressiva ao irmão/ Identificação às figuras parentais

Face à gravidez materna e ao nascimento de um irmão, algumas crianças apresentam comportamentos regressivos, os quais reflectem o esforço para manterem o investimento e a atenção dos pais (Stewart, 1990). Outras, contudo, não mostram grandes alterações ou problemas de comportamento (Badelman e Begun, 1982, in Furman, 1995). Outras ainda, começam a apresentar comportamentos mais “maduros”, tais como uma maior independência no que se refere à alimentação e à higiene (Dunn e Kendrick, 1981). Em qualquer dos casos, a criança vê-se e sente-se diferente e altera o seu comportamento em consequência das alterações do seu mundo.

Segundo Anna Freud (1965) (in Stewart et al., 1987), por vezes, as crianças mostram um rápido aumento no desenvolvimento durante períodos de stress. No estudo de Dunn e Kendrick. (1981), mais de metade das mães, indicaram que, após o nascimento dos segundos filhos, os primogénitos apresentavam sinais de “terem crescido”: estavam mais independentes no que se referia à alimentação, à higiene, tinham melhorado a sua linguagem,... apesar de também apresentarem sinais de regressão: a presença de um recém-nascido desperta, frequentemente, na criança, o desejo de ser tratada como um bebé.

Corman (1961), com base nos seus estudos com o teste projectivo Patte Noire, considera que, se uma criança foi muito feliz numa determinada época da sua vida e, no presente, experiencia uma grande tristeza e frustrações que não consegue suportar, vai procurar reencontrar o estado anterior no qual era feliz- a “Idade de Ouro”. Fala então de uma regressão, da qual resulta uma alteração importante da personalidade da criança: a adaptação afectiva e intelectual fazem-se de um modo ainda mais infantil que não corresponde à sua idade real. Segundo Corman (1970) (in Rabain, 1985), em crianças com menos de 4 anos, verificam-se condutas de identificação regressiva ao recém-nascido, como sejam, a perda do controle esfinteriano e o retorno à alimentação pelo biberão.

Gayet (1993) refere que, o narcisismo da criança sofre com a chegada de um “intruso” e o amor experimentado como “má vontade” para com o irmão é experimentado por si mesmo. Existe assim, um mecanismo de identificação regressiva, amor por uma “imagem que não evoluiu de si mesmo”, segundo expressão de Françoise Dolto. A evolução ulterior terá em conta esta situação: a liquidação de conflitos jamais será total e uma parte da personalidade dos primogénitos poderá estar comprometida em termos de fixação e regressão.

Autores como Stewart et al. (1987) e Dunn e Kendrick (1981) argumentam que, os comportamentos chamados “regressivos” apresentados por muitas crianças após o nascimento dos irmãos, devem ser considerados como uma forma de imitação dos sons, movimentos e comportamentos dos irmãos e não uma regressão a um estadio mais atrasado.

Por outro lado, quando o irmão nasce, a criança também se identifica à mãe, considerando o recém-nascido como seu filho, nomeando-o muitas vezes por “o meu bebé”. Interferem aqui dois processos contraditórios sustentados de um modo lúdico: o bebé é a criança que ela possui com a mãe- o lugar do pai fica indeterminado (nesta relação dual é difícil saber se o primogénito se vê como mãe ou como pai); o bebé é seu filho sem a mãe real- a criança vê-se a ela própria simultaneamente como mãe e pai (Gayet, 1993).

Este autor considera ainda que é a pressão dos pais (“já és grande”, “já não és um bebé”,...) que leva a que a criança tenha tendência a imitar a conduta de autoridade na família, geralmente o pai. Corman (1961) descreve também comportamentos de identificação da criança aos pais, sobretudo em crianças mais velhas.

4.4. Rivalidade fraterna: Gatas Borracheiras e irmãs malvadas?

Como definir rivalidade fraterna?

Rabain (1985) define rivalidade como a relação que opõe um sujeito a outro na luta pela apropriação dos objectos. Logo, a rivalidade fraterna seria a relação que opõe os irmãos na luta pela posse do objecto materno. Assim, a violência originada pela intrusão da criança rival e a frustração sentida, estariam na origem de ilusões onipotentes que a criança tem com a sua mãe e com os seus primeiros objectos. O nascimento do irmão leva a que o primogénito faça a triangulação das relações diádicas do par mãe-criança e obriga-a a reavaliar os fantasmas de onipotência dessa primeira relação. Assim, a rivalidade fraterna pode ser definida em relação a um terceiro, que é o objecto do desejo, sendo que, o irmão que nasce aparece como o representante privilegiado da frustração, ou porque reactiva os conflitos arcaicos ligados às primeiras frustrações orais, ou porque aparece como uma figura lateral do conflito edipiano. A rivalidade fraterna pode pois, aparecer como um deslocamento específico: ela representa a rivalidade com o pai do mesmo sexo. Anna Freud (1976) em “L'Enfant et la Psychanalyse” diz que “*a relação das crianças com os seus irmãos e irmãs está subordinada à relação que ela tem com*

os seus pais” e que “as relações entre os membros da fratria são governadas pelas atitudes de rivalidade, de inveja, de ciúme e de competição pelo amor dos pais”.

Neubauer (1983) faz a diferenciação entre rivalidade, inveja e ciúme. Assim, a rivalidade é a competição entre irmãos pelo cuidado exclusivo ou preferencial da pessoa que partilham. Envolve competição, uma luta contínua pela posse exclusiva de um objecto. A rivalidade não é uma intenção ou um desejo, mas um acto; se o desejo para competir não está a actuar, observam-se defesas inapropriadas e formações reactivas.

A inveja refere-se ao desejo de possuir atributos que uma das figuras parentais ou fraternas têm, tais como o pénis, a força,.... Assim, a inveja aparece em vários níveis de desenvolvimento, desde o desejo de incorporar, até à inveja de possuir, à competição fálica com ansiedade de castração. Se a inveja é o desejo insistente de ganhar o que é inatingível, a criança testa a realidade, e as fantasias e o desejo de satisfação têm um poder que terá um efeito importante na estrutura psíquica.

O ciúme é a competição com um irmão ou figura parental pelo amor da pessoa que partilham. É o medo da perda do amor do objecto. O ciúme está perto da organização fálica-edipiana.

A rivalidade e o ciúme são, pois, definidos no contexto de relações triádicas, enquanto que a inveja é uma expressão de relações diádicas e não se centra directamente numa terceira pessoa. A rivalidade corresponde ao período de medo da perda do objecto, mas é mais que medo de separação: é caracterizada pelo aumento de desejo do objecto e por actos que têm o intuito de eliminar a outra pessoa que deseja partilhar o objecto primário. A competição pode acentuar e intensificar a relação com o objecto primário, o que aumenta a luta libidinal e agressiva quer com este, quer com os rivais. Quando a criança desiste da rivalidade, pode ser um momento crucial na sua vida, pois é quando se sente irremediavelmente abandonada.

Para Neubauer (1983) a posição que a criança ocupa na fratria pode ser significativa e levar a diferenças na forma como ela vivencia a rivalidade, o ciúme e a inveja. Tais diferenças estão relacionadas com o facto que, quando a criança filha única passa a ser a irmã mais velha, ela sai da posição central de interesse e cuidados da parte da família, para uma outra posição que requiere partilha. Por seu lado, a criança mais nova, nos primeiros anos de vida, irá tomar como garantidas as circunstâncias do seu meio, sem ter a experiência de uma substituição repentina (mas receberá os “ataques” do irmão). O aspecto triádico tem um impacto psicológico diferente na criança mais nova e na mais velha. A ligação libidinal da mais nova à mais velha poderá contrastar com as lutas agressivas da mais velha com a outra. O rejeitar ou o ser rejeitado terá influência no desenvolvimento do super ego. Neubauer diz que, mesmo que a criança não tenha fratria, a rivalidade, a inveja e o ciúme também estão presentes, mas emergem no contexto da relação com os pais.

A rivalidade fraterna pode-se exprimir de diferentes formas: reacções agressivas desde formas mais fortes às mais atenuadas e mesmo mascaradas; em algumas crianças a culpabilidade inerente às descargas agressivas determina o retorno da pulsão agressiva para si própria, resultando um humor depressivo; por vezes, quando a diferença de idade entre as duas crianças é grande, a defesa do eu contra as pulsões agressivas determina uma regressão com identificação ao rival (Corman, 1961).

Corman (1961) refere que, a agressividade da criança não é proporcional à sua frustração. Quando a criança sente ciúmes de um irmão, quer destruí-lo, desejando o seu desaparecimento total. Se não ataca o irmão, é porque a agressividade é censurada pelos pais. Mas, ao mesmo tempo que a criança deseja o desaparecimento do rival, ela tem medo que, em recompensa e como castigo, desapareça ela própria.

Para Gayet (1993) a agressividade numa criança não é mais que uma defesa. Mesmo que as reacções defensivas à “intrusão” de um recém-nascido não sejam muito perceptíveis, o nascimento de um irmão é sentido pela criança como

uma frustração, uma perda de amor. À passividade dos primeiros tempos, devido a uma insólita indiferença, vão-se seguir acções mais organizadas e as condutas agressivas vão-se multiplicar tornando-se mais fortes com a repressão parental. A frustração é dupla para o primogénito: por um lado, vê-se privado do amor exclusivo dos pais, o que para ele é equivalente à privação total de amor; por outro lado, é-lhe interdito descarregar a tensão que esta situação gera. Assim, na maior parte das vezes, a agressão da criança manifesta-se em substitutos: bonecos, ursos de peluche ou objectos rudimentares, aos quais os pais não reconhecem o seu carácter substituto.

Soifer (1977) refere que, a etapa de ciúmes e rejeição do irmão estende-se por todo o primeiro mês, produzindo diversas manifestações que vão do excesso de carinho, à agressão aberta ao bebé ou a si próprio. Em geral, no terceiro mês, o comportamento destas crianças vai-se normalizando, dentro de uma tónica geral de apatia ou excitação, conforme os casos. Quando o bebé começa a crescer, a movimentar-se, a segurar objectos, torna-se “perigoso” para o irmão, pois já não é apenas “algo” que dorme e come. Começa portanto, a aprendizagem da convivência com os rivais. Rabain (1985) acrescenta que, depois dos 4 anos de idade, é pouco frequente as crianças mostrarem reacções hostis directas para com os irmãos, identificando-se mais facilmente com o papel parental protector: os conflitos de ciúme e rivalidade apresentam-se então, de forma mais elaborada.

A rivalidade fraterna não deve ser vista como negativa. Quando não patológica, é um motor muito importante para o desenvolvimento infantil. Na infância os dois instintos primordiais- amor e agressividade- estão estreitamente associados: apenas mais tarde se dissociam. Tal é bem visível quando se observam irmãos, sendo também frequentemente referido pelos pais, quando dizem: “Discutem todo o tempo, mas não podem viver um sem o outro!”. Quando moderada, a agressividade para com uma figura fraterna é indispensável para a instauração posterior de relações de equilíbrio na comunidade social. Só é considerada patológica quando envolve actos violentos perigosos ou quando é inibida por fortes censuras parentais. Para Corman (1961), mais grave que a rivalidade é a indiferença

(sentimento raro nas crianças, observando-se apenas em situações francamente patológicas).

A inveja e o ciúme que a criança sente em relação ao novo irmão, permitem-lhe adquirir novas capacidades de socialização e, nesta perspectiva, a rivalidade e a inveja podem ser os arquétipos dos sentimentos sociais. A “intromissão” de um irmão no seio da família pode então ser descrita, como um traumatismo no sentido psíquico, como um organizador (Rabain, 1985). É através da rivalidade fraterna que a criança aprende a vida em comum, a necessidade de ter em conta o outro, de partilhar e faz a aprendizagem da competição social. Solnit (1983) diz ser na relação com os irmãos, que a criança começa a aprender padrões de lealdade, prestatividade, protecção, competição, domínio, conflito, que são generalizados às relações que a criança vai estabelecer ao longo de toda a sua vida. Para Corman (1961), a criança filha única que, não teve irmãos com quem se confrontar, está menos preparada para essa competição social do que a criança de uma família numerosa. Brazelton (1988) salienta que, aprender a partilhar talvez seja o aspecto mais difícil do crescimento de uma família, mas é igualmente o mais importante que se pode aprender na infância, pois aprender a partilhar significa aprender a compreender os sentimentos dos outros.

Alguns estudos sobre a relação entre irmãos, procuraram conhecer, apartir das palavras das próprias crianças (irmãs mais velhas), os seus sentimentos em relação aos irmãos.

Assim, por exemplo, no estudo de Stewart et al. (1987), verificou-se que, antes do nascimento dos irmãos, 82% dos primogénitos (de idades compreendidas entre os 2 e os 4 anos) tinham sentimentos positivos relativamente a tornarem-se “o irmão mais velho” e apenas 11% expressavam sentimentos negativos. Após o nascimento, 80% das crianças ainda indicavam sentimentos positivos em relação a terem um irmão. Um ano depois, perguntou-se às crianças se gostariam de ter mais um irmão ou irmã: 63% responderam afirmativamente. Nas crianças que queriam mais um irmão havia uma clara preferência de que o género do bebé fosse oposto ao do irmão, para que o primogénito pudesse “ter um de cada”. Todas as crianças

diziam que ajudavam as mães a tratar dos irmãos e 95% das mães confirmaram-no: a ajuda dada pelas crianças consistia em dar as fraldas à mãe quando esta estava a cuidar da higiene do bebé (90%), acalmar os bebés quando choravam (88%), e distraí-los quando as mães estavam ocupadas (83%). Quando lhes foi perguntado o que mais gostavam nos irmãos, a maioria dizia que era de rirem com eles (entre 52% e 68%), sendo a segunda resposta mais frequente, que gostavam de brincar com eles. O que menos gostavam, era do choro dos irmãos (a percentagem de crianças que deu esta resposta diminuiu dos iniciais 74% para 29% nas entrevistas realizadas quando os irmãos mais novos tinham 12 meses). Inicialmente, apenas duas crianças (5%) afirmaram não gostarem do bebé por ele ser muito intrusivo no que se refere às suas coisas, ou ser agressivo (puxar o cabelo). Estas respostas aumentaram para 15% nas entrevistas realizadas 4 meses depois, para 50% quando os irmãos tinham 8 meses e para 85% quando tinham 12 meses de idade.

Nos anos pré-escolares, a intensidade da relação entre irmãos pequenos é evidente nas suas discussões, brincadeiras, na sua forma de partilhar e de ajudar. O que acontece quando as crianças crescem e penetram no mundo mais amplo da escola, quando começam a estabelecer relações importantes com outras crianças?

Helen Koch (1960) (in Furman, 1996) questionou um grande número de crianças de 5 e 6 anos de idade, e que tinham irmãos mais novos. Quando lhes foi perguntado com quem gostavam mais de brincar, algumas mostraram a sua preferência por amigos, enquanto que outras mostraram-na pelos irmãos. Quando lhes foi perguntado se se sentiriam mais felizes com ou sem o irmão, ou se lhes era indiferente, poucas se mostraram indiferentes. Uma terça parte respondeu que preferia ser filho único; a maioria disse que preferia viver com o irmão a ficar sem ele, ainda que as respostas tenham sido formuladas em termos poucos positivos: "Fico com ele. É mau mas não tão mau!". As crianças expuseram as razões pelas quais gostavam ou não dos irmãos. Gostavam porque, "gosto da forma como se ri". Não gostavam porque, "faz-me chorar", "às vezes é mau".

Num estudo mais recente, Robin Stillwell (in Furman, 1995), questionou crianças de 6 anos acerca das suas relações com amigos, irmãos e pais, tendo verificado que as crianças utilizavam mais termos emocionais, positivos ou negativos, quando se referiam aos seus irmãos do que aos outros. Ao falarem dos irmãos mostravam-se mais expressivas, sendo fácil de compreender a qualidade emocional da relação. As suas descrições eram fundamentalmente em termos negativos. Verificou-se uma concordância entre aquilo que as crianças diziam e as opiniões das mães. Por exemplo, as crianças que apresentavam mais comentários cordiais, eram referidas pelas mães como sendo as que tinham relações mais positivas com os irmãos mais novos, sendo generosas à hora de partilhar e havendo poucas discussões entre ambos, contrariamente àquelas que tinham comentários mais hostis em relação aos irmãos.

Furman (1995) interrogou um grande número de crianças entre os 10 e os 13 anos sobre as relações com os irmãos, perguntando-lhes quais eram os aspectos mais importantes dessas relações. As respostas incidiram principalmente no afecto, na ajuda, mas também no antagonismo e nas discussões. Contudo, aquelas que referiam relações mais cordiais, íntimas e afectuosas não eram as que tinham menos discussões com os irmãos.

Para terminar este pequeno capítulo sobre a rivalidade fraterna, vamos fazer uma breve alusão a um conto de fadas, cujo tema está muito centrado na rivalidade fraterna: "A Gata Borralheira". Bettelheim (1975) na análise que fez deste conto de fadas considera que, tal como ele é hoje conhecido, pode ser interpretado como uma história acerca das angústias e esperanças presentes na rivalidade e do triunfo da heroína humilhada pelas irmãs que a maltratavam. Diz Bettelheim que, muito antes de Perrault dar à sua história "A Gata Borralheira" a forma pela qual ela é hoje conhecida, "ter de viver no meio de cinzas" (Borralheira vem de borralhas, cinzas) era um símbolo de rebaixamento em relação aos irmãos: viver no meio de cinzas, era um símbolo não só de degradação, como também de rivalidade fraterna e do irmão que finalmente passa à frente do irmão ou irmãos, que o maltrataram.

Nenhum outro conto de fadas narra tão bem como “A Gata Borralheira” as histórias das experiências interiores da criança angustiada pela rivalidade fraterna, sentindo-se irremediavelmente superada pelas suas irmãs. A Gata Borralheira é humilhada pelas meias-irmãs, os seus interesses são sacrificados pelos delas, pela madrasta (mãe) e mesmo assim ela faz bem o seu trabalho, cujo valor não é reconhecido- e ainda se exige mais dela! Bettelheim considera que isto representa o que as crianças sentem “quando são devastadas pelas angústias da rivalidade fraterna”. É como se a criança dissesse: “Aquela sou eu; é assim que me maltratam ou querem fazê-lo; só pensam mal de mim!”. Ainda que a criança reconheça que não é maltratada como a Gata Borralheira, a verdade é que, por vezes, ela sente-se como se o fosse. Neste conto, as relações fraternas são substituídas por relações entre meios-irmãos: este artifício poderá ter sido utilizado para tornar mais aceitável uma animosidade que se desejaria não existir entre irmãos.

Um aspecto de enorme atracção deste conto, segundo Bettelheim, são os comportamentos da madrasta e das meias-irmãs para com a Gata Borralheira. Estes comportamentos “malvados” justificam qualquer pensamento negativo que as crianças possam ter sobre os seus irmãos: elas são tão más que o que quer que seja que lhes desejemos é mais do que justificado. Ao ouvir a história, a criança sente que não tem por que se sentir culpada dos seus pensamentos de raiva e zanga.

A história ajuda a criança a aceitar a rivalidade fraterna como uma realidade da vida vulgar e transmite à criança que ela não tem que recear ser destruída por ela: pelo contrário, se os irmãos não fossem tão desagradáveis, talvez a Gata Borralheira não triunfasse no fim.

No seu livro “Psicanálise dos contos de fadas” (1975) Bettelheim conta um caso que revela bem como as crianças se podem identificar à Gata Borralheira:

“O comportamento de uma menina de cinco anos e meio de idade pode ilustrar como é fácil uma criança sentir que ela é a Gata Borralheira. A menina tinha uma irmã mais nova por quem sentia muitos ciúmes. A menina gostava muito da Gata Borralheira, porque a história oferecia-lhe material para ela poder agir os seus

sentimentos e porque, sem as suas imagens, teria dificuldade em os compreender e exprimir. Esta criança costumava vestir-se com muito esmero, gostava de vestidos bonitos, mas tornou-se desleixada e suja. Um dia, quando lhe pediram que fosse buscar sal ela disse, enquanto o fazia: “Porque é que vocês me tratam como se eu fosse a Gata Borralheira?”. Quase perdendo a fala, a mãe perguntou-lhe: “Porque pensas que te trato como a Gata Borralheira?”- “Porque vocês obrigam-me a fazer o trabalho mais penoso da casa!”, foi a resposta da menina. Tendo atraído os pais para dentro das suas fantasias, ela agiu-as, mais abertamente, simulando varrer toda a porcaria (...) fazendo como se estivesse a arranjar a irmãzinha para ir ao baile”.

4.5. O irmão como fonte de interesse e a sua importância no desenvolvimento

A maioria das crianças cresce com irmãos. Geralmente, o tempo que passam juntos nos primeiros anos é muito superior ao que vivem com os seus pais. Em muitas culturas, as crianças são criadas pelos seus irmãos: a partir do primeiro ou segundo anos de vida são cuidadas, alimentadas, educadas e distraídas pelos irmãos, de apenas 3 ou 4 anos. Este é o começo de uma relação que dura toda a vida!

Apesar do receio que todas as crianças têm de serem “excluídas” da família devido à “intrusão” de um irmão, existe nelas um desejo real de ter um irmão, o desejo de ter um companheiro de jogos da sua idade. Aos 4/5 anos, o desejo de ter um irmão com o qual a criança possa brincar não é sentido como irreal: ela acredita que o irmão crescerá até à sua idade ou até que será mais velho (Gayet, 1993).

A presença de um novo irmão não é, pois, só fonte de inquietude para o primogénito, mas também fonte de grande interesse. Nos primeiros dias após o nascimento, mesmo crianças com menos de 2 anos, formulam comentários acerca do bebé, procuram distraí-lo e muitas delas ajudam a cuidar dos irmãos,

principalmente na higiene e na alimentação. São também frequentes os jogos em que a criança simula ser o bebé ou a mãe (Dunn, 1984).

Segundo Brazelton (1988), por volta dos 4 ou 5 anos, uma criança está pronta para participar nos cuidados a prestar a um bebé. É capaz de sentir que o bebé lhe pertence. Aprende a dar-lhe de comer, a pegá-lo ao colo, a embalá-lo, a mudar-lhe as fraldas, a consolá-lo e a brincar com ele. Depois de recuperar da desilusão inicial de o novo bebé não ser da sua idade e de não poder acompanhá-la nas brincadeiras que planeara, a criança está apta a participar com os pais no jogo de aprender a tratar do novo bebé e a observá-lo em cada passo do seu desenvolvimento.

Dunn (1984) verificou que, quando as crianças pequenas falam com os seus irmãos mais novos, mostram que são capazes de empregar as mesmas expressões utilizadas pelas mães: frases breves, repetem comentários e utilizam recursos característicos para chamar a atenção dos bebés.

Dunn e Munn (1985) referem que, durante o segundo ano de vida, a criança tem já alguma compreensão daquilo que incomoda um irmão, assim como consegue antecipar a reacção da mãe quando o irmão tem comportamentos proibidos por esta. A acção da criança de ajuda e conforto durante o conflito entre a mãe e o irmão, sugere uma compreensão prática do estado emocional do outro membro da família e de como aliviar esse mesmo estado.

Num estudo realizado por Stewart et al. (1987), já referido anteriormente, um ano após o nascimento dos irmãos, foi perguntado às crianças (2-4 anos) se gostariam de ter outro irmão. Mais de metade respondeu afirmativamente, mostrando preferência que essa criança fosse do sexo oposto ao do irmão que já tinham, para poderem ter "um de cada". Estas crianças ajudavam as mães a tratar dos irmãos: davam as fraldas à mãe, acalmavam o bebé quando este estava a chorar e entretinham-no quando as mães estavam ocupadas. Quando lhes foi perguntado o que gostavam mais nos irmãos, elas responderam que gostavam de brincar com eles, de os abraçar e acariciar. Aquilo de que gostavam menos neles era do seu choro. Apenas uma parte muito pequena destas crianças respondeu que

não gostava dos irmãos por estes serem muito intrusivos, no que se refere às suas coisas e/ou brincadeiras ou por serem agressivos.

Verifica-se, com frequência, que a mesma criança que revela grande interesse pelo irmão, também o perturba e irrita (por exemplo, bate no berço para o irmão acordar, tira-lhe a chucha,...). Existe pois, uma grande ambivalência na maior parte das crianças nas primeiras semanas de relação com o irmão. Os irmãos de pouca idade amam-se e odeiam-se, brincam e batem-se,... Alguns batem-se e disputam de forma constante, outros são companheiros cordiais e inseparáveis, enquanto que outros alternam entre alegres jogos de cooperação e agressões (Dunn, 1984).

A intensidade do interesse que as crianças sentem pelos irmãos é evocada pelo escritor Sergi Aksakoff no seu livro "Anos da Infância" (1858): *"De início queria a minha irmãzinha mais do que os meus brinquedos, mais que a minha própria mãe; e este amor tomou a forma de um constante desejo de vê-la: imaginava sempre que tinha frio ou fome e que queria comida e desejava continuamente dar-lhe a minha comida e vestidos; claro que não mo permitiam e então chorava... Não podia resistir à visão das suas lágrimas, nem ouvi-la gritar sem que começasse também eu a gritar... Passava dias inteiros com a minha irmã ao lado, entretendo-a com diferentes brinquedos e mostrando-lhe desenhos..."*.

Os autores que se dedicam ao estudo da relação entre irmãos, têm tendência a enfatizar mais as relações conflituosas e a "esquecerem" as relações positivas que se desenrolam entre grande parte dos irmãos. Provence e Solnit (1983) referem que, irmãos com uma diferença de idade de aproximadamente dois anos, tendem a formar relações positivas, e questionam-se porque estas são tão pouco referidas. Levantam então duas hipóteses possíveis. Uma delas, é que quando a relação se desenrola de uma forma relativamente suave, ela é tida por segura, apesar de momentos de rivalidade e de conflitos apropriados à idade. Por outro lado, mesmo a rivalidade normativa entre irmãos, a inveja e o ciúme, criam dificuldades que são

mais memoráveis para os seus pais do que a predominante amizade e lealdade entre ambos e a capacidade de formar uma unidade para dar resposta a ameaças externas.

Os irmãos que estão muito próximos afectivamente e em termos de desenvolvimento servem de suporte um ao outro quando se verificam alterações desenvolvimentais, ou quando as exigências internas ou externas criam dificuldades para um deles. Cada criança, a mais nova e a mais velha, de diferentes formas, é capaz de participar indirectamente nas experiências do outro. O suporte mútuo aumenta a confiança um no outro e neles próprios enquanto irmãos. É a relação empática entre os irmãos que lhes permite participar nas experiências e aumentar a sua prática de aprendizagem (Provence e Solnit, 1983).

É precisamente a relação entre irmãos que oferece, constantemente, a oportunidade de elaborar e praticar a capacidade de empatia, ou seja, a capacidade de participar nos sentimentos e ideias do outro, de forma a melhor o compreender. Não há dúvida, contudo, que a capacidade básica para empatia é estabelecida na interacção e relação pais-criança. Esta forma especial de sentir e conhecer os sentimentos e pensamentos da outra pessoa está relacionada com a capacidade da criança de internalizar e se identificar com atitudes e expectativas parentais. As relações entre irmãos reflectem e podem elaborar a qualidade e intensidade deste aspecto e da relação primária criança-pais (Provence e Solnit, 1983).

Vemos pois que, na relação com os irmãos, as crianças “experimentam” muitas das suas capacidades (de extrema importância para o seu desenvolvimento), entre as quais destacamos, a sua capacidade para cuidar de uma criança mais nova (como se fossem elas as mães), de compreender os seus sentimentos (empatia), de entreatajuda, de suporte (que acaba por ser mútuo, quando a relação entre irmãos se desenrola de uma forma harmoniosa).

4.6. O irmão mais novo: um caminho mais fácil?

Se o impacto do nascimento de um irmão foi descrito em numerosos casos, Freud (1900) (in Colonna e Newman, 1983) também referiu os ressentimentos e ódios da criança mais nova em relação à mais velha: *“O irmão mais velho maltrata o mais novo, fazendo-lhe mal e tirando-lhe os brinquedos; o mais novo está consumido pela sua raiva, impotente face ao mais velho, inveja-o e receia-o, ou conhece no seu opressor os primeiros sinais de liberdade de amor e sentido de justiça”*.

Para a criança mais nova, os irmãos mais velhos são percebidos como competidores onnipotentes e inatingíveis, dotados de determinados privilégios. Desempenham o papel de impulsionadores do crescimento, sendo também um factor de frustração, quando são postos em evidência pelos pais, servindo como modelo, como por exemplo, aquele que faz tudo melhor, o que sabe mais devido à sua idade. O sentimento de admiração que a criança mais nova tem pelo irmão mais velho é, contudo, enfraquecido por um certo receio: o mais velho, além de ser mais forte, tem uma autoridade que lhe é conferida pelos pais. O mais novo receia então, represálias do mais velho. Mas também protesta vigorosamente contra os privilégios deste, querendo colocar-se no seu lugar ou então, renunciar à rivalidade continuando a ser um bebé dependente (Lima, 1991).

De qualquer forma, os irmãos mais velhos são figuras securizantes para os mais novos. Dunn (1984) refere que, crianças pequenas proporcionam uma sensação de segurança aos seus irmãos bebés, quando estes estão numa situação que não lhes é familiar. Num estudo sobre bebés separados das suas mães (numa sala de jogos), verificou-se que, aqueles que tinham os irmãos a brincar com eles mostraram-se mais tranquilos e seguros. Quando um estranho entrava na sala, a maioria dos bebés aproximava-se dos seus irmãos e desde essa “base segura” sorriam para o estranho. Noutro estudo, bebés entre 1 e 2 anos de idade afastavam-se mais das suas mães, para fazerem as suas pequenas explorações, quando os

irmãos mais velhos estavam presentes. Mas o contrário também é verdade, ou seja, os pequenos tentam, muitas vezes, consolar os mais velhos: preocupam-se com o mal estar do outro e realizam tentativas práticas para o ajudar, acariciando-o com afecto.

Um aspecto muito importante da relação entre irmãos é o das brincadeiras entre ambos. Nas brincadeiras com o irmão, e ao tentar imitá-lo, a criança mais nova nem sempre o consegue, apercebendo-se que o mais velho goza de certas vantagens: inveja-o e sente como que um sentimento de inferioridade, interpretando os privilégios de que ele goza, como sinal de preferência. Mas ao imitá-lo, mostra claramente que este exerce uma influência directa na forma como brinca e nas destrezas com o mundo dos objectos. As brincadeiras entre irmãos pequenos implicam, frequentemente, a imitação, por parte de uma criança, das acções do outro: um empurrão, um salto, uma canção, um gesto divertido. A imitação entre irmãos muito pequenos mostra, não só, a atenção com que as crianças se observam mutuamente, o potencial do maior como modelo para o mais pequeno, mas também a excitação especial que acontece nas brincadeiras que partilham. Os intercambios cordiais entre os irmãos são frequentes e a atitude cordial do mais pequeno em relação ao maior aumenta à medida que as crianças crescem, pelo menos durante os três primeiros anos de vida (Lima, 1991).

Enquanto que com um ano a maioria das crianças chora quando os seus irmãos maiores os empurram ou lhes tiram os seus brinquedos, com um ano e meio é mais provável que sejam eles os primeiros a bater, a empurrar ou a puxar os cabelos. Muitas vezes, são os responsáveis por os conflitos terem maior importância, até chegarem a uma autêntica violência física. Um irmão maior é cada vez mais consciente de que não deve bater ou morder no bebé. Ao longo do segundo ano de vida, os irmãos mais novos não só revelam uma maior agressividade física nas disputas com os irmãos mais velhos, como também actuam mais violentamente ao sentirem-se frustradas, tanto pelos seus brinquedos, como pelas pessoas. Lançam objectos, destroem-nos, fazem birras,.... Simultaneamente o seu entendimento de como provocar e frustrar o irmão mais velho aumenta também.

À medida que a criança cresce, a natureza das discussões infantis modifica-se. Ainda que se possa manter o empurrão e o bater, as acusações começam a ser mais complexas e a criança começa a ter capacidade para resolver, amigavelmente, a disputa. Numa disputa verbal, as crianças começam a desenvolver capacidades de argumentação que têm em conta o ponto de vista da outra criança. As mães desempenham um papel vital como mediadoras nas disputas, estimulando cada criança a compreender o que a outra quer, a perceberem qual vai ser a conduta da outra (Lima, 1991).

Os irmãos podem ser companheiros muito íntimos na brincadeira, em actividades físicas e em fantasias compartilhadas intensas e complexas e uma atenta observação destas brincadeiras conjuntas mostra-nos a oportunidade que proporcionam para que as crianças explorem papéis e regras do seu mundo. A relação entre irmãos oferece pois, a possibilidade de enriquecimento da brincadeira, importante para a imaginação e fantasia. A posição do mais velho como primeiro explorador de novas experiências fora da família, leva normalmente à liderança, responsabilidade e ao papel de ensinar. À criança mais nova, oferece-lhe a possibilidade de observar, participar e aprender (Kris e Ritvo, 1983).

Num estudo sobre a interacção entre irmãos de idades escolares, Brody e Stoneman e MacKinnon (1982) observaram interacções entre irmãos do mesmo sexo (os mais velhos tinham entre 8 e 10 anos e os mais novos entre os 4 anos e 5 meses e 7 anos de idade), entre amigos, e entre dois irmãos e o melhor amigo do irmão mais velho (do mesmo sexo dos dois irmãos). Os resultados revelaram que, os irmãos mais velhos assumem papéis dominantes (chefe, professor) nas diades de irmãos, papéis de igualdade nas interacções com amigos (companheiros) e a combinação dos papéis dominantes e de igualdade (chefe, companheiros) nas interacções triádicas. A assimetria de papéis desempenhados pelo irmão mais velho quando participa em duas situações sociais diferentes é vantajosa para o seu desenvolvimento, uma vez que lhe possibilita praticar papéis associados a dominância e a relações de igualdade. Verificou-se ainda que os rapazes envolviam-se mais em actividades que implicavam competição física com os seus amigos do que com os irmãos mais novos: com estes utilizavam mais brinquedos. É

possível que a discrepância de competências entre os dois irmãos torne a competição física pouco interessante, enquanto que com brinquedos pode ser adaptada à idade dos irmãos. Por seu lado, as meninas realizavam mais jogos ritualizados com as suas irmãs mais novas do que com as suas amigas e envolviam-se mais em brincadeiras com bonecas em contextos de relações triádicas. A brincadeira com bonecas, que envolve papéis assimétricos, permite às triades de meninas, de diferentes idades, que as três participem activamente na brincadeira. As crianças parecem pois, brincar de acordo com as suas percepções de competência cognitiva e comportamental dos seus companheiros de brincadeiras (o que é benéfico para o desenvolvimento quer da mais nova, quer da mais velha).

Dunn (1996) num estudo com 47 crianças que ocupavam a segunda posição na fratria constatou que, quando estas crianças têm entre 2 e 5 anos operam-se mudanças importantes nas suas capacidades linguísticas, de comunicação e de compreensão social, no seu entendimento pelas emoções dos outros, o que terá implicações significativas nas relações familiares. Entre os 2 anos e 9 meses e os 3 anos e 11 meses verifica-se um notável aumento nas interações das crianças com os seus irmãos e uma diminuição nas suas interações com as suas mães. Uma explicação possível, é que as mudanças verificadas nessa idade estão relacionadas com uma maior compreensão dos outros, o que leva a uma maior capacidade de companheirismo, o que é evidente no prazer que a criança sente nas brincadeiras com o irmão. Contudo, é também possível que, o aumento da idade do irmãos contribua para estas mudanças. Depois dos 3 anos e 11 meses, verifica-se um notável aumento do envolvimento da criança nas conversas com a mãe e uma diminuição no "falar para si" e na expressão de sentimentos negativos.

Em relação à forma como crianças com irmãos mais velhos se relacionam com outras crianças, num estudo com 34 crianças de idade pré-escolar, com irmãos mais velhos (que tinham, pelo menos, mais dois anos que elas), Berndt e Bulleit (1985) verificaram que, quer os meninos quer as meninas tinham menos comportamentos agressivos em casa e com outras crianças da sua idade, do que crianças sem irmãos mais velhos. Apresentavam ainda uma maior tendência para

falarem acerca de temas fantasiados, faziam mais perguntas e envolviam-se mais em brincadeiras de cooperação, do que os outros pré-escolares. Aparentemente, estes pré-escolares consideravam os seus irmãos mais velhos como muito estimulantes e faziam com eles aprendizagens sociais. As crianças com irmãos do mesmo sexo mostravam mais imitações do que outras crianças, o que vai no sentido do pensamento de Dunn (1983) (in Berndt e Bulleit, 1985), que coloca a hipótese de a identificação entre irmãos ser maior quando estes são do mesmo sexo. Pode-se pois dizer que, crianças que têm irmãos mais novos adoptam mais o papel de líderes nas interacções e têm mais comportamentos prosociais e agressivos, enquanto que, crianças que têm irmãos mais velhos têm mais comportamentos de cooperação e amigáveis, mas também imitam os irmãos com frequência (Dunn, 1983; Pepler et al., 1982, in Berndt e Bulleit, 1985).

Até recentemente, a influência dos irmãos na formação da identidade e na relação de objecto nos primeiros anos de vida recebeu pouca atenção, com as excepções de estudos clínicos de situações atípicas (por exemplo, gémeos) (Joseph e Tabor, 1961; Shopper, 1974) ou patológicas (por exemplo, irmãos criados, sem pais, em campos de concentração) (A. Freud e Dunn, 1951) (todos referidos por Leichtman, 1985). Mahler e Jacobson, reconheceram que, os irmãos influenciam o processo de separação-indivuação de forma significativa. Os casos clínicos de Mahler (1975) mostram claramente que as relações com os irmãos alteram-se na altura da separação da mãe. Jacobson (1964) diz que as relações ambivalentes e as identificações com pais e irmãos estão entre as maiores influências na descoberta pela criança da sua identidade no período correspondente à sub-fase de aproximação (de Mahler). Mahler considerava apenas a criança e a mãe, enquanto que no trabalho de Jacobson o papel do pai e dos irmãos não era diferenciado. De qualquer forma, constituíram um ponto de partida para o estudo (Leichtman, 1985).

Nos últimos anos tem sido reconhecida a importância da experiência de irmãos na vida precoce e têm sido feitas considerações acerca dos aspectos promotores de desenvolvimento dessas experiências (Colonna e Newman, 1983; Kris e Ritvo, 1983; Solnit, 1983). Os irmãos mais velhos desempenham um papel

muito importante na formação da identidade precoce e nas relações objectais dos mais novos, um papel que, ainda que influenciado pela relação com os pais é, em alguns aspectos, independente dessas relações. Ainda que os efeitos específicos das relações entre irmãos neste processo sejam determinados pela natureza do desenvolvimento do ego das crianças e dos aspectos do desenvolvimento em cada fase, os maiores efeitos são aqueles que dizem respeito ao encorajamento e suporte para a separação das mães. No terceiro ano de vida, a influência dos irmãos aumenta ao ponto de serem factores de grande importância na consolidação de aspectos sociais e sexuais da identidade (Leichtman, 1985).

4.7- Influência parental na relação entre irmãos

Antes de abordarmos a forma como as relações entre as crianças e os pais influenciam as relações que os irmãos vão estabelecer entre si, parece-nos importante, para uma melhor compreensão dessa influência, explorar um pouco como os pais se relacionam com os filhos, dependendo do lugar que estes ocupam na fratria.

Ernst e Angst (1983) (referidos por Furman, 1995) realizaram uma revisão de aproximadamente 50 estudos de constelações familiares que foram realizados entre 1946 e 1980. Desta revisão salientam-se alguns aspectos que iremos referir.

Os primogénitos pareciam receber mais atenção e melhores cuidados enquanto bebés do que os restantes filhos (Ernst e Angst, 1983; Grossman, Eichler e Winickoff, 1980; Bradley e Caldwell, 1984, in Furman, 1995), sendo maiores as diferenças encontradas quando a segunda criança era do sexo feminino, do mesmo género do primogénito (Dunn e Kendrick, 1981; Jacob e Moss, 1976, in Furman, 1995) ou se a diferença de idade entre as duas crianças estivesse compreendida entre os 19 e os 30 meses (Lewis e Kreitzberg, 1979, in Furman, 1995).

Quando comparados com pais pela primeira vez, os pais pela segunda vez interagem e estimulavam menos os seus filhos, assim como expressavam menos afecto positivo (Belsky, Gilstrap e Rovine, 1984, in Furman, 1995). Não se tendo

encontrado diferenças significativas no comportamento dos bebés, concluiu-se que a forma como os pais lidavam com eles não estavam relacionados com grandes diferenças nos comportamentos dos seus bebés. Por outro lado, ao comparar as mães com os pais, no que se refere à interacção, estimulação e expressão de sentimentos positivos, as mães eram as que apresentavam mais comportamentos destes, o que foi explicado como estando relacionado com o facto de elas estarem mais tempo com os seus bebés, para os amamentar e para lhes prestarem cuidados, enquanto que os pais tomavam mais responsabilidade pelos filhos mais velhos.

Mas se alguns estudos mostraram que as mães estavam mais envolvidas afectivamente com os primogénitos enquanto bebés do que com os outros, num estudo clássico, Lasko (1954) (in Furman, 1995) mostrou que, o primogénito tem um ambiente mais centrado nele durante os 2 primeiros anos da sua vida, mas que com 3 ou 4 anos é tratado com menos carinho do que os segundos filhos nessa mesma idade. Isto dever-se-à, provavelmente, ao facto de que por essa altura, muitas famílias têm um novo filho com quem têm que partilhar a atenção anteriormente reservada apenas a uma criança.

Outros estudos mostraram que, os pais têm expectativas mais elevadas em relação aos primogénitos (no que se refere a aspectos cognitivos) (Ernest e Angst, 1983; Kammeyer, 1967, in Furman, 1995). Talvez devido às diferenças nas expectativas, as mães parecem ser menos tolerantes e suportativas e mais controladoras e exigentes, intrusivas e inconsistentes especialmente se o primogénito é uma menina (Baskett, 1984, in Furman, 1995). Da mesma forma, o treino de independência ocorre mais precocemente nos primogénitos (Ernest e Angst, 1983, in Furman, 1995).

A literatura clássica, no que se refere ao afecto parental, tem tido resultados pouco consistentes. Alguns investigadores referem que os filhos mais novos são mais favorecidos (Furman e Buhrmester, 1985; Harris e Howard, 1985, in Furman,

1995), outros encontraram resultados contrários a estes (Neale, 1990, in Furman, 1995) e outros ainda não encontraram diferenças (Nardine e Zeidler, 1990, in Furman, 1995).

Outro ponto de interesse tem sido o estudo de crianças que fazem parte de grandes fratrias. Num estudo clássico com 100 “famílias grandes”, Bossard e Boll (1956) (in Furman, 1995) verificaram que nestas, as crianças são amadas pelos pais, mas o seu grande número impede que os cuidados se centrem numa em particular: a ênfase é colocada na família como um todo e não em cada um dos seus membros. Nestas famílias, é esperado que as crianças colaborem com os pais e com os irmãos mais velhos, os quais têm papéis dominantes, assim como se espera obediência e disciplina, enquanto que a competição e a rivalidade são desencorajadas, de forma a evitar divisões na família. Muitas destas observações foram replicadas em estudos subsequentes, nos quais se verificou ainda que, à medida que a dimensão da família aumenta, os pais e as mães tornam-se mais autocráticos (Elder, 1962; Serars, Maccoby e Levin, 1957, in Furman, 1995), e o pai envolve-se mais na educação das crianças (Lewis e Feiring, 1982, in Furman, 1995), assumindo um papel predominante na tomada de decisões relativamente à educação dos filhos (Elder e Bowerman, 1963; Sears et al., 1957, in Furman, 1995). O número de crianças numa família está positivamente relacionado com a punição parental e negativamente relacionado com percepções de amor e suporte parental (Kidwel, 1981; Scheck e Emerick, 1976, in Furman, 1995). Apesar destes resultados, muitos investigadores defendem que os efeitos do tamanho da família não estão presentes quando o grau de educação dos pais, as suas profissões, raça, classe social e condição familiar são controlados (Bell e Avery, 1985; Blake, 1989, in Furman, 1995).

Não há dúvida que a influência dos pais na relação entre irmãos é crucial. Os pais projectam nos filhos as suas expectativas de como deve ser a relação entre irmãos. Aspectos específicos dessa relação são influenciados por desejos conscientes e inconscientes e pelas fantasias dos pais. Estes desejos e fantasias

são comunicados por palavras, gestos, expressões faciais, encorajamentos, proibições, ameaças, recompensas e punições. Os comportamentos parentais podem promover sentimentos e relações positivas entre irmãos, ou podem desencadear dificuldades entre eles.

Inicialmente, os pais idealizam uma imagem do futuro do primogénito, e depois, quando esperam o segundo filho, idealizam as relações futuras entre os dois filhos (havendo receio de competição entre eles). Mesmo em boas condições, estas fantasias idealizadas encontram sempre desapontamento (Kris e Ritvo, 1983).

São alguns os estudos, que procuraram compreender de que forma as relações entre irmãos são influenciadas pela relação destes com os pais. Dunn e Kendrick (1981), Furman (1995), Ward, Vaughn e Robb (1988) são alguns dos autores que afirmam existir fortes influências mútuas numa família, considerando que, as relações entre irmãos são fortemente influenciadas pela relação que os pais estabelecem com eles.

A maioria dos estudos centra-se na influência da mãe na relação entre irmãos, sendo o papel do pai pouco estudado.

Relativamente à mãe, verificou-se que, após o nascimento do segundo filho, ela inicia menos interações e brincadeiras, com os primogénitos, enquanto que estes as iniciam mais neste período (Dunn e Kendrick, 1980). A natureza das interações entre a mãe e o primogénito também se altera: brincam de forma menos calorosa e mais neutra do que quando o primogénito era o único filho (Taylor e Kogan, 1973). Confrontos entre a mãe e o primogénito são mais frequentes: a mãe mostra-se mais proibitiva e o primogénito mais desobediente (Dunn e Kendrick, 1980), sendo estes confrontos mais frequentes quando a mãe está a cuidar ou a alimentar o novo bebé. Nas famílias em que os níveis de confronto antes do nascimento já eram consideravelmente elevados, verifica-se um aumento do confronto e de proibições maternas (Dunn e Kendrick, 1982, in Dunn, 1988).

O que estará na origem destas alterações? Provavelmente, a conjugação de vários aspectos, como sejam, as necessidades do recém-nascido- a presença da mãe junto dele por grandes períodos de tempo, as alterações do comportamento da

criança (reacções ao nascimento do irmão), as próprias fantasias da mãe em relação aos seus filhos,..... (Dunn, Kendrick e MacNamee, 1981; Nadelman e Begun, 1982) (todos referidos por Furman, 1995).

Corter et al. (1983) (in Barrett e Hinde, 1988) verificaram que, a presença materna reduz o número de interacções entre irmãos, assim como estes se tornam mais agressivos quando a mãe está presente do que quando as duas crianças estão sozinhas.

Quando as mães intervêm nas interacções dos filhos, comportam-se de diferente forma com cada um deles. Assim, com os filhos mais velhos, as mães apresentam mais comportamentos proibitivos, sugestões de conciliação, explicação das acções e referências a regras sociais, influenciando negativamente a qualidade da relação entre os irmãos (Dunn e Munn, 1986).

Num estudo com 30 famílias, em que em cada uma havia duas crianças (tendo a mais velha cerca de 6 anos de idade), Volling e Belsky (1992) verificaram que, o conflito entre irmãos estava associado a conflitos na relação entre a mãe e a criança, mas não entre o pai e a criança. Os seus resultados vão no sentido dos encontrados por Teti e Abland (1989), de que um "attachment inseguro" mãe-criança está relacionado com pouca cooperação entre irmãos (estas crianças respondem menos ao choro dos irmãos, do que as crianças com um "attachment seguro" com a mãe). Quando a attachment com a mãe é seguro, é mais provável que entre as crianças a relação seja menos antagónica. Contrariamente a estes resultados, Dunn (1988) verificou que, em famílias em que, antes e imediatamente após o nascimento do irmão, a criança do sexo feminino mantinha com a mãe uma relação muito próxima, a probabilidade de se comportar de uma forma hostil com o irmão era maior, do que meninas cuja relação com a mãe não tinha sido tão próxima. Talvez o comportamento hostil dessas crianças seja uma resposta emocional por terem sido "substituídas". Outra interpretação possível, é que, em famílias com um elevado grau de conflito e confronto da criança com os pais, relações amigáveis entre irmãos podem contribuir positivamente para a vida emocional da criança: a necessidade de afecto e atenção é, por vezes, encontrada

na relação com o irmão. Este autor chama ainda a atenção para o facto de, por vezes, a hostilidade da criança com o irmão se dever a uma relação próxima, afectiva e de brincadeira entre a mãe e o irmão. As crianças tentam, então, romper essas interacções ou fazer parte delas de uma forma amigável, mas raramente as ignoram, comentando-as frequentemente com hostilidade. Kendrick e Dunn (1982) (in Dunn, 1988) verificaram também que, as crianças que reagem às interacções mãe-irmãos com tentativas directas para as interromper são, noutras circunstâncias, hostis e apresentam comportamentos negativos para com os irmãos. Volling e Belsky (1992) também chegaram a resultados idênticos aos de Brody e Crockenberg (1980) e de Brody et al. (1986), no que se refere a que, uma educação restritiva e punitiva por parte da mãe, está associada a comportamentos agressivos entre irmãos. Contudo, a direcção dos efeitos para esta associação permanece ainda pouco clara. Ou seja, os conflitos mãe-criança, irmão-irmão estão relacionados porque a mãe tende a intervir nos conflitos entre os filhos levando a um conflito entre a mãe e um dos filhos; ou o conflito entre irmãos acontece quando um dos irmãos se alia à mãe contra o outro durante o conflito mãe-filho.

Relativamente à qualidade da interacção entre os irmãos, Dunn (1988) verificou grandes diferenças: desde pares que interagem sempre de forma amigável e afectiva, a pares que interagem sempre de forma agressiva e hostil. Verificou também que, a criança reage às alterações na relação mãe-criança, tornando-se retraída, quando a mãe diminui significativamente a interacção com ela. Um ano mais tarde, as interacções entre irmãos são hostis e negativas. Uma interpretação possível é que a experiência de grandes alterações nas relações mãe-criança, com o nascimento do irmão, leva a que algumas crianças experienciem insegurança emocional e ansiedade, distúrbios esses que, na sua forma mais extrema, se manifestam por um retraimento. Esta reacção emocional vai influenciar o comportamento social da criança, as suas relações com os outros, incluindo o desenvolvimento de relações com os irmãos.

Howe e Ross (1990), num estudo com 32 pares de irmãos, em que a idade média dos primogénitos era de 3 anos e 8 meses e dos segundos filhos era de 1 ano e 2 meses, concluíram que, as relações mais amigáveis entre irmãos eram aquelas em que os primogénitos discutiam directamente com os irmãos mais novos acerca dos seus pensamentos e sentimentos. Também neste estudo, a interacção das mães com os filhos mais novos estava relacionada com interacções menos positivas entre os irmãos.

Volling e Belsky (1992) fazem referência ao papel do pai na relação entre irmãos. No seu estudo verificaram que, se quando a criança tem 3 anos de idade, o pai for afectuoso com ela, aos 6 anos ela terá um comportamento amigável com o irmão. Se o pai tiver sido intrusivo e pouco afectuoso com a criança, o nível de agressão entre os irmãos será maior.

Mas não é apenas o presenciar o comportamento afectivo dos pais em relação ao irmão que perturba a criança. Mais perturbador é a criança sentir um tratamento parental diferente em relação a ela e ao irmão (sentir que os pais têm uma maior afinidade com o irmão) (Dunn, 1988).

Nem sempre é fácil para os pais estarem igualmente disponíveis para cada um dos filhos e suportarem as suas rivalidades. As atitudes dos pais perante as manifestações de ciúme ou rivalidade são muito importantes para a criança, que poderá encontrar nelas uma confirmação ou uma tranquilização dos seus receios. Por vezes, os pais deixam-se arrastar pelos seus sentimentos e adoptam, sem se aperceberem, atitudes que podem ferir a criança e cristalizar o ciúme que ela sente, e às quais a criança confere um sentido, que na realidade poderão não ter, de confirmação do seu sentimento de ser rejeitada ou menos amada (Lima, 1991).

Ainda que os pais evitem ter preferências, não podem deixar de sentir maior ou menor afinidade por um filho do que por outro, dando-o a entender pelas suas palavras e comportamentos. As comparações que muitos pais fazem são sentidas como sinónimo de preferência. Os pais pensam que tal não acontece e acreditam ter dado a cada um dos filhos a mesma quantidade de carinho e atenção. Afirmam,

na maior parte das vezes, terem sido imparciais e terem dado os mesmos benefícios e privilégios a todos os filhos. Contudo, o ambiente familiar dos irmãos não é, nem pode nunca ser o mesmo (Oberndorf, 1984).

Diz-se, frequentemente, que os pais são mais tolerantes e pacientes com os outros filhos que não o primogénito. Em alguns estudos tem-se verificado existir uma maior indulgência com os filhos mais novos na hora de ir para a cama e com hábitos confortantes (como o chuchar no dedo ou o recurso a objectos transaccionais), os quais são mais correntes nos filhos mais novos e nos filhos únicos. A pressão exercida nos filhos menores é menos severa que aquela que é exercida nos primogénitos, no que diz respeito aos “caprichos” na alimentação.

As próprias crianças são conscientes das diferenças do grau de indulgência que revelam os seus pais. Por exemplo, no estudo de Helen Koch, uma criança de 5 anos disse: “Posso bater-lhe mas ele não me pode bater a mim”, “Às vezes tiro coisas da minha irmã e a mãe diz que tem que mas dar”. Por seu lado, os primogénitos também se apercebem que as mães tendem a favorecer os menores (Dunn, 1984).

A capacidade dos pais reconhecerem a existência de sentimentos na criança de receio de perda do seu amor, atribuir-lhes a importância que merecem e encontrar um meio de os evitar, é um sinal muito positivo para a criança; o facto de os pais não oferecerem apoio e compreensão pelo que a criança está a sentir, provoca um mal estar nela e a criança tende a reprimir os seus sentimentos, a escondê-los dos outros e de si próprias. Assim, eles permanecem ao nível do inconsciente, estando na origem da inquietação e da culpabilidade, que se podem exprimir por comportamentos diversos. Uma criança que não revela sentimentos de rivalidade é uma criança que não se atreve a exprimir os seus próprios sentimentos, receando perder o afecto e a aprovação parental. Dunn (1988) refere pois que, se nas primeiras semanas após o nascimento do bebé, os pais falarem com o primogénito (mesmo que este tenha apenas 2 anos de idade) sobre o bebé como pessoa com necessidades, querer e sentimentos, um ano depois, o primogénito tem

comportamentos amigáveis com o irmão. Dunn e Kendrick (1981) apoiam a ideia de que, a criança com menos de 2 anos é mais interessada em tomar parte da discussão dos sentimentos e acções dos irmãos e que a forma como a mãe fala sobre o bebé com o primogénito está relacionada com o comportamento da criança com o irmão, ao longo do tempo.

O encorajamento das figuras parentais para a descoberta de novas coisas por parte dos filhos (Brody, Stoneman e MacKinnon, 1986), as referências a regras sociais e os seus sentimentos positivos em relação aos outros (Dunn, e Kendrick, 1982), a sua sensibilidade nas respostas às necessidades dos filhos (Bryant, e Crokenberg, 1980) são aspectos que predizem uma relação cooperativa entre irmãos (Volling e Belsky, 1992).

Kris e Ritvo (1983) chamam a atenção para o facto de a mãe ser a pessoa com quem as crianças se identificam nos estadios mais precoces, logo, a forma como cuida do seu bebé, vai servir de modelo de identificação para a criança mais velha. Para que esta identificação tenha um resultado positivo é importante que a mãe seja carinhosa e tenha sensibilidade para perceber as necessidades do bebé, assim como as do primogénito. Se a criança mais velha é bem sucedida nesta identificação com a mãe carinhosa, a reacção positiva de ambos os pais irá encorajá-la para futuros contactos positivos com o irmão. De início, este “bom comportamento” será mais devido à necessidade de aprovação parental do que a sentimentos positivos pelo bebé. Mas de qualquer forma, promove outras experiências positivas que podem servir de alicerces para a construção de uma relação afectuosa entre os irmãos. Por exemplo, a criança mais velha tenta, com frequência, fazer a mais nova rir e fica muito feliz quando o consegue. Isto dá gratificação a ambas as crianças por alguns momentos.

Antes de terminarmos este capítulo, gostaríamos de fazer uma breve referência à forma como a relação marital influencia as relações fraternas.

Furman (1995) refere que, a qualidade da relação dos irmãos pode também estar associada à qualidade da relação marital e têm impacto na relação entre as

crianças: as relações positivas entre irmãos estão relacionadas com relações positivas entre os esposos ou ex-esposos.

Também Kris e Ritvo (1983) salientam a influência da qualidade da relação do casal parental na qualidade de relação entre os filhos, dizendo que, a forma de interação dos pais é um modelo importante para as crianças seguirem. Sentindo-se de alguma forma excluída da relação de grande proximidade entre os pais, a criança tem tendência a formar a sua própria relação próxima com o irmão. Se, pelo contrário, a relação marital for muito conflituosa, este modelo poderá ser tomado pelas crianças. Contudo, existem casos em que depois da separação dos pais, os irmãos tendem a tornar mais fortes os seus laços de forma a contra-atacarem a dissolução da família.

II- METODOLOGIA

Antes de passarmos à apresentação da metodologia utilizada no presente estudo e, sendo este, como já referido, um estudo longitudinal, efectuado em três momentos diferentes, dois dos quais já realizados anteriormente, passamos a apresentar, resumidamente, a metodologia utilizada em cada um desses dois momentos (os seus objectivos, a selecção e caracterização das crianças que neles participaram, os instrumentos utilizados) e a síntese das conclusões de cada um.

1. Há 4 anos atrás... estudo das fantasias infantis fraternas pré-natais e ajustamento psicológico da criança ao nascimento de um irmão.

1.1. 1º Momento do estudo: Fantasias fraternas pré-natais

1.1.1. Objectivo do estudo

Este 1º momento foi realizado entre Outubro de 1994 e Fevereiro de 1995. Tinha como objectivo conhecer algumas das fantasias fraternas pré-natais das crianças ao serem confrontadas com um “bébé imaginário” suportado pelo corpo materno e verificar se, relativamente a estas fantasias, existiam diferenças significativas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino. Pretendia-se assim, ter uma maior compreensão das relações que as crianças estabelecem com as figuras parentais e fraterna(s) durante a gravidez materna.

1.1.2. Selecção e caracterização das crianças

As crianças que participaram no estudo foram seleccionadas, após um primeiro contacto com as mães, na consulta de obstetrícia do Hospital Garcia de Orta e no Ginásio Descansauna (nas aulas de preparação para o parto). Estas crianças deveriam obedecer a determinadas características:

- 3 crianças do sexo feminino e 3 do sexo masculino
- as suas idades teriam que estar compreendidas entre os 5 e os 7 anos (com esta idade a criança já tinha vivido alguns anos com o estatuto de “filha única” ou de “filha mais nova”, o que poderia significar regalias ao nível do contexto familiar);
- as mães das crianças teriam que estar no último trimestre de gravidez;
- as crianças teriam que ser as anteriores ao bebé, na ordem da fratria.

No quadro que se segue, encontram-se as idades que as crianças tinham quando este 1º momento do estudo foi realizado, assim como o mês de gravidez das mães:

CRIANÇAS	IDADE	MÊS GRAVIDEZ MATERNA
Isabel	5A	8M 2S
Sara	5A 8M	7M 2S
Mónica *	5A 7M	9M
Duarte	6A 8M	7M 2S
Tomás	6A 1M	1M
Jorge	5A 11M	8M 3S

* tinha uma irmã mais velha com 7 anos de idade

1.1.3. Instrumentos

As observações foram realizadas nas casas das famílias. Uma parte foi realizada com as mães na ausência das crianças, e outra com as crianças, sem a presença das mães. Os pais não participaram neste primeiro momento do estudo por indisponibilidade da maioria.

1.1.3.1. Instrumentos utilizados com a mãe

Com a mãe realizou-se uma pequena entrevista semi-directiva, na qual se procurou compreender a forma como o casal vivenciava a gravidez e como se apercebiam da vivência da criança em relação a esta.

Em relação à vivência dos pais face à gravidez materna foram abordados alguns aspectos, como por exemplo, se a gravidez tinha sido planeada e desejada por ambos, como cada um tinha reagido à confirmação da gravidez, se tinham preferência pelo sexo do bebé,....

Em relação à vivência da criança, procurou-se compreender como lhe tinha sido comunicado que ia ter um irmão, como tinha reagido, se costumam falar com o filho acerca do bebé que ia nascer e se a criança fazia perguntas aos pais acerca do irmão, se acompanhava a mãe às consultas de obstetrícia, a fazer compras para o bebé, e se os pais verificavam alterações no comportamento do filho, por exemplo, no comer, no dormir, nas brincadeiras, na escola,.....

1.1.3.2. Instrumentos utilizados com a criança

Com as crianças realizaram-se três provas:

*** Jogo**

No jogo foram utilizados bonecos em miniatura que pretendiam representar uma família (avô, avó, pai, mãe, duas crianças e um bebé). O jogo foi escolhido, por ser um instrumento muito rico, principalmente com crianças desta idade. Através deste, no qual o inconsciente recalcado se torna evidente, a criança pode expressar uma série de situações: sentimentos de frustração, de exclusão, de preocupação, ciúmes do pai, da mãe ou irmãos, agressividade que acompanha esses ciúmes, sentimentos de amor, de ódio em relação a um irmão recém-nascido ou que nascerá proximamente, assim como a ansiedade que resulta desses sentimentos.

Para a sua interpretação realizou-se uma análise de conteúdo, na qual se obteve alguns dados acerca da vivência da criança no seu meio familiar durante a gravidez materna.

* Desenho de uma Família Imaginária

Este desenho foi utilizado, uma vez que permite abordar a forma como as crianças vivenciam e resolvem os seus conflitos edipianos e de rivalidade fraterna. Ao pedir a uma criança que desenhe uma família inventada por ela, e não a sua família, há uma maior projecção, e uma diminuição das suas defesas. Após o desenho realiza-se um pequeno questionário de forma a que seja a criança a fazer a interpretação do seu próprio desenho.

A análise do desenho, foi também uma análise do conteúdo, não apenas daquilo que a criança desenhou, mas de todas as respostas ao questionário e dos comentários que a criança fez durante a prova.

Realizou-se uma análise das identificações inconscientes e conscientes, e da relação com a figura fraterna (agressiva, depressiva, ou regressiva) e com as figuras parentais (se a criança se encontrava a um nível pré-edipiano, edipiano, ou edipiano "mascarado").

* Teste Projectivo Patte Noire

A utilização deste teste deveu-se ao facto de muitos dos seus cartões estarem directamente relacionados com a relação fraterna, assim como com aspectos da relação da criança com as figura parentais, podendo a criança projectar a sua vivência mais subjectiva relativamente a uma dada realidade vivenciada: a gravidez materna.

Foi realizada uma análise das histórias contadas pelas crianças, de acordo com um referencial teórico dinâmico, procurando explorar as fantasias fraternas pré-natais das crianças e os conflitos edipianos durante a gravidez materna. Assim, a análise foi feita a vários níveis: relação fraterna, relação com as imagos parentais, relação com a imago materna, relação com a imago paterna e o tema abandono-solidão.

Os **resultados** deste primeiro momento serão apresentados mais adiante, em síntese, com os resultados do segundo momento do estudo.

1.2. 2º Momento do estudo: Ajustamento psicológico de uma criança ao nascimento de um irmão

1.2.1. Objectivo do estudo

O 2º momento deste estudo foi realizado entre Dezembro de 1994 e Março de 1995. O objectivo era o de compreender a vivência subjectiva das crianças após o nascimento de um irmão (ou seja, como se relacionava a criança com as figuras parentais e fraterna(s) face ao “bébé real”) e verificar se, relativamente a esta, existiam diferenças significativas entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino.

1.2.2. Caracterização das crianças

As crianças que participaram neste 2º momento do estudo foram as mesmas que participaram no primeiro, tendo as observações sido igualmente realizadas nas suas casas. Os irmãos destas crianças tinham cerca de 1 mês de vida (já tinha havido um período significativo de convivência entre as duas crianças), como se pode ver no seguinte quadro:

CRIANÇAS	IDADE	IDADE DOS IRMÃOS	SEXO DOS IRMÃOS
Isabel	5A 2M	1M 4D	M
Sara	5A 11M	1M 2D	F
Mónica	5A 9M	1M 3D	F
Duarte	6A 9M	27D	F
Tomás	6A 4M	1M 2D	M
Jorge	6A 1M	1M 4D	F

1.2.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste 2º momento do estudo foram os mesmos do momento anterior, quer com as mães, quer com as crianças.

1.2.3.1. Instrumentos utilizados com a mãe

Com as mães foi realizada uma entrevista semi-directiva, na qual pretendíamos saber como os pais se apercebiam da vivência dos filhos, relativamente ao nascimento dos irmãos. As questões estavam relacionadas com a forma como as crianças tinham reagido quando viram os irmãos pela primeira vez, com a sua relação com os pais, com os irmãos e com outros familiares, alterações no comportamento (em casa ou na escola), alterações na vida das crianças devido ao nascimento dos bebés,....

1.2.3.2. Instrumentos utilizados com a criança

Com as **crianças** realizaram-se as mesmas três provas do momento anterior:

* Jogo

Foram utilizados os mesmos bonecos em miniatura que pretendiam representar uma família (avô, avó, pai, mãe, duas crianças e um bebé). Procedeu-se a uma análise dinâmica de conteúdo, em que se pretendia conhecer a vivência da criança após o nascimento do irmão.

* Desenho de uma Família Imaginária

Através deste desenho pretendeu-se obter dados sobre a vivência da criança face à nova situação familiar.

A análise do desenho foi também de conteúdo, tal como no momento anterior.

* Teste Projectivo Patte Noire

A utilização deste teste tinha por objectivo compreender a vivência da criança na relação com a fratria e face aos conflitos edipianos após o nascimento dos irmãos. A análise, tal como no 1º momento, foi feita em relação a cinco itens: relação fraterna, relação com as imagos parentais, mais especificamente com o casal parental, relação com a imago materna, relação com a imago paterna e o tema solidão/ abandono.

1.3. Síntese dos resultados obtidos nos primeiros dois momentos do estudo

Feita a análise das observações realizadas quer no período de gravidez materna, quer no período após o nascimento do irmão, chegou-se a algumas conclusões que passam a ser apresentadas:

* No ultimo trimestre de gravidez materna, assim como um mês após o nascimento dos irmãos, todas as crianças apresentaram tendências regressivas (estas foram muito referidas pelas mães, como sejam, o falar abebesado, enurese nocturna secundária, birras e amúos, necessidade da presença das mães para realizarem tarefas nas quais já eram relativamente autónomas, como por exemplo, na higiene e na alimentação,....)

* Após o nascimento dos irmãos, as crianças do sexo feminino identificaram-se à figura materna, como se fantasiassem ser as mães dos irmãos recém-nascidos.

* Após o nascimento dos irmãos, as crianças do sexo masculino apresentaram mais reacções depressivas do que as crianças do sexo feminino.

* Em ambos os momentos do estudo, as crianças apresentaram impulsos agressivos dirigidos à fratria, apesar de também se terem verificado sentimentos de

amor (ambivalência de sentimentos face à figura fraterna). Quando o bebé deixou de ser “imaginário” e passou a ser “real”, as crianças do sexo masculino fantasiaram a destruição do “rival fraterno”, o que suscitou sentimentos de culpa.

* Face à interacção da figura materna com o “bebé real”, todas as crianças evidenciaram mais sentimentos de exclusão do que quando o bebé era “imaginário”.

* A cena primitiva foi sentida como angustiante por todas as crianças, tendo surgido diferentes fantasias (fantasias de morte própria, de destruição do casal parental, de destruição da figura paterna). Nas crianças do sexo feminino verificou-se a fantasia de substituir a mãe na relação com o pai. Nas crianças do sexo masculino verificou-se uma maior agressividade dirigida ao casal parental.

* Apesar de, quer nas crianças do sexo masculino, quer nas do sexo feminino ter havido o desejo de proximidade com a figura materna em ambos os momentos do estudo, após o nascimento dos irmãos verificou-se uma maior agressividade das meninas dirigida à mãe, a qual, neste período, foi sentida como menos gratificante.

* Em todas as crianças surgiram impulsos de natureza agressiva dirigidos à figura paterna. Contudo, após o nascimento dos irmãos, verificou-se uma maior afinidade das crianças com a figura paterna, principalmente nas crianças do sexo feminino, nas quais surgiu o tema de “pai alimentador”.

* Após o nascimento dos irmãos, nas meninas, as figuras parentais foram sentidas como menos securizantes e protectoras. Enquanto que, durante a gravidez materna evidenciaram necessidade de protecção materna, após o nascimento dos irmãos essa necessidade de protecção passou a ser não só materna como também paterna. Nas crianças do sexo masculino a necessidade de protecção foi parental em ambos os momentos.

2. Quatro anos depois... reavaliação da reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo (3º momento do estudo)

2.1. Objectivo do estudo

Dados os resultados obtidos nos dois momentos anteriores, ou seja, durante a gravidez (espera de um irmão) e no período inicial de relação entre as duas crianças (o primeiro mês de vida do irmão mais novo), o objectivo deste 3º momento é o de **compreender como a relação fraterna e parental é vivenciada pelas crianças, 4 anos após o nascimento dos irmãos. Será que as fantasias que as crianças tinham, relativamente às figuras fraternas e às figuras parentais durante a gravidez materna e pouco tempo depois o nascimento dos irmãos se mantêm, ou terão dado lugar a novas fantasias? Será a vivência das crianças do sexo feminino diferente da vivência das crianças do sexo masculino?**

2.2. Caracterização dos casos

As crianças que participaram neste 3º momento do estudo são as mesmas seis crianças que participaram nos dois momentos anteriores.

Com cinco destas famílias o contacto foi fácil de estabelecer, uma vez que o local de residência ainda era o mesmo, mas com a outra foi mais difícil, uma vez que tinha mudado de residência. O primeiro contacto foi estabelecido pelo telefone, no qual foi explicado aos pais o objectivo do estudo, pedindo, mais uma vez, a sua colaboração, assim como a das crianças.

Actualmente, as crianças têm idades compreendidas entre os 9A 5M e os 10A 11M, e os irmãos entre os 4A 2M e os 4A 8M, como mostra o seguinte quadro:

CRIANÇAS	IDADE	IDADE DOS IRMÃOS	SEXO DOS IRMÃOS
Isabel	9A 5M	4A 6M	M
Sara	10A 1M	4A 4M	F
Mónica *	10A 1M	4A 7M	F
Duarte	10A 11M	4A 2M	F
Tomás	10A 6M	4A 3M	M
Jorge	10A 8M	4A 8M	F

* a irmã mais velha da Mónica tem actualmente 12 anos

2.3. Instrumentos

Ao contrário do que aconteceu nos dois momentos anteriores do estudo, neste 3º momento, para além de terem participado as mães, também participaram os pais. Isto porque, pensamos que para uma melhor compreensão da vida familiar da criança, o testemunho de ambos os pais é imprescindível.

As observações foram realizadas nas casas das crianças. Uma parte da observação foi realizada com os pais (em todos os casos, com a mãe e com o pai), sem a presença das crianças, enquanto que a outra parte foi realizada apenas com as crianças.

2.3.1. Instrumentos utilizados com os pais

Com os pais foi realizada uma entrevista semi-directiva, na qual se procurou fazer “a história” das crianças. Para tal, foram abordados alguns aspectos, como sejam, as vivências do casal em relação à gravidez e parto dos filhos, o desenvolvimento da criança, a escola, a relação com irmãos e com os pais, familiares e amigos, o dia a dia da criança, projectos que os pais têm para o futuro dos filhos, como os pais descrevem os filhos,.... (Anexo 1).

2.3.2. Instrumentos utilizados com a criança

Relativamente aos momentos anteriores do estudo, alguns dos instrumentos utilizados mantêm-se, tendo outros sido introduzidos. Assim, substituindo o jogo, foi realizada uma entrevista com as crianças, uma vez que, dada a idade actual destas, a entrevista pareceu-nos mais adequada. O desenho da família imaginária e o teste projectivo Patte Noire mantiveram-se, tendo sido introduzido um novo instrumento, o Teste das Relações Familiares.

* Entrevista

Através de uma pequena entrevista com a criança procurou-se conhecer a forma como a criança vivencia a sua “história”, focando aspectos como, recordações que a criança tem da sua infância (positivas/negativas), gravidez do irmão, nascimento deste, relação que tem com ele, relação com os pais, escola, amigos, preferências,..... (Anexo 2).

* Teste Projectivo Patte Noire

Alguns dos cartões deste teste reenviam para aspectos relacionados com a relação fraterna (agressividade, frustração e ambivalência, agressividade relacionada com o nascimento), assim como para aspectos da relação da criança com as imagos parentais. Permite pois, conhecer as fantasias das crianças relativamente à sua família, e compará-las com as encontradas nos dois momentos anteriores do estudo.

As aventuras de “Patte Noire” foram elaboradas entre 1959 e 1961 por Corman, com o intuito de explorar os “conflitos profundos do espírito infantil”. Os fundamentos psicanalíticos desta prova e a sua metodologia encontram-se em três obras do autor (1961, 1972 e 1976).

Partindo da constatação de Bellak de que, as crianças se identificam facilmente a animais, Corman inspirou-se no “Blacky Pictures Test” de Blum (1950) para apresentar a história de um só animal e da sua família, contrariamente a outros

testes, nos quais os animais são diferentes em cada prancha. A família utilizada é uma família de porcos.

Tal como “Blacky Pictures Test”, o teste “Patte Noire” apoia-se na teoria dos estados de desenvolvimento libidinal. Mas ao contrário de Blum, Corman não faz reviver a sucessão teórica dos estados pela sucessão das pranchas. Utiliza uma técnica original de escolha livre, ou seja, a criança escolhe a ordem das pranchas pela qual vai contar as histórias.

O teste projectivo “Patte Noire” é constituído por 18 desenhos. O material é figurativo, sem imprecisão, traçado a negro num fundo branco (15 pranchas) ou a branco em fundo negro (2 pranchas). É aplicado a crianças entre os 5 e os 12 anos.

Mostra-se à criança um cartão (Frontespício) em que figuram os cinco personagens: Patte Noire (PN), Pai Porco, Mãe Porca e dois porquinhos. Pede-se à criança que identifique cada um deles, descrevendo assim, tanto o retrato da família imaginária, como a percepção que a criança tem da família real. A criança conta uma história para cada cartão ou constrói uma história interligando os vários cartões. Quando acaba de contar as histórias, utiliza-se o método criado por Corman das Preferências-Identificações, no qual a criança divide os cartões em dois grupos, consoante sejam os seus preferidos ou rejeitados e depois refere qual dos personagens ela gostaria de ser se fizesse parte da história. Finalmente mostra-se à criança o cartão “Fada” perguntando-se à criança quais são os três desejos que o PN pede à fada, os quais reenviam para os desejos da criança.

Os conteúdos manifestos e latentes das pranchas deste teste, encontram-se em anexo (Anexo 3).

* Teste das Relações Familiares

Este teste foi criado em 1957, nos Estados Unidos, por Bene e Anthony. É utilizado neste estudo, uma vez que permite obter uma representação das emoções que a criança tem em relação aos membros da sua família.

Através do seu material, a situação familiar é dramatizada em forma de um jogo, permitindo assim espontaneidade por parte da criança ao evocar os seus sentimentos em relação aos diferentes membros da sua família.

É formado por 20 figuras (de diferentes idades, formas e tamanhos), suficientemente ambíguas para permitir à criança formar a sua família. A instrução dada é: *“Vamos fazer um jogo de faz de conta. Das figuras que estás a ver, vamos fazer de conta que algumas são da tua família. Qual achas que fazia melhor de mãe?... de pai?... dos irmãos?... de ti próprio?”*. Pede-se pois, à criança que escolha quais as figuras que melhor representam os membros da sua família. Para além dos representantes da família, existe uma outra figura- o Zé Ninguém- que irá receber os itens que a criança achar não se aplicarem aos outros (utilizar o Zé Ninguém como defesa é permitido). Cada figura está presa numa caixa, a qual tem uma ranhura no topo. Os itens (86- relacionados com diferentes áreas- sentimentos positivos e negativos que se têm por cada membro da família e que se recebe destes e sentimentos de protecção e indulgência parentais) estão impressos em cartões. São lidos de forma aleatória, evitando, contudo, iniciar com muitos itens negativos (de forma a não criar muitas resistências na criança), fazer sequências grandes do mesmo tipo de itens, e terminar com itens negativos. Diz-se à criança que cada cartão contém uma mensagem e pede-se-lhe que as coloque na pessoa à qual as mensagens mais se adequem.

Os itens deste teste encontram-se em anexo (Anexo 4).

* Desenho de uma Família Imaginária

Este desenho foi utilizado neste estudo uma vez que fornece alguns dados acerca da forma como a criança se vivencia na sua família.

Corman (1961) propôs a consigne: *“Desenha uma família que tu imaginas, uma família inventada por ti”*, por considerar que, desta forma, ao não se pedir directamente à criança que desenhe a sua própria família, existe uma maior projecção e uma diminuição das suas defesas. À medida que a criança vai desenhando, é importante ter em conta a ordem pela qual desenha os personagens, assim como o investimento que põe no desenho de cada um deles e os comentários que faz acerca dos mesmos.

Após o desenho, realiza-se um pequeno questionário, que pretende facilitar a compreensão das vivências, fantasias, desejos da criança e as suas identificações inconscientes e conscientes.

Questionário:

Vais-me dizer algumas coisas acerca da família que desenhaste:

- Quem são as pessoas desta família? (papel na família e idade)
- Onde estão e o que estão a fazer?
- Qual é o mais simpático desta família? Porquê?
- Qual é o menos simpático desta família? Porquê?
- Qual é o mais feliz desta família? Porquê?
- Qual é o menos feliz desta família? Porquê?
- Desta família, quem é que tu preferes?
- Desta família, qual gostavas de ser?
- Quem são as pessoas da tua família?

2.4. Modo de análise dos dados

Uma vez que a número de crianças que participou neste estudo é pequeno, e face aos objectivos por nós propostos, a análise dos dados é qualitativa e não quantitativa.

A análise das entrevistas (quer das realizadas aos pais, quer das realizadas às crianças), foi realizada com base numa leitura dinâmica das mesmas.

No Teste Projectivo "Patte Noire", foi feita uma análise das histórias, de acordo com um referencial teórico dinâmico. A análise foi feita a vários níveis:

- relação fraterna (analisada, principalmente, nas pranchas Batalha (3), Carroça (4), Hesitação (7), Ganso (8), Ninhada (11) e Mamada 2 (15));
- relação com as imagos parentais (analisada, principalmente, nas pranchas Gamela (1), Beijo (2), Noite (10));

- relação com a imago materna (analisada, principalmente, nas pranchas Cabra (5), Sonho Mãe (12), Mamada 1 (14));
- relação com a imago paterna (analisada, principalmente, nas pranchas Lamaceiro (9), e Sonho Pai (13));
- tema abandono-solidão (analisado, principalmente, nas pranchas Partida (6) e Buraco (16)).

No Teste das Relações Familiares foi realizada uma análise quantitativa e uma qualitativa. Na primeira, para cada membro da família, soma-se o número de itens correspondentes a cada área, o que nos dá que tipo de sentimentos/envolvimento a criança tem por/com cada membro da sua família (positivos, ambivalentes, negativos). Para além desta análise, mais quantitativa, procedê-se a uma outra, que tem uma vertente mais qualitativa, a qual nos permite conhecer também as defesas utilizadas pelas crianças contra a expressão de sentimentos que lhe suscitam culpabilidade, assim como os sentimentos que tem com cada membro da família (por exemplo, qual é o principal objecto de amor/hostilidade, qual a principal fonte de amor/hostilidade).

Em relação ao Desenho de uma Família Imaginária, foi realizada uma análise de conteúdo do que a criança desenha, dos comentários que faz em relação a estes, assim como dos dados obtidos do questionário.

Segundo Corman (1961), as tendências e defesas do Eu exprimem-se no desenho da família através das valorizações/desvalorizações dos personagens, dos deslocamentos ou personagens acrescentados à família real, da proximidade/afastamento dos personagens e das identificações conscientes e inconscientes que a criança faz. Assim, as identificações conscientes são expressas no questionário (quando é perguntado à criança qual o personagem que prefere e qual gostaria de ser); as identificações inconscientes são dadas pela ordem do desenho (primeiro personagem a ser desenhado), pela valorização dos personagens, pela identificação dos personagens mais felizes ou mais simpáticos, e ainda pelos personagens acrescentados.

No desenho, relativamente à relação fraterna, deve-se analisar se a reacção da criança em relação ao irmão é:

- agressiva (expressa de forma deslocada, por exemplo, para um animal; de forma desviada através da desvalorização dos personagens, da sua eliminação ou da ausência de crianças no desenho);
- depressiva (eliminação de si próprio ou desvalorização do personagem que o representa, cenas de abandono ou expressão de afectos depressivos no questionário);
- regressiva (quando a criança se identifica ao bebé, ou quando atribui a si própria uma idade inferior à sua idade real).

Quanto à relação da criança com as figuras parentais, podem-se situar a três níveis:

- nível pré-edipiano (não é feita a diferenciação dos sexos);
- nível edipiano (identificação ao personagem do mesmo sexo, aproximação ao progenitor do sexo oposto, agressividade contra o progenitor do mesmo sexo e desvalorização do mesmo);
- nível edipiano “mascarado” (agressividade deslocada para um animal, relação de distância entre os personagens de sexo diferente, retraimento narcísico, regressão pré-edipiana, inversão do Édipo ou tema do “pai alimentador”). Estas situações mascaradas são aquelas, em que o recalçamento do conflito pelas defesas do Eu, não permite a livre expressão das pulsões, não estando estas ao nível consciente. Quando os temas edipianos surgem livremente, é sinal de que as defesas do eu não são suficientes ou que o conflito é pouco intenso.

2.5. Apresentação e análise dos casos

Exposta a forma como os dados foram recolhidos e a sua forma de análise, seguem-se as observações realizadas, assim como as análises correspondentes a cada caso.

Nota: Os dados biográficos de cada criança encontram-se em anexo (Anexo 5, 11, 17, 23, 29 e 35) .

2.5.1. ISABEL

Há 4 anos...

1ª Observação (antes do nascimento do irmão)

Quando conheci a Isabel ela era uma menina de 4A 11M, de cabelo curto, preto e uns olhos também escuros, que vestia uma calças e uma camisola de lã com o desenho de um grande urso, que lhe dava uma imagem muito “mimosa”. Parecia ser muito curiosa, pois fazia muitas perguntas, era muito comunicativa e extrovertida e o contacto com ela era muito agradável. Tinha um grande desejo de mostrar um pouco do “seu mundo” (quarto, livros, cassetes de vídeo, desenhos...) e alguns conhecimentos escolares que já tinha adquirido (números, letras,...).

Na primeira observação apenas conheci a mãe. Lembro-me que, fisicamente me chamou a atenção o facto de, apesar do seu avançado estado de gravidez, estar muito magra: apenas se salientava a sua grande “barriga”. Tal como a Isabel era muito simpática. Mostrou-se carinhosa com a filha, respondendo, de forma meiga, a todas as perguntas que esta lhe fazia.

Desta primeira observação destacaram-se os seguintes aspectos:

* Relação da criança com as figuras parentais:

Neste período de gravidez materna, pareceu haver alguma perturbação na relação da Isabel com as **figuras parentais**. Por exemplo, no jogo, a Isabel constituiu uma família, na qual as figuras parentais não estavam presentes, porque “... *se calhar já morreram*”. Também no teste projectivo Patte Noire, na prancha Frontespício, a Isabel não formou uma família, dizendo que “*os porquinhos são meninos e meninas, são todos amigos!*”.

Apesar de se ter verificado o desejo de aproximação a ambas as figuras parentais, houve uma maior identificação da criança à **figura materna**, que apareceu mais valorizada do que a **figura paterna**. Os resultados encontrados no

desenho de uma família imaginária e no Patte Noire vão nessa mesma direcção, verificando-se o desejo de uma relação exclusiva com a figura materna, sentida como gratificante e securizante e a exclusão da figura paterna dessa relação (“... o porquinho disse uma coisa à mãe para ela não dizer a ninguém (...) o porquinho chorou porque o pai tinha achado o segredo deles!”)- esta exclusão do pai também poderia estar relacionada com o interdito edipiano. A figura materna substituta foi sentida como gratificante, ainda que associada a alguma culpabilidade (“... na cabra, e depois mamou leite e contou à mãe e a mãe ficou furiosa!”).

Face à **relação íntima do casal parental**, verificaram-se sentimentos de exclusão e dificuldade em assumir essa relação (“... tavam todos a dormir, menos o porco e a porca. Depois apareceu a lua e depois era dia...”).

A Isabel mostrou o desejo de alguma autonomia em relação às figuras parentais, mas essas tentativas foram sentidas por ela com angústia (“Era uma vez um porquinho que tava a passear com a mãe... perdeu-se (...) floresta tinha lá lobos e apareceu um lobo e o porquinho conseguiu escapar porque tinha asas (...) voou e foi para casa...”). Evidenciou assim necessidade de protecção parental face ao desejo de independência (“... foi com a mãe e deixou pedras no caminho para não se perder outra vez”).

* Relação com a figura fraterna:

A Isabel mostrou sentimentos ambivalentes em relação à **figura fraterna** que estava para nascer. Se, por vezes, fez a sua escotomização, por exemplo, no teste Patte Noire (prancha Frontespício), ou a sua eliminação, no desenho de uma família imaginária (o que demonstra uma reacção agressiva face ao “rival fraterno”), noutras mostrou comportamentos mais amigáveis, como os referidos pela mãe na entrevista, quando esta disse que a Isabel fazia muitas festas e dava muitos beijinhos na sua barriga, querendo sentir o irmão a mexer-se.

No jogo, a Isabel atribuiu características agressivas ao bebé, verificando-se uma identificação projectiva a este (é nele que ela projectou as suas partes boas e as suas partes más). No final, e depois de alguns movimentos de separação do irmão, da restante família, a Isabel fez a sua destruição (“...depois o gato arranhou o

bébé e ele morreu”), provavelmente por se sentir excluída da relação mãe-bébé. A fantasia de destruição da figura fraterna esteve também presente no teste Patte Noire (ainda que associada a sentimentos de culpa), no qual a criança expressou o desejo de uma relação exclusiva com a figura materna: para que tal acontecesse, destruiu a fratria (“... ficaram cansados e então foram beber água ao rio e morreram”). Contudo, houve, da parte da Isabel, censura e punição do conflito entre irmãos (“... porquinhos tavam a morder-se (...) os pais bateram (...) foram para casa de castigo”), assim como impulsos de salvação directa de um elemento da fratria, com fantasia de destruição da figura atacante (“... o pato tava a agarrar o rabinho do porco (...) socorro irmão.... e o irmão foi salvá-lo (...) o pato morreu”).

* Tendências regressivas:

A Isabel evidenciou algumas tendências regressivas. Por exemplo, na prancha Frontespício do teste Patte Noire estas tendências foram expressas através da atribuição ao PN de uma idade inferior à sua, o que evidenciou o desejo de retornar ao que Corman denominou de “paraíso perdido da infância”. Também no jogo houve indícios de regressão, na identificação que fez ao bebé, assim como no seu falar abebesado, o qual também foi referido pela mãe, a qual contou que a Isabel tinha “andado para trás nalgumas coisas”, como por exemplo, na alimentação- queria ajuda da mãe; no dormir- queria voltar para a cama dos pais.

2ª Observação (após o nascimento do irmão)

Nesta observação realizada cerca de 2 meses depois, a Isabel apresentou-me o irmão, de 1 mês, que dormia no berço. Deu-lhe muitos beijinhos e festas nas mãos. Parecia sentir orgulho naquele bebé, falando dele e mostrando-o como se fosse um dos seus bonecos. Falou ainda de como o irmão gostava dela e da sua capacidade para o acalmar: “Quando o mano chora eu falo com ele e ele cala-se... pego-o ao colo, encosto-me no sofá e ponho-me a olhar para ele!”.

Houve alguns aspectos importantes a salientar desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

No desenho de família imaginária, a Isabel mostrou um investimento privilegiado da imagem de si, o que poderia estar relacionado com uma recusa em investir preferencialmente as **imagos parentais**. Isto poder-se-ia dever a “decepções” na relação com os pais, o que poderia estar intimamente relacionado com o nascimento do irmão, assim como com frustrações da fase edipiana.

A inveja edipiana esteve muito presente neste momento de observação. Por exemplo, no Patte Noire, surgiu o desejo de destruição do casal parental (“*É esperta a porquinha! Era uma vez a mãe e o pai a dar beijinhos na boca (...) lutaram e eles nunca mais existiram*”), pela dificuldade da Isabel assumir a **relação íntima entre os pais** (“*Um porquinho estava a espreitar os pais porque eles tavam a dar beijinhos na boca. Então, a lua veio e viu e disse assim: “deitem-se... durmam!”*”).

Verificou-se, na maioria das pranchas do Patte Noire, a inversão das figuras parentais, surgindo o tema de “pai alimentador”. A **figura paterna** apareceu como gratificante e “alimentadora”, apesar de estar sempre acompanhada de sentimentos de culpa (“... o porquinho tava a mamar na maminha do pai. Claro que a mãe não tava a ver...”). Podemos colocar a hipótese de esta “maminha” aparecer como um substituto do pénis, que poderia dar à criança um bebé do pai, o que se torna culpabilizante para ela.

A **mãe** foi sentida como agressiva e não gratificante (“*A mãe viu o porquinho quando tava a mamar, mandou-o fora e disse: “Daí para fora seu maldito!”*”). Isto levou ao aparecimento de impulsos de natureza agressiva em relação a ela (sentidos como culpabilizantes). A figura materna substituta também foi sentida como frustrante e agressiva (“...a cabra empurrou o porquinho para ele não comer (...) dava-lhe com os cornichos...”).

A tentativa de autonomia em relação aos pais foi angustiante para a Isabel, que mostrou necessidade de protecção parental (“...Era noite e a cobra veio atrás dele. Ele chamou a mãe e o pai e acordaram todos os porquinhos de todo o mundo.

E a mãe e o pai mataram a cobra”). Essa protecção não é apenas física, mas também dos seus “maus pensamentos”.

* Relação com a figura fraterna:

No jogo, a Isabel atribuiu características negativas à **figura fraterna**, fazendo também vários movimentos de aproximação/rejeição a esta, evidenciando assim uma ambivalência de sentimentos em relação ao irmão (*“... depois a bebé ia-se embora sozinha para casa... a mãe ia ter com ela, o pai ia ter com ela, iam todos ter com ela”*). Esta ambivalência verificou-se, ainda, no Patte Noire (Frontespício), uma vez que, a fratria imaginária correspondeu apenas em parte à fratria real, o que, segundo Corman (1961), reenvia para uma relação ambivalente com o irmão, ora agressiva, ora amigável.

No desenho, verificou-se a eliminação da figura fraterna (reacção agressiva) mostrando a existência de ciúmes em relação ao irmão, o que também se verificou no Patte Noire: na prancha Frontespício, a Isabel atribuiu ao PN (ao qual, segundo Corman (1961), a criança se identifica) o sexo masculino, o que, para este autor poderá representar uma identificação ao irmão sentido pela criança como preferido pelos pais. A mãe da Isabel referiu que, na maternidade durante as visitas, a Isabel punha-se perto do berço do irmão, não querendo que ninguém se aproximasse dele, dizendo *“Saí daí que o irmão é meu!”*. Parece-nos que isto poderá apontar para ciúmes da atenção que era dada ao irmão.

Apesar de tudo, o conflito entre irmãos foi censurado e punido pela Isabel, assim como apresentou impulsos de salvação (ainda que indirecta) de um elemento da fratria e desejo de destruição do personagem atacante. Contudo, houve a fantasia de separar a figura fraterna, dos pais (o que foi sentido com alguma culpabilidade) (*“Era uma vez um porquinho que tava a sonhar que a mãe e o pai tiveram um porquinho. Eles ficaram muito tristes, porque o porquinho mais novo chorou, porque o senhor tava a levar o porquinho embora. Depois, o sonho passou e tavam todos a brincar.”*). Esta agressividade em relação ao irmão poderá estar relacionada com os sentimentos de exclusão da relação mãe-bébés (*“...então os*

filhos tavam a mamar. Os porquinhos mais velhos tiravam a madeira toda para ver a mãe porquinha”).

*** Tendências regressivas:**

A mãe referiu, na entrevista, que a Isabel pedia a sua ajuda, rejeitando a do pai, por exemplo, para comer, para se vestir, para tomar banho (o que já fazia sozinha, antes da gravidez e do nascimento do irmão). No Patte Noire expressou o desejo de voltar a uma idade na qual o irmão ainda não existia e ela era filha única, não tendo que partilhar com ninguém o amor dos pais.

4 anos depois...

3ª Observação

Passados mais de quatro anos a Isabel já não é a menina que conheci: agora é uma “menina crescida” (tem 9A 5M) e assume esse seu novo papel com grande orgulho. É alta, “cheinha” (não gorda) e usa óculos que encobrem um pouco os seus grandes olhos. Expressa-se de uma forma calma, como se pensasse muito antes de falar, tem um tom de voz doce e meigo, tal como a expressão do seu olhar.

Depois de ser recebida pelos pais e pela Isabel, que prontamente disse lembrar-se de mim, dando-me dois beijinhos, fomos até ao quarto do Joel (irmão da Isabel). O Joel, de 4A 6M, lembrou-me a Isabel quando era mais nova, com um “ar reguila”. Estava sentado na sua cama, e tentava, atrapalhadamente, despir o boneco com o qual brincava- Ken- mas sem o conseguir. Levantou os olhos do boneco, pediu ajuda à Isabel e olhou para mim com alguma indiferença, não me querendo cumprimentar, face à insistência dos pais para que me desse um beijinho. A Isabel ficou a ajudar o Joel, enquanto me dirigi com os pais para a sala para falarmos um pouco da “história da Isabel”.

Durante a entrevista, a Isabel ficou no seu quarto a fazer um desenho, que mais tarde me ofereceria (em anexo), mas o Joel apareceu várias vezes na sala, solicitando a atenção dos pais (trazia jogos, fazia perguntas,...), ao mesmo tempo

que, lentamente, se foi aproximando de mim. De vez em quando, a Isabel pedia ao irmão que viesse à sala perguntar se ainda demorávamos muito tempo, quando era a sua vez,....

Entrevista com os pais

Os pais da Isabel mostraram-se muito disponíveis para participarem, uma vez mais, neste estudo. A mãe, ainda que com um ar cansado e pouco cuidado na forma como estava vestida e penteada (mais tarde referiria estar de baixa, devido a uma depressão- teve alguns problemas no emprego, o que, segundo ela, a fez perder o interesse pelo trabalho, andar triste e preocupada), aparenta uma idade inferior aquela que tem. É muito magra, fala descontraidamente e é muito afável. O pai, com quem a Isabel e o Joel se parecem fisicamente, é muito bem disposto e jovial. Entre os dois sente-se que existe afecto e respeito pelas ideias de cada um. Durante toda a entrevista, houve espaço para que cada um falasse das suas vivências, expressasse as suas opiniões, espaço esse que foi criado espontaneamente por eles. Na maior parte das vezes, ajudavam-se, complementando as ideias um do outro.

A gravidez da Isabel foi planeada e muito desejada, o que, segundo a mãe, a levou a ser *“uma criança muito mimada por todos, principalmente pelos avós paternos”*. Na altura, ambos os pais tinham 28 anos de idade.

Dizem que a forma como souberam que iam ser pais *“é engraçada”*. A mãe começa a contar que estava em casa *“um bocadinho deprimida, pois o teste de gravidez que tinha feito anteriormente tinha dado negativo, quando o marido chegou a casa e...”*. Interrompe o seu discurso e pede ao pai da Isabel que seja ele a contar a história, o que este faz com grande entusiasmo e vivacidade: *“A minha mãe trabalha num laboratório clínico onde foi feita a análise. Na altura não tínhamos telefone em casa e então, a minha mãe telefonou-me para o emprego e disse-me que ia ser pai. Fiquei muito nervoso, de tal forma que no emprego me mandaram para casa. Fui à farmácia comprar um biberão, cheguei a casa e disse-lhe: “Toma o*

biberão!". A mãe acrescenta que foi engraçado, por ter sido "ao contrário, pois normalmente é a mãe a primeira a saber, mas neste caso foi o pai!!!". Diz ter ficado muito feliz com a notícia. A partir desse dia, começaram logo a tratar das coisas para a criança.

De início ambos queriam um rapaz e estavam convencidos de que assim seria. Porque? Simplesmente, porque assim o desejavam! Contudo, numa ecografia aos 6 meses de gestação, ficaram a saber que o bebé que esperavam era uma menina. O pai relata: "Fomos ao médico e na ecografia o médico disse que já se via o que era. Olhei, mas não percebi nada. Perguntei-lhe e ele disse que era uma menina". Como reagiram? O pai diz que se lembra de ter dito "Bolas,... paciência!". A mãe acrescenta que rapidamente se habituaram à ideia.

Se até aos 6 meses de gestação era "o bebé", a partir de então, "passou a ser a Isabel". O pai conta que houve alguma divergência no casal em relação à escolha do nome: "O pai sempre quis que, se fosse menina, se chamasse Raquel, a mãe queria que fosse Isabel, então, ou era Isabel Raquel ou Raquel Isabel,... acabou por ganhar a mãe!".

Quanto ao nascimento da Isabel, a mãe conta que ela nasceu de cesariana provocada, às 42 semanas de gestação, pois "não queria vir cá para fora!".

O pai assistiu ao parto e estava com muita curiosidade de saber se o médico tinha acertado no sexo do bebé. A mãe diz que "o nascimento da Isabel foi muito engraçado: foi cesariana com epidural, não foi no bloco operatório, mas na sala de partos, estavam todos muito divertidos,... costume dizer que foi uma cesariana doméstica".

A mãe lembra-se de o médico "ter tirado a Isabel cá para fora e dizer que era uma menina, que pesava 3550 g e media 50 cm". O pai refere que foi ele que viu a filha primeiro- "vi quando a criancinha saíu" e acrescenta: "Não a achei nada de especial, sinceramente, estava muito atarantado,... lembro-me de vir uma enfermeira com ela e dizer-me para a pegar, mas... não sabia como o fazer!". A mãe refere que a filha era exactamente como estava à espera. Como já estava na 42^a

semana de gravidez, todas as semanas ia ao médico para ver se a placenta estava a envelhecer ou não. *“Na última ecografia ficou focada a cara da criancinha e era exactamente a mesma coisa. Quando a vi pensei: “Olha, afinal é mesmo igual!!!”. Diz que ela era como todos os bebés recém-nascidos, ou seja, “um bocado amarfanhada, como que a dizer: “Estava eu tão bem lá dentro e vieram-me tirar!”. A mãe refere que o Joel nasceu mais enrugado do que a Isabel, porque como esta foi por cesariana, não houve muito esforço. O pai a rir diz: “Lembro-me que quando a Isabel nasceu eu disse assim: “Bolas agora já não há nada a fazer, estou tramado, sou pai!”. Acrescenta: “Tramado no bom sentido, tipo anedótico, pois pensei: “Agora já tens com que te entreter para a vida toda!”.*

Com quem se parecia a Isabel? A mãe acha que *“era parecida com ela própria. Toda a gente diz que ela é parecida com o pai, talvez mais tarde sim, mas nessa altura era ela própria”*. O pai diz que ela não se parecia com ninguém e acrescenta a rir: *“Geralmente diz-se que é parecida com o pai para não haver dúvidas de quem é o pai!”*.

No que se refere ao desenvolvimento da Isabel, referem que ela sempre foi muito independente, pois mesmo em bebé, era irrequieta, *“fazia as coisas pela calada”*. O pai diz que ela teve um desenvolvimento *“precoce”*.

A Isabel foi amamentada cerca de 1 mês, pois a mãe começou a trabalhar e o leite secou. Conta que ela adaptou-se mal ao primeiro leite, que tinha prisão de ventre, mas que depois mudou de leite e o problema resolveu-se. A adaptação às papas foi boa. Referem que ela sempre foi muito gulosa. *“Não de doces, mas gosta muito de comer, por exemplo, batatas fritas, pão,.... Há poucos dias foi ao médico e este disse-lhe que para fazer a ginástica acrobática que ela quer, tem que emagrecer 6 kg”*. Leva a dieta muito a sério, ainda que os pais procurem que, de vez em quando, a Isabel coma alguma coisa que lhe dê prazer.

A mãe diz que, com 3A 6M, a Isabel já comia sozinha (a mãe só lhe cortava a comida), vestia-se sozinha e tomava banho sem ajuda, a não ser para lavar o cabelo. Depois do irmão nascer houve uma regressão.

Começou a andar um dia antes de fazer os 10M: os primeiros passos que deu foi no quarto dos pais. O pai recorda que houve uma altura em que estavam preocupados com ela, pois antes de andar a Isabel não gatinhava, arrastava-se: *“Esticava uma perna e arrastava a outra”*. Continua: *“Como eramos pais pela primeira vez, e muito picuinhas os dois, ficámos preocupados. Depois começámos a ver que ela não arrastava sempre a mesma perna, por isso não era um problema físico”*. Segundo a mãe, *“era a maneira dela se deslocar”*. O pai conta que a Isabel só gatinhou depois de andar, *“quando tinha pressa, talvez fosse a maneira mais rápida de chegar ao seu objectivo!”*.

Em relação à linguagem, dizem que a Isabel começou a falar relativamente cedo, ainda que fosse um bocadinho *“trapalhona”*. A primeira palavra que disse, não se lembram qual foi, mas a mãe pensa que deve ter sido *“não”*. O pai explica: *“Porque tem um feitio torto!”*. A mãe continua: *“Penso que começou a dizer água, papá, mamã, sim, não, quero,....”*.

Relativamente ao sono, a mãe conta que, em bebé, a Isabel dormia bem, cerca de 6 horas por noite. Dormiu no quarto dos pais, numa caminha separada até aos 6/7 meses. O pai a rir explica: *“Os pais por primeira vez vão aos livros,... nós fomos e vimos que era aos 6 meses que se muda de quarto”*. Consideram não terem havido problemas de adaptação, relativamente à saída do quarto dos pais, mas... até aos 5A a Isabel ia para a cama dos pais a meio da noite, *“passava por cima de nós e ficava no meio”*. Com 14M a Isabel dormia numa cama com grades e um dia atirou-se e caiu de cabeça. Receosos que isto pudesse acontecer mais vezes, os pais tiraram-lhe as grades e assim *“ela começou a vir ter connosco quando acordava de noite”*. Quando deixou de o fazer? *“Uma vez dissemos-lhe que não ficava na nossa cama, ainda não tinha 5A, e ela aceitou, ainda que, por vezes, viesse devagarinho ter connosco”*. Segundo a mãe era por fases: *“se tinha frio, no Inverno, vinha, se tinha calor, no Verão, não vinha”*. O pai é da mesma opinião, pois a Isabel *“mexe-se muito, destapa-se e fica com frio”*.

A mãe conta ainda que acha que a filha é *“um bocado sonâmbula, porque à noite, quando estamos na sala a ver televisão, ela aparece, vem a dormir, levamo-la para a cama, e ela depois não se lembra- isto acontece mais ou menos, uma vez*

por semana- ela vai fazer xixi, e antes de ir para o quarto, vem ver o que se passa aqui". Às vezes tem pesadelos. O pai diz entender porque isto acontece, pois na sua infância também os teve. Recorda: "lembro-me de na idade dela ter muitos pesadelos: tinha uns cromos na parede do quarto que tinham a lua e outras coisas e lembro-me de olhar para lá e pensar se haveria lá astronautas, monstros,.... Acordava de noite com pesadelos associados aos cromos". A mãe diz que, quando a Isabel tem pesadelos, não chega a acordar totalmente, grita, fala, mas depois acalma-se. Às vezes chora ou assusta-se. Os pais, ou apenas um deles, vão para perto dela, e permanecem lá até ela se acalmar. O pai conta que, no outro dia, a filha lhe contou um pesadelo que teve com ele: "sonhou que eu estava doente, que queria que ela me desse um beijinho e depois quando ela deu eu tinha enloquecido e tinha um olho no meio da testa". A mãe relaciona este pesadelo com os desenhos animados da televisão, "porque normalmente ela associã sempre a qualquer coisa que viu de véspera".

Em relação ao controle dos esfíncteres, a mãe conta: "Aos 18M a Isabel teve sarampo, foi ao médico e o pediatra disse que estava na altura de lhe tirar a fralda". A mãe lembra-se de ter feito "uma cara esquisita" e de o médico dizer-lhe: "ela suja e a mãe limpa". Assim fizeram e com 18M a Isabel deixou as fraldas de dia e por volta dos 2A deixou as fraldas de noite.

Neste momento, o pai interrompe e diz: "O Joel é uma criança normal, perto do convencional. Ao princípio preocupamo-nos, porque pensamos que ele estava atrasado- começou a andar aos 11M e aos 2A só dizia 10 palavras. Isto porque o comparavamos à Isabel, que fez tudo muito cedo. Se a Isabel tivesse nascido depois do Joel, se calhar achávamos que ela era prematura". Contam que, com 4A a Isabel pedia à mãe para lhe fazer a mala para ir para casa da avó (e a mãe fazia) e que com 5A descobriram que ela tinha feito o programa das suas férias: alguns dias em casa da avó, praia com a escola, e alguns dias com os pais,...

A mãe diz que os filhos "não são comparáveis, porque o que o Joel fez mais cedo, a Isabel fez mais tarde e vice versa. São diferentes em feitios, na alimentação, por exemplo, a Isabel não gosta de queijo e de ovos e o Joel adora". O pai diz:

“Assim não temos problema, porque o comer dá para todos”. E acrescenta a rir: “Na brincadeira costume dizer que um deles não é meu filho,... são tão diferentes!”

Até ao primeiro mês de vida a Isabel ficou em casa com a mãe, mas quando esta recomeçou a trabalhar, foi para uma ama, que tinha uma filha com 2A 6M e tomava conta de outra criança da idade da Isabel. Pensam que ela gostava de lá estar, nunca tendo demonstrado o contrário.

Com 3A foi para o infantário, onde teve uma boa adaptação. A mãe conta que ela esteve lá 15 dias em Agosto, depois foi de férias com os pais e quando regressou, em Setembro, estranhou nos primeiros dias, mas depois adaptou-se bem. Os problemas surgiram quando o grupo de amigos da Isabel mudou para a classe dos mais crescidos e ela, por ser relativamente mais nova, permaneceu na mesma classe. Segundo os pais, a Isabel ressentiu-se muito com esta separação: *“não queria ir para a escola, chorava, no recreio ia ter com os amiguinhos”*. A educadora deu-lhe então o livro da pré-primária, porque a Isabel queria ter livros como os colegas e no ano seguinte transitou para a outra classe, onde estavam os seus amigos.

Na 1ª classe, saiu do colégio, e foi para uma escola oficial (e para o ATL desta), onde *“o ambiente era muito diferente”*. Segundo a mãe, a Isabel estranhou um pouco, porque a professora fez uma revisão da pré-primária e a Isabel dizia já saber aquilo tudo: *“ficou um bocado desiludida!”*. A professora dedicou-se mais às crianças com maiores dificuldades e no final a Isabel ainda não tinha aprendido as letras todas: *“ficou desiludida!”*. Na 2ª classe não houve problemas, mas na 3ª classe os pais começaram a notar a Isabel mais distraída: *“faz as coisas, nunca vai atrás verificar se estão certas ou erradas”*.

Está na 4ª classe e, segundo os pais *“dá erros por distração”*. O pai explica: *“A Isabel dá mais valor às coisas que são difíceis do que às fáceis, se são fáceis acha que não se tem que preocupar com elas e é nessas que erra, por exemplo, erra mais facilmente uma conta de somar simples do que uma de dividir. No dia a dia, é muito distraída nas coisas triviais, nas coisas de maior responsabilidade é mais atenta”*. A mãe diz que *“ao nível de português é muito sintética. A professora*

queixa-se que as composições da Isabel são muito pequenas, de 3 ou 4 linhas. Por exemplo, o pai pediu-lhe para fazer uma composição extra escola sobre as férias da Páscoa e então ela escreveu, mais ou menos isto: “As minhas férias da Páscoa foram muito boas, fartei-me de passear: 2ª feira- fui a casa da avó, 3ª feira- fiquei a ler, depois nos outros dias fiz mais algumas coisas que não me lembro”. O pai disse-lhe que aquilo não era uma redação, ao que a Isabel respondeu que era, pois estava tudo ali.

Com as professoras e com as outras crianças, a Isabel tem uma boa relação, fazendo amigos com facilidade.

Durante a gravidez do Joel, igualmente desejada e planeada, como a mãe nos contou na entrevista realizada no primeiro momento deste estudo, os pais já não tinham preferência pelo sexo do bebé, ao contrário do que aconteceu na gravidez anterior. Na altura, a mãe disse que tinham contado à Isabel que ela ia ter um irmão ou uma irmã, pouco tempo depois de o saberem, tendo ela reagido bem, pois gostava muito de mexer na barriga da mãe para sentir o irmão a mexer-se, dava-lhe muitas festas e beijinhos. Quando soube que ia ser um menino, começou a dizer que não queria um “mano”, mas sim uma “mana”. Queria que o irmão ficasse no quarto dela, quando nascesse. Gostava de ir às compras com a mãe para o bebé.

Lembram-se de a Isabel perguntar à mãe por onde é que o irmão ia nascer e esta, com a ajuda de livros do corpo humano, explicou-lhe como nascem os bebés. A Isabel quis saber se ela também tinha nascido assim. A mãe explicou-lhe que não, que ela tinha nascido pela barriga, tendo-lhe mostrado a cicatriz da cesariana, que ela gostava de ver com frequência.

Hoje, tal como há 4 anos atrás, os pais referem que, durante a gravidez do Joel, notaram na Isabel uma regressão muito grande: falava de forma abebesada, queria que a mãe lhe desse a comida à boca, que lhe desse banho, que dormisse com ela, ou ia ela para a cama dos pais.

Os pais lembram-se que, depois do nascimento do Joel, na maternidade, a Isabel não deixava que as pessoas se aproximassem do irmão, dizendo: *“Sai daí que o irmão é meu”*.

O pai refere que, nos primeiros tempos a Isabel dizia ao pai para ele ir dormir para a cama dela, porque a dos pais era deles (dela, da mãe e do irmão). A mãe acrescentou que, se tornou mais *“pedinchona”*, que queria mais a atenção da mãe, principalmente quando esta estava a cuidar do Joel. Gostava de ajudar os pais a tratarem do irmão, e parecia ter orgulho nele.

Actualmente, no que se refere à relação entre os irmãos, a mãe, diz: *“são como todos os irmãos: dão-se extremamente bem e extremamente mal”*. Conta que o Joel, com poucos dias de vida, foi para o quarto da irmã, o que foi bem aceite e desejado pela Isabel, até ao momento em que ela começou a ter trabalhos da escola para fazer em casa e o Joel começou a mexer nas suas coisas, nos seus brinquedos (a Isabel teve que guardar aqueles que eram pequeninos para que o irmão não os engolisse e aqueles que gostava mais, para que o Joel não os estragasse). Aí começaram os problemas!

O pai diz que o Joel *“é como eu, distraído,... estraga muito os brinquedos, mas não faz de propósito. Se, por exemplo, está um carrinho no chão e o Joel vem nessa direcção, passa por cima dele, sem se dar conta,... eu também era assim quando era pequenino”*. A mãe diz que resolveram o problema fazendo um quarto para o Joel. Existe uma regra entre os irmãos: *“A Isabel tem entrada franca no quarto do Joel, o Joel tem entrada condicionada no quarto da Isabel”*, conta a mãe a rir.

A mãe diz que, no dia a dia a Isabel é capaz de ter atitudes muito correctas para convencer o Joel a fazer determinadas coisas: *“Quando estamos desesperados com ele, ela tem uma ideia genial para convencer o Joel, porque com o Joel tem que se explicar sempre o porquê e às vezes as nossas explicações não resultam”*. O pai acrescenta: *“Por exemplo, o Joel não se quer vestir, nós temos dificuldade em que ele o faça, a Isabel vai ao quarto dele e ele veste-se... acho que a linguagem deles, a comunicação deles ao nível de crianças é mais eficaz”*.

Segundo o pai, o Joel "é provocador, faz pela calada. De início não percebia e tinha tendência a repreender mais a Isabel do que o Joel. Depois percebemos o que acontecia, mas mesmo assim, ainda que não esteja certo, entendo que é a Isabel, com 9 anos, que tem que saber controlar as coisas e não é o Joel com 4". A mãe interrompe-o: "Mas o Joel não é nenhum bebé e sabe bem o que faz!". O pai diz: "Sim, mas a Isabel não pode dar confiança ao irmão ao ponto de andarem os dois engalfinhados um no outro". Quando isto acontece o que fazem? "Eu", diz o pai, "dou dois berros e mando cada um para o seu quarto. Geralmente a Isabel vai logo, com o nariz no chão, mas o Joel não vai. Ela volta a refilar por o Joel não ter ido para o quarto, e eu acabo por deixar ficar aos dois na sala. Não é que eu os queira separar, porque quero é que estejam os dois juntos, mas naquela altura se ficam os dois é mais complicado acalmarem-se".

A mãe diz que a Isabel "tenta ficar sempre por cima do Joel: ela é a mais velha, ela sabe mais, sabe contar até mais, tem mais CD, tem mais cassetes de vídeo". O pai dá um exemplo: "A Isabel pergunta: "Joel, já viste o vídeo... não?... eu já vi, e o vídeo... não?... eu já vi,....e ele chateia-se, às vezes bate na Isabel e depois leva dela com mais força". "Mas depois há o outro lado", diz a mãe, "eles são capazes de estar os dois a brincar, a ler uma história, muito bem". "Se nos zangamos com o Joel, a Isabel fica radiante, mas não ajuda a agredir, mas também não protege", acrescenta o pai.

Referem que, o Joel sempre que tem alguma coisa, lembra-se da irmã, divide as coisas com ela. A Isabel não é assim. A mãe acha que ela é "mais egoísta", o pai pensa que "ela não faz isso por mal".

A mãe diz que há um acontecimento na vida deles importante que queria contar. "Quando o Joel tinha 6M estava dentro do carro numa cadeirinha e nós estávamos do outro lado da rua a ver a montra de uma loja. Um prédio desabou e caiu em cima do carro. Estávamos lá e vimos tudo, incluindo a Isabel. Ela ficou com a senhora da loja enquanto nós fomos ver o Joel". O pai continua: "Ele parecia estar bem, apesar de o carro estar todo amolgado: a capota do carro ficou em cima do seu peito. Penso que, se ele tivesse um ano, e não estivesse naquela cadeirinha,

provavelmente não se teria salvo". A mãe lembra que a Isabel ficou nervosa, "em estado de choque, mas não gritou, não chorou, quis ir fazer xixi. Vieram os bombeiros, e fomos todos para o hospital". O pai diz: "em situações destas eu reago bem até acabar. Quando acaba vou-me a baixo. No hospital, quando soube que o Joel estava bem, retirei-me um bocado, a mãe ficou com ele, e comecei a chorar. A Isabel estava ao pé de mim e disse: "Pai, agora já não vale a pena, o mano está bem". A mãe pensa que, apesar do susto, isto não marcou muito a Isabel. "No dia seguinte, pegámos nos dois e fomos dar uma volta a Belém, fomos almoçar fora para descontraír, e nunca mais falámos sobre isso com a Isabel".

E a relação com os pais, com quem a Isabel tem uma relação mais próxima? Os pais consideram que isso é difícil de dizer. Segundo a mãe, a Isabel "é muito fechada: tem que estar muito aborrecida para falar dos seus problemas conosco. Se ela não me quer contar as suas coisas, eu também não me meto na sua vida, ela tem as suas coisas, o seu diário,...". O pai acrescenta: "Ela tem o seu dinheiro, a sua semanada (500\$00) e é muito responsável, poupa muito".

Depois de pensar um pouco a mãe acaba por dizer: "Normalmente a Isabel procura mais a mãe para falar, porque ela tem um feitio muito parecido com o meu. Fisicamente é mais o pai, mas de comportamento é mais a mãe". O pai concorda. É parecida com a mãe em quê? A mãe apressa-se a responder: "No mau humor, é canhota,... nas pequenas coisas do dia a dia. É mais fechada, e muito sincera (não é que o pai não seja), mas há coisas que eu consigo perceber melhor,... consigo perceber à distância o que vai acontecer a seguir". Acrescenta: "O Joel, fisicamente, é um misto entre o pai e o avô materno, de feitio tem características do pai, como por exemplo, passar por cima de tudo. O Joel não é tão directo como a Isabel. Por exemplo, se quer um gelado e passamos perto de um sítio onde se vendem, o Joel diz "eu gosto de gelados", a Isabel diz "eu quero um gelado".

A mãe diz que a Isabel só começou a pedir colinhos e beijinhos aos pais depois de o irmão nascer. Segundo o pai, a Isabel "pode ter necessidades afectivas, mas não as demonstra explicitamente. O Joel, por exemplo, diz "dá-me um carinho" e fica muito contente quando lho dão. Se nós estamos a dar um colo ao Joel, a

Isabel vai-se chegando. Se lhe dizemos para vir para o nosso colo, ela diz: “não quero”, se insistirmos, ela vem”.

A mãe conta que, actualmente está de baixa, devido a uma “*depressão, por problemas no emprego*”. O pai diz que a Isabel tem noção da situação da mãe: “*quando a mãe foi ao médico, a Isabel perguntou-me por ela; quando lhe disse que ela ia começar a trabalhar outra vez, a Isabel disse: “que bom, quer dizer que já está melhor*”. Dizem que ela se preocupa muito com os pais. O pai está a fazer uma pós-graduação- a Isabel envolveu-se na situação, queria ajudar o pai, saber como lhe corriam os exames.

Como é um dia na vida da Isabel?

O pai é o primeiro a levantar-se, às 6h30. Às 7h levanta-se o resto da família. Quem prepara o pequeno almoço é o pai, enquanto a mãe “*supervisiona os banhos*”. O pai interrompe e diz: “*não há uma regra, os pais cedem, depende da vontade deles*”.

A Isabel entra na escola às 8h30m. Tem aulas de manhã e almoço na escola. Ela fez ballet desde pequena, e no ano passado entrou na preparação para o conservatório. A mãe conta: “*Disseram-lhe que ela era um bocadinho gordinha e não tinha condições para entrar para ballet no conservatório, o que não foi bom para ela e aí desistiu. Começou então ginástica de formação para a ginástica acrobática, que pratica 3 vezes por semana*”. A ginástica começa às 18h30 e acaba às 19h15. Quando não tem ginástica fica no ATL até às 19h. É a mãe quem a vai buscar.

Às 6ª feiras, a Isabel pede, às vezes, para ficar em casa dos avós paternos que, segundo os pais “*a apapricam muito, fazem-lhe todas as vontades*”. Com os avós maternos a relação é diferente. “*Eles são mais rígidos, a avó é muito centrada na escola, nos trabalhos,...*”. Na casa da avó paterna tem muitas amigas, filhas de vizinhos da avó.

Os pais referem que vão mudar de casa, antes do Verão. Agora, aos fins de semana, vão ver as obras. A Isabel prefere ficar com os avós paternos, porque na futura casa não conhece ninguém.

Para o futuro, o pai diz que não tem projectos para ela: *“Quero apenas que ela leve uma vida coerente e que não dependa de terceiros para o seu sustento. Pode ser advogada, enfermeira, empregada de limpezas,... preferia que fosse advogada do que empregada de limpezas, mas a escolha será dela, nunca a orientarei para que tenha um curso da escola nautica, seja especialista de seguros,... como nós”*.

A mãe diz que, *“desde que ela queira fazer alguma coisa saudável, nós apoiamo-la”*. O pai pensa que a Isabel *“tem mais do que aquilo que necessita e mais do que devia ter em algumas coisas, por exemplo, tem 20 Barbies”*. Dizem que pretendem que a filha saiba dar valor aquilo que tem, *“porque felizmente ela não tem dificuldades, como têm outras crianças”*.

No final, a mãe e o pai definem a filha como *“uma criança muito querida e amorosa”*.

* Análise da entrevista com os pais

O objectivo desta entrevista é o de uma maior compreensão da história da criança, principalmente no que se refere à sua relação com as figuras parentais e fraterna, pelo que a sua análise não será muito exaustiva, focando apenas os aspectos de maior relevo, tendo em vista o objectivo do nosso estudo.

Do discurso dos pais, podemos dizer que a Isabel foi uma criança muito desejada por ambos, ainda que estes tivessem preferência por um menino, principalmente o pai, que apesar de através das ecografias saber que seria uma menina, no momento do nascimento, ainda tinha a expectativa de que o médico se tivesse enganado. Mais tarde, viria a ter o menino que tanto desejava (o irmão da Isabel).

Da forma como os pais falam da gravidez, parece-nos que esta foi sentida de forma diferente por cada um. Na mãe havia um grande desejo de ter um bebé, de ser mãe- *“estava um bocadinho deprimida pois o teste de gravidez que tinha feito anteriormente tinha dado negativo”*. O pai, por seu lado, refere mais a

responsabilidade do que para ele representava ser pai, criar uma criança- *“Lembro-me que quando a Isabel nasceu eu disse assim: “Bolas, agora já não há nada a fazer, estou tramado, sou pai!” Tramado no sentido anedótico, pois pensei: “Agora tens com que te entreter para a vida toda!”*. De referir, o facto de o pai ter sido o primeiro a ter a confirmação da gravidez, assim como de ter sido o primeiro a ver a Isabel.

A mãe contou que, quando viu a Isabel pela primeira vez, ela era como a tinha imaginado, ainda que não a descreva como uma bebé bonita, mas antes *“amarfanhada como que a dizer: “Estava eu tão bem lá dentro e vieram-me tirar!”*. Esta frase da mãe, dá conta do seu sentimento de boa mãe, de mãe contentora das necessidades do seu bebé ainda durante a gravidez, assim como também da sua própria satisfação com esta, como se, também para ela, aquele período se pudesse ter prolongado por mais tempo, projectando os seus sentimentos na bebé: *“ela não queria vir cá para fora!”* (refere quando fala de o parto ter sido por cesariana).

Os pais da Isabel falam num *“desenvolvimento precoce”* da filha: no andar, no controlo dos esfíncteres. Referem ainda a sua grande autonomia e independência. Dizem que a primeira palavra que a Isabel disse foi, provavelmente, *“não”*, a qual parece ser sentida por eles como uma *“declaração de independência”* o que, segundo o pai, define a personalidade da filha. De referir ainda que, a grande preocupação que a Isabel tem com os pais (saúde da mãe; pós-graduação do pai), parece indicar uma maturidade *“excessiva”*, também sentida por mim, na relação com a Isabel.

A ideia expressa pelos pais da autonomia e independência da filha é bem perceptível, por exemplo, na história que contam, de que, com apenas 5 anos de idade, a Isabel planificou as suas férias de Verão (parte delas sem os pais). De salientar, contudo, que essas foram as primeiras férias da Isabel com o irmão e que o facto de, quando este nasceu, os pais o terem comparado com a Isabel (em termos de desenvolvimento), o que os levou a *“pensar que ele estava atrasado”*, leva-nos a colocar a hipótese de uma maior centração e preocupação dos pais com o filho nessa altura. Talvez com o nascimento do irmão e com esta preocupação dos

pais em relação a este, a Isabel se tivesse sentido pouco segura da atenção, do amor e dos cuidados parentais em relação a ela e procurasse, por si própria, “organizar a sua vida”, ou mostrar aos pais a sua zanga por a terem “substituído” e querer passar férias sem eles, com os avós paternos com quem tem uma boa relação afectiva, que “*a apapricam muito e lhe fazem todas as vontades*”.

Contudo, até aos 5 anos de idade, a Isabel ia para a cama dos pais a meio da noite “*passava por cima de nós e ficava a meio*”. Isto parece indicar que essa autonomia da Isabel não era tão grande como foi sentida pelos pais, pois ela (como todas crianças) tinha necessidade de momentos de “conforto” que lhe davam um sentimento de segurança, para depois conseguir novos movimentos de autonomia, o que, de alguma forma, se assemelha, ao referido por Margaret Mahler, no processo de separação-indivuação, ou seja, a necessidade que a criança tem de retornar à mãe para depois retomar o seu caminho no sentido de realizar novas descobertas. Parece-nos que os pais foram o suficientemente firmes e contentores e incentivadores da autonomia da filha, o que terá facilitado à Isabel começar a dormir sozinha, ainda que tenha feito alguns retrocessos, os quais coincidiram com o nascimento do irmão.

Durante a gravidez do irmão, são notórios os sentimentos ambivalentes da Isabel em relação ao bebé: por um lado, dava muitos beijinhos e festas na barriga da mãe (indirectamente no irmão), o que parece indicar uma aceitação, pelo menos aparente do irmão. Mas por outro, quando lhe disseram que seria um menino, a Isabel rejeitou-o, querendo o sexo oposto. Isto aponta para a inveja e ciúmes do “rival oculto”. O interesse que a Isabel tinha em ver, na mãe, a cicatriz da “sua cesariana”, do seu nascimento, revela a necessidade que ela sentiu, durante a gravidez do irmão, de vivenciar a sua própria gravidez e nascimento, e de ver a sua marca no corpo da mãe, como que para se assegurar que também ela tinha tido aquela relação privilegiada com a figura materna.

Em relação ao período de gravidez e após o nascimento do irmão, os pais são unânimes em afirmar que houve alguns comportamentos regressivos na Isabel:

falar abebesado, queria a ajuda da mãe para comer, para tomar banho, mostrava o desejo de dormir com a mãe e excluía o pai dessa relação (dessa forma não “corria o risco” de a mãe engravidar novamente e de ela ter mais um irmão, ao mesmo tempo que procurava uma relação mais próxima com a mãe). Estes comportamentos regressivos podem ser entendidos como uma forma de a criança assegurar o investimento e a atenção dos pais. Verificou-se, ainda, uma maior necessidade de confirmar o amor que os pais sentiam por ela- pedia colo e beijinhos- o que não acontecia antes do nascimento do irmão.

A Isabel evidenciou inveja do irmão, por exemplo, na maternidade depois do nascimento dele: *“Saí daí que o irmão é meu!”*. Não só queria o irmão para ela (como se se identificasse à mãe e fosse “o seu bebé”), como, principalmente, não queria que ele fosse apreciado e amado pelos outros, para que dessa forma, pelo menos, a atenção e o amor dos outros, que não os pais, fossem apenas para ela. É como se a criança dissesse: *“Já me tiraste o meu lugar privilegiado na relação com os meus pais, não me vais tirar esse lugar na relação com os avós, amigos,....!!!”*.

Também o desejo de que o irmão ficasse a dormir no seu quarto, apesar das desvantagens que tal poderia ter, permitia-lhe ter o “controlo” da proximidade pais-irmão.

Na relação actual entre os irmãos parece haver uma grande cumplicidade- *“Quando estamos desesperados com ele, ela tem uma ideia genial para o convencer (...) o Joel não quer vestir-se, nós temos dificuldade que ele o faça, a Isabel vai ao quarto dele e ele veste-se”*; *“eles são capazes de estar os dois a brincar, a ler uma história muito bem”*. Contudo, a Isabel tem uma necessidade constante de afirmação perante o irmão e existe nela um certo prazer em o ver a ser castigado pelos pais (ainda que não participe no sentido de os ajudar, porque isso seria culpabilizante para ela).

Os pais referem que o filho mais novo gosta de partilhar as suas coisas com a Isabel, mas que esta não gosta de o fazer com o irmão. Pensamos que, o mais

importante que a Isabel tinha, já teve que partilhar com o irmão: o seu mundo, a atenção, os cuidados e o amor parental, e que agora não quer partilhar mais nada!

É notória uma maior identificação da mãe com a Isabel e do pai com o Joel. “*Ela tem um feitio muito parecido com o meu*”, diz a mãe. “*O Joel é como eu*”, diz o pai, ainda que em alguns momentos também se identifique com a Isabel, por exemplo, no que se refere aos pesadelos. A mãe sente ser com ela que a Isabel tem uma maior proximidade: “*... há coisas que eu consigo perceber melhor... consigo perceber à distância o que vai acontecer a seguir*”, ainda que ambos descrevam a Isabel como “*fechada*”.

De referir um pesadelo que o pai conta que a Isabel teve, no qual “*sonhou que eu estava doente, que queria que ela me desse um beijinho e depois quando ela deu eu tinha enloquecido e tinha um olho no meio da testa*”. Este sonho poderá ser percebido como o desejo que a Isabel tem de uma maior aproximação ao pai, mas de como esta é sentida como proibida e culpabilizante, pois quando tal acontece, o pai é castigado.

Entrevista com a Isabel

O quarto da Isabel é muito acolhedor, e ao mesmo tempo que é infantil, é também “adulto”, tal como eu senti a Isabel. Em cima da cama tem inúmeros bonecos de peluche, em algumas prateleiras tem pequenos bonecos, livros infantis, cassetes de vídeo da Disney e na parede, por cima da sua cama, está um grande poster do Mickey e da Minnie, que nos recordam estar no quarto de uma criança de 9 anos. Mas, por outro lado, há alguns apontamentos menos infantis: uma escrevaninha com livros escolares e fotocópias de textos, um atlas, um telefone,....

Estar com a Isabel, transmitiu-me essa mesma sensação. Os seus desenhos, aquilo que diz são de uma criança da sua idade, mas a sua postura é mais “adulto”, muito delicada, reservada, pouco espontânea, de alguma maneira, formal.

Em determinados momentos da entrevista, o Joel entrou no quarto da Isabel, trazendo com ele um comboio com quatro carruagens. A Isabel tentou convencê-lo a sair, dizendo-lhe que *"esta estação está fechada para obras"*, mas o Joel dizia que queria ficar *"para ouvir o que estão a dizer"*. Era a mãe que o vinha buscar, pegando-o ao colo e levando-o, contra a sua vontade, a espernear.

A Isabel disse que tinha uma coisa para me oferecer- um desenho que fez durante a entrevista com os pais. Deu-me duas folhas. Numa dizia *"com um grande beijinho"*, na outra estava um desenho que tinha feito enquanto eu conversava com os pais. Era o desenho de um golfinho (o seu animal preferido) a saltar com uma bola e três gaivotas à sua volta (em anexo).

Falámos um pouco acerca da quando a Isabel era bebé. Diz lembrar-se de poucas coisas, só que *"as pessoas dizem que eu era gorduchinha"*. Lembra-se da ama onde esteve e da qual gostava, do infantário, de entrar para a escola, o que descreveu como uma experiência *"gira, porque fiz novas amigas"*. Tem algumas recordações das férias de Verão no Algarve e em Espanha.

Um episódio feliz da sua vida foi *"conhecer uma amiga minha que também se chama Isabel e de que eu gosto muito e fico muito contente quando a vejo, conheci-a no Externato"*. Episódios tristes, diz não se lembrar de nenhum.

Relativamente à época em que a mãe estava grávida do irmão, a Isabel disse: *"Pensei que ia ser uma menina; depois disseram que era um menino e eu queria escolher um nome, que a minha mãe não deixou. Queria Nuno, como o meu pai, mas a minha mãe disse que quando chamasse Nuno era o pai e o filho, que era uma confusão!"*. Lembra-se de quando o irmão nasceu, de quando o viu pela primeira vez: *"Estava na maternidade, num berço perto da minha mãe e pensei: "Vou ter que aturar isto!"*. Mas não foi muito chato de aturar, eu tenho um sono pesado e não dava por nada". De quando o Joel começou a andar, a Isabel diz: *"Tive que pôr as coisas que eu mais gostava nas prateleiras de cima para ele não estragar"*.

Gostava que os pais tivessem mais filhos: "Gostava que a minha mãe tivesse gémeos, um menino e uma menina, porque eu sempre quis ter 3 irmãos- dois irmãos e uma irmã".

Conta que, às vezes zanga-se com o Joel. Porquê? "Eu mexo-lhe numa coisa e ele diz que tenho que pedir autorização, e se ele mexe-me numa coisa eu começo-lhe a raihar, porque ele não me pede. Eu tento-me defender, porque às vezes ele pega-me nos cabelos, enrola-os e puxa-os. O meu pai zanga-se diz para irmos cada um para um quarto, depois começo a dormir, às vezes".

Quando tem um problema, a Isabel diz que costuma falar com a Ana, uma amiga da escola: "Quando estou muito triste conto à Ana, mas não muito aos meus pais".

Gosta da escola, mas de estudar "gosto só um bocadinho, sou uma aluna mais ou menos". Diz ter muitos amigos, mas "na minha turma não tenho assim tantos, porque só somos 6 raparigas a contar comigo e os outros são 18 rapazes e eles são um bocadinho violentos".

Nos tempos livres "gosto de desenhar, saltar à corda, de dançar ballet, mas agora ando na ginástica, porque queria ser professora de ginástica, mas agora quero ser educadora de infância e jornalista. Também gosto de ler "As aventuras", livros infantis e às vezes leio o Atlas. Gosto de ver filmes e de fazer trabalhos e desenhos em computador. Na música gosto dos Fat Family, dos D'Arrasar, dos Santa Maria, dos Milenium, do Netinho e da Daniela Mercury".

Diz ter uma família grande, com tios, primos,..., mas que onde mais gosta de estar é "na casa da minha avó (paterna), porque dá-me muitas coisas e porque lá em casa só vivem dois e cá em casa somos quatro".

*** Análise da entrevista com a Isabel**

Na relação com a Isabel, senti que ela balança entre ser criança e ser mais adulta (a maturidade e independência que é sentida pelos pais).

Verifica-se uma ambivalência na relação com o irmão. Se por um lado a Isabel fala do desejo de ter mais irmãos "gémeos, um menino e uma menina, porque

eu sempre quis ter três irmãos- dois irmãos e uma irmã”, por outro lado, quando fala do que sentiu quando viu o irmão pela primeira vez, a Isabel diz ter pensado: “Vou ter que aturar isto!”, o que denota alguma agressividade dirigida ao irmão, assim como referiu que gosta muito de estar na casa dos avós paternos “porque dão-me muita coisa e porque lá em casa só vivem dois e cá em casa somos quatro”. Ou seja, na casa dos avós, quando a Isabel está apenas com eles, recebe todo o afecto destes (que a Isabel materializa: “avó dá-me muitas coisas”), não o tendo que partilhar com o irmão: é como se por alguns momentos fosse a neta única (e filha única?).

De salientar o grande valor que as amigas têm na vida da Isabel, sendo a estas que recorre quando necessita falar, quando está triste, e não tanto aos pais. Quando ela e o irmão discutem (principalmente pela partilha das coisas de cada um), é o pai que a Isabel referirá como figura punitiva do conflito entre os irmãos: “O meu pai zanga-se diz para irmos cada um para um quarto, depois começo a dormir, às vezes”.

*** Análise do Teste Projectivo Patte Noire**

O protocolo e a análise detalhada do teste projectivo Patte Noire encontram-se em anexo (anexo 6 e anexo 7). No quadro que se segue estão os aspectos mais relevantes dessa análise.

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
*Regressão/identificação progressiva * fantasias de morte da fratria * agressividade entre irmãos (sentimentos de culpa, angústia) * impulsos de salvação indirecta da fratria * receio de destruição própria na rivalidade fraterna * rivalidade fraterna na relação com a mãe	* identificação com a figura materna *figura materna protectora e securizante-desejo de proximidade *figura materna substituta gratificante (sentimentos de culpa) * agressividade dirigida à figura materna	*nas pranchas relacionadas com a figura paterna, a criança identificou-a como sendo a figura materna * desejo de maior proximidade paterna (culpa)	*angústia face à relação íntima do casal parental *movimentos de independência

* Análise do Teste das Relações Familiares

O protocolo e a análise detalhada deste teste encontram-se em anexo (anexo 8 e 9).

Fazendo a síntese do teste das relações familiares, temos que:

O membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional é o irmão (seguido da mãe e depois do pai). Este é simultaneamente a principal fonte de amor e de hostilidade da criança (o que denota uma grande ambivalência em relação à figura fraterna). Em relação ao irmão, verifica-se a atribuição de sentimentos positivos, por exemplo, é *muito alegre e tem muita graça* (itens 1 e 5), sendo aquele que a Isabel referiu que *quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com o irmão* (item 15). Apesar de lhe ter atribuído cartões em que o irmão é sentido como aquele que *gosta de brincar comigo* (item 45), que *ouve sempre aquilo que eu tenho para dizer* (item 47), que *gosta de estar sempre comigo* (item 56), também lhe atribuiu outros em que surgem sentimentos

contrários, como por exemplo, *gosta de me provocar* (item 61), *não gosta de brincar comigo quando eu quero brincar com ele* (item 63), *é mau para mim* (item 74) e *deixa-me ficar muito triste* (item 75). Verificam-se pois, sentimentos ambivalentes em relação ao irmão.

De referir que foi no irmão que a Isabel colocou o item 94- *Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta*. Este sentimento poderá estar na origem do desejo de maior proximidade que a Isabel tem em relação ao pai, assim como da sua zanga com ele (por o sentir como mais protector do irmão).

A mãe aparece como o principal objecto de amor da criança, sendo para ela que a Isabel envia mais sentimentos positivos. São alguns os itens que revelam como o contacto físico com a mãe é sentido como agradável pela criança (o item 10- *Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família*; o item 11- *Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos*). A mãe é ainda sentida como securizante, uma vez que é *a pessoa da família que gosta de me ajudar* (item 44), assim como é aquela que mais a cuida (item 57- *Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra*). Mas também reconhece na mãe sentimentos de zanga (item 66- *Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo*; item 28- *Esta pessoa da minha família tem pouca paciência*). A protecção materna aparece igualmente distribuída pela Isabel e pelo irmão; a indulgência materna é maior na Isabel.

De salientar, ainda, o facto de a Isabel considerar que é com a mãe que o pai passa mais tempo (item 93- *O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família*): este item ao ser apresentado desta forma- "*tempo demais*"- e tendo sido colocado pela Isabel na figura materna, poderá ser sentido por ela com alguma inveja face à relação privilegiada do casal parental.

O pai surge como principal objecto de hostilidade, pois é para ele que vão mais sentimentos negativos, ainda que se verifique o desejo de uma maior proximidade com ele (item 13- *Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim*). Surgem também alguns sentimentos positivos recebidos pela criança (por exemplo, item 42- *Esta pessoa da minha família gosta*

muito de mim; item 43- *Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção*). Também no pai a Isabel reconhece um lado menos positivo (item 24- *Esta pessoa da minha família tem mau feitio*), o que a leva a ter sentimentos de zanga em relação a ele (item 35- *Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família*; item 37- *Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado*). A sobre indulgência paterna é maior na Isabel do que no irmão.

Mais uma vez se verifica alguma inveja face à relação pai-mãe, por exemplo, no item 95- *Esta (o pai) é a pessoa da minha família que a mãe acha mais simpática* e no item 98- *A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família*.

Em relação a si própria, a Isabel apresentou sentimentos positivos, por exemplo, *ajuda sempre os outros* (item 2) e é *uma boa companhia* (item 7), assim como outros negativos (item 20- *Esta pessoa da minha família é um bocado rabujenta* e o item 26- *Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão*). Colocou também em si sentimentos positivos recebidos dos pais, como sejam o receber *demasiada atenção e mimos* (itens 91, 96 e 92 e 97). Foi nela que colocou o item 99- *Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta*.

Desenho de uma Família Imaginária

Quando disse à Isabel que iam fazer um desenho, ela disse que gostava muito de desenhar. Perguntou-me se eu lhe dava um tema ou se desenhava o que quisesse. Disse-lhe que gostava que ela desenhasse uma família inventada, imaginada por ela. Enquanto desenhava, a Isabel manteve-se em silêncio, perguntando apenas se era para escrever o nome das pessoas e se os lápis de cor tinham alguma ordem na caixa ou se os podia pôr como quisesse.

Começou por desenhar uma menina, por cima da qual escreveu “filha”, depois desenhava a mãe, o pai e o filho, escrevendo em cima de cada um o seu papel na família. No desenho da filha e da mãe, a Isabel demorou mais alguma tempo, houve um maior investimento no desenho das suas roupas.

O desenho e o questionário encontram-se em anexo (anexo 10).

* Análise do Desenho de uma Família Imaginária

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 4 (filha, mãe, pai, filho)
- personagens ausentes- nenhum
- personagens acrescentados- nenhum

Identificações/Preferências:

- conscientes- filha
- inconscientes- filha- desenhada em primeiro lugar
 - mais simpática
 - filho- mais feliz

Relação fraterna:

- regressiva (atribuição a si própria de uma idade inferior à sua idade real)

Relação com as imagens parentais:

- aproximação ao mesmo sexo
- valorização da figura materna
- desvalorização da figura paterna

No desenho de uma família imaginária, verifica-se que a Isabel faz um investimento privilegiado da imagem de si (desenha-se em primeiro lugar) o que, segundo Corman (1961), está relacionado com a recusa de investir preferencialmente as figuras parentais, devido a “decepções” que a criança teve na sua relação com elas.

Verifica-se uma nítida aproximação da Isabel à figura materna e do irmão à figura paterna (“... o pai estava com o filho (...) a mãe e a filha foram às compras...”; desenhou-se ao lado da mãe, e o irmão ao lado do pai). A figura materna aparece

muito valorizada no seu desenho. O pai, por sua vez é desvalorizado e são-lhe atribuídas características negativas (“o pai tava sempre a ralhar, se lhe tocassem numa coisinha que não devem o pai ralhava sempre”; “o pai ficava em casa porque não se interessava muito pelos passeios”).

Relativamente ao irmão, este aparece como sendo o mais feliz, e a Isabel identifica-se inconscientemente a ele. A Isabel dá de si uma imagem muito valorizada (*é a mais simpática, é bonita e boa aluna*). De referir que é a mais simpática porque “quando o irmão fazia birras ou se metia com ela, ela ignorava-o”.

No final da observação, a Isabel mostrou vontade de que eu os visitasse mais vezes, e ela e o Joel, que entretanto já olhava para mim com uma “expressão menos indiferente”, quiseram-me acompanhar até à rua. No elevador, a Isabel e o Joel deixaram-me carregar no botão- era a vez dela, mas ela deu-me esse “privilégio” (isto porque toda a família carrega nos botões do elevador à vez- regra imposta pelas crianças). Enquanto me afastei, o Joel e a Isabel ficaram à porta a acenarem e a gritarem “adeus”.

Síntese

No quadro que se segue, procurámos fazer uma pequena síntese dos principais dados que obtivemos através dos diferentes instrumentos utilizados neste terceiro momento do estudo, de forma a facilitar a sua compreensão.

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais	*gravidez desejada *gravidez- sentimento de boa mãe, contentora; satisfação *identificação à filha	*gravidez desejada * identificação ao filho	* relação de irmãos: amigável/ agressiva	*desenvolvimento precoce/ autonomia * gravidez do irmão-regressão; vivencia do seu nascimento (marca da cesariana)

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais (continuação)				<ul style="list-style-type: none"> * nascimento do irmão-regressão-maior necessidade de amor parental *relação com irmão-amigável /agressiva *maior proximidade com a mãe * desejo de maior proximidade com figura paterna (culpa)
Entrevista criança		*figura punitiva dos conflitos entre irmãos	* ambivalência de sentimentos: ser filha única/ ter mais irmãos	
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à figura materna *figura materna securizante e contentora *figura materna substituta gratificante (sentimentos de culpa) * agressividade dirigida à figura materna *movimentos de independência face à figura materna * angústia face à relação íntima do casal parental 	<ul style="list-style-type: none"> * movimentos de independência face à figura paterna *angústica face à relação íntima do casal parental 	<ul style="list-style-type: none"> *regressão /identificação a figuras mais velhas * fantasias de morte da fratria * agressividade entre irmãos (sentimentos de culpa, angústia) * impulsos de salvação indirecta da fratria *receio de destruição própria na rivalidade fraterna * rivalidade fraterna na relação com a mãe 	
Teste relações familiares (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor 	<ul style="list-style-type: none"> * 3ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade 	<ul style="list-style-type: none"> * 1ª figura- envolvimento emocional * principal fonte de amor e de hostilidade 	<ul style="list-style-type: none"> * 4ª figura- envolvimento emocional *super protecção materna

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Teste das relações familiares (criança) (continuação)	* securizante	*desejo de proximidade com a figura paterna * sentimento de zanga dirigido à figura paterna	*super-protecção materna * sentido como o preferido do pai	*sobre-indulgência parental * sente-se como a preferida da mãe
Desenho família imaginária (criança)	* valorização da figura materna * aproximação à figura materna	* desvalorização da figura paterna	* identificação à figura fraterna	* investimento privilegiado de si * imagem de si valorizada

Assim, temos que:

Relativamente às figuras parentais, verifica-se um maior envolvimento emocional da Isabel com a **figura materna**, a qual é sentida como o principal objecto de amor da criança. A mãe aparece sempre muito valorizada e é nítido o desejo de proximidade e identificação com a figura materna, sentida como securizante, contentora e gratificante. A Isabel vê-se a si própria como a preferida da mãe. Verifica-se contudo, por vezes, alguma agressividade a ela dirigida, a qual pensamos poder estar relacionada com a relação mãe-irmão e mãe-pai que suscitam sentimentos de ciúmes na Isabel. A mãe também se identifica à filha, projectando nela alguns dos seus sentimentos e sentindo-se ela própria como uma boa mãe para a Isabel.

A **figura paterna** aparece como hostil e desvalorizada. Pensamos que tal acontece, em parte, porque a Isabel sente o pai como figura punitiva dos conflitos entre ela e o irmão, em relação ao que se sente muitas vezes injustiçada: sente o irmão como o preferido pelo pai. Mas por outro lado, existe um forte desejo de proximidade com ele, sentido, por vezes, com alguma culpabilidade.

Em relação à **figura fraterna**, verifica-se que o seu nascimento deu à Isabel um sentimento de receio de perda de amor parental (levando a comportamentos regressivos, necessidade de se reassegurar desse amor). Existe uma clara ambivalência em relação ao irmão, o qual aparece, simultaneamente, como a principal fonte de amor e de hostilidade da Isabel. Contudo, é com o irmão que existe um maior envolvimento emocional. Verificam-se fantasias de morte do rival fraterno, assim como agressividade contra este, que suscitam sentimentos de culpa e angústia e ainda receios de destruição própria na rivalidade fraterna.

Passamos agora a uma breve **comparação dos resultados encontrados nos três momentos deste estudo**: durante a gravidez do Joel, quando este tinha cerca de um mês de vida e agora que se passaram cerca de 4 anos desde o seu nascimento.

Apesar de terem passado 4 anos desde o momento em que a Isabel foi “destronada” pelo irmão, muitos dos sentimentos que teve naquela altura em relação às figuras parentais e fraterna mantêm-se. Assim, temos que, continua a haver movimentos regressivos (mais visíveis nos testes, não sendo já tão visíveis na sua vida, como o eram durante a gravidez do irmão e um mês após o nascimento deste). A ambivalência de sentimentos em relação ao irmão esteve presente nos três momentos (agressividade/amor). Em relação às fantasias de agressividade, de morte, de salvação dos irmãos, não se verificam grandes diferenças nos três momentos.

No que se refere às figuras parentais, pode-se dizer que se foram verificando alterações. Assim, se no período de gravidez, a mãe era sentida como gratificante, no período após o nascimento do irmão passou a ser sentida como agressiva e não gratificante para a criança, que procurou uma maior proximidade com a figura paterna, essa sim sentida como gratificante e alimentadora. Neste terceiro momento, parece ter havido uma nova alteração, pois é a mãe que é novamente sentida como gratificante, contentora, sendo com ela que a criança procura uma maior proximidade, e sendo ela o seu principal objecto de amor, enquanto que o pai passou a ser mais desvalorizado e sentido como hostil, o que, em parte,

relacionamos com os ciúmes que sente da relação pai-irmão. A angústia sentida pela criança relativamente à cena primitiva está presente, mas em menor intensidade do que há 4 anos atrás (nos dois primeiros momentos, surgiram sentimentos fortes de exclusão da relação íntima dos pais e fantasias de destruição do casal parental). Se nos dois primeiros momentos os movimentos de autonomia da criança em relação aos pais eram vividos com angústia, sendo visível a necessidade de protecção parental (principalmente materna), neste momento, a Isabel já consegue ter a sua própria autonomia, os seus movimentos de independência, sem que estes sejam sentidos como angustiantes.

Relativamente aos instrumentos utilizados neste estudo, podemos colocar a questão de qual nos terá dado uma maior compreensão da Isabel. Pensamos que as entrevistas, por si só, nos dão um grande conhecimento da forma como a família se organiza, de como são as relações entre os diferentes membros, e de como estas são sentidas pelos pais e pela criança. Os restantes testes, vêm, de alguma forma, confirmar e complementar muitos desses dados. De entre os três testes (o teste projectivo Patte Noire, o teste das relações familiares e o desenho de uma família imaginária), destacariamos os dois primeiros, como sendo aqueles cuja informação dada é mais abrangente.

2.5.2. SARA

Há 4 anos...

1ª Observação (antes do nascimento da irmã)

Na altura da primeira observação, a Sara era uma criança de 5A 8M, de face arredondada, uns bonitos olhos castanhos claros e cabelo, curto, da mesma cor. O contacto com ela foi muito fácil de estabelecer, pois a Sara era muito simpática, cantava, fazia muitas perguntas, mostrando grande curiosidade por tudo aquilo que a rodeava.

A mãe da Sara mostrou-se muito disponível para a realização deste estudo, parecia mais extrovertida do que o pai, que se manteve mais distante (e não pode estar presente na entrevista por motivos profissionais). A relação entre mãe e filha parecia muito próxima: a Sara fazia muitas perguntas à mãe e solicitava a sua atenção, recebendo desta uma resposta afectuosa.

Desta primeira observação, realizada durante a gravidez da irmã, destacaram-se alguns aspectos:

* Relação da criança com as figuras parentais:

No período de gravidez materna, verificou-se que a **cena primitiva** foi sentida como angustiante pela Sara, de tal forma que, no teste Patte Noire, surgiram fantasias de morte própria face à relação íntima do casal parental (*"...ele espreitou os pais e saiu logo para a rua sem ninguém ver. Depois perdeu-se e um lobo comeu-o"*). A Sara estabeleceu o triângulo pai-mãe-filho, mas identificou-se à mãe, o que aponta para o desejo de assumir o papel da mãe na relação com o pai (*"Era uma vez um pai e uma mãe, que o porquinho tava a ver. Depois foram beijar-se um ao outro. Gostava de ser a mãe"*).

A **imago materna** foi sentida como proibitiva, surgindo também fantasias de rejeição por parte da mãe (*"... foi lá um porquinho beber leitinho e a mãe disse: "Não*

podes vir!”), ao mesmo tempo que a Sara expressou desapontamento e zanga com a mãe (talvez por ela estar grávida), assim como a fantasia de morte desta (“*Era uma vez uma mãe que já tinha morrido*”). A mãe substituta foi sentida como frustrante (“*...foi chuchar nas maminhas, depois a carneira fez mé...mé...mé... e ele fugiu, assustou-se. Depois a carneira foi para a prisão, porque tava a ser má para o porquinho*”), o que parece indicar que, apesar do desapontamento que a criança poderia sentir em relação à mãe, esta não poderia ser substituída por nenhuma outra.

Relativamente à **imago paterna**, verificou-se, no desenho da família imaginária, uma aproximação a esta; mas no teste Patte Noire, apareceu como escolha substituta da imago materna.

Apesar de a Sara ter apresentado fantasias de autonomia em relação às figuras parentais, essas tentativas foram mal sucedida (“*o porquinho saiu à rua, depois perdeu-se. Enfiou os pés na lama e nunca mais conseguiu sair de lá*”), verificando-se a necessidade de protecção parental (“*como o porquinho sabia o caminho foi andar, andar até que chegou a casa e os pais abraçaram-o*”).

* Relação com a figura fraterna:

Face à relação de proximidade da mãe com a figura fraterna, verificou-se alguma inveja, talvez pelo desejo de relação exclusiva com as figuras parentais. Esta esteve presente no jogo, quando a Sara separou a bebé da mãe (“*a bebé não vai passear com a mãe porque é muito pequenina e não pode passear*”), no teste Patte Noire, onde surgiu a fantasia de separar a fratria das figuras parentais, apesar de, em seguida, ter feito a reparação da situação, talvez por se ter sentido culpabilizada ou pela angústia de separação nas relações familiares (“*havia um senhor muito mau que pôs os irmãos todos aqui e levou para uma parte muito longe, para os pais não saberem deles. Mas este porquinho ficou na cama e salvou os outros irmãos*”).

Verificou-se alguma ambivalência na **relação com a fratria**. Se por um lado, surgiram impulsos de salvação directa de um elemento da fratria atacado, por outro lado verificou-se, como referido anteriormente, a fantasia de separar a figura

fraterna, dos pais, assim como alguma agressividade em relação a ela (*“viram os filhos a zangar-se... os pais deram uma tarefa nele”*).

* Tendências regressivas:

A Sara apresentou tendências regressivas (que não foram referidas pela mãe na entrevista), as quais estiveram presentes no jogo, no qual se identificou à irmã que vai nascer (*“O bébé sou eu”*) e no teste Patte Noire, identificando-se aos porquinhos bébés.

2ª Observação (após o nascimento da irmã)

Nesta observação, um mês e meio depois da primeira, quando a Sara me apresentou a irmã, com 1 mês, mostrou-se carinhosa com esta, a qual durante toda a observação, esteve na sala conosco, a dormir no seu berço. Contudo, a partir desse primeiro momento, a Sara não se dirigiu mais à irmã, parecendo ignorar a sua presença.

Houve alguns dados importantes a salientar desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

Verificou-se o desejo de uma relação exclusiva com a **figura materna** (*“o porquinho tava a beber o leite da mãe... depois os outros viram... e ele já tinha bebido o leite todo”*), talvez devido ao sentimento de exclusão da relação mãe-bébé, o que terá levado a Sara a fantasiar rejeição materna. A figura materna substituta foi sentida como frustrante e agressiva (*“a carneira ia a andar e o porquinho bebeu leite dela e ela puxou-lhe o rabo, foi a correr a puxar o rabo ao porquinho”*).

Quanto à **figura paterna**, verificou-se culpabilidade devido à agressividade a ela dirigida, ao mesmo tempo que um desejo de proximidade com esta (*“foi beber lama com o pai”*).

Relativamente à **relação íntima entre as figuras parentais**, surgiu inveja edipiana, sentimentos de exclusão da relação pai-mãe, e desejo de fazer parte

desta, tendo a identificação sido feita à mãe, como se a criança fantasiasse ocupar o seu lugar na relação com o pai.

Os movimentos de independência não foram bem sucedidos, pois a Sara evidenciou necessidade de protecção por parte das figuras parentais de todos os perigos do exterior (*“até que chegou ao pé do pai, da mãe... ele tava com medo aqui sozinho”*).

* Relação com a figura fraterna:

No que se refere à **fratria**, verificou-se que a agressividade entre irmãos foi censurada pela Sara. Por exemplo, no jogo: *“depois os meninos discutiam e o pai, que também tava a ver, dizia: “Não se bate meninos”*. A agressão a uma figura fraterna parecia ser de tal forma angustiante para a Sara, que ela não conseguiu reparar a situação, surgindo, no teste Patte Noire, fantasias de agressão a si própria (*“o pássaro tava a puxar o rabo do porco. Depois este porquinho viu e o pássaro também lhe puxou o rabo porque pensava que este era este”*) e receio de morte própria, não sendo os pais sentidos como suficientemente fortes para a proteger (*“tava a ser puxado pelo mau para a carroça, ia para o talho... o pai e a mãe tavam a ver, não conseguiam ajudar porque o homem era mau”*).

* Tendências regressivas:

Neste período, após o nascimento da irmã, verificam-se duas tendências. Uma **tendência regressiva**, o desejo de ser bebé outra vez, por exemplo, quando a Sara, ao ver a mãe a amamentar a irmã disse: *“Quando a minha irmã chora de noite vou logo para o quarto da minha mãe, porque ela vai dar de mamar à minha irmã e eu também vou mamar... não vou nada!”*; também uma **forte identificação à mãe**, como se fosse ela a mãe da irmã recém-nascida. Isto foi notório, por exemplo, no jogo, quando assumiu o papel de mãe que cuida da filha; no desenho, no qual a identificação inconsciente foi feita à mãe; e no teste Patte Noire, principalmente nas pranchas mais directamente relacionadas com o nascimento, em que se identificou sempre à figura materna.

4 anos depois...

3ª Observação

Quando cheguei à casa da Sara, esta e a sua família não estavam, pois tinham ido às compras, chegando poucos minutos depois, de carro. Dentro deste vi duas cabecinhas a espreitarem-me: a Sara e a Maria (irmã). Saíram do carro e a Sara e a mãe dirigiram-se na minha direcção, enquanto que o pai e a Maria entraram para a vivenda.

A Sara, de 10A 1M, está alta e magra, tem o cabelo encaracolado, castanho claro, puxado num rabo de cavalo. Os seus olhos parecem um pouco tristes, a contrastar com o seu sorriso. Vestia calças castanhas, uma blusa de xadrez, um pullover também em tons de castanho e uma botas: a Sara, a irmã e a mãe estavam vestidas de uma forma muito semelhante. A irmã (4A 4M), de estatura pequena e de cabelo escuro mais comprido e liso do que o da Sara, parecia uma “pulga”, saltitando de um lado para o outro, com um sorriso simpático, mas “traquina”: agarrava na corda para saltar, largava-a, agarrava-se às pernas do pai,...

Enquanto fui com os pais para a sala, as irmãs ficaram no jardim da casa, a saltar à corda e a andar de bicicleta. A sala tinha uma janela virada para o jardim: era frequente ver a Sara a espreitar, como se quisesse saber de que falávamos. Outras vezes, era a Maria que espreitava à porta, ou entrava a correr, “aconchegava-se” na mãe, saindo depois tão depressa como entrara.

Entrevista com os pais

A mãe da Sara é comunicativa, simpática, tendo mostrado interesse no trabalho que estava a realizar, pois ela está a fazer uma tese na área da educação. Senti nela alguma fragilidade, principalmente quando fala da Sara, e a mesma tristeza que vi nos olhos da filha. Pareceu-me sentir uma grande necessidade de falar de algumas preocupações que tem em relação à sua família, tendo em alguns momentos (fora da entrevista), conversado comigo, acerca de assuntos mais

Íntimos, fazendo-me sentir como se fôssemos amigas. O pai, muito alto e magro, como a Sara, é muito mais reservado, mas igualmente afável.

A mãe começa por contar que a gravidez da Sara, quando ambos os pais tinham 28 anos, foi planeada tal como a da Maria. Estavam casados há dois anos e viveram a primeira gravidez com grande expectativa. A segunda, “*por não constituir uma novidade*”, foi diferente. O pai concorda: “*É diferente, quando se espera um segundo filho já se sabe o que é,... quando são bebés... no primeiro tem-se mais dúvidas: a criança chora e ficamos mais aflitos! Quando é a primeira vez age-se mais por instinto, na segunda já é um bocado por maturidade: se gritar, se calhar, já não se liga tanto, mas na primeira, se estava com febre, ficávamos aflitos, com a segunda já sabemos que é normal ter febre de vez em quando*”. O pai fica em silêncio durante alguns segundos e depois acrescenta: “*As coisas nunca são iguais e os filhos também não, não é que sejam tratados melhor ou pior, mas... são-no de uma maneira diferente!*”.

No que se refere à forma como sentiram a gravidez de cada uma, o pai diz: “*A primeira é diferente, é uma coisa nova. Contudo, a confirmação da segunda gravidez causou-nos maior admiração, contentamento do que a primeira, porque a primeira foi praticamente feita por computador*”. A mãe interrompe e a rir diz: “*Até sei o dia em que foi feita, nem toda a gente sabe, mas eu sei!*”. O pai explica: “*Ela tomava medidas para não engravidar, deixou de tomar a pilula, teve algum tempo de reserva, por causa do organismo, e depois, quando quisemos, ficou grávida,... temos a mania que quando somos novos sabemos tudo e nós pensámos: “Epá, somos os maiores!!!”*”. Continua: “*Com a segunda não aconteceu o mesmo. Quando decidimos que queríamos ter outra criança, ela só veio ao fim de 8 meses: aí foi maior a admiração, porque já estávamos na dúvida se conseguiríamos ter outro filho,... estava a demorar tempo demais!*”.

Quanto a preferência pelo sexo das crianças durante a gravidez, a rir, a mãe diz rapidamente: “*Quando foi da Sara, o pai queria um menino, eu uma menina... Acho que se tivesse tido um menino ele vinha amaricado, porque eu sonhava mesmo com uma menina,... os lacinhos, os vestidinhos, essas mariquices todas, por*

isso se fosse um menino a coisa não ia dar bom resultado! Mas o meu marido teve um desgosto quando soube que era uma menina. Aquele tempo de espera até ao parto ajudou-o a habituar-se à ideia, mas ficou triste". O pai diz: "Não fiquei triste, fiquei desanimado!". "Pois", diz a mãe, "ficaste de trombas!".

E na segunda gravidez, havia preferências? "Na segunda, já estava à espera que fosse uma menina, porque a primeira também tinha sido, por isso já nem estranhei", diz o pai. Vão tentar o menino? A mãe diz que não, pois a gravidez da Maria foi muito complicada: teve uma ameaça de aborto nos primeiros meses de gravidez, o que a levou a ficar, desde os 2 meses de gestação, de repouso, sem poder trabalhar.

Em relação à escolha do nome, a mãe conta que o nome Sara foi escolhido a meias: "O pai gostava do nome porque tem uma prima, de quem gosta muito, que se chama Sara e eu também gostava muito da miúda,... tinha que ser Sara".

A propósito do nome a mãe conta...

"A Sara fez a infantil, a primária e a 1ª classe numa escola e depois mudou. Na 1ª classe não se deu muito bem- ela era uma miúda muito triste- eu ia à escola e ficava triste, porque a via sentada ao pé da antiga educadora e não brincava com os outros meninos... pensei que se passava qualquer coisa. Ela própria disse que queria mudar de escola, mas não explicava porquê. Fomos ao pediatra, que ao conversar com ela percebeu que não estava feliz e nos disse para a mudarmos de escola o mais depressa possível. Deixámos que ela acabasse a 1ª classe e depois mudou. Na primeira escola chamavam-lhe Sara, como todos na família lhe chamamos, na escola nova passou a ser só Margarida (ela é Sara Margarida). Desde que mudou de escola parece outra, está mais alegre, e o engraçado é que cortou com o nome Sara,... Sara só é em casa, na escola é Margarida. Penso que ela fez isto porque quis fazer uma ruptura completa com a escola anterior: mais tarde disse-me que não gostava da professora, que os meninos gritavam muito e que andavam em cima das coisas. Na escola de agora a professora tem mais pulso nos alunos e apesar de serem mais, é muito mais calma,... a Sara dá-se muito bem lá. A professora sabia que ela era Sara e não percebeu porque ela não queria usar

esse nome. Agora diz que já gosta mais de Sara, que não se importava que lhe chamassem Sara, mas durante estes 3 anos se lhe chamassem por esse nome ela não respondia”.

O pai diz: “Penso que isso é hereditário, ela sai um pouco ao pai, eu não consigo trabalhar em espaços pequenos e sem claridade. A primeira vez que fui à escola onde a Sara andou, vi o espaço e fiquei chocado com o que vi e a partir daí comecei a querer tirá-la de lá,... eu também não me conseguia desenvolver num espaço daqueles! Em pequenino andei num colégio oficial e procurei sempre sítios onde pudesse trabalhar e ali era impossível. Além disso, na escola da Sara, era pouco didático, porque na mesma sala estavam crianças de diferentes anos, sei que isso agora é normal, mas também sei, pela minha profissão, que há sistemas de cálculos que nos anos 20 eram adoptados, nos anos 40 deixaram de ser e nos anos 50 voltaram a estar de moda. Acredito que aquele sistema terá que morrer mais cedo ou mais tarde.... Eu não me conseguia desenvolver naquele ambiente e ela é como o pai e também não conseguia”.

A mãe conta que a Sara foi para essa escola com 2A 6M, “fez lá todo o pré-escolar e correu muito bem, mas a saída de lá não foi complicada, porque ela nem tinha amigos”. Segundo o pai, “ela passou a odiar a escola, mas como é muito fechada, como eu, não dizia nada”. “Mas ela agora está diferente, naquela altura ela não nos dizia o que se passava...” diz a mãe, sendo interrompida pelo pai, que continua: “Ela divorciou-se de tudo o que dizia respeito à escola”.

“Mas a nível da aprendizagem ela era boa”, diz a mãe, continuando: “Tem vindo a decair na aprendizagem, principalmente em matemática, e eu sou professora... mas não a ajudo. Em termos de expressão artística é ótima, a matemática é pior, mas é um pior de 16, nas outras tem 17-19. Não é sobredotada, mas é uma aluna boazinha. Tudo o que é educação física, artes plásticas, música, ela atinge as notas máximas”. O pai pensa que a Sara sempre foi boa aluna, mas que na fase final da 1ª classe “passou a ser menos boa, era sossegada, mas chegou a estar de castigo encostada à parede...”. A mãe diz que não, que isso não aconteceu na 1ª classe, mas na pré-primária, “porque ela estava a brincar com o

primo, desobedeceram e a professora fechou-os na sala, não os deixando ir ao intervalo e quando voltaram estava tudo de pantanas!".

Na 1ª classe, no final, a professora disse aos pais que a Sara nunca fazia os trabalhos de casa, o que nunca tinha referido antes. *"Aí comecei a ver que se calhar quando ela se queixava tinha alguma razão! Quando eu lá chegava, aquilo que via era aquele espectáculo: ela sentada no chão, ou num banquinho ao pé da antiga professora e os outros a brincarem. Agora está sempre a brincar. Eu comecei a ter medo que ela tivesse problemas sociais, perguntei à professora da escola nova como era a relação dela com os colegas e ela disse que era muito boa"*, diz a mãe. O pai pensa que na escola nova a filha teve mais facilidade em se adaptar, porque a prima, que anda nessa escola, ajudou-a na integração. A mãe concorda, mas lembra que elas não ficaram na mesma turma, e que a Sara tem uma relação muito amigável com os colegas de turma, não os deixando para ir brincar com a prima, porque, como ela mesma diz: *"Com a prima brinco todos os dias em casa"* (são vizinhas).

Voltando atrás...

O pai conta que não assistiu ao nascimento da Sara, porque não deixaram: *"Ela começou a sentir as contracções, fomos para o hospital, mandaram-na embora, depois voltou e disseram-me que, provavelmente, a criança só nascia no dia seguinte. Fui a casa e quando cheguei ao hospital vi a mãe e a filha a saírem da sala de partos..."*. A mãe também quer contar como tudo aconteceu: *"Fui de manhã ao hospital, mandaram-me embora, disseram que ainda faltava tempo, estava de 39 semanas, que eu estava muito ansiosa. Às 16h30 voltei e às 20h30 ela nasceu. Quando ele nos viu já eram quase 23h e estávamos já preparadinhas, íamos para o quarto"*.

Como era a Sara? A mãe parece emocionada: *"Ela era muito linda!!!"*. Correspondia ao bebé imaginário? *"Sem dúvida, mas para que o meu marido não apanhasse uma decepção, dizia-lhe que as crianças quando nascem são feias, carequinhas,..."*. O pai explica: *"Eu já tinha visto crianças recém-nascidas e acho que quando nascem são feias, mas a Sara era uma criança muito bonita"*. A mãe

acrescenta: “Era muito limpinha, com pouco cabelo,... a minha outra vinha muito peluda, com muito cabelo,... os médicos acharam que a Sara era muito bonita, ela andou de mão em mão,... não digo isto por ser mãe galinha!... O peso estava de acordo com o tamanho, estava muito desperta, a chuchar. Era muito calminha, nunca chorava”.

A mãe conta que a Sara foi um bebé que raramente chorava: “Se queria comer tossia”. Foi amamentada durante o primeiro ano de vida, porque por volta do 1A da Sara a mãe teve febres e deixou de a amamentar. “Aos 3A ainda se lembrava da maminha e de vez em quando pedia, mas eu não lhe dava”. Recorda que “ela nunca chorava e eu dizia que um dia que chorasse era porque estava doente e foi verdade, com 1M começou a chorar e a gritar, teve uma hernia e teve que ser operada. Depois a partir daí foi sempre calminha. Comeu muito bem até ao 1A 6M, altura em que começaram a nascer os dentes e foi um castigo, não queria comer, acho que se andasse um mês sem comer não se queixava. Agora, apesar de ser magra, come bem...”.

Os pais concordam que, em bebé “a Sara nunca deu problemas,... sempre dormiu bem...”. Com que idade começou a dormir sozinha? Com 1A, sem problemas de adaptação, segundo a mãe, mas o pai pensa que foi por volta dos 2A 6M. A mãe explica que isso está relacionado com a separação mãe-filha: “Penso que o que o pai quer dizer é que, quando ela tinha 2A 6M eu fui durante um ano para o Algarve dar aulas, fazer a profissionalização e ela ficou cá com o pai e com a minha sogra. Foi o primeiro ano de colégio, para a minha sogra não ficar sobrecarregada. O problema é que nunca ninguém me disse que ela sentia a minha falta. Nunca achei que a Sara fosse muito agarrada a mim, achei que ela gostava muito da avó e ficava bem com a avó,... ela fugia muito para a avó! Deixei-a e, aos fins de semana quando vinha, a miúda não dormia à noite,... gritava por mim! Pensei que ela não gostava de mim e a minha sogra, para não me incomodar, dizia que ela estava bem quando eu não estava com ela. Mais tarde vim a saber que durante os 3 primeiros meses em que estive no Algarve nem uma nem outra dormia. Ela dormia em casa da avó”. A mãe continua: “Nunca me dei conta da reacção dela, porque as reacções dela só nos damos conta um tempo depois. Quando voltei ela melhorou, deixou de gritar de

noite, mas no ano a seguir fui para Setúbal, ia e vinha todos os dias. À 2ª feira ia muito cedo e só voltava às 20h e quando chegava a casa ela gritava comigo e dizia assim: “Eu tou muito zangada contigo porque hoje vieste muito tarde e eu aqui à tua espera!”. Aí é que eu vi que ela sentia a minha falta e percebi que no dia em que eu chegava mais tarde ela tinha medo que eu não chegasse e então zangava-se comigo”.

O pai diz que a Sara tem uma maneira de ser que não deixa transparecer os sentimentos: “Na altura em que a irmã nasceu, eu sempre fiquei admirado de ela não transparecer nada, ciúmes em relação à irmã, que era o normal. A certa altura, ela começou a esconder-se nos cantos, e comecei a comentar isto com a mãe, pensei que não era normal e falei com ela, perguntei-lhe o que tinha. Disse que não tinha nada e quando eu lhe perguntei se tinha ciúmes da irmã ela abriu-se, começou a chorar, e disse que sentia alguma coisa em relação à irmã, que não sabia exactamente o que era. Internamente senti que era isso. A mãe, que normalmente é mais intuitiva nessas situações, não percebeu nada, mas eu senti”. Referi que os problemas que a Sara começou a ter na escola foram cerca de um ano depois da irmã nascer, perguntando se os pais os relacionavam com isso, mas o pai pensa que não e a mãe não consegue situar esse período em termos temporais.

Em relação aos ciúmes da irmã, a mãe diz: “Eu achava que não era, porque se iamos a algum lado, ela queria comprar alguma coisa para a irmã e a irmã já não é assim, se calhar por ser mais pequenina, é mais egoísta, mas a Sara pedia-me que comprasse coisas para a Maria. Agora, de vez em quando, noto que ela tem ciúmes, e diz-me: “Compras para ela e não para mim...”. Agora já repara! Eu tentava sempre comprar as coisas para as duas para não haver diferenças, mas se calhava um dia comprar uma roupa para a irmã, ela dizia: “Que giro!”, mas não dizia que não comprava para ela”.

Como tem sido a relação entre as irmãs?

A mãe recorda que, quando estava grávida a Sara queria um irmão. Lembra-se de a Sara lhe perguntar se era verdade que “os bebé nascem pelo pipi da mãe?” e de perguntar frequentemente quando a irmã nascia. Não se lembram de

alterações no comportamento da Sara, *“talvez tenha ficado mais extrovertida, e faladora com as outras pessoas, porque eu não lhe dava a atenção a que ela estava acostumada”*, diz a mãe.

Na entrevista com a mãe, realizada quando esta estava grávida da irmã da Sara, ela referiu que a reacção da filha quando viu a irmã pela primeira vez não podia ter sido melhor, pois parecia muito contente. Tinha-lhe dito que a irmã era *“feinha”*, porque como nasceu, aos oito meses de gravidez, era muito magrinha, pequenina e tinha o cabelo muito escuro. A Sara ficou zangada com ela, porque para ela a irmã era bonita. Na actual entrevista a mãe relembrou que, nos primeiros meses, quando a irmã chorava a Sara ia para junto dela, falava, contava-lhe histórias, cantava-lhe canções e dava-lhe muitos beijinhos. *“Gostava muito de participar nos cuidados de higiene e na alimentação da irmã, punha as fraldas no lixo, ia buscar o biberão e a chucha”*. O pai lembra-se que, por vezes, quando a mãe estava a dar de mamar à Maria, a Sara ia para junto da mãe e também queria carinhos.

Actualmente, a mãe diz que a relação entre as duas é boa, mas que implicam muito, o que considera normal, porque *“eu tenho uma irmã e também implicava com ela, mesmo com uma diferença de 11 anos”*. O pai refere o *“sentimento de protecção em relação à mais pequenina, ela toma conta da irmã...”*. A propósito disso, a mãe conta um episódio que se passou: *“Quando a irmã foi para a pré-primária para a escola onde a Sara está, não estava preparada porque estava muito tempo com a avó. Tinha 3A e não percebia porque tinha que ir. Estávamos preocupados. Ela chorava muito e ia para perto da grade, que separa o infantário dos mais crescidos, punha a cara na grade a chorar e a Sara, ao vê-la, entrava em pânico, começava também a chorar. Perguntava-lhe porque chorava e ela dizia que tinha tido muita pena da irmã “com o focinho nas grades” e então, às vezes, a professora tinha que a levar ao outro lado para ela ver que a irmã estava bem”*.

O pai conta que desde sempre as filhas dormem em quartos separados, mas agora estão a fazer obras em casa e os pais vão para o 1º andar e *“elas querem ficar cá em baixo as duas no mesmo quarto”*. A mãe refere que a Sara não gosta muito que lhe mexam nas coisas, *“eu tento que a Maria não mexa nas coisas da*

Sara, mas às vezes é difícil e a Sara fica zangada, mas depois passa-lhe... a pequenina é mais provocadora”.

Neste momento o pai interrompe e diz: “A maneira de nós falarmos em relação à Sara parece uma defesa por sermos pais, mas não é, porque a pequenina não tem nada a ver com o que estamos a falar da Sara. Elas têm personalidades diferentes, mas a pequenina está melhor, porque tem sido moldada de maneira a tornar-se mais parecida com a Sara”. Como? “A Sara é menos arisca, respeita a irmã, a Maria não, sempre foi o contrário da Sara, pelo menos até há 6 meses atrás, o que a Sara tinha de bom ela tinha um pouco mal- a Sara era calma, a outra empuleirava-se no armário do quarto, tirava as coisas das gavetas”... A mãe interrompe: “São diferentes, mesmo as educadoras fazem queixas da Maria e da Sara isso nunca aconteceu,... a Maria põe-se debaixo da mesa, chamam por ela, ela não responde...”. O pai diz: “Eu acredito que se dêem bem, mas tenho as minhas dúvidas em relação à partilha do quarto, a Sara dava-se bem com outra pessoa qualquer, a Maria não sei.... A Sara gosta de ter as suas coisas arrumadas, e não sei se a irmã vai permitir isso!”.

Como são resolvidos os conflitos entre as irmãs? “Quando discutem, ou resolvem sozinhas, ou eu ralho e digo que bato nas duas...” diz a mãe. O pai acrescenta: “Quando castigamos, é as duas,...”. “Ou então quem começa, que normalmente é a mais pequena, apesar de que a Sara agora andar mais malandrecas, provoca a irmã...”, acrescenta a mãe. O pai refere que tinha mais tendência para chamar a atenção da Sara “talvez por ser mais velha”. A mãe conta que agora a Sara já provoca a irmã, por exemplo, “à mesa começa a fazer caras feias, a dizer que a irmã é feia e como, com a outra não se pode fazer nada porque ela fica logo muito ofendida, começam a criar uma guerra”.

Como é a relação com os pais? A mãe, hesitante, diz que talvez a Sara tenha uma relação mais próxima com o pai. O pai pensa o contrário, diz que, “neste momento é mais da mãe, elas saem sempre em defesa da mãe, quando entramos em conflito”. A mãe reconhece que as filhas se põem do seu lado nessas situações, mas mantém a sua ideia: “A Sara tem mais tendência para o pai, a Maria já tem

mais para mim". Pensa que, para a filha mais velha, "o pai é um idolo, porque a mãe ralha, o pai está pouco tempo em casa e a mãe é que faz o papel de bicho mau!"

O pai diz que se entende bem com a filha: "Falo com ela como se fosse uma pessoa da minha idade, outras vezes tento meter-me no patamar dela. É no primeiro caso que ela se abre mais, penso que ela sabe que se quiser falar pode-o fazer, mas se ela faz asneiras eu não lhe faço festas, e ela compreende". A mãe diz: "A Sara liga mais ao que dizemos do que parece...". "Ela sente muito as coisas...", acrescenta o pai. A mãe continua: "A pequenina é muito meiga, ao mesmo tempo que é muito arisca e refilona e extrovertida, agarra-se a nós, dá-nos beijinhos e a Sara nunca foi assim, é um bocado como eu, não é muito táctil, gosta das pessoas,... mas um bocado à distância. A Maria é diferente, gosta muito de agarrar, e se calhar a Sara sente um bocado isso".

Segundo a mãe, fisicamente a Sara é parecida com o pai, mas "no feitio tem coisas minhas, por exemplo, nisto de não ser muito táctil, eu gosto das pessoas mas não gosto sempre de andar a dar beijinhos. A irmã já precisa mais de contacto, mas também tem coisas do pai...". O pai continua: "Em termos físicos ela sai mais ao pai, até nos defeitos que eu pensei que não pudessem existir em mais de uma pessoa- eu tenho umas costelas metidas para dentro e ela, logo para azar, também tem, só pode ser hereditário, eu pensava que era de ter estado muito tempo deitado em criança, porque tinha bronquite asmática, mas não. Ela também é esguia. Psicologicamente tem partes dos dois...". A mãe diz: "É extremamente nervosa e nisso sai a mim que eu também sou...". "E a mim também", acrescenta o pai, "neia vejo-me a mim em muitas coisas. Eu, em pequeno, também era assim fechado. Ela é fechada mas não dá a transparecer isso, por exemplo, ela fala bem com as pessoas de fora. Quando era pequeno, quando fui para a secundária, era muito fechado, mas como acho que ela é parecida comigo, tento, ao falar com ela, que esteja à vontade". "É distraída e esquecida como ao pai", acrescenta a mãe a rir.

A mãe diz que se revê muito na Maria, "porque eu também fiz muitas malandrices à socapa e ela também faz muitas asneiras. Mas é diferente, a Maria é muito mais extrovertida do que eu era". Por seu lado o pai diz: "A Maria é a filha em que eu menos me revejo, tem uma personalidade muito forte, mais difícil, é

complicado dar-lhe a volta, à Sara é mais fácil!". A mãe concorda: "Às vezes perco a cabeça, ou dou-lhe uma tarefa, ou dou meia volta e vou-me embora, na maior parte das vezes vou-me embora, ela que grite, esperneie, nesses momentos é como se deixasse de ouvir as pessoas. A Sara é diferente, eu ralho com ela, ela ouve-me, calada com a lágrima no canto do olho,... eu acho estranho porque não se defende. A Maria defende-se bem: nunca é ela, são sempre os outros!. Quando acha que estamos a ser injustos com ela é impossível, parece que fica desorientada, não nos ouve, depois adormece e quando acorda está muito bem disposta". A mãe diz: "Há uma coisa em que sai ao pai: depois de uma boa lambada fica calma!". A mãe diz que, por vezes, sente muita dificuldade em lidar com a filha mais nova, ainda que ultimamente ela esteja "melhor, porque até aos 3A de idade era impossível!!! Às vezes acorda de manhã a gritar porque não se quer vestir, não quer ir para a escola e depois implica com tudo!"

No que se refere a projectos futuros, o pai reconhece que gostaria que a Sara escolhesse uma profissão semelhante à sua, mas pensa que tal não irá acontecer: "Acontece sempre o contrário. Por exemplo, eu queria rapaz e ela nasceu rapariga, eu sou do Sporting e ela do Benfica.... Mas acho que as coisas têm que desabrochar e o que fôr, será. Ela tem muito jeito para as artes plásticas, para a música,... eu nunca pensei num filho meu nessas áreas, sempre o idealizei em áreas mais concretas. Por isso, o que quero é que faça as coisas que gosta o melhor possível".

A mãe deseja que a Sara "seja boa naquilo que escolher fazer. Ela diz que quer ser pintora, música, cantora... chega a casa e vai para o orgão, faz desenhos,...". O pai diz que apenas se vai pronunciar em alturas chave: "Quando ela tiver dúvidas e naquilo que eu puder, vou tentar virá-la para aquilo que achar melhor. O facto de ela ter jeito para a música não é vinculativo,... tudo pode acontecer. Vou influenciá-la mais para as áreas concretas, não digo que seja engenheira, mas...". A mãe acrescenta, ironicamente: "Podia ser arquitecta! O pai ficou muito triste por ela ser pior na matemática, porque depois era mais difícil entrar

para engenharia, então eu disse que ia para architecta. Ela já disse que engenharia não quer!”.

Como é um dia na vida da Sara?

Levanta-se às 7h30, veste-se, faz a cama e arruma o quarto, tudo sem ajuda. Depois, a mãe vai levá-la à escola, onde chega por volta das 8h30, apesar de as aulas só começarem às 10h (mas a mãe tem que ir trabalhar, deixando-a na escola mais cedo). À tarde, fica no prolongamento, onde faz trabalhos, vê televisão, brinca, até às 17h, hora em que a mãe a vai buscar. Quando chega a casa, *“estuda, vê televisão, janta, vê televisão, toca órgão, canta, ouve música e depois deita-se”*.

Ao sábado de manhã tem natação, à 3^a feira à tarde tem aulas de computadores e dois dias por semana tem aulas de piano (pertence ao horário escolar).

O pai diz: *“Esporadicamente levo-as à escola, como não estão habituadas ficam felizes da vida, porque até chegarem à escola, vão tomar um café. Ao fim do dia chego mais tarde...”* A mãe interrompe: *“Antigamente mal as via, quando chegava já estavam a dormir, quando se levantava elas ainda estavam a dormir....”*. *“Agora chego mais cedo e estou mais tempo com elas”*, acrescenta o pai.

A mãe conta que *“ao fim de semana a Sara fica feliz por estar com o pai, por isso eu dizer que ela é mais chegada ao pai”*. O pai pensa que ela fica feliz porque *“faz comigo coisas que não faz com a mãe, por exemplo, ir dar uma volta de bicicleta...”* A mãe diz: *“Hoje, estive a fazer uma coisa que não faz com o pai, ajudou a fazer o almoço e gostou imenso”*.

Como definem a Sara?

O pai define-a como uma criança muito meiga. A mãe diz ser difícil defini-la. Começa a chorar e diz: *“Às vezes tenho um pensamento muito chato em relação à Sara que não tenho com a Maria. Tenho muito medo do futuro dela, que algo lhe aconteça, sempre tive isto...”*. O pai tenta cortar o pensamento da mãe e repete: *“A Sara é muito meiga”*. Mas a mãe continua: *“Embora o pai ache que a Sara é muito parecida com ele, e é verdade, ela tem muito a ver comigo, está muito ligada a mim,*

não sei explicar de que maneira, mas está. Com a Maria estou à vontade, nunca penso que coisas más lhe aconteçam, acho que a Maria é forte, que nunca vai ter problemas, com a Sara não, é uma sensação muito esquisita". O pai diz: "Em relação a isso, o que procuro fazer da educação dela é... ", mas é interrompido pela mãe que, a limpar as lágrimas, continua: "A Sara pensa coisas que eu estou a pensar, diz coisas que eu estou a pensar,... é muito estranho, é uma ligação estranha, se eu disser isto a alguém dizem que eu sou maluquinha, mas não é, porque às vezes vou começar a dizer-lhe uma coisa e ela diz exactamente aquilo que eu ia dizer. É uma ligação tão forte que às vezes tenho medo do futuro, não sei explicar, é uma coisa esquisitíssima. Tem uma coisa muito forte comigo e eu acho que ela também sente isso. A Sara para mim sou eu!!!".

O pai diz: "Desde que nasceu, a Maria está mais adaptada ao mundo, à época, à concorrência, a Sara é muito sensível, sã, tento educá-la no sentido de que não se pode deixar ficar em determinadas situações, não pode ser agressiva, mas também não se pode deixar ficar. Acho que aí ela tem amadurecido, tem uma maturidade boa para a idade que tem. A parte sã que tinha criou defesas para se defender". Diz a mãe: "Ela é muito sensível, parece que não, mas é muito sensível, quando há alguma situação no ar ela apercebe-se imediatamente...". Para o pai, "ela é capaz de se prejudicar para ajudar o próximo, quer os pais, quer outras pessoas,... vai ser uma pessoa boa,... não desgosto apesar de tudo da outra (Maria), tive alguma dificuldade em adaptar-me a ela até determinada altura, porque já estava habituado a falar com a Sara como se fosse uma pessoa adulta e depois não sabia falar com a outra, na Sara tudo era novo, gostei de todas as fases, na outra já tinha visto e gosto sempre do que é novo, não gosto que seja sempre a mesma coisa...". A mãe lembra-lhe que com a Maria "viveste fases novas, nunca viveste a fase de gritaria com a Sara".

Quando terminámos, o pai teve que sair e foi chamar a Sara. Enquanto fiquei sozinha com a mãe, esta pediu desculpa por ter chorado, voltando a falar de como é forte a relação mãe-Sara, de como ela se apercebeu de alguns momentos mais difíceis da relação dos pais e de como nestes parecia saber aquilo que a mãe

pensava. Quando a Sara chegou, olhou para a mãe e perguntou-lhe se tinha estado a chorar, o que a mãe negou. A Sara não insistiu mais, mas não ficou convencida.

* Análise da entrevista com os pais

Da entrevista com os pais sobressai, principalmente, a grande identificação que cada um deles faz com a Sara, as inúmeras comparações que estabelecem com ela, a forma como cada um se sente muito próximo dela- próximo demais?

Mas comecemos pela gravidez. A Sara foi uma criança planeada e desejada por ambos os pais. O pai tinha uma clara preferência por um rapaz *"fiquei desanimado"*, enquanto que a mãe preferia a menina, porque *"se tivesse tido um menino ele vinha amaricado, porque eu sonhava mesmo com uma menina... os lacinhos, os vestidinhos, essas mariquicês todas, por isso se fosse um menino a coisa não ia dar bom resultado!"*.

A mãe fala com grande emoção de quando viu a Sara pela primeira vez, dizendo que ela era *"muito linda!!!"*, tal como o pai que a definiu como *"muito bonita"*. Contudo, a mãe parecia não se sentir muito segura do seu papel de mãe, nos primeiros anos de vida da filha. Quando a Sara tinha 2A 6M, a mãe, por motivos profissionais, vivia durante a semana longe da filha. Diz que não se apercebeu que essa separação pudesse ter grande impacto nela, *"nunca achei que a Sara fosse muito agarrada a mim, (...) pensei que ela não gostava de mim... deixei-a"*. Havia pois, o sentimento de não ser uma boa mãe para a filha, verificando-se, presentemente, o sentimento de culpa por a ter *"abandonado"*. Reconhece, agora, como essa separação foi sentida de forma negativa pela Sara, e sente-se culpada por isso: *"ela sentia a minha falta (...) chegava tarde ela tinha medo que eu não chegasse e então zangava-se comigo"*. Pensamos que daqui, poderá ter resultado a grande identificação que a mãe faz com a filha, e os seus receios em relação a ela. É a chorar que fala do seu medo de a perder (*"tenho muito medo do futuro dela, que algo lhe aconteça..."*), assim como da grande ligação que existe entre as duas (*"está muito ligada a mim (...) a Sara pensa coisas que eu estou a pensar, diz coisas que*

eu estou a pensar”). É como se a mãe sentisse que ela e a filha são uma só, o que é expresso por ela: **“A Sara para mim sou eu!!!”**.

De referir que, na altura em que a mãe estava ausente, a Sara sentia uma grande necessidade da sua presença, o que é visível, não só na dificuldade que tinha em adormecer, no seu choro, como também no facto de, com 3A, ela pedir à mãe para mamar, como se necessitasse sentir o seu corpo muito próximo do corpo da mãe.

Também da parte do pai existe uma grande identificação à Sara, o que esteve presente em muitos momentos da entrevista: *“ela saí um pouco ao pai (...) eu não me conseguia desenvolver naquele ambiente e ela é como o pai e também não conseguia (...) é muito fechada como eu (...) em termos físicos ela saí ao pai, até noõ defeitos que eu pensei que não pudessem existir em mais uma pessoa (...) gostava que ela escolhesse uma profissão idêntica à minha (...) neia vejo-me a mim em muitas coisas”*.

Verifica-se uma clara preferência do pai pela Sara, uma vez que, em relação à filha mais nova diz: *“a Sara vai ser uma pessoa boa... não desgosto apesar de tudo da outra (Maria), tive alguma dificuldade em adaptar-me a ela (...) elas têm personalidades diferentes, mas a pequenina está melhor, porque tem sido moldada de maneira a tornar-se mais parecida com a Sara”*. A mãe diz rever-se também na filha mais nova, falando dela com mais carinho do que o pai, mas não de forma tão emotiva como o faz quando se refere à Sara.

Relativamente à irmã, salientam-se alguns aspectos. Por exemplo, a dificuldade de adaptação que a Sara teve na passagem da pré-primária para a 1ª classe, poderá estar relacionada com a transição de uma escola mais “maternal”, para uma outra menos “maternal”, a escola dos “mais crescidos”. Poderá ainda ser uma identificação ao desagrado do pai pela escola- *“fiquei chocado com o que vi e a partir daí comecei a querer tirá-la de lá”*. Mas se tivermos em conta que esta dificuldade de adaptação, a tristeza da Sara nessa altura, que a levava a isolar-se e

a procurar a “protecção” da antiga professora (“*sentada no chão ou num banquinho ao pé da antiga professora*”), aconteceu depois do nascimento da irmã, poderemos pensar que esta dificuldade de adaptação à escola poderá ter desencadeado, juntamente com outros aspectos (entre os quais o sentimento de já ter sido “abandonada”- o nascimento da irmã poderá ter reavivado esse sentimento de abandono), uma depressão na Sara. Isto também é referido pelo pai quando diz que a Sara “*escondia-se nos cantos (...) quando lhe perguntei se tinha ciúmes da irmã ela abriu-se, começou a chorar, e disse que sentia alguma coisa em relação à irmã que não sabia exactamente o que era*”. Parece pois, que o nascimento da irmã e os primeiros meses de convivência com esta foram difíceis para a criança. Contudo, verifica-se uma identificação da Sara à irmã- “*ela chorava (...) a Sara ao vê-la... começava também a chorar*”, assim como uma necessidade de a proteger, de se assegurar que a irmã está bem.

De salientar que, quando mudou de escola, a Sara também quis “mudar de nome”: “*Na primeira escola chamavam-lhe Sara como todos na família lhe chamamos, na escola nova passou a ser Margarida (...) agora diz que já gosta mais de Sara, que não se importava que lhe chamassem Sara*”. Pensamos que a Sara não quis apenas “*divorciar-se de tudo o que dizia respeito à escola*”, como foi referido pelo pai, mas que, na escola, queria esquecer alguma coisa que em casa não corria bem: a presença da irmã na família?

Entrevista com a Sara

A Sara disse não ter muitas recordações de quando era mais pequena, mas referiu alguns episódios de que se lembra: *“Lembro-me que quando era pequenina não era tão traquina como a minha irmã e a minha mãe também diz que quando eu era pequenina não chorava quando queria mamar, mas que tossia. Também me lembro que um dia, quando o meu primo foi para a escola, nós portámo-nos mal, ficámos de castigo e depois desarrumámos tudo”*.

Conta que uma das coisas que a fizeram mais feliz foi *“ter uma mana”*. Diz que gostava de ter um irmão, pois já tem uma irmã e agora falta o menino.

Na relação com a irmã, a Sara contou que quando ela e a Maria se zangam, o que segundo a Sara não é muito frequente, é porque, *“às vezes, ela quer uma coisa e eu outra e às vezes batemo-nos e os meus pais batem numa e batem na outra. Às vezes nem sabem quem tem culpa!”*. Apesar das discussões, conta com alegria o facto de irem ficar as duas no mesmo quarto: *“As obras é uma grande chatiça, e eu já estou farta das obras cá em casa, mas o bom é que os meus pais vão lá para cima e eu e a minha irmã ficamos no quarto dos meus pais que é muito grande, vamos ter duas camas iguais”*.

Conta que na escola vai dar um beijinho à irmã, mas... *“como os da bata castanha- são os mais velhos- não podem ir para o pé dos mais pequeninos, porque os mais velhos batem nos pequeninos, só lá podem ir os irmãos dar beijinhos.... Ela diz que dantes batiam-lhe e eu um dia vi uns miúdos tirarem-lhe um chupa que ela levava para a escola e eu fui lá e tirei e dei-lhe a ela. Depois disse para ela não trazer mais chupas para a escola, que eu guardava aquele e depois comemos em casa”*.

Como defines a tua irmã? *“É traquina, às vezes é meiga, às vezes é reguila, às vezes é muito amiga”*. Acrescenta: *“a minha irmã é parecida comigo e nós somos parecidas com... não, a minha irmã saí mais à tia (26A, irmã da minha mãe)...os tiques... tinha o cabelo espetado e em muitas coisas são iguais, fazem malandrices”*. E tu, com quem te achas parecida? A Sara fica pensativa e diz: *“Não sei...”*.

Em relação à escola, a Sara diz gostar muito de lá andar, e considera-se uma boa aluna: *“Estou lá desde o 2º ano, não gostava da outra escola porque não tínhamos muitas regras e agora já temos. Tinha duas amigas, mas uma também se ia embora e outra eu vejo-a na nataçãõ. A outra eu já não vejo, mas tem uma irmã doente, quase a morrer e eu gostava de estar ao pé dela, mas não sei onde ela está. Gostava de estar ao pé dela a apoiá-la para ela não ficar triste e também gostava de brincar com ela”*. Conta que agora tem muitos amigos, mas que a sua melhor amiga é a prima. Quando tem algum problema costuma contar à prima e, às vezes, à mãe. Mas... *“quando quero uma coisa peço ao pai, porque ele está menos tempo comigo e então dá-me mais coisas”*. Acrescenta que o pai *“trabalha muito- a minha mãe dá aulas numa escola aos meninos do 5ª ou 6ª ano, o meu pai é engenheiro”*.

O que gostavas de fazer quando fores mais crescida? *“Eu gostava de ser cantora, ou então de pintar. Gosto muito de música- fado, cantigas... tudo menos ópera. Gosto da Micaela e da Ana. Toco orgão, gosto de pintar,... Eu dantes queria ser médica, a minha prima é médica, mas nunca mais era porque tinha que estudar muito e então eu já não quero”*.

*** Análise da entrevista com a Sara**

Das recordações de infância, referidas pela Sara, de salientar a comparação que estabelece entre ela e a irmã- *“não era tão traquina como a minha irmã”*. Fala do desejo de ter mais um irmão- um menino- e refere que um dos acontecimentos mais felizes da sua vida foi *“ter uma mana”*. Esta é descrita como *“muito amiga”*, havendo o desejo de identificação com a irmã: *“a minha irmã é parecida comigo”*, o que depois é negado: *“...não, a minha irmã saí mais à minha tia”*. Com quem é ela parecida? A Sara não sabe....

Verifica-se um desejo de maior proximidade com a irmã, o que vai acontecer agora que ambas vão dormir no mesmo quarto, assim como uma grande necessidade de a proteger: *“Ela diz que dantes batiam-lhe e eu um dia vi uns*

miúdos a tirarem-lhe um chupa que ela levava para a escola e eu fui lá e tirei e dei-lhe a ela. Depois disse para ela não trazer mais chupas para a escola, que eu guardava aquele e depois comemos em casa”. De referir, que quando fala da escola anterior, da qual não gostava porque “não tínhamos muitas regras e agora já temos”, a Sara fala de uma amiga, que já não vê há alguns anos (cerca de 2 anos), e que tinha “uma irmã a morrer”. Podemos questionarmos da realidade deste facto ou de consistir numa fantasia da criança: ao não conseguir expressar verbalmente os seus sentimentos negativos em relação à irmã (certamente que existirão alguns), fantasia a sua morte, o seu afastamento da família. Será que a necessidade que a Sara tem de proteger a irmã (também referida pelos pais, que dizem que “a professora tinha que a levar ao outro lado para ela ver que a irmã estava bem”), não estará relacionada com estas fantasias, ou seja, ter receio que estas se tornem realidade, o que lhe traria uma grande culpabilidade?

* Análise do Teste projectivo Patte Noire

O protocolo e a análise detalhada do teste projectivo Patte Noire estão em anexo (anexo 12 e anexo 13). No quadro que se segue encontram-se os aspectos mais relevantes dessa análise.

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
<ul style="list-style-type: none"> * Tendências regres-sivas * agressividade entre irmãos censurada * agressividade contra fratria (angustian-te) * impulsos de salva-ção indirecta da fra-tria * fantasia de morte da fratria (angustiante) * receio de morte pró-pria na rivalidade fra-terna 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proxi-midade com a figura materna * figura materna pro-jectora e gratificante * figura materna subs-tituta não gratificante * sentimento de exclu-são da relação mãe-bébés 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade de ca-rácter anal dirigida à figura paterna (culpa) * figura paterna grati-ficante 	<ul style="list-style-type: none"> * sentimento de exclu-são da relação pais-filhos * agressividade de ca-rácter anal dirigida às figuras parentais * cena primitiva an-gustiante * movimentos de in-dependência (angus-tiantes)

* Análise do Teste das Relações Familiares

O protocolo do teste das relações familiares, assim como a sua análise detalhada encontram-se em anexo (anexo 14 e anexo 15).

Fazendo a síntese da análise do teste das relações familiares, temos que:

O membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional é a **mãe**. Esta é simultaneamente o principal objecto de amor (é para ela que a Sara envia mais sentimentos positivos) e a principal fonte de amor (é dela que recebe mais sentimentos positivos). São muitos os itens que revelam como a relação mãe-filha é desejada e sentida como agradável quer pela mãe (por exemplo, *“gosta de me dar beijinhos, abraços, de me fazer festas”*- itens 50, 51 e 52), quer pela criança (por exemplo, *“Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família”*- item 12). A mãe é ainda sentida como a pessoa que *“ouve sempre aquilo que eu tenho para dizer”* (item 47), assim como *“cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa”* (item 57). Surgem também itens negativos, como sejam, *“de vez em quando irrita-se”* (item 23) e *“de vez em quando zanga-se muito”* (item 29).

Foi na mãe que a Sofia colocou o item 93- *“O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família”*, o que poderá mostrar alguma inveja da relação do casal parental.

A **irmã**, que aparece em segundo lugar no que se refere ao envolvimento emocional, é o principal objecto e fonte de hostilidade, verificando-se, em relação a ela, uma grande ambivalência de sentimentos. Assim, a Sara atribui-lhe quer sentimentos positivos, por exemplo, *tem muita graça e é muito bondosa* (itens 5 e 9), quer sentimentos negativos: *“gosta de me provocar”* (item 61), *“aborrece-me”* (item 65). Se por um lado, a Sara diz *“gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família”* (item 8) e *“de fazer festas a esta pessoa da minha família”* (item 10), por outro, *“por vezes até me apetece bater a esta pessoa da minha família”* (item 33).

O pai aparece em terceiro lugar no que se refere ao envolvimento. Com ele verifica-se o desejo de uma maior proximidade, ainda que a sua relação seja sentida como gratificante (tendo no entanto, surgido o sentimento de alguma hostilidade do pai relativamente a si). O desejo de proximidade está presente, por exemplo, no item 13- *Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim.*

Tal como aconteceu com a mãe, no pai a Sara colocou o item (98), *“A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família”*, e ainda o item 15, *“Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família”*, o que vem reforçar a ideia de algum ciúme da relação dos pais.

Em relação a **si própria**, são poucos os itens que atribuiu. Surgiram principalmente sentimentos que ressaltam as suas qualidades: *“muito alegre”* (item 1) e *“ajuda sempre os outros”* (item 2). Apareceu ainda um item de particular significado- *“é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra”*, como se a Sara sentisse alguma hostilidade do pai em relação a ela.

Existiram alguns itens que a Sara não conseguiu atribuir apenas a uma pessoa: o item 6- *“Esta pessoa da minha família merece um presente bonito”* e o item 7- *“Esta pessoa da minha família é uma boa companhia”* (itens que a Sara atribuiu a todas as pessoas da sua família). Os itens 91 e 94- *“O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família”* e *“Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta”*, que atribuiu a ela à irmã e à mãe. E itens relacionados com a super-protecção materna e com a sobre-indulgência materna, os quais a Sara atribuiu igualmente a si própria e à irmã. O item 99- *“Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta”*, a Sara atribuiu a ela, à irmã e ao pai. Ou seja, parece-nos que, quando os itens têm uma grande carga afectiva positiva, como seja, o gostar mais de..., torna-se impossível para a Sara tomar uma decisão.

Desenho de uma Família Imaginária

A Sara começou por desenhar a mãe. Enquanto fazia o desenho desta, contou que, no dia seguinte era o dia da mãe e que tinha feito uma prenda muito bonita na aula de cerâmica, que me iria mostrar depois, mas que era segredo, para fazer uma surpresa à mãe.

Depois de desenhar a mãe, desenhou a irmã, seguida de si própria e no fim desenhou o pai.

Enquanto fazia o desenho, fomos conversando, pois a Sara mostrou interesse em saber se já tinha feito aqueles jogos com outras crianças, falou de música, pintura, e dos gatos e dos passarinhos que tinham.

O desenho, assim como o questionário encontram-se em anexo (anexo 16).

*** Análise do Desenho de uma Família Imaginária**

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 4 (mãe, irmã, Sara e pai)
- personagens ausentes- nenhum
- personagens acrescentados- nenhum

Identificações/Preferências:

- conscientes- filha
- inconscientes- mãe- personagem desenhada em primeiro lugar
 - mais simpática
 - mais feliz
- pai- mais simpático
 - mais feliz

Relação fraterna:

- reacção regressiva- atribuição a si própria de uma idade inferior à sua

Relação com as imagens parentais:

- valorização de ambas as figuras parentais
- aproximação à figura paterna

No desenho de uma família imaginária verifica-se uma tendência regressiva, uma vez que a Sara atribuiu a si própria uma idade inferior à sua idade real. A identificação é feita principalmente à mãe (a qual foi desenhada em primeiro lugar e, juntamente com o pai, é a mais feliz e mais simpática). Desenhou-se a ela e à irmã entre os pais, a irmã ao lado da mãe e ela ao lado do pai, havendo assim uma maior aproximação à figura paterna. No questionário, a Sara não dá nenhum membro da família como estando triste ou como sendo o menos simpático, e na questão do carro, quando lhe é perguntado quem fica em casa, a Sara respondeu rapidamente: "*Ninguém, ou ficávamos todos*" - defesa perante sentimentos negativos relacionados com a sua família.

Quando terminamos as provas, a Sara convidou-me para ir ao seu quarto. É um quanto muito bonito e agradável, com móveis brancos com flores pintadas de cor de rosa. Numa estante, para além de livros, tem bonecos e fotografias dela e da irmã. Dentro da gaveta da escrevaninha estava um dossier que a Sara me mostrou: tinha vários desenhos feitos por si. Eram faces de meninas (sempre a mesma, que me pareceram auto-retratos, apesar de a Sara dizer não se identificar com eles, nem serem rostos de pessoas que conheça): dá-lhes nomes que inventa. Em seguida, dirigiu-se para o órgão e começou a tocar uma música que esteve a ensaiar para dedicar à mãe (no dia da mãe). Mostrou-me ainda a prenda que ia dar à mãe: um ramo de flores feito em barro e pintado com cores vivas e alegres, que fez na aula de cerâmica, a sua disciplina preferida. Nesse momento a mãe veio ter connosco ao quarto e ajudei a Sara a esconder a prenda para a mãe não ver. Esta, apercebendo-se do que se passava, riu-se.

A mãe da Sara convidou-me para lanchar com elas. Enquanto conversei com a mãe, principalmente acerca dos nossos trabalhos, e das obras que estão a fazer

em casa, a Sara manteve-se junto de nós, interessando-se pela nossa conversa, e fazendo algumas perguntas à mãe, que lhe respondia carinhosamente e como se a Sara fosse mais velha. Enquanto isto, a Maria andava pela sala, numa tentativa de chamar a nossa atenção: deitava-se no chão como se estivesse a nadar, atirava as “bolas saltitonas”, correndo atrás destas, chamava-me várias vezes para eu ver as “suas proezas”, vinha para perto de mim, abraçava-me e falava muito. A mãe, pouco firme, ia-lhe chamando a atenção, dizendo-lhe para estar quieta, mas a Maria continuava com o seu sorriso “traquina” a “fazer diabruras”, como referiu a Sara.

Quando me despedi da Sara, esta convidou-me para voltar mais vezes à sua casa; ao despedir-me da Maria, ela pendurou-se no meu pescoço, rindo muito. As crianças acompanham-me até à porta, de mãos dadas, ficando a acenar-me até me afastar.

Síntese

No quadro seguinte encontra-se uma pequena síntese dos dados que considerámos mais importantes, obtidos a partir dos diferentes instrumentos utilizados.

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais	<ul style="list-style-type: none"> * nos primeiros anos de vida da Sara- mãe pouco segura do seu papel de mãe- não se sentia uma boa mãe * separação durante um ano (2A 6M)- sentimento de abandono- culpabilidade * receio de perder a filha * grande identificação à filha (“a Sara para mim sou eu”) 	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à filha * preferência clara pela Sara 	<ul style="list-style-type: none"> * relação amigável/ conflituosa 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada * necessidade de proximidade materna * nascimento da irmã- ciúmes, depressão * identificação à irmã * necessidade de proteger a irmã

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista criança			*desejo de proximidade com ela * necessidade de a proteger * fantasias de morte- culpabilidade	
Patte Noire (criança)	*desejo de proximidade com a figura materna * figura materna protectora e gratificante * figura materna substituta não gratificante * sentimento de exclusão da relação mãe-bébés * cena primitiva angustiante * agressividade de carácter anal dirigida às figuras parentais * movimentos de independência (angustiantes)	* figura paterna gratificante * cena primitiva angustiante * agressividade de carácter anal dirigida à figura paterna * movimentos de independência (angustiantes)	*Tendências regressivas * agressividade entre irmãos censurada *agressividade contra a fratria (angustiante) *impulsos de salvação indirecta da fratria *fantasia de morte da fratria (angustiante) * receio de morte própria na rivalidade fraterna * sentimento de exclusão da relação pais-filhos	
Teste relações familiares (criança)	* 1ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de amor * muito gratificante	* 3ª figura- envolvimento emocional * desejo de proximidade * gratificante * sobre-indulgência maior na Sara	* 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * ambivalência de sentimentos * sobre- protecção materna	* 4ª figura- envolvimento emocional * sobre-indulgência paterna

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Desenho família imaginária (criança)	* identificação à mãe * valorização da figura materna	* aproximação à figura paterna * valorização da figura paterna	* reacção regressiva	

Verifica-se um grande envolvimento emocional da Sara com a **figura materna**, a qual aparece simultaneamente como principal objecto e fonte de amor. A mãe é sentida como gratificante, protectora e é muito valorizada. De salientar a identificação que a Sara faz à mãe, assim como a identificação (excessiva?) da mãe com a Sara, dizendo “*A Sara para mim sou eu!*” (que podemos relacionar com o sentimento de culpa da mãe por se ter “separado” da filha no segundo ano de vida desta - sentimento de a ter abandonado).

A **figura paterna** aparece também como gratificante e valorizada, sendo visível o desejo da Sara de uma maior aproximação a esta. Da parte do pai, existe uma grande identificação à filha, assim como é claramente expresso por ele a preferência que tem por esta filha.

Em relação à **figura fraterna**, verifica-se que esta aparece como principal fonte e objecto de hostilidade, existindo uma ambivalência de sentimentos em relação a ela: desejo de proximidade e de protecção, ao mesmo tempo que agressividade e fantasias de morte. Verifica-se um sentimento de exclusão da relação pais-irmã, o que poderá estar na origem das tendências regressivas verificadas na Sara.

Vamos agora fazer uma breve **comparação dos resultados encontrados nos três momentos deste estudo**: durante a gravidez da Maria, quando esta tinha cerca de um mês de vida e agora que se passaram cerca de 4 anos do seu nascimento.

Não são muitas as diferenças que se encontram nestes três diferentes momentos na relação da Sara com as figuras parentais e fraterna.

Assim, as tendências regressivas mantêm-se, assim como a ambivalência de sentimentos em relação à figura fraterna. Mantém-se, igualmente, o sentimento de exclusão da relação pais-irmã, assim como os impulsos de salvação da figura fraterna. Contudo, neste último momento surgiu a fantasia de morte da fratria, o que não se verificou no momento de gravidez materna, sendo que, no momento após o nascimento da irmã, surgiu o receio de morte própria na rivalidade fraterna.

Em relação às figuras parentais, verifica-se que a mãe foi sentida, em todos os momentos, como gratificante, ainda que, no momento após o nascimento da irmã tenha também sido sentida como rejeitante. A mãe substituta foi em todos os momentos sentida como frustrante. O sentimento de zanga com a mãe foi mais visível no período de gravidez, no qual o pai surgiu como figura alternativa à mãe desejada, aparecendo nos outros dois momentos o desejo de proximidade a este. A cena primitiva continua a ser sentida como angustiante. Verificaram-se, nos três momentos, movimentos de independência face às figuras parentais, e ainda que no momento presente estes não tenham sido sentidos de forma tão angustiante como nos momentos anteriores, o desejo de autonomia foi visível, assim como a necessidade de protecção parental, a qual no segundo momento do estudo foi sentida como insuficiente.

Fazendo uma breve reflexão dos instrumentos utilizados, parece-nos que, o Teste das Relações Familiares e sobretudo o teste projectivo Patte Noire deram informação muito importante, que nos permite uma melhor compreensão da personalidade da Sara, complementados com os restantes instrumentos. De todos, pensamos ser o desenho da família imaginária o menos informativo.

2.5.3. MÓNICA

Há 4 anos...

1ª Observação (antes do nascimento da irmã)

Quando conheci a Mónica, ela tinha 5A 7M. Era uma menina bonita, cuja face se escondia por detrás dos seus muitos caracóis castanhos despenteados. Era uma criança muito “viva”, extrovertida e meiga. Com a irmã mais velha (na altura com 7A), parecia ter uma relação muito próxima e amigável. A irmã tratava a Mónica com carinho e, por ser “mais pequena”, desculpabilizava alguns dos seus comportamentos, que ambas denominavam de “disparates”.

A mãe parecia-se fisicamente com a Mónica, referindo-se à filha como “muito mexida”. Contava algumas das “asneiras” que a Mónica fazia, ralhava com ela, mas era visível que lhe achava graça.

Desta primeira observação, destacam-se alguns aspectos:

* Relação da criança com as figuras parentais:

No desenho de uma família imaginária, a Mónica não representou a sua família, o que demonstrou não só uma reacção agressiva em relação à fratria e às figuras parentais, como também uma reacção depressiva (uma vez que não se desenhou a si própria), o que poderia evidenciar dificuldades nas relações com a família no período de gravidez materna. Contudo, no Patte Noire, constituiu uma família e no jogo representou a sua própria família, não havendo assim, concordância nos três instrumentos utilizados.

No que se refere à **figura materna**, esta foi sentida como gratificante, verificando-se a necessidade, por parte da criança, de se reassegurar do amor que a mãe sentia por ela, quer no jogo (“*a Mónica foi para o carrinho do bebé passear com a mãe (...) a mãe olhou para o carrinho e a Mónica já não tava e a mãe ficou triste*”), quer no Patte Noire (“*Uma vez o porquinho viu a mãe e depois foi beber leite*”).

às maminhas da mãe. *Tavam muito felizes!*). A mãe substituta também foi sentida como gratificante, mas a Mónica mostrou alguma culpabilidade por esse sentimento (*“...a mãe do porquinho ficou zangada, porque o porquinho bebeu leite da cabra... ele pensou que a cabra era a mãe”*).

Verificou-se uma aproximação à **figura paterna**, surgindo culpabilidade face a impulsos agressivos em relação a esta (*“... o porquinho pequenino pôs água para a cara do pai. O pai zangou-se. Este porquinho não foi porque tinha medo que o pai lhe batesse”*). Na algumas pranchas verificou-se a inversão das figuras parentais, havendo assim alguma confusão na atribuição dos géneros.

Face à **relação íntima do casal parental**, a Mónica identificou-se sempre à mãe, o que poderia indicar o desejo de tomar o lugar desta na relação com o pai.

Houve movimentos de independência, que se tornaram angustiante para a criança, que não conseguiu fazer a reparação da frustração desses movimentos (*“Uma vez o porquinho andava na rua... foi à casa dos amigos. Depois, andou, andou... até que foi parar ao meio do chão, não sabia onde era a casa do pai e da mãe”*).

* Relação com a figura fraterna:

No teste projectivo Patte Noire, nas pranchas mais directamente relacionados com a **fratria**, a Mónica afastou-se do conflito proposto pelos cartões, o que indicou que a agressividade na rivalidade fraterna era censurada pela Mónica. Quando o conflito entre irmãos foi referido por ela, identificou-se à “vítima”, sendo ela a protegida pela fratria (*“...o pato agarrou no rabo dele. O outro irmão porquinho viu e puxou a pata do porquinho, dava-lhe a mão e ajudava-o”*).

* Tendências regressivas:

No jogo a Mónica apresentou tendências regressivas (*“...a Mónica foi para o carrinho da bebé”*), os quais foram referidos pela mãe na entrevista: a Mónica requeria a presença da mãe durante as refeições para que lhe desse comida à boca, assim como durante o último mês de gravidez materna, teve episódios de enurese nocturna.

2ª Observação (após o nascimento da irmã)

A segunda observação foi realizada quando a irmã da Mónica tinha cerca 1 mês (nasceu no dia a seguir à realização da 1ª observação). A Marta mostrou-se carinhosa com a irmã, sentou-se no sofá com a ela ao colo, deu-lhe muitos beijinhos e falou acerca da bebé: *"Quando fui ver a minha mãe ao hospital tava lá montes de pessoas a darem prendas. A minha bebé era muito pequenina, parecia uma boneca! Ela sorriu e deitou a língua de fora para mim (...) Já viste que ela puxa-me os cabelos e agarra-me os dedos? Quando a minha mãe não tá cá eu pego-a ao colo. Uma vez pôs a minha bebé ali em cima da almofada e ela nem caiu! (...) O meu pai para a minha mana é muito giro. Põe-se assim: "Ó minha linda. Ó minha menina faz ó-ó, faz ó-ó" (riu-se). Sabes, quando eu era pequenina ele também me fazia isto"*.

Nesta observação realçaram-se alguns aspectos:

* Relação da criança com as figuras parentais:

Relativamente às **imagos parentais**, verificou-se, no desenho de uma família imaginária, uma reacção agressiva, uma vez que a criança não os fez constar no seu desenho, nem à irmã mais velha, dizendo não saber quem era a sua família.

Parecia haver dificuldades na aceitação da **relação íntima entre os pais** (*"Os pais porquinhos dançaram, dançaram... e depois o filho tava ali a ver uma coisa... tava a ver uma árvore, se tinha erva"*) e o desejo de ocupar o lugar da mãe na relação com o pai, pois a Mónica identificou-se à mãe na relação do casal parental.

Houve ainda uma inversão das figuras parentais, surgindo o tema de **"pai alimentador"** (*"... o porquinho foi mamar à mama do pai. Sabia que era o pai, mas foi mamar à maminha do pai que também tinha leite... ele era pequenino"*), o que, segundo Corman (1961), aponta para uma maior afinidade da criança com a figura paterna. Esta maminha do pai, poderá também ser aquilo que permitiria à criança, tal como a mãe, ter um bebé seu.

Face à **figura materna** surgiu alguma agressividade (*"... o filho deitou óleo para a cara da mãe"*), ainda que suscitando culpa. Verificou-se a fantasmática de

abandono, não sendo os pais sentidos como suficientemente protectores e securizantes (“A porquinha tava a andar e depois caiu no buraco. Chamou “mamã, papá”... os papás não vieram porque tava muito escuro”).

* Relação com a figura fraterna:

No jogo e no Patte Noire a Mónica constituiu uma família. Contudo, se no jogo apresentou movimentos de rejeição da irmã mais nova (“*Eu não quero a bebé!*”), assim como fantasias de destruição da **figura fraterna** (“*A bebé tava no monte e depois veio o lobo e comeu-a*”), no desenho a irmã mais nova foi o único membro da família a ser desenhado, sendo ainda aquele ao qual se identificou. Estas fantasias de destruição do “rival fraterno” estiveram também presentes no Patte Noire (“...os porcos foram à janela...tavam tiros e os porquinhos pequeninos morreram”), no qual surgiu ainda o receio de morte própria. Contudo, também surgiram impulsos de salvação directa da fratria (“*Tá a puxar o rabo ao porquinho e o outro porquinho vai dar tareia ao pato*”). Verifica-se pois, alguma ambivalência face à fratria. A Mónica evidenciou sentimentos de exclusão da relação mãe-bébé, assim como necessidade de protecção parental face à agressão por parte da fratria.

* Tendências regressivas:

Ainda que se tenham verificado algumas **tendências regressivas** (identificação à bebé), houve também uma grande **identificação à mãe**: a Mónica disse frequentemente, referindo-se à irmã, “a *minha bebé*”.

4 anos depois...

3ª Observação

Quando cheguei a casa da Mónica fui recebida pela Rita (irmã mais velha). A Rita tem 12 anos e no primeiro contacto tem uma expressão muito séria e algo distante, que se vai modificando, dando lugar ao desejo de uma maior proximidade. Logo a seguir veio a mãe, muito simpática, seguida da Mónica e da cadela das crianças. A Mónica, de 10A 1M, ainda que mantendo alguns dos traços físicos que tinha quando era mais pequena, está muito diferente. Está alta, é muito magra, e o seu cabelo comprido e cheio de caracóis, está agora mais curto e quase liso. Tem uns olhos claros bonitos, mas umas olheiras escuras, como a mãe. Fisicamente são muito parecidas.

O pai está na sala a ver televisão. Depois de me cumprimentar aponta para a Mónica e a rir diz: "*Tu és a culpada!*". A Mónica sorri timidamente, sem dizer nada. Pergunto "*culpada de quê?*" e o pai diz que estava a brincar. Enquanto o pai vai atender uma chamada telefónica e a mãe vai terminar o jantar (esta observação foi realizada à noite, por indisponibilidade dos pais durante o dia), fico na sala com a Mónica e com a Rita. A Rita é quem "dirige" a conversa. Conta que têm a cadela há poucos meses, que a encontraram na rua e os pais deixaram-na viver com eles; que a Maria (irmã mais nova) está a dormir; fala da escola, de como é boa aluna, e que no próximo ano a Mónica vai para a escola dela, o que parece ser do agrado de ambas. A certa altura, a Rita aponta para a mesa de vidro e manda a Mónica ir buscar um pano para a limpar, pois "*está suja*" (estaria?). A Mónica vai rapidamente, passa o pano na mesa, o que deixa a Rita com uma expressão triunfante.

Quando os pais voltam, as irmãs vão jantar para a cozinha, enquanto ficamos a conversar. Entretanto, ouve-se a Maria (irmã mais nova, de 4A 7M) a chorar. Sensivelmente a meio da entrevista, a Maria aparece na sala, dirige-se para a mãe e fica no seu colo por alguns minutos. É uma criança bonita, gordinha, o cabelo é alourado com caracóis, e tem uma expressão meiga e decidida. Os pais apresentam-me e pedem-lhe que me diga como se chama. A Maria responde:

“*Maria Princesa Barbie*”. A brincar pergunto-lhe onde está o Ken, ao que a Maria responde prontamente, apontando para o pai: “É o meu pai”. Os pais riem.

Entrevista com os pais

A mãe é muito simpática e afável. Veste-se de uma forma simples e fisicamente é parecida com a Mónica. O pai, também simpático, tem um aspecto mais cuidado, na forma como se veste e como se expressa.

A mãe começa por contar que a gravidez da Mónica foi planeada. Já estavam casados há cerca de dois anos e já tinham uma filha: “*Foi uma gravidez normal, um bocado atribulada, porque trabalhava como professora e a Rita ainda era pequena. Quando tive a confirmação da gravidez fiquei muito contente, porque o pai queria duas filhas e eu tinha tido um aborto espontâneo, por isso engravidar passado dois meses foi muito bom*”. Por sua parte, o pai diz não se lembrar desse momento: “*Não me lembro muito bem do momento em que soube da gravidez, não fixo muito esses pormenores*”.

No que se refere a preferência pelo sexo da criança, o pai diz, sem qualquer dúvida: “*Já tínhamos uma menina, mas eu queria outra, não queria um rapaz. Sempre gostei de ter uma irmã e nunca tive e talvez por isso goste de raparigas,... é que tenho 3 irmãos...*”. “*Mas eu queria um rapaz, porque gostava de ter o casalinho...*”, diz a mãe. Têm três filhas, pensam ter mais? A mãe apressa-se a responder: “*Não, depois da Maria nascer, fiz laqueação de trompas*”. O pai a sorrir diz: “*Se fosse outra rapariga... os rapazes são umas pestes... acho giro raparigas*”. A mãe acrescenta: “*Ele acha que as raparigas são um miminho!*”.

Em relação ao parto, o pai diz não ter assistido a nenhum dos três, porque “*acho que não é um espectáculo bonito, o nascimento é bonito depois de correr bem, mas o espectáculo não é bonito,... há muito sangue*”.

A mãe conta que quando viu a Mónica pela primeira vez, ela não correspondeu ao bebé que ela imaginava: “*Quando a Mónica nasceu eu imaginava-a como a mais*

velha, bonita, e ela não era assim, era um bocado feia!”. O pai diz: “Eu acho que os bebés recém-nascidos são todos feios, não consigo tirar parecenças com ninguém. Uns dias depois começam a ter graça. Não consigo olhar para um recém-nascido e dizer que é bonito. Mas as minhas filhas eram todas carequinhas,... o que é bonito,... não gosto de ver um bebé com muito cabelo. Vi a Mónica minutos depois de ter nascido, ainda tinha sangue”.

Os pais lembram que “a escolha do nome da Rita foi fácil, porque era um nome que sempre tínhamos gostado, mas o da Mónica foi mais difícil,... depois de nascer ainda esteve cinco ou seis dias sem nome, porque não nos decidíamos. Depois escolhemos Mónica, porque nos agradou a ambos”.

O pai diz: “Não sei se tem interesse, mas a Mónica nasceu numa altura crítica para nós, porque eu passava pouco tempo em casa, trabalhava no Porto, só vinha a casa ao fim de semana”. O pai fala então da sua “ausência” nos primeiros meses de vida da Mónica: A Mónica, até hoje, tem uma relação diferente comigo, ela não viveu os primeiros tempos comigo, não se habituou muito a ver o pai,... houve uma altura em que eu vim a casa um fim de semana e a Rita apresentou-me a irmã,... a mais velha também não me reconhecia, foi fazer queixa à mãe a dizer que estava um homem na sala. Foi então nessa altura, que decidimos ir todos para o Porto- a Mónica tinha 1A 6M. Estivemos um mês a viver num hotel à procura de casa, depois ficámos no Porto durante um ano. A mãe refere que para ela também foi um período complicado, pois estava longe do marido: “tinha as miúdas, trabalhava, não tinha carro...”. O pai continuou: “Foi uma fase um pouco difícil, sinto que...”. “... estás a pagar a factura”, completa a mãe. O pai acena que sim com a cabeça. “A Mónica é diferente comigo. Qualquer gesto meu diferente para a Mónica, ela fica muito sensibilizada, por exemplo, um carinho... até parece uma miúda que não está habituada a carinho, e isto que nós lhes damos muita atenção, mas a Mónica reage de forma diferente. Se eu abraço a Rita ou a Maria elas deixam, a Mónica... resiste, mas gosta”. A mãe diz que também sente que com o pai a Mónica tem um comportamento diferente: “É como se a Mónica não estivesse à vontade com o pai, reage como se ele fosse um estranho, com mais cerimónia...”. O pai conclui: “Penso

que só pode ter sido isto, porque eu trato-as com o mesmo carinho. Acho que o não ter estado com ela nos primeiros meses a marcou. Mas não tento compensá-la,... trato-as da mesma forma, gosto dela como gosto das irmãs”.

A mãe diz: *“Tratamos as nossas filhas como iguais, mas elas são muito diferentes! Por exemplo, a Mónica gosta de ir dormir para a casa das primas, a Rita não, e não gosta muito de ter pessoas estranhas em casa, tudo o que altera o seu dia a dia ela não gosta, chega mesmo a tratar mal as pessoas”.* A mãe continua a falar de diferenças entre as duas filhas mais velhas: *“A Mónica está sempre a inventar... e a inventar a asneira!!! Gosta de nos enganar, é capaz de esconder a chave ao pai, para ele andar à procura,... eu não era capaz de fazer isto, acho que ficava cheia de remorsos!!!”.*

Com quem se parece a Mónica? Na opinião da mãe, a Mónica é muito parecida com ela quer fisicamente, quer na forma de ser. O pai diz que também tem coisas dele, ao que a mãe acrescenta: *“A tua mãe diz que ela é muito parecida contigo, mas penso que era mais por seres arisco em pequenino... a Mónica também é....”.* O pai concorda que, fisicamente, a Mónica é parecida com a mãe e destaca outras características da filha: *“É muito viva, muito alegre”.*

Em relação à Rita, a mãe pensa que esta se parece ao pai em termos físicos, mas *“de resto não é parecida com ninguém. É muito ponderada, faz asneiras, mas é muito perfeccionista e só de pensar que vai errar, chora. E eu não era assim, sempre fiz muitas asneiras. Eu sempre fui muito cábula como a Mónica, só quando comecei a ter pontos de interesse é que me apliquei nos estudos”.* O pai explica: *“A Mónica é assim, nunca tráz a mala da escola, para não fazer os trabalhos, a Rita é extremamente aplicada, estuda muito, tem uma grande preocupação com os trabalhos, os testes, se falta à escola um dia fica muito aflita. No outro dia fizemos um fim de semana prolongado e elas faltaram à escola. A Rita levou o tempo todo a dizer: “A esta hora os meus colegas estão a fazer o teste”, a Mónica nem se lembrava da escola. É do género de só se lembrar dos trabalhos de casa do fim de semana, no domingo à noite”.* A mãe diz que quando tinha a idade da filha também

era assim. O pai continua: “A Mónica é perguiçosa, não estuda, mas penso que ela tem mais capacidade do que a irmã. Para o que estuda tem boas notas”.

Como tem sido o percurso escolar da Mónica? A mãe conta que, com 17M a Mónica foi para o infantário, no qual teve algumas dificuldades de adaptação: “Entrava muda e saía calada e quando eu a ia buscar ela fazia queixas da professora e dos colegas. Houve uma vez que a obrigaram a comer Cerelac, que ela detestava, e então pegou no prato e enfiou-o pela cabeça abaixo”. Depois, lentamente foi-se adaptando. Quando a Mónica tinha 4A, a mãe deixou de trabalhar, e então ela saiu do infantário e ficou em casa durante um ano. “Depois na escola teve uma professora que não puxava muito por ela, mas eu em casa tentava ensinar-lhe as coisas. A professora dizia que eram muitos e que alguém ia ficar para trás, e eu não queria que fosse a minha filha! Tirei-a da escola e meti-a no externato onde está agora”. O pai pensa que ela gosta de ir à escola, porque “tem uma boa relação com os miúdos”. A mãe diz que nesse aspecto ela gosta, mas que “detesta aquela escola”. A rir, o pai conta que “houve um dia que a ia levar à escola, mas enganei-me e fiz o caminho para o meu trabalho, então ela resolveu o problema facilmente: “Pai enganaste-te, mas não faz mal, hoje não vou à escola!!!”. A mãe acrescenta: “A Mónica só não tem boas notas porque está-se a borrifar, quando quiser aprender, aprende. Eu já fui professora, só este ano é que não estou a dar aulas, mas ainda que me preocupe com a aprendizagem, tento não chagar as miúdas... isso tem que partir delas”. “O meu pai era muito rígido com isso, e eu não quero ser assim com elas”, acrescenta o pai. A mãe dá um exemplo: “A Mónica tem 10 anos e não sabia ver as horas num relógio tradicional. Eu tentei, há cerca de 2 anos, ensinar-lhe. Reparei que quando lhe começava a explicar, o pensamento dela já ia noutra sítio. Arrumei o assunto. Há dois dias ela disse que tinha que aprender porque ia fazer um teste. Eu expliquei-lhe e naquele momento ela aprendeu. Não vale a pena insistir quando ela não quer....”.

Em relação ao desenvolvimento da Mónica, os pais dizem que pensam que este foi normal: começou a andar aos 9M, fez o controle dos esfíncteres cedo, não

sabem com precisão quando, com um 1A começou a falar, e desde aí sempre falou muito bem, contrariamente à Rita e à Maria, mais “trapalhonas”. Sempre foi muito autónoma, em relação à alimentação, ao vestir, ao dormir (dormiu sempre no quarto com a irmã mais velha, nunca teve dificuldades em adormecer).

Em relação à terceira filha, a mãe diz que ela não foi planeada, mas que “aconteceu”. E continua: “O quadro que a Mónica e a Rita descrevem é assim: a mãe foi ao médico, o médico deu-te um papel que dizia assim: “tens um bebé na barriga” e depois a mãe desatou a chorar”. A mãe explica: “De início, o pai aceitou melhor esta nova gravidez do que eu, pois as outras duas já estavam grandinhas e ia começar tudo outra vez!”.

Disse às filhas que iam ter um irmão ou uma irmã, quando teve a confirmação da gravidez. A mãe diz que foi engraçado a forma como a Mónica perguntou acerca da gravidez da mãe: “Disse-me directamente: “Eu já percebi que o bebé nasce dentro da barriga, mas eu só não percebo é como é que ele vai lá parar”. Eu expliquei-lhe de uma maneira muito simples, sem fugir uma gota da realidade e percebeu tão bem que no dia seguinte viu uma cadela com cio e o cão a querer... e disse: “olha mãe, o cão tá-lhe a meter filhos dentro!”. Sem maldade, as coisas são como são”.

A mãe lembra-se que a Mónica gostava de a acompanhar às consultas de obstetria e de ir com a mãe fazer compras para a bebé. Lembram-se de algumas alterações no comportamento da Mónica durante a gravidez: “ou estava extremamente meiga, ou extremamente agressiva, principalmente comigo”, diz a mãe. Queria que a mãe lhe desse a comida à boca, e nos últimos dias de gravidez teve enurese nocturna.

Por tudo isto a mãe diz: “Esperava que a Mónica tivesse muitos ciúmes. No dia em que a Maria ia nascer, eu estava com a Mónica e disse-lhe que achava que a irmã queria nascer e ela disse assim: “Hoje mãe, hoje não dá jeito nenhum, a estas horas!!!”. Chorou das 18h até às 6h da manhã. Mas depois da irmã nascer mostrou-se muito ternurenta: não havia manifestações visíveis de ciúmes, se bem que a Mónica nunca gostou muito de partilhar. A Rita sempre gostou de partilhar, por isso

é que não esperava que tivesse tantos ciúmes. A Mónica era mais meiguinha para a irmã do que a Rita”.

Em relação à Maria (filha mais nova), os pais concordam que ela “é completamente diferente das outras”. A mãe diz: “Se ela não fosse minha filha eu dizia muito cruamente: “É cínica!”. Se vê uma pessoa estranha toda ela sorri, e toda a gente simpatiza com ela... nasceu para ser relações públicas. Tem muito jeito para conquistar todo o mundo!!!”. Contam que a Maria esteve numa ama até Outubro, desde então está no infantário. “É muito egoísta”, diz a mãe, “gosta de comprar coisas para ela,... mas depois também se lembra das manas. A Rita sempre gostou de comprar para ela, mas quando comprava, queria iguaisinho para a Mónica, a Mónica compra só para ela”.

Dormem as três no mesmo quarto. A mãe pensa que, talvez pela diferença de idade, “a Rita, neste momento, está mais afastada porque já tem 12 anos e as brincadeiras são diferentes, a Mónica e a Maria garreiam muito, mas também gostam de se unir para brincar. Quando discutem eu não ligo muito, elas resolvem sozinhas a situação. O pai ainda se mete menos nessas coisas”.

Com quem a Mónica tem uma relação mais próxima? “É comigo”, diz a mãe, “às vezes é um bocado cola e eu até sinto remorsos porque dou comigo a afugentá-la. Quando tem algum problema vem sempre ter comigo”. O pai concorda e relembra que isto deve estar relacionado com a sua “quase ausência durante o primeiro ano de vida da Mónica”.

O pai conta que, neste momento, o casal está a trabalhar numa empresa deles e que “temos tido pouco tempo para lhes dar o apoio de que precisam. A Maria é privilegiada porque tem a escola perto de nós, e vamos buscá-la por volta das 18h. A Mónica fica até às 19h30. A Rita sai por volta das 18h30, vai de autocarro buscar a Mónica e ficam cerca de 30 minutos sozinhas em casa até nós chegarmos”.

O que a Mónica gosta de fazer? “Gosta de ver televisão, de fazer desenhos e de jogar computador”, diz a mãe que continua, “está a aprender o gosto de ler, a

Rita começou mais cedo". O pai acrescenta: "No ano passado estava na natação, este ano não está, porque era complicado ir buscá-la e levá-la. A Mónica dança muito bem, tem muito ritmo, das três é a que dança melhor. Andaram na dança rítmica, mas também tiveram que deixar. A Mónica a dançar é impressionante!".

Em relação a acontecimentos de vida que possam ter tido alguma influência na Mónica, a mãe conta que recentemente as duas bisavós morreram, mas que isso não foi um problema, pois "damos uma perspectiva da morte diferente, não sofreram muito com isso".

Referem um episódio da vida da Mónica que lhes deu um grande susto: "Com 9M, a Mónica ia morrendo, porque tomou um comprimido e meio de 2,5mg (Lorenin), que eram da avó, já tinha os comprimidos da tensão na boca e os dos diabetes na mão". O pai lembra que a Mónica sempre gostou do sabor dos comprimidos. A mãe acha que "ela também gostava de desenformar os comprimidos". O pai continua: "Gosta de xarope, comprimidos, até supositórios, tudo o que seja medicamentos é uma atracção para ela". A mãe diz: "Agora já não, porque é mais consciente". A mãe pensa que para ela, os comprimidos eram como rebuçados. Ao falar de rebuçados conta: "A Mónica dividia os rebuçados pela Rita e depois convencia a irmã a dividir a parte dela e esta caía que nem um patinho. Quando brincavam às mães e aos bebés, a Mónica era o bebé e convencia a irmã a arrumar o quarto todo".

Quais os projectos para o futuro da Mónica e das irmãs? O pai diz prontamente: "Que casem muito cedo, que sigam o exemplo da avó. Que casem aos 15 anos. Não estou a brincar, é a sério, que casem ou saiam de casa cedo, eu só quero viver com a mãe, não quero as filhas cá em casa". A mãe disse: "Chocas a Sandra com estas coisas!!! Ele passa a vida a dizer isto, mas penso que é a brincar. Eu não casei cedo, casei até tarde, tinha 28A, e ele era mais novo, tinha 21A. Na altura era considerado tarde, agora cada vez se casa mais tarde e acho muito bem".

O pai continua: "Não estou preocupado com o futuro, estou mais preocupado com a educação delas no dia a dia, dar-lhes uma boa educação, uma boa base.

Penso que a melhor forma de nos preocuparmos com o futuro delas, é ter atenção ao presente". A mãe concorda e acrescenta: "O futuro é uma incógnita, que vivam o melhor possível agora!" "A forma como as tratamos hoje", continua o pai, "na relação que temos com elas, já as estamos a preparar para futuras mães, futuras esposas, a forma como vão ver o casamento, de forma positiva ou negativa,... tem muito a ver com a forma como as educamos. O hoje é muito mais importante! Não estamos muito preocupados com o que vão ser no futuro em termos profissionais, mas mais como cidadãs, como mulheres. Nós só pensamos dar alguns retoques para que sejam felizes, elas é que vão construir o seu futuro".

*** Análise da entrevista com os pais**

Tendo sempre presente que o objectivo desta entrevista é o de ter uma melhor compreensão da história da criança, na sua relação com as figuras parentais e fraterna(s), não se pretende, pois, fazer uma análise muito exaustiva da mesma, mas salientar alguns dos aspectos que nos parecem mais relevantes.

A gravidez da Mónica foi planeada e desejada por ambos os pais. Para a mãe, esta gravidez foi motivo de alegria, principalmente porque o marido desejava ter outra filha, e porque se seguiu a um aborto espontâneo (que tinha ocorrido poucos meses antes). É como se a Mónica viesse, de alguma forma, diminuir a tristeza dos pais pela perda da criança anterior. O pai desejava claramente que o bebé fosse do sexo feminino (*"não queria um rapaz. Sempre gostei de ter uma irmã e nunca tive e talvez por isso goste de raparigas..."*), enquanto que a mãe preferia um menino, para *"ter o casalinho"*.

A mãe descreve a Mónica como *"um bocado feia"* quando nasceu, comparando-a à filha mais velha, que a mãe disse ter sido uma recém-nascida bonita: a Mónica não correspondia ao bebé imaginário da mãe.

De salientar o sentimento de culpa do pai por ter estado "ausente" durante o primeiro ano e meio de vida da Mónica. Este sentimento, que é referido algumas

vezes pelo pai ao longo da entrevista, leva a que, actualmente, sinta que a sua relação com a Mónica é diferente daquela que tem com as outras filhas: *“Acho que o não ter estado com ela nos primeiros meses a marcou (...) mas não tento compensá-la”*. Fala de uma relação diferente, mas, de alguma forma, sentida como especial: *“qualquer gesto meu diferente para a Mónica, ela fica muito sensibilizada, por exemplo, um carinho... até parece uma miúda que não está habituada a carinho (...) Se eu abraço a Rita ou a Maria elas deixam,... a Mónica resiste, mas gosta”*. A mãe concorda que a relação da Mónica com o pai é diferente daquela que a filha tem com ela e da que as irmãs têm com o pai. Chega mesmo da dizer: *“... sentes que estás a pagar a factura”* e *“... a Mónica reage como se ele (pai) fosse um estranho”*- culpabiliza-o assim pela sua pouca presença no primeiro ano e meio de vida da Mónica.

Ambos os pais identificam-se mais com a Mónica do que com alguma das suas outras filhas, encontrando nela características suas. Por exemplo, a mãe, acha-a parecida consigo, quer fisicamente, quer na forma de ser (por exemplo, na escola- *“Eu sempre fui muito cábula como a Mónica, só quando comecei a ter pontos de interesse é que me apliquei nos estudos”*). Também o pai diz que a Mónica tem coisas dele, mas não especifica quais.

Em relação à gravidez da filha mais nova, esta foi sentida pelas irmãs como motivo de tristeza para a mãe (e para elas próprias?), o que é bem visível na forma como descrevem como a mãe recebeu a notícia: *“a mãe foi ao médico, o médico deu-te um papel que dizia assim: “tens um bebé na barriga” e depois a mãe desatou a chorar”*. Isto porque não foi uma gravidez planeada pelos pais.

Durante esta gravidez, a Mónica teve comportamentos regressivos (queria que a mãe lhe desse comida à boca), *“estava extremamente meiga ou extremamente agressiva principalmente com a mãe”* e teve enurese secundária nocturna nos últimos dias da gravidez. Todos estes aspectos parecem indicar que a espera de uma nova irmã, que lhe iria “tirar o lugar da filha mais nova”, foi sentido com alguma angústia pela Mónica. Esta ideia é reforçada, quando a mãe conta que, quando a

Maria ia nascer, a Mónica chorou muito (o que no sentir da mãe foi das “18h até às 6h da manhã”), tendo dito “*Hoje mãe não dá jeito nenhum, a estas horas!!!*”, como se quisesse adiar o momento do nascimento da irmã.

A relação actual entre as duas irmãs mais novas, é descrita como uma relação “normal” de irmãs, “*garreiam muito, mas também gostam de se unir para brincar*”. Essa relação é sentida pelos pais como de maior proximidade do que aquela que a Mónica tem, actualmente, com a irmã mais velha, o que os pais justificam com a diferença de idade que existe entre as duas.

Entrevista com a Mónica

Durante a entrevista a Mónica mostrou-se muito simpática e bem disposta. É muito expressiva e fala de uma forma muito doce, ainda que muito baixinho, como se estivesse a contar um segredo.

De quando era pequena diz não ter muitas recordações, mas “*o meu pai e a minha mãe dizem que era reguila, não parava quieta*”. Diz não se lembrar de coisas que a tenham feito sentir-se muito feliz. Recordações tristes? “*Uma coisa triste, foi quando parti o queixo... não parti, abri. Estava a jogar à bola com a minha irmã e caí e bati com o queixo. Outra vez caí da cama abaixo e a minha irmã foi chamar os meus pais. Da primeira vez coseram-me, da segunda já não. E também outra foi quando caí de bicicleta e me aleijei na perna*” (levantou as calças e mostrou-me a cicatriz).

Nos tempos livres a Mónica gosta de “*brincar, pintar, jogar ténis,... jogava ténis quando o meu pai ia treinar e eu ia com ele, o meu pai comprou-me uma raquete*”.

Na escola gosta de “*jogar ao eixo, às cavalitas, aos detectives, à apanhada, aos polícias- gosto mais de brincar com as meninas, os meninos jogam à bola... a minha colega já partiu a cabeça a jogar à bola, era o sangue a sair... ontem vi sangue: tiraram-me um bocadinho de unha, pisaram-me... ainda me dói*”.

Conta que também gosta de tocar órgão, que têm em casa: “*Eu e a Rita andávamos num professor, agora já não, é a Rita que me tá a dar aulas.... Eu*

ensinei o pai, sem a Rita saber, a fazer batota: ele não sabe as notas, toca pelos números. A Maria só toca nas teclas, mas não sabe tocar”. Costumas tocar em festas de aniversário, no Natal...? “Não fazemos festas porque sou testemunha de Jeová e não se fazem festas de aniversário”. Contou então que vai a reuniões de Testemunhas de Jeová três vezes por semana: “Estuda-se a bíblia,... Vamos todos, a família toda!”.

De estudar diz não gostar muito, mas gosta de ir à escola só porque tem muitos amigos: “A minha melhor amiga é a Filipa, porque brinca mais comigo. No meu ano só somos nós, o resto é meninos... havia outra miúda, mas ela saiu lá da escola”.

Em relação à família: Como é o pai? “Às vezes brinca connosco, quando fazemos asneiras bate-nos e ralha-nos. Quem faz mais asneiras sou eu, às vezes é a Rita”. Como são as asneiras? “É quando fazemos coisas que os pais não gostam... sujar os vestidos. A Maria ontem estreou um vestido branco e depois foi pintar com pincéis e sujou o vestido todo e depois a minha mãe ralhou com ela. Ela pediu-me para eu não dizer à mãe para a mãe não lhe bater”. E como descreves a tua mãe? “É boasinha, às vezes quando ela manda arrumar o quarto e nós não arrumamos ela fica furiosa connosco”.

E em relação às irmãs, como é a Rita? “É muito bruta, aleija-me sempre,... mas também é boasinha, às vezes quando os meus pais saem à noite, porque têm que ir trabalhar, eu e a minha irmã Maria ficamos com medo de estarmos sozinhas em casa e então mandamo-nos para a cama dela e o medo passa”. A Maria “às vezes é muito chata, às vezes quer uma coisa e se o meu pai não lhe dá ela chora”. Lembras-te quando a viste pela primeira vez? “Lembro, foi no hospital... pensei: Agora outra mana para ter lá em casa!”. Era bom ou não ter manas em casa? “Era uma coisa boa”, respondeu rapidamente a Mónica. Gostava de ter mais irmãos, mas sabe que isso não é muito provável que aconteça, porque a mãe não quer: “Coitada da minha mãe”. Se tivesse, queria que fossem todas meninas, “porque da parte do

meu pai só há meninas, somos sete, somos nós e as nossa primas. Eles são três irmãos e só têm meninas”.

*** Análise da entrevista com a Mónica**

Nesta entrevista, em relação à família, destacam-se os seguintes aspectos:

O pai é sentido como punitivo, pois é ele que *“quando fazemos asneiras bate-nos e ralha-nos”*. Contudo, também é companheiro de brincadeiras das crianças. Existe o desejo de proximidade com ele, assim como uma procura de cumplicidade com o pai, a qual é visível na história relatada por ela: *“Eu ensinei o pai, sem a Rita saber, a fazer batota: ele não sabe as notas, toca pelos números”*.

A mãe é descrita como *“boasinha”*, ainda que por vezes fique *“furiosa”* com as filhas quando elas não obedecem aos seus pedidos.

Em relação à irmã mais velha, se por um lado a descreve como agressiva (*“bruta, aleija-me sempre”*), por outro é *“um abrigo seguro para a Mónica e para a Maria”*- *“quando os meus pais saem à noite, porque têm que ir trabalhar, eu e a minha irmã Maria ficamos com medo de estarmos sozinhas em casa e então mandamo-nos para a cama dela (Rita) e o medo passa”* (é contentora dos medos das irmãs).

A irmã mais nova é *“uma chata”*. Lembra-se que quando viu a irmã pela primeira vez no hospital pensou: *“Agora outra mana para ter lá em casa”*, o que ainda que tenha sido descrito pela Mónica como *“uma coisa boa”*, parece-nos ter sido sentido, principalmente, com algum desagrado e receio. Quando se fala de ter mais irmãos, a Marta diz: *“Coitada da minha mãe!”*. Será *“coitada da mãe”* ou *“coitada da Mónica”*?

*** Análise do Teste Projectivo Patte Noire**

O protocolo e a análise detalhada deste teste Patte Noire encontram-se em anexo (anexos 18 e 19).

No quadro que se segue encontra-se a síntese dos dados encontrados no teste projectivo Patte Noire:

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade entre irmãos (necessidade de protecção parental) * fantasias de morte da fratria (angustiante -fantasia de morte própria) * ausência de impulsos de salvação da fratria * rivalidade fraterna na relação com a mãe 	<ul style="list-style-type: none"> * relação de grande proximidade * gratificante * figura materna substituta não gratificante 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade contra o pai- culpabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> * angústia face à cena primitiva * movimentos de autonomia bem sucedidos

* Análise do Teste das Relações Familiares

O protocolo e a análise detalhada do teste das relações familiares encontram-se em anexo (anexos 20 e 21).

A partir da análise deste teste podemos dizer que:

O membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional é a **mãe** (seguida do pai e depois das irmãs). A mãe aparece como o principal objecto e fonte de amor da criança. A relação com ela é sentida como muito gratificante, havendo ainda o desejo de maior proximidade com ela. A maior parte dos itens mostra como a relação com a mãe é sentida como muito gratificante, verificando-se, por exemplo, que o contacto físico com a mãe é sentido como agradável (o item 11- *Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos*; o item 16- *Eu gosto que esta pessoa da minha família me faça cócegas*; item 50, 51 e 52- *Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos/ de me abraçar/ de me*

fazer festas). A mãe é ainda sentida como a *cuida mais de mim do que qualquer outra* (item 57). Apesar de tudo isto, a Mónica sente necessidade de maior atenção por parte da mãe (item 67- *Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção*). A super-protecção e a sobre-indulgência maternas aparecem igualmente distribuídas pela Mónica e pela irmã mais nova.

A mãe é sentida como a pessoa da família de quem o pai mais gosta, ainda que seja também aquela com quem ele "*mais embirra*" (ambivalência sentida pela Mónica na relação pai-mãe).

Em relação à **figura paterna**, segundo na escala de envolvimento emocional (e juntamente com a irmã mais nova, segunda fonte de amor da criança), verifica-se um grande desejo de maior proximidade (item 13- *Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família*). Surgem muitos sentimentos positivos, mas também alguns negativos, como sejam, "*zanga-se muito*" (item 29), "*zanga-se comigo*" (item 66).

A **irmã mais nova** aparece como segundo objecto de amor, assim como segunda fonte de amor (juntamente com o pai). A relação com a irmã parece ser também gratificante: a Mónica gosta de estar com ela e sente da parte da irmã um sentimento igual ao seu (*tem muita graça* (item 5), *é uma boa companhia* (item 7), *gosto muito de brincar com ela* (Item 8), e de *lhe fazer festas* (item 10); a irmã é quem a *compreende bem* (item 46) e *gosta de estar sempre comigo* (item 56). Isto apesar de a Mónica considerar que é desta irmã que a mãe mais gosta ((item 99- *Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta*).

A **irmã mais velha**, é o principal objecto de hostilidade da Mónica, assim como a principal fonte de hostilidade. Apesar de ser aquela pessoa da família que a Mónica sente que *gosta de me ajudar* (item 44) e *ouve sempre o que eu tenho para dizer* (item 47), é também aquela onde aparece mais sentimentos negativos, por exemplo: *gosta de me provocar* (item 61), *por vezes aborrece-me* (item 65), *está sempre a queixar-se de mim* (item 76). De salientar ter sido na irmã mais velha que

a Mónica colocou o item 95- *Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra.*

Em relação a **si própria**, a maior parte dos itens estão relacionados com a super-protecção materna. Sentimentos positivos, aparece apenas um (item 1- *Esta pessoa da minha família é muito alegre*). Verifica-se ainda um sentimento de insatisfação- *nunca está satisfeita* (item 23).

Desenho de uma Família Imaginária

A Mónica começou por desenhar o pai, depois a mãe, ao lado desta desenhou-se a si e depois as irmãs: a Rita e a Maria. Durante o desenho, foi falando da escola, dos colegas, das brincadeiras que fazem.

O desenho e o questionário estão em anexo (anexo 22).

*** Análise do desenho de uma família imaginária**

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 5 (pai, mãe, Mónica, irmã mais velha e irmã mais nova)
- personagens ausentes- nenhum
- personagens acrescentados- nenhum

Identificações/Preferências:

- conscientes- filha
- inconscientes- pai - desenhado em primeiro lugar
 - mais simpático
 - mais feliz
- mãe- mais simpática
 - mais feliz

Relação fraterna:

- agressividade dirigida à irmã mais velha

Relação com as imagens parentais:

- aproximação ao mesmo sexo
- valorização de ambas as figuras parentais

No desenho de uma família imaginária verifica-se uma aproximação da Mónica à figura materna (desenhou-se ao lado dela). Considera que os pais são os mais simpáticos porque lhe dão “*carinhos*”, dizendo ser ela a menos feliz “*quando os pais se zangam comigo*” (necessidade de receber demonstrações de afecto positivo dos pais).

Em relação à irmã mais velha parece haver o desejo de a afastar da família, desejo esse que não aparece no desenho, mas sim quando lhe é colocada a questão do carro: a Mónica começa por dizer que é a irmã que fica em casa, mas talvez por esta ideia ser, de algum modo, culpabilizante, acaba por dizer todas as pessoas da família (incluindo ela própria), à excepção da Maria (a irmã mais nova).

No final, a irmã mais nova da Mónica- a Maria- que entretanto tinha feito uma “birra” porque queria vir para junto da Mónica e de mim, e a mãe não tinha deixado, veio para a sala, assim como a Rita e a mãe- o pai tinha saído para fazer um trabalho. A Mónica disse ao ouvido da mãe que no início estava nervosa: a mãe riu-se. Falámos acerca da primeira vez que as tinha visto. A Mónica disse que não se lembrava, e perguntou-me como é que ela era. A mãe ajudou-me a fazer a descrição da Mónica nessa altura. A Mónica correu para uma moldura onde estava uma fotografia sua quando tinha cerca de 5 anos de idade, perguntando-me se era assim quando eu a tinha visto.

Síntese

Apresentamos no quadro que se segue uma síntese dos principais dados obtidos através dos diferentes instrumentos utilizados nesta observação.

	Figura materna	Figura paterna	Irmã mais velha	Irmã mais nova	Criança
Entrevista pais	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada (2 meses após aborto espontâneo) * identificação à filha * culpabiliza o pai pela sua ausência no início da vida da filha 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada * preferência clara por uma menina * sentimento de culpa pela ausência nos primeiros tempos de vida da filha - "relação diferente" 	<ul style="list-style-type: none"> * relação menos próxima do que com a outra irmã 	<ul style="list-style-type: none"> * relação amigável 	<ul style="list-style-type: none"> * relação mais próxima com a mãe do que com o pai * relação "diferente" com o pai * nascimento da irmã- regressão e angústia
Entrevista criança	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante 	<ul style="list-style-type: none"> * figura punitiva * companheiro de brincadeiras * procura de cumplicidade com o pai 	<ul style="list-style-type: none"> * sentida como agressiva * securizante (dos medos das irmãs) 	<ul style="list-style-type: none"> * nascimento-angústia 	
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * relação de grande proximidade * gratificante * figura materna substituta não gratificante * angústia face à cena primitiva * movimentos de autonomia bem sucedidos 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade contra o pai- culpabilidade * angústia face à cena primitiva * movimentos de autonomia bem sucedidos 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade entre irmãs (necessidade de protecção parental) * fantasias de morte da fratria (angustiante- fantasia de morte própria) * ausência de impulsos de salvação da fratria 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade entre irmãs (necessidade de protecção parental) * fantasias de morte da fratria (angustiante- fantasia de morte própria) * ausência de impulsos de salvação da fratria 	

	Figura materna	Figura paterna	Irmã mais velha	Irmã mais nova	Criança
Patte Noire (criança) continuação			* rivalidade fraterna na relação com a mãe	* rivalidade fraterna na relação com a mãe	
Teste relações familiares (criança)	* 1ª figura-envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de amor * gratificante * desejo de maior proximidade * sentida como preferida do pai * sobre-indulgência paterna	* 2ª figura-envolvimento emocional * desejo de proximidade	* 3ª figura-envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * sentimentos de zanga	* 3ª figura-envolvimento emocional * sentimentos positivos * sentida como preferida da mãe * super-protecção materna * sobre-indulgência materna * sobre-indulgência paterna	* 4ª figura-envolvimento emocional *super-protecção materna * sobre-indulgência materna
Desenho família imaginária (criança)	* aproximação à mãe * valorização da figura materna	* valorização da figura paterna	* agressividade		

Em relação à **figura materna** verifica-se, pois, que é com ela que a Mónica tem um maior envolvimento emocional. É sentida como contentora e securizante e a relação com a mãe é gratificante e desejada pela criança. É muito valorizada pela Mónica, sendo o seu principal objecto de amor, assim como é sentida como a pessoa que mais amor lhe dá, ou seja, a sua principal fonte de amor.

A **figura paterna** aparece também valorizada, havendo, da parte da Mónica o desejo de uma maior proximidade e cumplicidade, assim como da parte do pai, o qual define a sua relação com a filha como “diferente” (culpabilidade pela sua ausência nos primeiros tempos de vida da filha). Ainda que seja sentido como uma

figura punitiva, também é um bom companheiro das brincadeiras da filha. A agressividade a ele dirigida é sentida com alguma culpabilidade.

Em relação à **irmã mais velha** são visíveis os sentimentos de zanga a ela dirigidos. É ela o principal objecto e fonte de hostilidade da criança. Mas apesar disso, esta irmã é também sentida como securizante (dos medos da Mónica).

Relativamente à **irmã mais nova**, ainda que o seu nascimento tenha causado alguma angústia à Mónica (“roubou-lhe” o seu lugar de filha mais nova e é sentida como a preferida da mãe), o que levou a comportamentos regressivos, a relação entre as duas é amigável, sendo o segundo objecto e fonte de amor da criança.

Estabelecendo uma comparação dos resultados encontrados nesta observação com os das observações anteriores, verifica-se que, a mãe foi sempre sentida como gratificante, ainda que após o nascimento da irmã tenha surgido agressividade contra ela. Neste terceiro momento, ao contrário dos anteriores, a mãe substituta não foi sentida como gratificante. Em relação ao pai, esteve sempre presente o desejo de proximidade: após o nascimento da irmã, surgiu o tema de “pai alimentador”, num momento em que, como já referido, surgiu uma maior agressividade dirigida à mãe. A cena primitiva continua a ser angustiante para a Mónica. Após o nascimento da irmã, os movimentos de autonomia continuavam a ser angustiantes e a Mónica não sentia os pais como suficientemente protectores. Neste terceiro momento, as tentativas de autonomia da Mónica são já bem sucedidas.

No que se refere à relação com a fratria, as tendências regressivas mantêm-se, assim como a necessidade de protecção parental na agressividade entre irmãos. Tal como no momento após o nascimento da irmã, apareceram fantasias de morte da fratria, as quais levam ao receio de morte própria devido à culpabilidade que essa fantasia suscita. Mas se nos momentos anteriores se verificavam impulsos de salvação da fratria, neste momento esses impulsos já não estão presentes.

No que se refere aos instrumentos utilizados, pensamos que, o teste das relações familiares e o teste projectivo Patte Noire foram talvez aqueles que mais informação nos deram acerca da personalidade da Mónica e das relações que se estabelecem entre os membros da sua família, complementando muita da informação obtida nas entrevistas (quer com os pais, quer com a criança).

2.5.4. DUARTE

Há 4 anos...

1ª Observação (antes do nascimento da irmã)

O Duarte era um menino de 6A 8M, de cabelo castanho claro e de olhos da mesma cor, de estatura média para a sua idade. Estava vestido de ganga, com uma camisa de xadrez e um lenço vermelho no pescoço, como os cowboys dos filmes que o Duarte gostava de ver. Tinha grande interesse por praticar desportos, principalmente ténis. Na altura, dizia querer ter *“infinitos irmãos para brincar, porque assim nunca acabavam”*.

A mãe do Duarte aparentava uma idade inferior aquela que tinha e eram visíveis os traços físicos semelhantes entre os dois. Falava com o filho com grande carinho e compreensão por alguns comportamentos que o Duarte tinha desde que a mãe estava grávida, como por exemplo, isolamento e maior agressividade com os colegas da escola, comportamentos que a mãe atribuía à gravidez.

Salientaram-se alguns dados desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

Nos três instrumentos utilizados, o Duarte construiu uma família. Contudo, no desenho de uma família imaginária, verificou-se alguma desvalorização dos seus elementos, entre os quais não houve relação, não tendo também sido feita a diferenciação de sexo nem de gerações. Verificou-se um retraimento sobre si próprio e valorização de si na relação com as figuras parentais e fraterna.

Face às **imagos parentais** surgiu agressividade, a qual suscitou sentimentos de culpa na criança (*“Este tá a fazer xixi prá qui (comer dos pais) com as patas no ar...”*-identificou-se a um dos porquinhos que estava fora do conflito). Verificou-se a presença de uma forte inveja edipiana, quando o Duarte mostrou o desejo de tomar o lugar do pai na relação com a mãe, sendo a **cena primitiva** sentida com grande

angústia por ele, levando-o assim a fantasiar a destruição da figura paterna (*"Aqui, os pais tão... um lobo aqui? Tá a tentar lutar com o pai do filho (...) A mãe não tá aqui"*).

Em relação à **figura materna**, o Duarte mostrou o desejo de proximidade e de protecção materna, tendo a mãe sido sentida como gratificante. Surgiu o receio de separação da mãe, após o nascimento da irmã (*"... é a mãe com os filhos que nasceram e estes são os três que já havia (...) estes três tão a ver e tão a pensar que vão levar a mãe"*). A mãe substituta não foi sentida como gratificante (*"O porquinho tá a beber leite da cabra e a cabra fica zangada porque este não é filho dela. Então a cabra bateu no porquinho para ele aprender"*).

Relativamente à **figura paterna** verificou-se alguma agressividade (*"Este porco tá muito mal educado para o pai, tá a atirar lama para o pai"*), desejo de protecção e sentimentos de exclusão da relação do pai com os outros irmãos (*"O irmão tá zangado a olhar para o pai, porque tá a ver o pai e o irmão a beber água e ele também queria"*).

Verificaram-se movimentos de independência, que se tornaram angustiantes para o Duarte, surgindo mesmo a fantasia de morte própria (*"Vai para o mato sozinho... ele tem medo... ele é comido pelo lobo"*): havia pois necessidade de protecção parental, ainda que as figuras parentais não tenham sido sentidas como suficientemente protectoras (*"...tá a ser levado para o talho... os pais ficavam só a ver, porque não tinham nada para atacar"*).

* Relação com a figura fraterna:

Verificou-se uma grande ambivalência de sentimentos em relação à **fratria**: no jogo foi visível a agressão a esta, apesar de terem surgido sentimentos de culpa (o Duarte colocou o boneco que representava a irmã num carrinho e depois atirou, o boneco que o representava a ele, com muita força para cima da bebé, dizendo: *"descuidei-me, era para saltar por cima!"*); no desenho verificou-se também uma reacção agressiva, por eliminação do "rival fraterno"; no teste projectivo Patte Noire, foi visível o desejo de agressão da figura fraterna (*"O pato tá a morder o rabo do porquinho"*- a identificação foi feita ao pato). Contudo, a agressividade entre irmãos

foi censurada, surgindo, na rivalidade fraterna, o receio de morte própria (“... tá a ser levado para uma quinta ou então para o talho”). Verbalizou, ainda, o desejo de ter “*infinitos irmãos*”, indicando assim que, a gravidez materna (e indirectamente a figura fraterna) estava também associada a sentimentos positivos.

* Tendências regressivas:

No Patte Noire, a idade atribuída ao PN foi inferior à da criança, o que, segundo Corman (1961), aponta para **tendências regressivas**. Estas também foram referidas pela mãe, nomeadamente, o falar de forma abebesada.

2ª Observação (depois do nascimento da irmã)

A segunda observação foi realizada quando a irmã do Duarte tinha quase 1 mês de vida. Durante esta observação, o Duarte não interagiu com a irmã em nenhum momento, excepto no final, quando me despedi da Cátia (irmã) e o Duarte se aproximou dela, fazendo-lhe uma careta.

Aspectos que se realçaram desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

Apesar de no jogo e no teste Patte Noire o Duarte ter formado uma família, no desenho de uma família imaginária mostrou alguma recusa em o fazer, tendo riscado uma folha e depois pedido outra (o que denota alguma agressividade dirigida à família). A agressividade dirigida às **figuras parentais** esteve também presente no Patte Noire (“*o porquinho está a fazer xixi para a comida dos pais. Eles vão ficar zangados com o filho*”).

Face à **relação íntima do casal parental**, quando as pranchas do Patte Noire estavam mais directamente relacionadas com a cena primitiva, surgiu a fantasia de destruição da figura paterna (“*O lobo tá a lutar com o pai. O lobo vai ganhar porque tem os dentes afiados*”).

Relativamente à **figura materna**, verifica-se alguma ambivalência, pois tanto foi sentida como gratificante, como pouco gratificante. A mãe substituta apareceu como gratificante, ainda que associada a alguma culpabilidade (“*Uma porquinha a beber leite duma cabra. Ela tá feliz, mas a mãe vai ficar zangada*”).

Por seu lado, a **figura paterna** foi sentida como gratificante e protectora (“*A porquinha tá a sonhar com o pai. O pai tá a olhar para a porquinha que está contente*”), mas também a ela foi dirigida agressividade, ainda que acompanhada por sentimentos de culpa (“*Aqui o porco está a deitar lama para a cara do pai. Este (...) não vai entrar na brincadeira*”- identificou-se a um dos porquinhos que se encontrava fora do conflito).

O Duarte evidenciou movimentos de independência, os quais foram sentidos como angustiantes (“*... o porquinho dentro do buraco da lama (...) tá com medo. Se eu estivesse assim sozinho também tinha medo*”), o que denota a necessidade de protecção parental.

* Relação com a figura fraterna:

No desenho de uma família imaginária, o Duarte evidenciou uma reacção depressiva, pois não se desenhou na família, e reacções agressivas em relação à **fratria**. No jogo, os impulsos agressivos dirigidos à irmã foram sentidos com alguma culpabilidade pelo Duarte (atirou o cão para cima da bebé- que repretava a irmã- fazendo sons com a boca, como nos filmes de acção. O carrinho com a bebé estava quase a cair para o chão: “*Era por pouco!*” disse o Duarte. A determinado momento, a bebé caiu e o Duarte gritou em tom triunfante: “*Agora é que foi!*” Foi buscar o carrinho com a bebé ao chão e disse: “*Não se aleijou, porque caiu direita*”). No Patte Noire a agressividade fraterna também esteve presente. Por exemplo: “*um porquinho e uma porquinha a lutarem um com o outro*”. Esta agressividade poderia dever-se aos sentimentos de exclusão, que a criança sentia, da relação mãe-bébé. Verificou-se uma ambivalência de sentimentos face à figura fraterna, pois ao mesmo tempo que era visível a agressividade dirigida a esta, o Duarte expressou o desejo de ter mais irmãos, “*infinitos*”.

Os comportamentos do Duarte, referidos, pela mãe, na entrevista, como sejam, o andar “*muito irrequieto e distraído*”, gostar de “*dar nas vistas*” quando havia visitas para a irmã e de ter espalhado o conteúdo de um frasco de pingos da irmã sobre a cama dos pais e nas paredes do quarto destes (o que denota agressividade dirigida aos pais e à irmã), levaram-nos a pensar que, aquela fase da vida do Duarte foi vivida com algum receio, talvez o medo de que os pais o “abandonassem”, levando-o a ter aqueles comportamentos, através dos quais expressava os seus medos.

* Tendências regressivas:

O Duarte mostrou o desejo de ser “*pequenino, de ter um mês*” (como a irmã). Estas tendências regressivas estão também presentes no “Frontespício” (do teste Patte Noire), pois a idade atribuída ao PN foi inferior à sua, o que, segundo Corman (1961), reenvia para o desejo da criança ser mais nova, de voltar a uma idade em que era filha única.

4 anos depois...

3ª Observação

Quando cheguei a casa do Duarte, este ainda não estava. Os pais tinham-no ido buscar às aulas de Vela. Estava a avó materna, que vive com eles, e a Cátia (irmã do Duarte). A casa onde moram é uma vivenda, com um jardim nas traseiras, bem decorada e agradável. Na sala, chamou-me a atenção dois quadros: num está pintado o retrato do Duarte e no outro o da mãe, sendo visível a semelhança física entre ambos.

Enquanto esperamos, a avó conta que se zangou com a neta. Esta, com 4A 2M, “*é muito inteligente, muito esperta, mas... também é muito pestinha*”. Conta que o telefone tocou, a Cátia fechou-se à chave, atendeu, não deixou a avó entrar na sala, nem lhe disse quem tinha telefonado. “*Desde aí está fechada!*”. A avó vai chamá-la mais uma vez, e desta a Cátia acede a vir à sala, com curiosidade de ver

quem tinha chegado a casa. Fica a espreitar-me durante alguns segundos e quando a chamo, vem ter comigo. É parecida com o retrato da mãe e tem uma expressão simpática. Vem de chucha na boca (*“tenho duas em casa e uma na creche”*) e tráz com ela um elefante de peluche, que pousa em cima da mesa. Senta-se no sofá, ao meu lado, e começa a fazer-me perguntas acerca de um filme que estava a dar na televisão (Mary Popins), para as quais já sabia a resposta. A avó, que entretanto tinha saído da sala, volta, e diz-lhe que ainda está zangada com ela e que vai dizer à mãe o que ela fez. A Cátia olha para a avó e desaparece rapidamente a correr, levando consigo o seu elefante e sempre de chucha na boca.

Passados alguns minutos chega a restante família. Quem aparece primeiro é a mãe. Vestida de forma muito jovial, com calças de ganga e uma t-shirt, a fazer lembrar os fatos de mergulho, diz-me baixinho que demoraram um pouco mais, porque tiveram um problema com o Duarte: souberam, através da avó, que ele tinha experimentado fumar um cigarro- falaram com ele e o pai obrigou-o a comprar um maço de tabaco com a sua semanada, para depois fumar à frente deles. Pede-me que não comente isto com o Duarte.

Logo a seguir entra o pai e, atrás, o Duarte. O pai, tal como a mãe, também aparenta uma idade inferior aquela que tem, mostrando-se muito simpático e afável.

O Duarte, de 10A11M, é um rapaz muito bonito: é alto para a sua idade, veste-se “à moda”, com calças de ganga muito compridas e largas e uns grandes ténis. Tem uns olhos castanhos muito bonitos com umas longas pestanas. O cabelo é “à tijela”, com uma franja quase a roçar-lhe os olhos.

Enquanto falo com os pais, o Duarte, que esteve todo o dia a praticar vela, diz que vai tomar banho e lanchar.

Entrevista com os pais

Durante a entrevista, os pais do Duarte adoptaram uma postura bastante descontraída. Estão casados há quase 20 anos, e continuam a parecer namorados, dando a mão de vez em quando, tendo sido frequente o pai pôr a mão sobre a perna da mãe enquanto falávamos.

O pai mostrou um grande interesse por este trabalho, querendo saber como estava a ser a aceitação por parte das outras famílias, e dizendo que era, com agrado, que participavam no mesmo. Ao longo da entrevista, a mãe, com humor, “acusou-o” de estar a falseá-la, falando de coisas que ele pensava serem as que mais me interessariam para o trabalho.

Começámos por falar da gravidez do Duarte. A mãe conta que foi planeada, tal como a da irmã. “*Estávamos casados há oito anos e decidimos que estava na hora de ter uma criança, de maneira que programámos a gravidez dele. Quando soube que estava grávida, fiquei muito feliz!*”. Refere que nunca quis saber o sexo do bebé antes dele nascer: “*O Duarte foi sempre a Cátia para todos, apesar de termos preparado sempre tudo para ambos os sexos, o enxoval estava preparado para os dois, mas... a ideia foi sempre de que seria uma menina,... a Cátia. Até ao fim da gravidez nunca soube, a minha mãe sabia, o pai também já sabia e só na última ecografia que fiz, antes dele nascer, é que soube que, inevitavelmente, ia ser um rapaz. Fiquei triste, mas depois... há sempre aquela coisa das meninas, de as vestir melhor, pôr-lhes os lacinhos, no rapaz isso não acontece, o que com o tempo percebi que é muito mais prático*”. O pai interrompe, lembrando a mãe que ele também só soube o sexo do bebé na mesma altura que ela, mas que não tinha preferência, “*menino ou menina, o importante era que fosse saudável*”. Porquê o nome Cátia? A mãe diz que era uma nome de que ambos gostavam, de tal forma que o puseram quando a irmã do Duarte nasceu. Porquê Duarte? Também porque gostavam do nome!

Lembram-se do momento de quando tiveram a confirmação da gravidez? O pai confessa que não, ao que a rir a mãe diz: “*Acredito que não, nem eu, quanto mais ele!*”. Continua: “*Lembro-me que fiz o teste de gravidez, trabalhava num laboratório de análises clínicas, e que fiquei feliz, contentíssima!!!*”. “*Desse momento não me lembro*”, diz o pai, “*mas lembro-me da preparação, de andar a estudar e estar muito ansioso para saber se as coisas corriam bem ou não,... por ser médico a ansiedade é pior, lembro-me que, na altura do parto, do nascimento do Duarte, a minha preocupação não era o bebé, pois estava lá um colega meu que era muito*

bom ginecologista e obstetra, a minha preocupação era o bem estar da minha mulher....". "Ele ajudou-me imenso", diz a mãe, "estive 16h em trabalho de parto...". O pai interrompe: "Depois de ver que estava bem a mãe, preocupei-me com o filho...". A mãe recorda: "Nunca me descontrolei, estive sempre a conversar com o médico, inclusivamente ele dizia que eu estava ótima sem estrias, recordo-me de ele me estar a coser, depois do Duarte nascer, e de eu lhe estar a dar a receita do creme que tinha feito para pôr na barriga para não ter estrias.... Lembro-me de estarmos a ver um jogo de futebol, ele nasceu a um domingo, era o Benfica-Sporting e o Sporting meteu um golo...". "...e eu era adepto do Benfica...", diz o pai, e continua a mãe: "... e ele disse: "Logo havia de nascer o bebé agora que eu estava a ver o jogo!!! Fartámo-nos de rir".

O pai acrescenta em tom bem disposto: "Quando o bebé saí e é colocado na barriga da mãe, cheio de mucosidades, a mãe disse: "Que horror!". "Pois foi", diz a mãe a rir, "que coisa tão feia, tirem-me isto daqui!". O pai explica: "Realmente o miúdo era feio...", "Era horrroso", emenda a mãe. O pai continua: "Sim, mas agora está esta beleza que vê...". A mãe continua a recordá-lo quando nasceu: "Era cinzento, tinha muito cabelo". "Ele nasceu em sofrimento de forma que estava com a parte craneana deformada, cheio de mucosidades...", diz o pai, "...fui logo atrás dele para ver como estava, o índice de apegar, essas coisas".

Com quem era parecido?

"Agora é parecido com a mãe, claro! Tem os olhos bonitos da mãe...", diz o pai, fazendo uma festa na perna da mãe. Esta concorda: "Eu acho que ele é muito parecido comigo, sempre foi, o feitio dos olhos, o nariz, mas a parte da boca sai ao pai. Muita gente acha que nesta altura ele está muito parecido com o pai, tem muitas expressões do pai, de olhar, de rir". O pai conta com orgulho: "Ele às vezes vai comigo para o consultório, ao fim de semana, e as pessoas percebem que é meu filho,... até houve um episódio engraçado. Na loja dos frangos, já conhecem o Duarte muito bem, um dia cheguei lá e perguntaram-me se eu era o pai do Duarte". A mãe diz: "Ele tem fases em que olhando para as fotografias é muito parecido comigo, até pelo corte de cabelo que sempre usou".

Quanto à forma de ser, os pais são unânimes em afirmar: “No feitiço, não sai a nenhum de nós...”. Segundo a mãe, ele é muito parecido com um irmão dela: “Eu acredito na similaridade de pessoas do mesmo signo, e ele é gémeos e nasceu exactamente 33 anos e 6 horas depois do meu irmão. É um indivíduo muito inteligente, podia ser brilhante e não é... com o Duarte acontece o mesmo! O Duarte é um artista, vive sempre na lua, para ele a vida é boa, a vida é porreira, isto é o melhor que há,... tenho as namoradas todas, curto bem andar de patins, bicicleta, skate, bodybord, windsurf,... pratica tudo o que é desporto, a vida para ele é isso,... mas não tem maturidade nenhuma, é um puto e não vai crescer tão cedo, vai ser puto durante muito tempo, é um bocado inconsciente, não tem medos...”.

O pai diz: “Nós achamos que os miúdos devem ter a noção do risco, mas devem experimentar as situações, ou seja, nós vivíamos num prédio quando ele nasceu e não andava muito na rua. Quando veio para aqui começou aos poucos a ter liberdade, mas com atenção aos limites e aos perigos: andava de bicicleta, subia às árvores,... tem uma liberdade condicionada. Foi sempre aos desportos comigo- eu faço vela, windsurf- demos-lhe a possibilidade de ele poder experimentar as situações, mas sem esquecer os limites. Está num período crucial, de afirmação, que nós temos tentamos acompanhar, dando-lhe ocupações. É um bom vivante, gosta de comer, de viver... mas não gosta de trabalho!”.

E a escola? “Estudar para ele é um desperdício” diz a mãe. “Então”, continua o pai, “preparamos com ele o plano da semana: o que tem que estudar e quando,... ele tem que ser muito puxado...”. “Ele está no 5^a anos, é um aluno de 3 e 4,... mas tem que ser muito acompanhado”, diz a mãe, continuando: “ele não estuda nada, as professoras dizem que ele tem conhecimentos vastíssimos na área das ciências, porque é um miúdo que tem viajado muito. Por exemplo, há algumas semanas voltámos de uma viagem que fizemos com ele e com a irmã, fomos para as Seychelles, onde ele fez mergulho, onde tem a possibilidade de fazer coisas que a maior parte dos miúdos não faz. Eu e o Duarte gostamos de mergulhar, e vamos apontando aquilo que vemos no mergulho, pesquisamos, que tipo de peixes

vimos,... ele podia transmitir estes conhecimentos aos colegas, mas não,... dá muito trabalho!”

Voltando um pouco atrás... Como era o Duarte em bebé?

Começa a mãe: “Até aos 9M era muito pachorrento. No dia em que começou a andar, acabou-se-nos o sossego. Sempre com um speed enorme...”. O pai acrescenta: “Uma vez, num centro comercial, devia ter uns 3A, desapareceu numa fracção de segundos, subiu as escadas sozinho para ir a uma zona de brinquedos que ele já tinha visto... revirámos o centro todo e foi encontrado por um segurança a brincar”.

O Duarte foi para o infantário com 2A 6M “porque achávamos que devia relacionar-se com crianças da sua idade, apesar de sempre ter sido muito sociável”. A mãe dá um exemplo: “Nesta viagem que fizemos, de regresso já vínhamos cansados, mas o Duarte fez logo conhecimentos e veio a jogar às cartas com um grupo de pessoas que não conhecia de lado nenhum, enquanto que a Cátia vinha a falar com as pessoas de trás,... exigem muita atenção,... às vezes consomem-me, o Duarte consome-me, chama-me para eu ver tudo o que faz: “Ó mãe olha o passo que estou a dar..”. O pai continua: “Os dois têm necessidade de nos mostrar sempre aquilo de que são capazes...” Diz a mãe: “Não sei o que quer dizer, é uma busca permanente de atenção, mas não é nas coisas intelectuais, é nas coisas de artista, os saltos que dá com o skate, os mergulhos que é capaz de dar...”.

A mãe conta que o Duarte começou a fazer karaté com 5A, natação com 7A, faz ténis desde os 6A, há dois anos que participa vela e está a estudar piano.

O pai diz : “Estamos a condicionar a evolução dele...”. “Sim”, diz a mãe, “mas ele faz estas coisas porque gosta, por exemplo, quis ir para o karaté e foi até ele querer, depois cansou-se porque os amigos dele já lá não estavam. O ténis é obrigatório porque é curricular, mas sempre gostou e joga bem, o pai também. A vela surge como consequência do que o pai tem feito,... temos muitas actividades

náuticas durante o Verão e ele gosta muito. O bodybord e o windsurf para ele são o máximo...”

“O piano...”, começa a dizer o pai, sendo interrompido pela mãe: “Temos piano em casa, a minha avó tinha estudos do conservatório, a minha mãe fez 3 anos do conservatório, eu estudei piano e comprámos o piano, com a ideia de pôr uma educação que achamos poder ser completa se passar por essas áreas todas...”. “Não é bem isso”, continua do pai: “Todas as actividades que ele tem são porque ele gosta, mas também com um objectivo: face à maneira de ser do Duarte tentamos sempre arranjar actividades que possam, por um lado, ocupá-lo e tirá-lo da rua, por outro, dar-lhe metodologia e criar-lhe objectivos: a vela tem objectivos, se não os cumprir.... Vou contar um episódio giro. O piano tem outra coisa: ele está numa fase em que começa a criar sensibilidade para um tipo de música, então fomo-nos inscrever os dois no piano- ele faz a aula das 17h às 18h e eu vou à aula das 18h,... sou o único pai que às 18h entra no colégio para ter aula de piano. Eu quis que ele sentisse que eu o acompanhava. Ele acha engraçado e compete comigo, está numa fase de competição com o pai, quer fazer as coisas melhor e no piano é melhor. É bom ele sentir que tem um paralelo ao qual tem que vencer. O principal disto tudo é criar-lhe um método e objectivos, para não andar perdido...”. Qual o receio dos pais? É o pai que responde: “Embora o bairro onde vivemos tenha alguma diferenciação, temos casos de miúdos mal acompanhados pelos pais e que seguem caminhos errados... por exemplo a droga”. A mãe acena com a cabeça, acrescentando: “O desporto requiere disciplina,... queremos que ele tenha uma organização pessoal que não tem, ele é muito indisciplinado. O quarto dele mete medo...”

“Aí tem uma coisa que lhe interessa também...”, diz o pai, ao que a mãe diz: “Estás a falsear esta entrevista...” “Não estou nada”, diz o pai, “ia dizer que a avó, a mãe dela, vive cá e é uma peça fundamental!”. “Têm uma relação espectacular com ela: o Duarte tem uma abertura com a avó que não tem connosco: ele conta tudo à avó, até as anedoctas mais picantes,... ela tem uma paciência enorme para os aturar, a minha mãe brinca de chás e panelinhas com a Cátia,... não os educa, mas compensa-os muitissimo pelo carinho e atenção que lhes dá. O Duarte e a Cátia

desde pequeninos que não se deitam sem lerem uma história com a avó”, conta a mãe.

Por falar em dormir... a mãe conta que “até ao primeiro ano de vida o Duarte dormiu no quarto conosco, depois foi para o quarto dele, adaptou-se bem, apesar de que, por vezes, dá-lhe uns amoque e vai dormir para o quarto da avó com a irmã,... mas essas coisas a mim não me preocupam,... o pai está de viagem e eles dormem comigo na cama,... nós viajamos muito devido à nossa profissão... tomamos banho em conjunto, não temos esses problemas...”. O pai continua: “Houve uma altura em que o Duarte tinha medos, porque houve aqui uns assaltos e ele foi dormir com a avó, a meio da noite muitas vezes a avó ia para o quarto dele e deixava-o no dela...”. “Aqui em casa troca-se de cama como de camisa, têm o quarto deles, mas...”, conclui a mãe para dizer logo de seguida: “Eles têm muitos ciúmes de mim e do pai. O Duarte teve durante muito tempo e a Cátia agora está nessa fase...”. “...se estamos sentados juntos, ela mete-se no meio...”, conclui o pai.

E a relação com a irmã?

Lembram-se de terem dito ao Duarte que ele ia ter um(a) irmã(o) pouco tempo depois da confirmação da gravidez. O pai, por ser médico, explicou-lhe como nascem as crianças e o Duarte compreendeu. A mãe pensa que, na altura, ainda que ele mostrasse um grande desejo de ter irmãos, ficou muito “incomodado” com a notícia: “Tinha receio do que ia acontecer. Estava muito ansioso e agressivo com os colegas da escola. As professoras achavam que ele estava inseguro, inquieto e nervoso”. A mãe referiu ainda que ele se tornou mais tímido e isolou-se: “começou a ficar em casa a ver televisão e a jogar computador, em vez de brincar com as crianças que moram na mesma rua, o que costumava fazer”. Passados os primeiros meses de gravidez, os pais pensam que ele se tornou outra vez mais extrovertido, passando a aceitar a gravidez da mãe. Gostava de toma banho com a mãe e de lhe fazer festas na barriga, querendo, por vezes dormir com ela. O pai referiu: “às vezes falava à bebé”.

A primeira coisa que o Duarte disse da irmã quando a viu pela primeira vez, foi que ela era muito “*bonitinha*”. A mãe lembra que, de vez em quando, durante os primeiros meses após o nascimento da Cátia, o Duarte tinha comportamentos “rebeldes”. “*Além disso, andava muito irrequieto e distraído e na escola os professores também disseram que, o Duarte estava mais distraído do que era costume, tal como esteve durante os primeiros meses de gravidez.*”, diz a mãe.

O pai diz: “*Naturalmente que nós tentamos não fazer comparações entre os irmãos, mas a Cátia é o cruzamento múltiplo entre nós os dois. É completamente diferente...*” A mãe continua: “*É organizada, metódica, tem uma personalidade vincadíssima, desde sempre que ela sabe o que quer,.. é muito arrumada... nas férias leva muitas coisas, tira tudo, 500 Barbies, brinca todo o tempo, mas acaba de brincar e arruma....*”. “*Se quer uma coisa sabe onde ir buscar....*” diz o pai. Segundo a mãe, “*ela é meiga, mas não é bem como o irmão, o Duarte é bom, ela não, tem um feitio tramado!*”. O pai acrescenta: “*Evitamos fazer comparações entre eles, mas quando o fazemos realçamos as partes boas da cada um!*”

A mãe diz: “*O Duarte é um miúdo muito alegre e muito bom e ela vai ser menos feliz do que ele, porque ele é muito brincalhão, é muito dado, é um miúdo que se ri facilmente, ela não, tem mau feitio, tem mau acordar, é birrenta, está sempre agoniada, é chata, ele até lhe chama “Chatia”, ele irrita-a solenemente, mas ela bate-lhe, mas gostam imenso um do outro!*”. “*Se eu me zango com ele ou com ela, o outro vem em defesa*”, lembra o pai.

E quando eles se zangam?

“*Se discutem deixamos, ou então é chapada a um e chapada a outro, mas às vezes nem nos apercebemos, porque ela sabe resolver os seus problemas sozinha, não vem fazer queixas...*” conta o pai, ao que a mãe acrescenta: “*Nós não lhe damos hipótese... só quando está muito barulho é que me zango. Eles massacraram-se um ao outro, brincam imenso, gostam muito um do outro, mas de vez em quando zangam-se. Não acho que bater da forma que o fazemos seja uma violência sobre eles. Não sou como aqueles pais falsos que dizem que bater é uma violência, quando é feito nas horas certas...*”. “*Não bater publicamente*”, diz o pai, “*mas*

chamar a atenção sim... às vezes sentem-se injustiçados, e a Cátia diz isso mesmo..”

O pai continua: “Nós, apesar da vida ocupada que temos, penso que a atenção para com eles é acima à média. Se por acaso, saíu do consultório e apanho muito trânsito, telefono para casa e falo com ele, a saber se já brincou, se tem trabalhos, como lhe correu o dia”.

Pensam ter mais filhos? A mãe diz que não, “já estou velha, não pode ser, o meu marido gostava muito, mas eu acho que, por egoísmo da minha parte, do ponto de vista estético, eu não queria ter mais filhos, porque acho que, não tendo ficado muito deformada, sempre fique”. O pai diz que gostava, e que apesar de tudo sente disponibilidade para os filhos: “tenho mais disponibilidade para a Cátia do que tive na mesma idade para o Duarte, porque andava preocupado em vencer na minha carreira, com a Cátia tenho muito mais paciência. Aos sábados levo o Duarte à vela, a Cátia vai comigo, vamos ao cinema, vamos a museus,....”. A mãe a rir conta: “Às vezes brincamos e dizemos que é o avosinho a tratar da neta e ela goza com o pai e diz-lhe que ele não é o pai dela, é avô.... Penso que a Cátia não gostava de ter mais irmãos, é um bocadinho egoísta. Não admite que a avó trate as amigas dela por “filha”. No outro dia bateu numa colega, porque a minha mãe disse à menina, “minha filha vem cá”. Ela virou-se para a minha mãe e disse-lhe para não chamar filha à amiga, “porque a tua filha sou eu”. Quanto ao Duarte, talvez ele gostasse...”.

Com qual dos pais o Duarte tem uma relação mais próxima?

Pensam que é com os dois, mas que fala mais da sua vida com a avó ou com a mãe. A mãe pensa que isto se deve a duas coisas: “Por um lado o pai é quem tem menos tempo, por outro, às vezes é muito rígido”. O pai conta que só bateu duas vezes no filho, por razões graves: “Vou-lhe contar porque lhe dei duas tarefas para ver quão graves são as coisas que fez e que na altura tinha que tomar uma atitude dessas. Uma vez ele e um amigo tiraram um relógio a um miúdo mais pequenino. Ele foi influenciado pelo outro...”. “Ele é muito influenciável”, concorda a mãe. O pai retoma o seu discurso: “Dei-lhe uma tarefa e ele acabou por pedir desculpa, e

reconhecer o erro. A outra foi no Carnaval, ele e um amigo resolveram bombardear o colégio com balões cheios de água... são crianças!!!. Ele sabe que quando eu lhe digo uma coisa é mesmo a sério e ele acaba por ter um bocado de medo". A mãe concorda que, por vezes, ele tem medo do pai.

O pai diz: "Ele agora está numa fase... mas ele é bom, desde pequeno que é capaz de dar as suas coisas aos outros, é divertido, simpático, fora de nós é uma maravilha...". "Toda a gente diz que ele é um gentleman", acrescenta a mãe, "puxa conversa madura, toda a gente pensa que ele é um miúdo com grande maturidade..." O pai relembra as férias: "Como ele sabe falar inglês, porque anda numa escola bilingue, nas férias fala com todas as pessoas... nos hotéis adoram-no, todos sabem quem ele é, tira dúvidas. Ele sabe resolver sozinho os seus problemas".

Como é um dia na vida do Duarte?

"Acorda cedo e fica a ver os desenhos animados, às vezes acorda em cima da hora... ele acorda sozinho... Almoça com a avó. Sai da escola às 17h e depois ele e a irmã vêm os dois para casa sozinhos. Brinca um bocado, ou fica em casa ou vai a casa do vizinho. Eu...", diz a mãe, "chego às 20h, temos uma vida complicada, com muitas pressões, muitas saídas, o que tem influência neles, que sofrem muito com o nosso stress...". O pai continua: "Quando estão naquela fase de acalmar, chego eu a casa, mesmo que esteja a chover eles saem de pijama e vêm ter comigo à porta, buscar-me ao carro". A mãe diz: "Não são crianças que se deitem cedo. Eles querem sempre ver o pai, e arranjam sempre pretexto para ir ficando".

Episódios na vida familiar que tenham afectado o Duarte?

A morte da avó paterna, no ano passado: "o Duarte, assistiu à situação final, viu a avó debilitar-se progressivamente, ia passar fins de semana, puxava a cadeira de rodas à avó, na escola sentiram que ele estava a ter problemas... quando a avó morreu queria ir ao funeral, mas nós não deixámos, porque queríamos que ele ficasse com uma memória da avó diferente. Ele chorou um bocado,... não fala muito sobre isso, às vezes falamos dela, ele lembra-se, mas..."

Recordam também a morte da cadela deles, há cerca de 2 anos atrás, a quem ele chamava “irmã” e da qual gostava muito.

Como vêm o Duarte no futuro?

A mãe gostava que ele fosse “*uma pessoa correcta, na sua postura perante a vida, honesto, vertical,... vejo que ele vai ser muito bom,... não sei se vai fazer alguma licenciatura, se o fizer vai ser muito obrigado, porque nós vamos fazer com que ele faça algum curso, se fizer será na área dos animais, porque adora animais, ou veterinário ou biologia marítima. Acho que tem todas as potencialidades para ser feliz. Tem um potencial enorme para ser uma pessoa boa, excelente, porque é inteligente e temos podido proporcionar-lhe coisas que o fazem adquirir conhecimentos, ...só os anos é que vão dizer*”. O pai diz: “*Queremos que escolha uma área que lhe agrade para poder ser feliz. A nossa fantasia é dar-lhe as bases para que isso aconteça*”.

Antes de terminar o pai diz que gostava de contar só mais uma coisa: “*Houve uma altura, há cerca de 2 anos, em que nós andámos um bocado zangados, passámos por uma fase menos boa,... os professores diziam que ele andava muito ansioso, via os pais mais distantes, preocupados com a sua relação na altura. Ele sentiu isso... e tornou-se mais agressivo com os colegas.*” A mãe diz que foram dois anos conturbados para ele: “*o nascimento da irmã e o relacionamento mais difícil entre nós os dois*”. Contam que nunca esconderam essa situação: “*Dissemos que estávamos a ver a nossa vida, que havia momentos em que não estávamos bem e tínhamos que discutir e pôr os nossos problemas em cima da mesa, que tínhamos direito a mostrar aquilo que sentíamos*”. Continua: “*Quando discutíamos, ele metia-se no meio, era capaz de se vir agarrar a mim e achar que eu estava menos protegida, punha-se mais do meu lado...*”. “*O pai era o elemento forte....*”, diz o pai. “*A mãe é a adoração dele*”, diz a mãe, “*... ele está sempre a perguntar se eu o amo e eu pergunto-lhe quem é que eu hei-de amar na vida se não forem os meus filhos, abraça-se a mim e pergunta-me “do you love me?”*”

No final, os pais dizem que só querem o melhor para os filhos, que são muito exigentes com os filhos e com eles próprios, *“queremos que o Duarte tenha objectivos na vida. Sabe que tem tudo o que quer e em excesso, porque eles desejam e chega a uma altura em que já não há nada a desejar porque têm tudo, mas a nossa preocupação com ele é mostrar-lhe tudo o que existe de diferente, desde novos países, a novas formas de vida, para que quando fôr homem tenha uns horizontes alargados,... nós fomos educados assim e por isso temos esse tipo de postura. Somos muito exigentes connosco e com eles...”*, diz a mãe, ao que o pai acrescenta: *“Mas não queremos que ele se sinta inseguro perante os horizontes que nós lhe damos”*.

*** Análise da entrevista com os pais**

O Duarte foi uma criança muito desejada pelos pais. Mas se o pai não tinha preferência pelo sexo da criança, a mãe queria uma menina, que até já tinha nome-Cátia- como se viria a chamar a irmã (*“O Duarte foi sempre a Cátia... quando soube que, inevitavelmente ia ser um rapaz, fiquei triste”*).

O Duarte não correspondeu ao bebé que a mãe imaginara. A sua primeira reacção foi de rejeição: *“Que horror! Que coisa tão feia, tirem-me isto daqui!”*, a qual parece ter sido apenas daquele momento. Actualmente, ambos os pais descrevem o filho como uma criança muito bonita, encontrando nele características físicas de ambos (os olhos e o nariz são da mãe; a boca, a forma de olhar e de rir são do pai), ainda que estas sejam as únicas características com as quais se identifiquem com o Duarte, pois *“de feitio não saí a nenhum de nós”*, contrariamente à irmã, que os pais descrevem como *“o cruzamento múltiplo entre nós os dois”*.

Ao longo da entrevista, um dos aspectos que nos pareceu mais relevante foi o receio dos pais de que o Duarte possa seguir *“caminhos errados”*. Ou seja, descrevem-no como *“um artista, vive sempre na lua (...) não tem maturidade nenhuma, é um putinho e não vai crescer tão cedo (...) é um bocado inconsciente, não tem medos (...) é um bom vivant, é muito influenciável”*. Face a isto, os pais

procuram “condicionar a evolução dele”: falam do Duarte como se este fosse um adulto e não uma criança de 10 anos, com as necessidades próprias da sua idade. Parece-nos que, a constante necessidade que os pais têm de manter o Duarte ocupado, funciona como uma “protecção” dos receios dos próprios pais: *“Todas as actividades que ele tem (vela, ténis, karaté, piano) são porque ele gosta, mas também têm um objectivo: face à maneira de ser do Duarte tentamos sempre arranjar actividades que possam, por um lado, ocupá-lo e tirá-lo da rua, por outro, dar-lhe metodologia e criar-lhe objectivos”*. O pai procura acompanhá-lo nessas actividades: estuda piano na escola do filho e existe entre ambos um sentimento de competição, sentido pelo pai como positivo: *“(…) compete comigo, está numa fase de competição com o pai, quer fazer as coisas melhor e no piano é melhor. É bom ele sentir que tem um paralelo ao qual tem que vencer”*- é como se o pai quisesse ser o único objecto de identificação do filho (um objecto bom).

Existe ainda um grande investimento dos pais na área intelectual. Pensam que o Duarte *“podia ser brilhante”*, mas como tal não acontece, organizam-lhe o estudo, fazendo com ele um plano de estudo para cada semana. Gostavam que no futuro o filho tivesse uma licenciatura (como eles têm), ainda que sejam conscientes que *“se o fizer vai ser muito obrigado, porque nós vamos fazer com que ele faça algum curso”*.

Face a todas estas expectativas dos pais em relação a ele (e também à irmã), verifica-se uma necessidade constante do Duarte de valorização e de apreciação: *“o Duarte consome-me, chama-me para eu ver tudo o que faz (...) os dois têm necessidade de nos mostrar sempre aquilo de que são capazes”*, disse a mãe. Esta refere que o Duarte pergunta-lhe muitas vezes *“do you love me?”*, como se sentisse necessidade de se reassegurar do afecto que a mãe sente por ele. Contudo, os pais reconhecem que *“somos muito exigentes connosco e com eles!”*.

É na avó materna que o Duarte encontra o seu “refúgio”. É como se com ela, pudesse ser ele mesmo- ter medos (vai dormir para o seu quarto), contar-lhe

anedotas “picantes”: *“tem uma abertura com a avó que não tem connosco, ele conta tudo à avó”*. É a própria mãe que diz: *“ela não os educa, mas compensa-os muitíssimo pelo carinho e atenção que lhes dá”*.

Em relação à gravidez e ao nascimento da irmã, estes dois momentos parecem ter sido sentidos com grande angústia pelo Duarte: tanto em casa como na escola verificaram-se alterações no seu comportamento- *“estava ansioso e agressivo com os colegas (...) as professoras achavam que ele estava inseguro, inquieto e nervoso (...) começou a ficar em casa a ver televisão e a jogar computador em vez de brincar com as crianças que moram na mesma rua, o que costumava fazer”*. Durante os primeiros meses após o nascimento da irmã, teve ainda comportamentos que os pais denominaram por *“rebeldes”*, que estavam principalmente relacionados com uma chamada de atenção. Actualmente, consideram que a relação deles é boa, apesar das discussões próprias entre irmãos.

Quando fazem comparação entre os filhos, os pais realçam as características positivas e negativas de cada um. Se a Cátia é *“organizada, metódica, tem uma personalidade vincadíssima, desde sempre sabe o que quer... também tem um feitio tramado... tem um mau acordar, é birrenta, está sempre agoniada, é chata”*, o Duarte é *“um miúdo muito alegre e muito bom, brincalhão, ri facilmente,... vai ser mais feliz que a Cátia”*.

Os pais referem ainda os ciúmes que o Duarte tinha deles e que agora é a Cátia que tem: *“Eles têm muitos ciúmes de mim e do pai. O Duarte teve durante muito tempo e a Cátia agora está nessa fase... se estamos sentados juntos, ela mete-se no meio”*. Falam de uma altura em que a relação marital passou por uma fase difícil, que foi fortemente sentida pelo Duarte, o qual evidenciou alguns dos comportamentos que tinha tido após o nascimento da irmã (e que aparecem em períodos de maior angústia).

Entrevista com o Duarte

O Duarte, tem um contacto muito agradável e se, de início pareceu um pouco inibido, rapidamente foi ficando mais extrovertido. Enquanto conversámos, estive quase deitado no cadeirão. Disse estar cansado, devido ao treino de vela: *“já não comia há 6 horas. Às 10h da manhã começámos a preparar os barcos, saímos para o mar ao 12h e normalmente é até às 19h, mas hoje saímos mais cedo, às 16h”*. Contudo, apesar de cansado, mostrou-se colaborante.

Começámos por falar de recordações que o Duarte tinha de quando era mais novo. Disse não se lembrar de muitas coisas: *“lembro-me de ter mudado para esta casa, que dantes andava noutra escola”*. De quando entrou para a escola disse: *“Gostava de ir à escola, lembro-me de ir dormir para as aulas”* (ri-se).

A recordação mais triste que tem é a da morte da avó paterna, sobre o que disse não gostar muito de falar.

A melhor coisa que lhe aconteceu até hoje foi ter começado a praticar vela há dois anos atrás: *“Primeiro foi o meu pai que me levou, depois comecei mesmo a gostar. Agora vamos concorrer no Campeonato. Temos que ficar em 1º, 2º ou 3º lugar, depois disso não pode ser, queremos uma taça... tenho que ser o primeiro, gosto de ganhar! Pratico todos os fins de semana para ficar num bom lugar!”*. Como é? *“Tenho o meu barco, cada um anda num barco sozinho, e é no rio Tejo. Em Setembro vou para os Açores, temos lá uma prova,... é a primeira vez que vou para fora sem os meus pais, vou com a equipa da vela”*. Consideras isso uma aventura? *“Não...”*, disse encolhendo os ombros. Achas que és um bom velejador? *“Acho que sim, sou bom!!!”*.

Para além da vela, pratica outros desportos: *“Ténis, educação física, futebol, natação,... na escola,... quando viajamos nas férias do Verão, faço mergulho com a minha mãe e windsurf com o meu pai, cá também fazemos de vez em quando”*.

Além do desporto, conta que também tem aulas de piano. Gostas? *“Sim, mas gosto mais da vela”*. O que pensas de o pai ser o único a ter aulas de piano lá na escola? *“Acho que é um bom pai... eu toco melhor, porque a maior parte das vezes ele falta às aulas, porque tem que trabalhar”*.

Com tantas actividades, há tempos livres? Com uma expressão cansada diz: “Não tenho muito tempo livre, quando tenho gosto de jogar ténis, esta semana não joguei porque não tive tempo”. Gostavas de ter mais tempo para brincar? “Está bem assim, mas às vezes não está muito bom, porque preciso de tempo para brincar e não tenho,... de andar na rua, fazer skate com os vizinhos”. E tempo para os amigos? “Os amigos são os da escola e os da vela. O Diogo é meu colega da escola e é o meu melhor amigo, porque somos parecidos e gostamos de fazer as mesmas coisas”. Diz ter uma namorada há dois anos, que conheceu nas férias no Algarve e que já não vê há cerca de 6 meses, mas com quem fala pelo telefone várias vezes.

Na escola diz ser um aluno bom: vai ter dois 5, a ténis e educação física, e apenas uma negativa a música: “A Cátia escondeu-me a flauta, e como este ano ainda não a levei vou ter negativa. Já deram a volta à casa e não a encontraram. Ela andava sempre com a flauta atrás, tem a mania que sabe tocar, ainda só não escondeu o piano por sorte...”, disse a rir. Como reagem os pais às negativas? “Os meus pais ficam um bocadinho zangados e dizem: “Vais ter que melhorar” e eu tenho que melhorar mesmo porque não gosto de ter negativas”.

Em relação à irmã, diz que “é um bocado chata, mas às vezes eu gosto muito dela. Eu chamo-lhe Chatia. Às vezes desentendemo-nos”. Porquê? “Às vezes é porque eu lhe tiro a chucha”. Lembra-se de quando ela nasceu: “Pensava que ela era um rapaz, era mais giro. Depois achei que ia ser giro aturá-la, mas nunca pensei que ela fosse como é, pensei que ia ser mais calma, mas pelos vistos ainda é pior que eu! Eu quando nasci era calmo e ela não é e eu ainda sou e ela não é”. Acrescenta: “Gostava de ter um irmão rapaz, gostava de ter um gémeo, da minha idade, podíamos fazer os mesmos desportos,... ter um companheiro e para nos ajudarmos um ao outro”.

Diz que os pais se conheceram na escola e que estão casados há muitos anos. Quando lhe disse que era quase há 20 anos, o Duarte disse: “Fogo!”, dizendo que nunca se tinha apercebido de que era há tantos anos. Fez então contas à idade

dos pais para ver quantos anos eles tinham quando se casaram, dizendo ter sido muito cedo: o pai tinha 22 e a mãe 20.

No futuro gostava de ser um bom velejador, veterinário ou biólogo marinho.

* Análise da entrevista com o Duarte

Se na entrevista com os pais do Duarte foram notórias as grandes expectativas que têm em relação ao filho, na entrevista com este, ficou claro que existe, da parte do Duarte, um grande desejo de corresponder a essas expectativas. Assim, por exemplo, ainda que o Duarte não tenha grande motivação pelos estudos (*"Gostava de ir à escola, lembro-me de ir dormir para as aulas"*), considera-se um bom aluno e não quer ter negativas, porque *"quando tenho negativas os meus pais ficam um bocadinho zangados e dizem: "Vais ter que melhorar" e eu tenho que melhorar mesmo porque não gosto de ter negativas"*. Por outro lado, no desporto (vela) o Duarte procura se o melhor, ou estar entre os melhores, encarando os campeonatos como verdadeiras competições: *"temos que ficar em 1º, 2º, ou 3º lugar, depois disso não poder ser, queremos uma taça... **tenho que ser o 1º, gosto de ganhar**"*. Também com o pai (que diz ser um bom companheiro) o Duarte compete: *"eu toco melhor piano"*. Com tantas actividades, sente pouco tempo para brincar e estar na rua com os amigos.

Em relação ao nascimento da irmã, mostrou o desejo de que esta fosse um rapaz, mas *"depois achei que ir ser giro aturá-la, mas nunca pensei que ela fosse como é"*. Ou seja, apesar de querer ter irmãos, o nascimento da Cátia foi sentido pelo Duarte como algo que não podia evitar e com o que teria que viver- *"ser giro aturá-la"* (ambivalência de sentimentos). Contudo, diz que gostava de ter um irmão gémeo, com o qual poderia partilhar as suas coisas e ajudarem-se mutuamente (talvez dividir com ele todas as responsabilidades que tem).

* Análise do Teste Projectivo Patte Noire

O protocolo assim como a análise detalhada do teste projectivo Patte Noire estão em anexo (anexos 24 e 25).

No quadro que se segue encontram-se os aspectos mais relevantes da análise deste teste, ou seja, uma síntese dos resultados:

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
* tendências regressivas * ambivalência de sentimentos * agressividade entre irmãos é censurada * ausência de impulsos de salvação da figura fraterna atacada * competição fraterna na relação com a mãe	* desejo de proximidade com a mãe * mãe gratificante * mãe substituta gratificante-culpabilidade	* agressividade contra figura paterna não sentida com culpabilidade * pai gratificante	* angústia de separação dos pais (pais não suficientemente protectores) * agressividade-culpa * cena primitiva angustiante

* Análise do Teste das Relações Familiares

O protocolo do teste das relações familiares, e a sua análise detalhada encontram-se em anexo (anexos 26 e 27).

Fazendo uma síntese dessa análise, podemos dizer que:

A mãe e a irmã aparecem como os principais objectos e fontes de hostilidade. Em relação a ambas existe uma grande ambivalência de sentimentos. Em relação à **figura materna**, se por um lado, a mãe aparece como a pessoa que "*merece um presente bonito*" (item 6), "*é muito boa para mim*" (item 40) e "*gosta de me dar beijinhos*" (item 50), por outro, surgem alguns sentimentos negativos ("*castiga-me muitas vezes*"- item 71; "*por vezes aborrece os outros*"- item 21). De salientar um

sentimento negativo muito forte- "*Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*"- item 32. A super-protecção e sobre-indulgência materna é maior na irmã. A ambivalência em relação à mãe e à irmã poderá estar relacionada com o facto de o Duarte sentir que a mãe (e o pai) dá mais atenção e mimos à irmã do que a ele.

De referir que o Duarte considerou a mãe como a pessoa de quem o pai mais gosta.

A **figura paterna** surge em 5º lugar no envolvimento emocional da criança, não estando muito presente neste teste. O Duarte atribuiu-lhe apenas 3 itens: dois deles positivos- "*ajuda sempre os outros*" (item 2) e "*é uma boa companhia*", e um negativo: "*de vez em quando irrita-se*" (item 23). A sobre indulgência paterna é maior na irmã do que no Duarte.

No que se refere à **irmã**, aparecem sentimentos positivos do Duarte em relação a ela, como o gostar de brincar e de lhe fazer festas, mas ao mesmo tempo surge a vontade de lhe bater e de a aborrecer (ambivalência de sentimentos). A irmã é sentida como a pessoa que "*gosta de me provocar*" (item 61) e "*está sempre a queixar-se de mim*" (item 76). De salientar que, apesar de o Duarte ter colocado na irmã os itens 90 e 95- "*está é a pessoa da minha família com quem o pai/mãe mais embirra*", também foi nela que colocou aqueles que estão relacionados com a atenção e os mimos recebidos de ambos os pais.

O membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional é a **avó**, a qual aparece como o principal objecto de amor e principal fonte de amor. O Duarte sente que é o avó a pessoa que melhor o compreende, que tem maior disponibilidade para ele ("*ouve sempre o que eu tenho para dizer*"- item 47),, e que mais gosta dele. Foi à avó que o Duarte atribuiu muitos dos sentimentos positivos deste teste (ser simpática, alegre, bem educada, bondosa, ter graça,...).

Em relação a **si próprio**, o Duarte colocou apenas um item relacionado com a preocupação da mãe com ele- *“A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada”*.

Desenho de uma Família Imaginária

O Duarte disse que ia desenhar uma família: os pais e o filho. Começou a desenhar o pai e quando o terminou disse: *“Só desenho o pai,... o pai é o meu companheiro!”*.

Enquanto desenhava, o Duarte foi-me fazendo perguntas acerca deste trabalho, se já tinha feito estes jogos com outras crianças, onde,... interessando-se também por saber onde é que eu trabalhava.

O desenho e o questionário estão em anexo (anexo 28).

*** Análise do Desenho de uma Família Imaginária**

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 1 (pai)
- personagens ausentes- 3 (mãe, Duarte, irmã)
- personagens acrescentados- nenhum

Identificações/Preferências:

- conscientes- pai
- inconscientes- pai- único membro da família a ser desenhado

Relação fraterna:

- depressiva (ausência de si próprio no desenho)
- agressiva (de forma desviada- ausência da irmã no desenho)

Relação com as imagens parentais:

- identificação à figura paterna
- agressividade em relação à figura materna (não a desenhou)

No desenho da família, o Duarte começou por dizer que ia desenhar os pais e o filho (excluindo a irmã). Contudo, acabou por desenhar apenas o pai, porque o *“pai é o meu companheiro!”*. Houve uma grande identificação do Duarte ao pai: *“é o meu pai quando era novo e tinha a minha idade”*. Atribuiu-lhe muitas das coisas que faz, como ser desportista, ser um *“aluno assim assim”* e tal como ele também *“fazia muita porcaria”*.

Quando terminámos, era quase hora do jantar, e o Duarte disse que dali a pouco ia para a cama e que já nem ia ver televisão, pois estava muito cansado, que no dia seguinte ia praticar outra vez vela, tinha que estar lá às 10h da manhã. Agradeceu-lhe o tempo que me tinha dispensado. O Duarte disse: *“Ainda tenho uma coisa a dizer... a Cátia é uma grande chata!”*. Digo-lhe que também deve ter coisas boas, ele diz que sim: *“É uma companheirona e gosta muito de mim”*.

O Duarte parecia querer adiar a minha saída, insistindo para que eu ficasse mais um pouco e bebesse o chá que a mãe me tinha oferecido. Falo-lhe acerca disso, perguntando-lhe se há alguma razão pela qual não quer que me vá embora. O Duarte disse: *“Se não tivesse vindo eu tinha que estudar, e estou cansado demais para isso, acho que não aguentava, por isso, obrigado!”*.

Entretanto, a mãe vem chamar o Duarte, dizendo-lhe que a “namorada” dele veio com os pais até ali e está lá fora com uma amiga que o quer conhecer. O Duarte conta à mãe que esteve a fazer um jogo e que uma das perguntas era quem se odiava. A mãe a rir disse: *“Deves ter dito que me odeias a mim”*. O Duarte sorriu. Depois, levanta-se lentamente, despediu-se de mim e saiu.

Fique mais algum tempo com os pais, com a avó e com a Cátia, que continuava de chucha na boca, ao colo do pai. Os pais disseram à avó que tínhamos estado a falar da relação que os netos tinham com ela. Ela disse gostar

muito deles, que era uma grande amiga, mas que nem sempre tinha “mão neles”. Pareceu sensibilizada quando os pais falaram que o seu papel era fundamental naquela casa.

Síntese

No quadro seguinte encontra-se uma síntese dos principais dados obtidos através dos diferentes instrumentos utilizados neste terceiro momento do estudo.

	Figura materna	Figura paterna	Avó	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada (preferência- menina) * não correspondia ao bebé imaginário da mãe- rejeição inicial * receio de que o filho siga “caminhos errados” * grandes expectativas em relação ao filho 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada (preferência- menino) * receio de que o filho siga “caminhos errados” * pai- quer ser o objecto de identificação do filho (objecto bom) * grandes expectativas em relação ao filho 	<ul style="list-style-type: none"> * o seu papel é muito valorizado- afecto * “refúgio seguro” do neto 	<ul style="list-style-type: none"> * relação amigável/ conflituosa 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez e nascimento da irmã- angústia * 5A- ciúmes da relação dos pais *necessidade de constante valorização e apreciação dos pais * necessidade de se reassegurar do afecto da mãe
Entrevista criança		<ul style="list-style-type: none"> * competição com o pai 		<ul style="list-style-type: none"> * ambivalência de sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> * grande desejo de corresponder às expectativas dos pais * desejo de ter um gémeo
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade com a mãe * mãe gratificante *mãe substituta-culpabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> * pai gratificante * angústia de separação dos pais (sentidos como não suficientemente protectores) 		<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * ambivalência de sentimentos 	

	Figura materna	Figura paterna	Avó	Figura fraterna	Criança
Patte Noire (criança) continuação	<ul style="list-style-type: none"> * angústia de separação dos pais (sentidos como não suficientemente protectores) * cena primitiva angustiante * agressividade- culpa 	<ul style="list-style-type: none"> * cena primitiva angustiante * agressividade- culpa 		<ul style="list-style-type: none"> * agressividade entre irmãos é censurada * ausência de impulsos de salvação da figura fraterna atacada * competição fraterna na relação com a mãe 	
Teste das relações familiares (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * ambivalência se sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> * 5ª figura- envolvimento emocional 	<ul style="list-style-type: none"> * 1ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de amor 	<ul style="list-style-type: none"> * 3ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * super- protecção materna * sobre indulgência materna * sobre indulgência paterna * ambivalência de sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> * 6ª figura- envolvimento emocional
Desenho família imaginária (criança)	* reacção agressiva	* identificação ao pai		* reacção agressiva	* reacção depressiva

Com base neste quadro, podemos dizer que, no que se refere à **figura materna**, verifica-se uma grande ambivalência de sentimentos em relação a ela. Se por um lado é sentida (juntamente com a irmã) como o principal objecto e fonte de hostilidade da criança, surgindo reacções agressivas dirigidas a ela, por outro lado,

a mãe aparece como uma figura gratificante, havendo o desejo de proximidade com ela. Podemos levantar como hipótese desta ambivalência, o facto de a irmã ser sentida como a que recebe maior protecção e afecto da mãe, pelo que o Duarte necessita constantemente de se reassegurar do afecto que esta tem por ele, assim como de ser valorizado e apreciado pela mãe (e pelo pai).

Com a **figura paterna** verifica-se uma procura de identificação, sendo visível a competição com ele, a qual é suscitada pelo pai que pretende ser o “*o paralelo ao qual ele tem que vencer*”. Ambos os pais têm grandes expectativas em relação ao filho, às quais ele procura corresponder.

A **figura fraterna** aparece, tal como a mãe, como o principal objecto e fonte de hostilidade, verificando-se competição fraterna na relação com a mãe. O nascimento da irmã parece ter sido sentido de forma angustiante pelo Duarte, que sente que ela recebe mais afecto da mãe do que ele, o que poderá justificar a hostilidade que dirige às duas.

Outra figura a realçar, dada a sua importância na vida do Duarte, é a **avó**. Esta encontra-se em primeiro lugar no envolvimento emocional que o Duarte tem com cada membro da sua família, sendo o seu principal objecto de amor, assim como a sua principal fonte de amor. A avó tem um papel muito importante nesta família, o qual é muito valorizado por todos, e pelo Duarte, que a sente como quem melhor o compreende e quem gosta mais dele.

Fazendo uma breve **comparação dos resultados encontrados nos três momentos deste estudo**, ou seja, durante a gravidez da Cátia, um mês após o nascimento desta e agora que se passaram cerca de 4 anos do seu nascimento, temos que:

Em relação às figuras parentais, verificou-se sempre agressividade dirigida a elas, a qual foi, nos três momentos, sentida com culpabilidade. No período de gravidez materna, verificou-se inclusivamente um maior retraimento sobre si próprio

e uma maior valorização de si na relação com os pais, o que, segundo Corman (1961), aponta para zanga da criança com as figuras parentais. Em todos estes momentos houve movimentos de autonomia, os quais suscitaram angústia e necessidade de protecção parental, que não foi sentida como suficiente.

Nos dois primeiros momentos verificou-se uma forte inveja edipiana, em que a criança fantasiava a destruição da figura paterna (culpa). Neste terceiro momento, tal já não aparece dessa forma, ainda que a cena primitiva seja angustiante para o Duarte. Se no momento de gravidez materna havia o sentimento de exclusão da relação pai-irmãos, nos outros dois momentos, este sentimento já não esteve tão presente e o pai foi sentido como uma figura gratificante.

Também a mãe aparece como gratificante em todos os momentos, ainda que com alguma ambivalência de sentimentos. No momento da gravidez materna, surgiu o receio de separação da mãe após o nascimento da irmã; depois do nascimento da irmã foi visível o sentimento de exclusão da relação mãe-bébé; quatro anos depois, verifica-se ainda competição fraterna na relação com a mãe.

Relativamente à fratria, existiram sempre tendências regressivas; tendências agressivas (ainda que a agressividade entre irmãos tenha sido sempre censurada, levando, no primeiro momento, a receio de morte própria na relação fraterna agressiva).

No que se refere aos **instrumentos** utilizados neste estudo, pensamos que, a entrevista com os pais nos dá muitos dos dados que nos permitem uma compreensão da vida familiar da criança, dados esses que são complementados e confirmados pelos restantes instrumentos.

2.5.5. TOMÁS

Há 4 anos...

1ª Observação (antes do nascimento do irmão)

Vi o Tomás pela primeira vez na consulta de obstetrícia, quando contactei com a mãe, no sentido de que o Tomás participasse neste estudo. Lembro-me que ele estava sentado na sala de espera, ao lado da mãe, sossegado a maior parte do tempo, apesar de, por vezes, se levantar, ao que a mãe reagia imediatamente chamando-o para perto de si. Era um menino magro, relativamente alto para a sua idade (6A 1M), com o cabelo “espetado” e os dentes salientes, o que lhe dava um ar engraçado e reguila. Tinha uma expressão muito simpática, “viva” e era muito comunicativo.

Na observação, a mãe mostrou-se preocupada com o comportamento do Tomás, dizendo-lhe para se portar bem. Face às “recomendações” da mãe, o Tomás cantava canções dos Power Rangers, ou fazia sons com a boca... e a mãe ralhava com ele, uma vez mais.

Da observação destacam-se os seguintes aspectos:

*** Relação com as figuras parentais:**

No desenho de uma família imaginária, o Tomás desvalorizou as figuras parentais (que foram desenhadas numa dimensão mais pequena do que os restantes membros da família), dando uma relação de distância pais-criança (entre estes estavam desenhados os tios). No Patte Noire, na prancha Frontespício, não constituiu uma família (ainda que depois ao longo do teste a tenha formado). Assim, o Tomás mostrou, não só que, a sua relação com os pais estava perturbada no período de gravidez materna, como também expressou o seu desejo de ser filho único.

A relação com a **figura materna** apareceu como gratificante, ainda que se tenha verificado alguma zanga com a mãe (talvez por esta ir ter outro filho): *“A mãe ia a passear e roubaram o dinheiro da mãe. Os porcos gostam muito de dinheiro. A mãe chamava a polícia que ia atrás dos ladrões”*. A existência de uma mãe substituta foi sentida com alguma culpabilidade pelo Tomás, acabando por ser castigado (*“O porquinho tava a mamar na cabra, mas pensava que era a mãe. A cabra ficou zangada, porque não era filho dela e bateu no porquinho”*).

Também em relação à **figura paterna** surgiu o desejo de proximidade (*“O porquinho vai comer para o pé do pai”*). Contudo, tal como verificado para a figura materna, houve alguma agressividade dirigida a ela (ainda que sentida como culpabilizante) (*“O porquinho tava a mandar lama para a cara do pai. O pai deu-lhe umas palmadas”*).

Nas pranchas mais directamente relacionadas com a **çena primitiva**, o Tomás evidenciou angústia, tendo havido uma alteração dos elementos percebidos (não fez referência a nenhum dos elementos do casal parental, percebendo-os como *“uma baleia”* ou como *“comida”*).

Houveram movimentos de independência, mas uma grande necessidade de protecção parental (*“Tinha-se perdido, tava já de noite e não sabia o caminho. Chamou pelos pais e eles iam. Os porcos têm umas orelhas grandes”*... *“la passear com os pais porque sozinho podia-se perder”*).

* Relação com a figura fraterna:

Verificou-se alguma agressividade dirigida à **fratria**: no desenho através da sua eliminação; no jogo pela atribuição à figura fraterna do estado de doente *“o bebé vai ficar doente para sempre”*. Contudo, no jogo, verificaram-se também movimentos de aproximação, o que nos levou a pensar em sentimentos ambivalentes em relação à figura fraterna. No Patte Noire, não só a agressividade directa na fratria foi sentida como angustiante, como surgiu angústia face ao ataque a uma figura fraterna e impulsos de salvação directa desta (*“É um pássaro grande, daqueles que matam. Tá a puxar o rabinho do porquinho que tá a tentar fugir. Este tá a ajudar o outro”*). Se no jogo, o Tomás apresentou a fantasia de afastar a fratria

das figuras parentais (*“a mãe, o pai e o filho vão passear... o bebé vai passear com o avô e com a avó”*), no Patte Noire a separação da fratria foi sentida como angustiante (*“Tavam tristes porque os filhos iam para outro país... ah, era um sonho!”*).

* Tendências regressivas:

O Tomás evidenciou **tendências regressivas**, principalmente no Patte Noire, identificando-se aos porquinhos bebés, mostrando assim o desejo de partilhar da relação mãe-bébé.

2ª Observação (após o nascimento do irmão)

Nesta observação, realizada três meses depois, quando o irmão do Tomás tinha cerca de 1 mês de vida, o Tomás apresentou-me o irmão. Mas quando lhe ia fazer festas e dar-lhe beijinhos, a mãe disse-lhe para deixar o irmão sossegado, para este dormir, quebrando assim a interacção entre os dois. O Tomás definiu o irmão como *“um chorão, chora a noite toda”*. Disse que o irmão já falava com ele, e que gostava de ajudar a mãe a tratar dele, contando a rir: *“Quando faz xixi ou cócó, vou buscar as fraldas e as outras coisas. No outro dia a mãe tava a mudar as fraldas ao mano e ele tava a dar bufas, assim... pum, pum...”*. Quando lhe perguntei se gostava de ter mais irmãos, o Tomás respondeu muito rapidamente: *“Ai, ai, ai, isso é que eu não gosto!!! Depois choravam mais e então é que eu acordava mesmo”*.

Houve alguns aspectos importantes a salientar desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

No jogo e no Patte Noire o Tomás constituiu uma família. Contudo, no desenho de uma família imaginária, verificou-se não só uma reacção agressiva face a esta, pois eliminou os pais e a fratria, como também uma reacção depressiva, uma vez que fez a eliminação de si próprio do desenho.

A **figura materna** foi sentida como gratificante (“...porquinho tava a brincar no mar, mas começou a fome dele e começou a correr como se fosse um leão. Foi para as maminhas da mãe”), havendo um grande desejo de proximidade com ela. Contudo, verificou-se alguma agressividade a ela dirigida, ainda que acompanhada por sentimentos de culpa (“o filho atirou lama para a cara da mãe. Quando os filhos fazem alguma coisa os pais ficam logo zangados, não gostam de lama na cara”). O facto de uma mãe substituta ter sido sentida como gratificante, fez surgir também, culpabilidade no Tomás (“O filho tava com fome e foi mamar à mama da mãe, mas era uma mama que não era da mãe dele. O porquinho pensava que era a mama da mãe, então, olha, mamou”).

Ainda que se tenha verificado o desejo de proximidade com a **figura paterna**, esta apareceu desvalorizada, pouco gratificante rejeitante (“...O porquinho foi atrás do pai para o trabalho e depois o pai expulsou-o”).

A **relação íntima entre as figuras parentais** parece ter sido de tal forma angustiante para o Tomás que, ou fantasiou a destruição do casal parental (“...uma àguia a afastar-se dos pais para comê-los”), ou fez a alteração dos elementos percebidos, afastando-se assim do conflito (na prancha Noite, do teste Patte Noire: “olha uma coisa, não sei se isto é uma baleia... mas acho que sim. O porquinho tá a ver a lua mais a baleia que é daqui até aqui, é deste tamanho. Deve ser a baleia do ar, porque tá ao pé da lua”).

Verificou-se ainda uma tentativa de independência em relação às figuras parentais, a qual foi mal sucedida, tendo o Tomás mostrado a necessidade de protecção parental (principalmente da figura materna) (“A mãe mandou o filho ir buscar comida, mas o filho foi andando e foi para os montes e perdeu-se. E depois a mãe esperou tanto que foi lá buscá-lo”).

* Relação com a figura fraterna:

O nascimento do irmão foi sentido pelo Tomás com alguns ciúmes (referidos pela mãe na entrevista). Daí a agressividade que, por vezes, lhe atribuiu no jogo (o bebé ia contra os membros da família que dormiam, acordando-os; o bebé não os deixava dormir porque chorava muito); a fantasia de agressividade mortal da **fratria**

(“tavam a roubar o filho que era do pai e da mãe dele. O senhor leva-o para matar”); a eliminação do irmão do desenho da família. Mas por outro lado, surgiu o desejo de ter no irmão, um companheiro para as suas brincadeiras, assim como impulsos directos de salvação de um elemento fraterno atacado (*“Veio um pato selvagem... um pato do ar e... o terceiro porquinho veio atrás da águia, puxou o rabo dela e este mordeu o bico da águia que ficou todo partido. A águia queria comer o porquinho”*). Verificou-se pois uma grande ambivalência de sentimentos face à figura fraterna neste período.

* Tendências regressivas:

Estas **tendências regressivas** não foram referidas pela mãe, mas estiveram presentes, por exemplo, no teste Patte Noire, em algumas identificações feitas aos porquinhos bebés, ou com características de bebés (como, por exemplo, o mamãr).

4 anos depois...

3ª Observação

O Tomás estava à janela de casa quando cheguei. Olhei para ele e sorri, recebendo em troca um sorriso tímido. Meteu-se rapidamente para dentro de casa, provavelmente para chamar a mãe, que apareceu à porta. O Tomás e o irmão estavam à minha espera, de mãos dadas. São muito parecidos: o Bernardo, irmão do Tomás, parece uma miniatura deste. A maior diferença física entre os dois, para além da estatura, é que o Tomás é moreno e o Bernardo é louro.

O Tomás tem actualmente 10A 6M. É alto e magro, tem o cabelo curto com alguns “remoinhos” no cimo da cabeça que lhe dão um ar engraçado, assim como os seus dentes grandes e salientes. O irmão (4A 3M) parecia envergonhado, escondendo-se atrás do Tomás. Correu para a sala onde estava a ver televisão e nunca mais o vi: os pais disseram que tinha adormecido.

Enquanto conversei com os pais, os dois irmãos ficaram a ver televisão. De vez em quando, via a cabeça do Tomás a espreitar por entre a porta, como que a perguntar se ainda iríamos demorar muito tempo e o que estaríamos a conversar.

Entrevista com os pais

O pai do Tomás, embora se tenha mostrado disponível, adoptou, de início, uma postura defensiva que, ao longo da entrevista, se foi transformando em alguma cordialidade, ainda que mantendo-se um pouco distante. A mãe, mais simpática e acolhedora, mostrou-se também, de início, um pouco “fechada”, olhando para o marido antes de dar a sua opinião. Contudo, a meio da entrevista, senti que ambos estavam menos defensivos, falando com uma maior “abertura” acerca dos filhos.

O pai começa por dizer que, a gravidez do filho foi desejada. Estavam casados há cerca de ano e meio, altura em que sentiram que era o momento de terem um filho, pois a sua situação económica já era relativamente estável. A mãe acrescenta: *“Podíamos ter esperado mais tempo, mas também foi devido à idade,... eu casei já com 27 anos, o Tomás já nasceu quando eu tinha 30... já é uma idade avançada para o primeiro filho...”*. O pai, com expressão séria, interrompe: *“Mas também isso não tem muita importância!”*.

Lembram-se do momento em que tiveram a confirmação da gravidez?

É a mãe quem começa a contar: *“Fui fazer uma análise e vi que estava grávida e depois telefonei para ele,... era uma coisa que já estávamos à espera.”*. O pai diz: *“Não me lembro. Sei que a coisa foi desejada, como recebi a notícia não sei, já não me lembro.”*

Em relação ao sexo do bebé, a mãe confessa que tinha preferência por uma menina: *“...mas depois disseram que era um rapaz e olhe...”* diz, encolhendo os ombros. O pai conta que, quando foi da gravidez do Tomás, não quiseram saber o sexo do bebé, o que já não aconteceu na gravidez do Bernardo. A mãe diz que mesmo sem lhe terem dito que seria um menino, ela já sabia, pois *“ia à médica e ela*

perguntava-me o que eu queria, eu dizia que era uma menina e pela cara dela percebi que devia ser um menino”. O pai acrescenta: “Nós desconfiámos!!!”.

O pai não assistiu ao parto, nem esteve no hospital quando o Tomás nasceu, por “encontrar-me em serviço” (tropa): “Vi-o quase um dia depois de ter nascido”. Com quem se parecia? “Eu acho que nessas idades não são parecidos com nada...”. A mãe interrompe e a sorrir diz: “Achei-o bonito, era pequenino, mas não me lembro muito bem o que pensei na altura...”. “Pois”, diz o pai, “a pessoa vê e desde que não tenha nenhuma anomalia, é o que interessa, nunca pensei se era bonito ou não, nem com quem se parecia”.

Em relação à escolha do nome, a mãe diz que o nome Tomás surgiu apenas nas vésperas do filho nascer: “Pusemo-nos a escolher nomes, fizemos uma lista, depois fomos eliminando e ficou este”.

No que se refere ao desenvolvimento do Tomás o pai, sem querer dar muitos promenores, diz que foi normal: “Começou a andar tinha um ano, a primeira palavra foi Dicas, que era o nome do cão da minha mãe, que se chamava Dick e ele chamava-lhe Dicas.... não foi mãe nem pai”. A mãe explica: “Na altura eu trabalhava e ele ficava muitas vezes com a avó e com o cão, talvez por isso ter dito primeiro o nome do cão”.

A mãe lembra que o Tomás “era muito eléctrico”. O pai concorda, mas recorda que “em bebé era calmo, depois quando começou a andar é que começou a ser mais mexido, parece que está ligado à electricidade...”. “Está sempre a saltar, sempre a saltar...”, continua a mãe, que é interrompida pelo pai: “Agora deve estar ali na sala e não deve estar quieto, como a Sandra está aqui, está mais sossegado, mas se não estivesse já andava por aí a saltar...”. A mãe continua: “Está sempre a correr, nós vamos sair, vamos para a praia, e ele sempre a correr, estamos sempre a chamá-lo, nunca está parado...”.

A mãe diz que o Tomás “é muito despaçarado”. O pai concorda: “É muito descontraído, despreocupado, às vezes nem sei o que está a pensar, mas desde que cumpra as obrigações dele, e tem cumprido, deixamo-lo andar. O mais

pequenino é que vai ser diferente. Enquanto no Tomás tenho e sempre tive confiança, sei que é responsável, que não mexe em nada, o mais pequenino arranja maneira de quando viramos costas fazer disparates”.

Contam que até aos 2A 6M o Tomás ficava em casa com o pai, ou ia com a mãe para o emprego, ou ficava com a avó paterna: “Quem ficava mais com o miúdo era eu”, diz o pai, “porque tenho um trabalho que mo permite, por exemplo, trabalho 24h seguidas e depois tenho 2 ou 3 dias de folga”. “Outras vezes”, acrescenta a mãe, “ia para a casa dos avós. Depois, dos 2A 6M até aos 5A ficou sempre comigo e com o pai, porque entretanto deixei de trabalhar. Nunca foi para o infantário, só aos 5 A é que foi para a escola, onde se adaptou muito bem”. O pai concorda, dizendo que “a adaptação não foi nada complicada”. A mãe lembra que o Tomás chegava a casa e dizia que os colegas choravam, mas que ele não. O pai diz: “Ele é muito dado, desde pequeno que faz amizades muito facilmente, mete conversa,... agora talvez seja menos, mas não tem problemas desse género”:

Em relação à aprendizagem escolar, a mãe diz que o Tomás tem sido um aluno muito bom: “Mudou de escola no início do ano lectivo, porque passou para o 5º ano. O Tomás dizia que nesta escola as coisas iam ser diferentes, porque estava habituado a ter apenas um professor e depois ia ter mais, a carga de trabalho era maior,... e então ele só dizia: “Ai a confusão que vai ser!”, mas entrou para a escola e adaptou-se muito bem.”. O pai diz que o filho “é um aluno de 4 e 5, tem muita facilidade em aprender...”. A mãe interrompe: “Ele não estuda muito, apesar de que estou sempre em casa e mando-o fazer os trabalhos e estudar. Há certas disciplinas que o pai sabe mais e explica-lhe, e as coisas entram-lhe bem. O que ouve nas aulas, fica”. Ambos são da opinião de que o Tomás não gosta muito de estudar: “Agora só pensa nos jogos do computador”. O pai acrescenta: “Durante a semana não joga, é uma regra, depois chega ao fim de semana e não o larga”.

Que outras coisas o Tomás gosta de fazer? “Gosta muito de ver filmes para rir, do género da Academia de Polícia”, diz o pai. A mãe acrescenta: “É uma criança que não gosta de sair de casa...”. “Pois é”, diz o pai, “isso até faz impressão, nós

gostamos de sair e ele gosta de ficar". Na opinião da mãe, desde que tem o computador, há cerca de três meses, *"ainda é pior"*. Mas o pai não concorda: *"Não é só agora, ele sempre foi muito caseiro, prefere ficar. Aqui perto só tem um amigo, não brincam muito na rua, às vezes ele vem cá a casa jogar computador"*. Contam que ambos os pais gostam muito de ir à praia, mesmo no Inverno, e que sempre que propõem ir passear, o Tomás prefere ficar em casa. *"Mas depois de ir, ainda que vá chateado, principalmente se está a brincar com um amigo e nós o levamos connosco, acaba por gostar"*, diz o pai.

Para além da escola, o Tomás tem outra actividade: karaté. A mãe conta: *"Desde a primária tem karaté três vezes por semana, ele andava sempre a falar disso, nós preferíamos natação, mas ele não quis"*. Para o pai, o importante não é a actividade que pratique, pois *"o nosso objectivo é que ele esteja ocupado e que pratique desporto, porque senão estava sempre em casa"*.

O Tomás tem aulas todas as tardes e duas manhãs por semana. *"Levanta-se por volta das 9h15m, a maior parte das vezes vem almoçar a casa. De manhã nunca sabe o que há-de vestir. Sabe onde está a roupa, mas nunca o que vestir..."*, conta a mãe. O pai acrescenta rapidamente: *"... mas quando é obrigado a ser autónomo é. Tendo a mãe... quando está comigo sozinho, por algum motivo,... não tem hipótese, se não conseguisse fazer não fazia, mas tenho que o pôr à prova e ele consegue. Faz o pequeno almoço, lava os dentes, veste-se, faz a cama..."*. *"Comigo não"*, diz a mãe, *"se lhe peço para fazer o pequeno almoço ele não faz e pede-me que seja eu"*.

Falando de autonomia, como é a autonomia relativamente ao dormir? A mãe conta que o Tomás dormiu no quarto dos pais, numa caminha separada, até aos 3A, *"depois obrigámo-lo a mudar de quarto, mas de vez em quando fugia..."*. *"Às vezes"*, continua o pai, *"ela ou eu ficávamos lá com ele, porque dizia que tinha medo do escuro, havia noites que eram mais difíceis. Às vezes ele vinha ter connosco, outras nós iamo-lo buscar quando ele chamava"*. *"Houve uma altura em que já era demais ele estar no nosso quarto, eu ia um bocado para o pé dele e depois vinha-me embora, e ele acabou por se acostumar"*, diz a mãe.

E quando ficaram à espera de outro filho?

Segundo a mãe, o Tomás dizia muitas vezes que queria um irmão, mas *“foi uma coisa que calhou, não foi que quiséssemos...”*. O pai diz: *“Quer dizer, lá no fundo a gente queria, falámos disso várias vezes, depois acabou por acontecer, sem ter sido muito planeado...”*. *“Ainda pensei que viesse a menina loura e cheia de caracóis...”* diz a mãe a rir, *“...era o meu sonho!”*. *“Nasceu um menino louro sem caracóis...”*, acrescenta o pai, também a rir. A mãe diz que nesta gravidez já sabia que era um menino, pois *“com a idade que tive o Bernardo, tive que fazer vários exames e soube logo que era um rapaz”*. Vão tentar a menina? Dizem que não: *“Temos que pensar em termos de futuro. Agora não se nota muito, porque onde comem dois, comem três, quatro, o pior é depois. Penso que dois é o ideal”*, diz o pai.

Os pais disseram ao Tomás que ele ia ter um irmão ou uma irmã, assim que souberam da gravidez. O Tomás mostrou sempre o desejo de ter uma irmã, mas quando soube que era um menino, *“habitou-se à ideia e cada dia escolhia um nome diferente para ele”*. A mãe conta que, como o Tomás sempre foi muito curioso, *“perguntou-me porque é que na televisão davam sempre bebés e nunca mostravam como é que eles nasciam. Expliquei-lhe então como nascem os bebés”*. Os pais recordam que durante a gravidez, o filho *“andava muito agarrado à mãe”*, acompanhando-a às consultas de obstetrícia. Recordam-se ainda que o Tomás dizia, frequentemente, que também já tinha estado dentro da barriga da mãe, pois *“estava lá com os olhos abertos e sabia como era”*.

Quando o Tomás viu o irmão no hospital disse: *“Ô mãe, o mano é tão giro!”*. A mãe diz: *“Parecia muito emocionado, fez-lhe festas e falou muito para ele”*. O pai continua: *“Logo nos primeiros dias depois de o Bernardo nascer, acho que o Tomás teve alguns ciúmes, queria estar sempre ao pé de nós”*. *“Era como se ele dissesse: “Estão a dar muita atenção a ele e esquecem-se de mim”*, diz a mãe. Abraçava os pais para estes lhe darem carinhos, e queria estar sempre ao colo do pai. *“Houve uma altura em que ele dizia que gostava mais do irmão do que de nós”*, recorda o pai.

Como é a relação entre os dois irmãos?

O pai responde imediatamente: "O Tomás com o irmão é espectacular, tem paciência demais, embora notemos que às vezes ele pensa que gostamos mais do outro- ele diz-nos isso directamente- e nós perguntamos que provas ele quer que a gente lhe dê em como gostamos tanto dele como do irmão, pergunto-lhe se está com problemas existenciais,... às vezes há qualquer coisa que bate lá no fundo". O pai continua: "Nas situações de conflito entre os dois... eu acho que a mãe, por instinto, como o outro é mais pequenino, protege-o mais...". A mãe concorda: "É, eu digo logo: "Tomás olha o teu irmão!". Mesmo que eu não diga que ele tem a culpa, ele diz logo: "Pois, a culpa é minha!". O pai diz que este problema já foi abordado pelo casal várias vezes, pois é notório que a mãe "toma um certo partido pelo Bernardo nestas situações".

Segundo a mãe, "eles são muito amigos, muito agarrados um ao outro, mas também discutem. O mais velho empresta tudo ao irmão, o mais pequenino não...". O pai diz: "O pequenino é completamente diferente do grande. O grande é completamente dado, dá tudo, tem uma paciência,... a mim não deve sair, quando é demais, rebento...". "É, o pequenino sai ao pai, o Tomás é mais como eu, é nervoso", diz a mãe. "Parecem o oposto, até fazem impressão", refere o pai, continuando: "Quando o pequenino quer uma coisa tem que a conseguir, o grande acaba por condescender e para não lhe bater, as coisas ficam lá dentro...". "Ele fica muito triste, porque empresta tudo ao irmão e este tem uma coisa e não empresta", diz a mãe, acrescentando, "mas a convivência no quarto-dormem no mesmo quarto não é muito difícil, dentro do quarto não há coisas de um e de outro, são dos dois!"

E a relação com os pais?

Segundo a mãe, o Tomás "conversa mais com o pai". O pai diz: "Sou melhor ouvinte, conversamos, de início não fala muito, mas depois começa-se a abrir, e conta-me tudo. Agora é capaz de se abrir mais comigo. Ultimamente teve um problema lá na escola, por uma falta de comportamento, devido a uma pergunta de um teste que ele acha que está certa, ficou muito chateado, principalmente porque

os outros começaram a rir-se dele e ele sentiu-se injustiçado. Veio ter comigo e contou-me como se sentia”.

Referem que, na família, o Tomás tem uma relação próxima com uma prima e com os avós paternos: “A prima tem 17 anos, e o Tomás gosta muito dela. Quando era pequeno gostava de ir para casa dela e adorava brincar com as bonecas, deu-se sempre muito bem com a prima, telefona-lhe de vez em quando”. O pai diz que a prima “gosta muito de crianças, é muito compreensiva”. A mãe diz que o Tomás dá-se muito bem com os avós paternos “que vivem aqui em baixo, é muito amigo deles. Com o Bernardo é diferente, se a avó lhe pedir um beijo ele não dá”. “O mais pequenino é difícil”, diz o pai, ao que a mãe acrescenta: “A mãe dele diz que ele era assim quando era pequenino...”. “É verdade, não aguento as coisas muito tempo calado, o que tenho a dizer digo”.

Ambos concordam que o Tomás “é amigo das pessoas, dá-se bem com as pessoas, não arranja conflitos, é um miúdo bom”. A mãe pensa que ele “precisa de muita atenção, quer muitos carinhos. Desde pequenino, se estávamos os dois, ele vinha logo para o meio, dava o braço a um e ao outro e dizia: “ai os meus paisinhos”. O pai continua: “Se estamos no sofá, vem logo, quer beijinhos, carinhos, o Bernardo já não é assim...”. A mãe interrompe e diz: “Comigo é, com o pai não!”. O pai apressa-se a explicar: “Eu sou um bocado disciplinador, não lhe faço as vontades todas, é claro que assim ele gosta mais da mãe...”. “Gosta da mãe e do pai”, diz a mãe, “mas... é tudo a mãe”. O pai continua: “Sim, em termos de gostar... ele agora já sai mais comigo, conversa muito comigo, fala até demais, é um contador de histórias. Se o Tomás conta alguma coisa dos colegas, o mais pequenino inventa logo uma história enorme. Vamos no carro vai sempre a falar, ele não pode é ficar atrás, tem que ter sempre um colega que faça mais coisas do que os do irmão”.

Como imaginam o futuro do Tomás? O pai diz que não sabe bem o que o Tomás gostaria de ser: “Tem maior facilidade para a matemática do que para o português, tem facilidade de cálculo, mas dificuldade em se exprimir...”. “Dantes

queria ser militar como o pai”, diz a mãe. “Agora não sei”, diz o pai e continua, “não podemos apontar caminhos, ele terá que escolher por ele. Penso que será ao nível da matemática, física, essas coisas de que ele gosta muito. Agora temos que o ajudar é a desenvolver essas suas capacidades”. Para terminar o pai diz: “Se continuar sempre assim como agora penso que não terá problemas. O maior problema vai começar agora na idade que está para vir- drogas e essas coisas- até aqui tem sido muito soft, as coisas vão aparecendo e nós vamos resolvendo, não dá para fazer planos”.

*** Análise da entrevista com os pais**

A gravidez do Tomás foi planeada e desejada por ambos os pais. A mãe tinha uma clara preferência por uma menina, mas *“depois disseram que era um rapaz e olhe...”*, diz com uma expressão resignada. Quando engravidou pela segunda vez (gravidez que ao contrário da primeira não foi planeada, mas foi bem aceite por ambos os pais), tinha esperança de ter a *“menina loura com caracóis”*, o que, mais uma vez, não viria a acontecer. De qualquer forma, o Tomás parece ter sido bem *“acolhido”* pela mãe que o achou *“bonito”* quando o viu pela primeira vez. Para o pai o importante era que o filho nascesse saudável (*“desde que não tenha nenhuma anomalia é o que interessa, nunca pensei se era bonito ou não, nem com quem se parecia”*).

Até aos 2A 6M, o Tomás passou muito tempo com os avós e com o pai (que devido ao seu trabalho, tinha maior disponibilidade para estar com ele durante o dia do que a mãe). Quando o Tomás tinha 2A 6M, a mãe desempregou-se e até aos 5A o Tomás ficou em casa com ela e/ou com o pai. Ou seja, desde sempre que o pai acompanhou muito de perto o desenvolvimento do filho. Actualmente, os pais consideram que o Tomás tem uma relação mais próxima com o pai, no sentido de ser com ele que conversa mais.

De referir também que o pai estimula a autonomia do Tomás, e este corresponde às suas expectativas, o que não acontece com a mãe, com quem o

Tomás se mostra menos autónomo e mais dependente, talvez por esta não estimular tanto a sua autonomia.

Referem-se ao filho como uma criança *“eléctrica, ... ligada à electricidade, ... está sempre a saltar, ... a correr”*. Contudo, e apesar desta percepção que os pais têm do Tomás, este *“pára”* e está disponível para fazer aprendizagens (como por exemplo, a aprendizagem escolar (*“não estuda muito... o que ouve nas aulas fica”*))-tem um aproveitamento muito bom- assim como se mantém interessado pelas actividades que realiza (computador, karaté,...). Por outro lado, é uma criança que prefere ficar em casa, onde gosta de brincar com o irmão e com os amigos. Isto parece preocupar os pais, principalmente o pai, que diz: *“até faz impressão, nós gostamos de sair e ele gosta de ficar (...) o nosso objectivo é que ele esteja ocupado e que pratique desporto, porque senão estava sempre em casa”*. O que preocupará os pais, se consideram que o Tomás até é uma criança comunicativa e tem facilidade em fazer amigos?

Quando a mãe estava grávida do irmão, o Tomás *“andava muito agarrado à mãe”*, talvez com receio de a perder, de ser substituído por outra criança. O facto de dizer, frequentemente, que também tinha estado dentro da barriga da mãe e que se recordava disso pois *“estava lá com os olhos abertos e sabia como era”*, parece-nos uma forma de, por um lado, o Tomás reviver a sua própria gravidez, ter a confirmação dos pais de que também ele teve aquela relação tão privilegiada e próxima com a mãe, por outro lado, é como se quisesse lembrar a mãe que também ele era seu filho, não fosse ela esquecer-se.

Quando o irmão nasceu, e ainda que o Tomás tivesse com ele comportamentos amigáveis, *“fez-lhe festas e falou muito para ele”*, o Tomás sentia-o como o *“ladrão”* do amor dos pais: queria estar sempre perto destes, abraçava-os, queria carinho e queria estar ao colo do pai (podia perder um pouco da atenção da mãe, mas não queria perder também a do pai). Zangado com os pais, pela situação que estes criaram, o Tomás dizia-lhes: *“Gosto mais do meu irmão do que de vocês”*. Ou seja, é como se dissesse: *“Agora que têm outro filho e que gostam mais dele do*

que de mim, eu também já não gosto tanto de vocês, gosto mais do meu irmão". Ainda hoje, o Tomás pergunta aos pais se gostam mais do irmão do que dele. É o próprio pai que diz: *"às vezes pensa que gostamos mais do outro- ele diz-nos isso directamente-... às vezes há qualquer coisa que bate lá no fundo"*.

Ambos os pais concordam que, em situações de conflito entre os irmãos, *"a mãe por instinto, como o outro é mais pequenino, protege-o logo"* (pai), *"mesmo que eu não diga que ele tem a culpa, ele diz logo: Pois, a culpa é minha!"* (mãe). Ou seja, esta protecção materna em relação ao irmão poderá suscitar no Tomás o sentimento de ser menos amado pela mãe. Contudo, a mãe identifica-se mais ao Tomás do que ao Bernardo: *"O Tomás é mais como eu"*. Da parte do pai existe um sentimento de a mãe ser a figura parental preferida do filho mais novo.

É visível a necessidade que o Tomás sentia, há alguns anos atrás, de fazer parte da relação dos pais, ou talvez de a interromper, por inveja edipiana: *"Desde pequenino se estávamos os dois, ele vinha logo para o meio dava o braço a um e ao outro e dizia: Ai os meus paisinhos"*.

Entrevista com o Tomás

Durante a nossa pequena conversa, o Tomás manteve-se sossegado (contrariamente à descrição feita pelos pais), mas parecia estar um bocadinho nervoso, pois a voz parecia sair "aos saltos". De início não olhava para mim, olhando para a mesa, ou para trás de mim. Contudo, poucos minutos depois, já falava de uma forma menos "saltitante", olhando para mim e rindo-se daquilo que dizia.

Começamos por falar de recordações que o Tomás tem de quando era pequeno. Disse não se lembrar de nada. Contudo, aquela que referiu como tendo sido a melhor foi *"o nascimento do meu irmão, mas mesmo assim ele é um bocadinho chato, mas é bom, porque assim não estou sozinho em casa, tenho uma pessoa mais ou menos da minha idade para brincar"*. Lembra-se de quando viu o

irmão pela primeira vez: “Gostei dele, pensei que era querido!”. Como é a relação entre os dois? A rir o Tomás diz: “Agora damo-nos bem e mal. A parte boa é brincar muitas vezes, ele inventa muitas coisas, histórias sobre os colegas. O meu pai diz que eu também era assim. As coisas más- ele ralha muito comigo e depois chateio-me e depois dou-lhe estaladões e depois ele vai-se queixar à mãe e ela ralha comigo, mas eu não quero saber. Às vezes ele é que faz as coisas e eu é que as pago!”. Quando lhe perguntei se gostava de ter mais irmãos, o Tomás respondeu: “Não!!!”

Em relação aos amigos disse: “Não tenho muitos, os que tenho são os da escola. Aqui só tenho um que mora naquela casa branca ali ao lado, e que é o meu melhor amigo”. Porquê? “Porque é mais velho (tem 12 A), sabe defender-se, há meninos que chamam-lhe nomes e ele vai lá e bate-lhes”.

Primeiro diz que gosta de estudar, para depois acrescentar rapidamente: “Estudar não,... gosto de estar na escola, tenho tido boas notas, 4 e 5. O que gosto mais é de inglês e o que gosto menos é português e educação musical- tocamos flauta, vemos as notas”. Apesar de não gostar da música que aprende na escola, diz que gosta de ouvir música, principalmente rock. O seu grupo favorito é os Silence 4. E que outras coisas gostas de fazer? “Gosto de jogar computador com o meu irmão... ele não percebe o jogo, carrega em coisas que não deve, às vezes chateio-me com ele,... também gosto do karaté, mas venho muito cansado, às 2ª e 4ª é 1h, mas aos sábados é 2h30m”. E de passear? “Não gosto muito, gosto de sair de casa até à escola. Gosto de ficar em casa e ainda por cima tenho computador e video e o meu amigo. Antes gostava mais, mas agora com o computador gosto mais de estar em casa, a ver cassetes e a brincar com o meu irmão”.

Quando tem um problema, o Tomás diz que não fala com ninguém: “sou muito fechado, não gosto de contar, principalmente coisas que se passam na escola”.

O que gostavas de fazer quando fores mais crescido? *“Quero ir para a força aérea como o meu pai, ser controlador de aviões, trabalhar no radar, já lá fui várias vezes e é giro. Às vezes no radar os aviões desaparecem do mapa”*.

* Análise da entrevista com o Tomás

Nesta entrevista ressalta a ambivalência de sentimentos do Tomás em relação ao irmão. Por um lado, o nascimento deste é verbalizado por ele como a melhor recordação que tem, pois com um irmão *“não estou sozinho em casa, tenho uma pessoa mais ou menos da minha idade para brincar”*: a companhia do irmão parece ser sentida com prazer pelo Tomás, que ao longo da entrevista refere, algumas vezes, que gosta de brincar com ele. Mas, se por um lado surgem sentimentos positivos em relação ao irmão (identificando-se às partes boas deste- *“ele inventa muitas histórias... o meu pai diz que eu também era assim”*), por outro aparecem sentimentos agressivos em relação ao irmão: *“ele ralha muito comigo e depois chateio-me e depois dou-lhe estaladões”*. A ambivalência de sentimentos em relação à figura fraterna é bem expressa pelo Tomás que diz: *“Agora damo-nos bem e mal!”*. E quando lhe é perguntado se gostaria de ter mais irmãos, diz rapidamente que não. Ou seja, não deseja ter que dividir a atenção e amor dos pais por mais ninguém, pois já divide com o irmão, “divisão” essa que, no caso da mãe, não é sentida por ele como igual e justa. O Tomás fala pois, de uma maior protecção da mãe em relação ao irmão (a qual também foi referida pelos pais na entrevista): *“dou-lhe estaladões e depois ele vai-se queixar à mãe e ela ralha comigo, mas eu não quero saber. Às vezes ele é que faz as coisas e eu é que as pago!”*. Esta protecção é sentida pelo Tomás, como uma preferência da mãe pelo irmão.

* Análise do Teste Projectivo Patte Noire

O protocolo do Patte Noire do Tomás, assim como a sua análise detalhada encontram-se em anexo (anexos 30 e 31).

No quadro que se segue encontra-se uma síntese dos resultados encontrados neste teste:

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * impulsos de salvação directa da fratria * agressividade entre irmãos censurada * receio de morte própria na rivalidade fraterna * fantasias de morte da fratria e das figuras parentais na rivalidade fraterna 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * contentora dos medos da criança * desejo de proximidade * identificação à figura materna * mãe substituta- gratificante * sentimentos de exclusão da relação mãe-bébés 	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à figura paterna * desejo de proximidade (culpa- traição à mãe) * contentor dos medos da criança * agressividade- culpa 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade- culpa * relação íntima- angustiante * movimentos de independência- angustiantes * necessidade de protecção parental

* Análise do Teste das Relações Familiares

O protocolo deste teste e a sua análise detalhada encontram-se em anexo (anexos 32 e 33).

Fazendo uma pequena síntese dessa análise, temos que:

O membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional é o **irmão**. Este aparece, simultaneamente, como a principal fonte de amor e de hostilidade, assim como é o principal objecto de hostilidade do Tomás. Verifica-se pois, uma grande ambivalência de sentimentos em relação à figura fraterna. Se, por um lado, é no irmão que o Tomás coloca muitos dos sentimentos positivos enviados (por exemplo, *“é muito alegre/ tem muita graça/ é uma boa companhia/ gosto de brincar com ele/ gosto de lhe fazer festas”*- itens 1,5,7,8,10), assim como muitos dos sentimentos positivos recebidos (*“gosta muito de mim/ de brincar comigo/ de me dar beijinhos/ de estar na cama comigo”*- itens 42, 45, 50,

55), por outro lado, também é no irmão que se encontram alguns dos sentimentos negativos, tanto enviados (“*apetece-me bater nesta pessoa/ fazer coisas só para o aborrecer*”- itens 33 e 36), como recebidos (“*por vezes aborrece-me, está sempre a queixar-se de mim*”- itens 65, 76). De salientar que o Tomás sente que a mãe dá demasiada atenção e passa muito tempo com o irmão.

A **figura materna**, que aparece em segundo lugar no que se refere ao envolvimento emocional, é o principal objecto de amor do Tomás, mas fonte de hostilidade, verificando-se, em relação a ela, uma ambivalência de sentimentos. Contudo, é sentida como gratificante (“*gosta de me ajudar/ é quem me compreende bem/ ouve sempre o que eu tenho para dizer*” (itens 44, 46, 47) e a sua relação com ela é desejada (“*gosto que me dê beijinhos*” (item 11), “*quem me dera uma vez por outra dormir na cama desta pessoa/ que esta estivesse sempre ao pé de mim/ que me desse mais atenção do que aos outros*” (itens 12, 13, 14).

A ambivalência do Tomás em relação à mãe e ao irmão poderá estar relacionada com o facto de sentir que o irmão recebe demasiada atenção da mãe e que esta passa muito tempo com ele. Ainda que os sentimentos de protecção da mãe em relação a ambos os filhos sejam sentidos pela criança como relativamente idênticos (a diferença não é significativa), mesmo assim é maior no irmão, tal como a sobre-indulgência materna.

A **figura paterna** aparece em terceiro lugar no que se refere ao envolvimento emocional. A relação com esta é também sentida como gratificante (“*nunca me deixa ficar mal visto/ dá-me muita atenção/ gosta de estar sempre comigo*” (itens 4, 43, 56), ainda que tenha surgido o sentimento de alguma hostilidade do pai em relação a si, mas que aparece de forma pouco significativa. A sobre-indulgência paterna é maior no Tomás do que no irmão.

Em relação a **si próprio**, a maioria dos itens está relacionada com a protecção materna. De salientar que, apesar de ter sido nele que o Tomás colocou os itens relacionados com o receber mais mimos de ambos os pais, considera ser

ele a “*pessoa da minha família com quem o pai mais embirra*”, como se sentisse alguma hostilidade do pai em relação a ele.

Desenho de uma Família Imaginária

O Tomás começou por desenhar o pai. Ao pintar o pai, a certa altura disse: “*esta cor parece fluorescente, como os aviões que se vêm de noite por causa das coisas que têm atrás que deitam fogo. Os de transporte de pessoas não têm,... às vezes têm luzes. Gostava de andar de avião, gostava de ir aos Estados Unidos ou a Inglaterra. Quando for grande vou ser controlador aéreo como o meu pai!*”.

Enquanto desenhava, foi criticando aquilo que fazia: “*Está mal feito, parece uma bola de plasticina. O pai parece que tem orelhas de macaco, eu sei desenhar orelhas de macaco. Eu não costumo fazer desta maneira, mas da outra fica mais mal feito, por isso faço assim*”.... “*É muito cabeludo!*”.... “*Parece uma múmia!*”.

De vez em quando falava do irmão, como por exemplo: “*O Bernardo não sabe fazer desenhos, fez um que parecia aquele caixote verde para meter garrafas*” (ri-se).

Desenhava a mãe, sem fazer muitos comentários, e depois disse: “*Esta família não vai ter filhos, tem um cão. A minha avó tem um cão que está muito velho e deve estar surdo, eu chamo-o e ele não vem, tenho que lhe dar um pontapé no cú*”. Desenhava o cão e disse: “*Não parece um cão, pois não? Parece um porco, ou um gato*”.

Quando terminou o desenho disse: “*Afinal não são os pais, são os avós*”.

O desenho e o questionário estão em anexo (anexo 34).

*** Análise do desenho de uma família imaginária**

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 3 (avô, avó e cão)

- personagens ausentes- pai, mãe, Tomás e irmão
- personagens acrescentados- os avós e o cão

Identificações/Preferências:

- conscientes- pai/ avô
- inconscientes- pai/ avô- personagem desenhado em primeiro lugar
 - mais simpático
 - mais feliz
- mãe/ avó- mais simpática
 - mais feliz

Relação fraterna:

- reacção depressiva- não se desenhou a ele próprio
- reacção agressiva- ausência do irmão do desenho

Relação com as imagos parentais:

- desvalorização da figura paterna
- agressividade dirigida a ambas as figuras parentais

O Tomás começou por desenhar os seus pais, fazendo críticas ao desenho do pai, desvalorizando-o- *“o pai parece que tem orelhas de macaco”, “é muito cabeludo, parece uma múmia!!!”*. Contudo, quando terminou o desenho e no questionário, as figuras desenhadas e que *“não vão ter filhos, tem um cão”* (agressividade dirigida à fratria), passam a ser os avós do Tomás. Parece-nos pois, que esta substituição dos pais pelos avós poderá ser, de alguma forma, uma reacção agressiva em relação aos pais, o que poderá apontar para dificuldades das relações pais-criança.

Em relação ao irmão, este não aparece no desenhos (tal como o Tomás- o que Corman (1961) considera ser uma reacção depressiva), mas é desvalorizado, quando o Tomás diz a rir: *“O Bernardo não sabe fazer desenhos, fez um que parecia aquele caixote verde para meter garrafas”*.

No final os pais quiseram saber se o Tomás se tinha portado bem. O Tomás ficou com um grande sorriso quando referi que tinha gostado muito de estar com ele. O Bernardo continuava a dormir na sala, facto que foi referido pelo Tomás: “Se não estivesse a dormir, andava por aí de um lado para o outro a fazer das suas!”.

Síntese

Apresentamos agora uma síntese dos dados obtidos nos diferentes instrumentos utilizados:

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada (preferência por uma menina) * em situações de conflito fraterno- maior protecção do filho mais novo * identificação ao Tomás 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez desejada * acompanhou de perto desenvolvimento do filho (até 2A6M ficava muitas vezes sozinho com ele em casa) * estimula autonomia do filho * sente que o filho mais novo gosta mais da mãe do que do pai 	<ul style="list-style-type: none"> * relação fraterna, amigável/ agressiva 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez do irmão- muito “agarrado” à mãe- receio de perda do amor materno * ciúmes da relação mãe-irmão * ciúmes da relação pai-irmão * receio de perda do amor parental * relação próxima com o pai * ciúmes da relação do casal parental
Entrevista criança	<ul style="list-style-type: none"> * sentimento de que a mãe tem preferência pelo irmão 		<ul style="list-style-type: none"> * ambivalência de sentimentos (positivos/ agressivos) 	
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * contentora dos medos da criança * desejo de proximidade 	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à figura paterna * desejo de proximidade (culpa- traição à mãe) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * impulsos de salvação directa da fratria 	

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à figura materna * mãe substituta-gratificante * sentimentos de exclusão da relação mãe-bébé * relação íntima casal parental-angustiante * movimentos de independência-angustiantes * necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * contendor dos medos da criança * agressividade-culpa * relação íntima casal parental-angustiante * movimentos de independência-angustiantes * necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade entre irmãos é censurada * receio de morte própria na rivalidade fraterna * fantasias de morte da fratria e das figuras parentais na rivalidade fraterna 	
Teste relações familiares (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * 2ª figura-envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de hostilidade (juntamente com o irmão) * relação desejada e gratificante * sentida como dando muita atenção ao irmão 	<ul style="list-style-type: none"> * 3ª figura- envolvimento emocional * gratificante 	<ul style="list-style-type: none"> * 1ª figura-envolvimento emocional * principal fonte de amor * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade (juntamente com a mãe) * super-protecção materna * sobre-indulgência materna 	<ul style="list-style-type: none"> * 4ª figura-envolvimento emocional * super-protecção materna * sob-indulgência materna e paterna
Desenho família imaginária (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * reacção agressiva 	<ul style="list-style-type: none"> * reacção agressiva * desvalorização da figura paterna 	<ul style="list-style-type: none"> * reacção agressiva * desvalorização da figura fraterna 	<ul style="list-style-type: none"> * reacção depressiva

Assim, temos que:

Em relação às figuras parentais, verifica-se um maior envolvimento emocional com a **figura materna** (em relação à qual se verifica uma grande

ambivalência). Se por um lado é o principal objecto de amor do Tomás: a relação com a mãe é desejada, gratificante e contentora, por outro lado aparece como principal fonte de hostilidade, o que pensamos estar relacionado com o sentimento de exclusão da relação mãe-irmão, com o sentir o irmão como o preferido da mãe, levando-o a sentir-se menos amado, receando perder o amor materno.

A **figura paterna** é também sentida como uma figura gratificante e contentora, havendo o desejo de proximidade com ela. Por vezes, verificou-se alguma desvalorização desta, assim como agressividade dirigida a ele e à mãe, o que poderá estar relacionado com a angústia que o Tomás sente face à relação íntima do casal parental. Os movimentos de independência em relação aos pais são ainda complicados para a criança, que necessita da protecção parental.

Em relação ao **irmão**, verifica-se uma grande ambivalência de sentimentos, bem visível em todos os instrumentos utilizados, em que se verifica, ora sentimentos positivos e amigáveis, ora sentimentos negativos e agressivos. Contudo, o irmão é sentido como a principal fonte de amor (o que poderá dar conta do sentimento de perda do amor parental, zanga com os pais), ao mesmo tempo que é (juntamente com a mãe) o principal objecto de hostilidade do Tomás, o que estará relacionado, como já referido, com os ciúmes das relações que os pais estabelecem com o irmão, e do seu sentimento de ser preterido para este.

Passamos agora a uma breve **comparação dos resultados encontrados nos três momentos deste estudo**: durante a gravidez do Bernardo, quando este tinha cerca de um mês de vida e agora que se passaram cerca de 4 anos desde o seu nascimento.

Em relação à figura materna, em todos os momentos esta foi sentida como gratificante, sendo a relação com ela desejada pela criança. Mas se nos dois primeiros momentos a existência de uma mãe substituta foi sentida com culpa pelo Tomás, no momento presente tal já não acontece: esta aparece como gratificante

sem ser acompanhada por culpabilidade. Verificou-se também nos três momentos, agressividade dirigida à figura materna.

A figura paterna apareceu como gratificante no 1º e no 3º momentos de observação, mas como pouco gratificante e rejeitante no período de gravidez materna.

A relação íntima do casal parental causou angústia em todos os momentos, não sendo já tão intensa neste 3º momento. Verificaram-se movimentos de independência mal sucedidos ou sentidos como angustiantes, mostrando a necessidade de protecção parental, nos três momentos.

Em relação à figura fraterna, a ambivalência de sentimentos manteve-se. Assim, se por um lado se verificaram impulsos de salvação directa da fratria, por outro, surgiram, no 1º momento (gravidez materna), a fantasia de afastar a fratria dos pais (ainda que esta também fosse sentida com angústia) e no 2º (após nascimento do irmão) e no 3º momento (actual), fantasias de morte da fratria (o que no 3º momento levou também ao receio de morte própria e parental). Em todos os momentos, verificaram-se tendências regressivas.

Relativamente aos instrumentos utilizados neste estudo, pensamos que aqueles que nos deram uma maior compreensão do Tiago foram o teste das relações familiares e o teste projectivo Patte Noire, que complementaram e acrescentaram informação às entrevistas.

2.5.6. JORGE

Há 4 anos...

1ª observação (antes do nascimento da irmã)

Quando conheci o Jorge ele era um menino baixo para a sua idade, gordinho, de cabelos e olhos escuros. Era muito inibido, falava muito pouco e durante quase toda a observação manteve-se de cabeça baixa, olhando para o chão a fazer “beicinho” como se fosse chorar a qualquer momento. Para que o Jorge aceitasse participar nas diferentes actividades propostas, a mãe teve que estar presente durante quase toda a observação. O Jorge era fisicamente muito parecido com a mãe, com a qual mostrou uma grande proximidade física, procurando estar sempre muito perto dela.

Desta primeira observação destacaram-se os seguintes aspectos:

* Relação da criança com as figuras parentais:

Neste período de gravidez manterna, no jogo, o Jorge constituiu uma família, da qual excluiu as **figuras parentais** (a família era: avô, avó e os restantes bonecos eram todos irmãos), o que poderia apontar para algumas dificuldades nas relações da criança com os pais, ainda que, nas outras duas provas (Patte Noire e desenho de uma família imaginária) as figuras parentais tenham estado presentes.

Foi visível a grande proximidade da criança à **figura materna**, não só no comportamento do Jorge ao longo da observação, como também nos instrumentos utilizados, principalmente no desenho e no Patte Noire. No desenho, a mãe era a mais simpática e, juntamente com o Jorge eram os mais felizes; o pai apareceu como o menos simpático e o mais triste, mais desvalorizado. No Patte Noire, verificou-se que, a figura materna foi sentida como gratificante, protectora e securizante (“... a mãe tava a olhar pra ela, tava a ver se ela tava bem”), assim como

surgiu o desejo de uma relação exclusiva com ela. Na entrevista com a mãe, esta também referiu que o filho lhe dava muitos beijinhos, tendo ainda dito que, *“apesar dele desejar que a irmã nasça, ele quer a mãe só para ele”*.

Em relação à **figura paterna** surgiu alguma ambivalência. Se no desenho de uma família imaginária, apareceu desvalorizada, sendo ainda sentida como abandonada no Patte Noire (*“... tá a sonhar com o pai, o pai vai-se embora de viagem outra vez”*), no qual surgiu também agressividade de carácter anal dirigida a ela (ainda que acompanhado por sentimentos de culpa), no mesmo teste surgiu o desejo de aproximação à figura paterna (*“o pai e o filho tão a beber (...) ele quer ir comer também pró pé do pai”*). Esta ambivalência poderia dever-se à inveja edipiana, uma vez que, o Jorge mostrou uma grande ansiedade em assumir a **relação íntima do casal parental**, como por exemplo, numa prancha do Patte Noire que reenvia para a cena primitiva: *“Aqui não se vê bem. O que é isto?... Deve ser uma baleia... o porquinho tava a olhar prá baleia... Eu acho que isto não é uma baleia... isto é a casa do porquinho. Ele estava acordado e os outros tavam a dormir... já não sei... é uma baleia... não sei o que é”*.

O Jorge não evidenciou movimentos de independência face às figuras parentais, mas sim necessidade de protecção parental. O abandono foi sentido com alguma ansiedade: *“O porquinho tá dentro de água... Ai! ... Tá a olhar pró céu”*.

* Relação com a figura fraterna:

Em relação à **fratria**, verificaram-se sentimentos ambivalentes. No desenho de uma família imaginária, o Jorge fez a eliminação da figura fraterna, mas no jogo e no Patte Noire ela esteve presente. Apresentou fantasias de salvação directa da figura fraterna (*“...o pato tava a puxar o rabo do porquinho e o porquinho tava a chorar. O porquinho ia pra lá falar com o pato e dizer que não se puxa o rabo”*), assim como angústia face à separação da figura fraterna (*“... vai levar eles dos pais. Os porcos tão tristes porque não querem ir”*). Contudo, não se verificou censura nem punição da agressão entre irmãos.

Relativamente à relação mãe-bébé, o Jorge apresentou sentimentos de exclusão dessa relação: “os porquinhos tavam a mamar na mãe (...) estes três porquinhos tavam a ver... queriam ir para ali comer também”.

* Tendências regressivas:

O Jorge evidenciou algumas **tendências regressivas**, as quais também foram referidas pela mãe: “faz muitas birras e amúia facilmente... andou para trás”. Durante a observação, o Jorge falou de uma forma abebesada e o seu comportamento era o de uma criança mais nova, o que a mãe referiu ter-se acentuado durante a gravidez.

2ª Observação (após o nascimento da irmã)

Nesta segunda observação, realizada quando a irmã do Jorge tinha cerca de 1 mês de vida, o Jorge mostrou um comportamento muito diferente daquele que teve no momento anterior: mais desinibido, sorridente, bem disposto, mais próximo de mim. Com a irmã, mostrou-se carinhoso e feliz por ter sido uma menina e não um menino, porque como ele disse: “Não quero meninos cá en casa!!!”.

Aspectos a salientar desta observação:

* Relação com as figuras parentais:

Verificou-se uma maior aproximação do Jorge à **figura materna** do que à figura paterna. Assim, por exemplo, no Patte Noire foi visível o desejo de uma relação exclusiva com a figura materna (“Ela já tava a mamar na mama da mãe... o leite tava quase a acabar”), a qual foi sentida como gratificante (“A porquinha tava a mamar da mãe e a mãe tava-se a rir feliz”).

Em relação à **figura paterna**, esta foi desvalorizada (no desenho). A agressividade de carácter anal em relação a ela foi dada, mas acompanhada de culpa (“O porquinho tava a mandar isto... O pai ficou com a boca aberta, tava zangado”).

O Jorge mostrou dificuldades face à **relação parental íntima**: “o pai e a mãe tavam a dançar e o filho tava a ver eles a dançar. Ele tava triste”. A angústia face à cena primitiva foi grande: “O que é esta coisa aqui? Eu não sei o que isto é. Este é o porquinho que tá a ver isto... mais parece uma baleia”.

A tentativa de independência tornou-se angustiante para o Jorge, surgindo o receio de morte própria e necessidade de protecção parental: “O porquinho ia dar uma voltinha. Se calhar vai pra casa. A família dele tá longe. Ele vai sozinho e depois vem um ladrão e rouba o porquinho. Depois o porquinho já era”.

* Relação com a figura fraterna

O Jorge apresentou sentimentos de exclusão da relação mãe-bébés, o que poderá suscitar alguma inveja da **irmã** e, conseqüentemente, a atribuição de características agressivas a esta (“a bebé no carrinho atropelava todos, agora tava muita bicha, bip bip...”- no jogo). O conflito e a agressão entre irmãos não foram censurados, assim como não apresentou impulsos de salvação da fratria. Na relação com a figura materna verificou-se rivalidade fraterna: “Estes tavam a correr pra ir mamar, pra ver quem chegava primeiro. Ela já tava a mamar na mama da mãe. O leite tava quase a acabar”.

* Tendências regressivas

No Patte Noire, na prancha Frontespício, o Jorge identificou-se a uma figura feminina e mais nova (como a irmã), o que apontou para uma **tendência regressiva**. Esta tendência esteve também presente no jogo, quando o Jorge colocou o boneco que o representava no carrinho da bebé.

4 anos depois...

3ª observação

Quando cheguei a casa do Jorge, toda a família estava na sala a ver televisão. A Júlia (irmã do Jorge) começou logo a falar comigo, muito depressa e atrapalhadamente, dizendo que ela era pequenina, e que o Jorge era grande, mas que era ele quem fazia xixi na cama. O Jorge mantinha-se sentado no sofá, calado e sossegado, enquanto a irmã continuava a falar ininterruptamente.

A Júlia e o Jorge são fisicamente muito parecidos (parecem-se à mãe): os olhos são castanhos, pequenos e “rasgados”, o cabelo é preto e encaracolado, a cara é “bolachuda”, ambos usam óculos. A Júlia tem um dos olhos mais fechado, como o pai.

A mãe e o pai do Jorge disseram que a filha falava pelos cotovelos, o que esta repetiu “orgulhosamente”, continuando a falar, a dizer que me queria mostrar coisas,.... Nesse momento, o Jorge falava pouco, o que não valorizei muito, pois era difícil interromper a Júlia. Reparei que ela estava constantemente a comer, doces ou salgados, o que os pais referiram ser indiferente, pois “*ela quer é comer, o quê não tem importância!*”.

Durante a entrevista com os pais, o Jorge e a irmã foram para o quarto do Jorge ver os desenhos animados.

Entrevista com os pais

Da mãe do Jorge sobressaí a sua simpatia e a forma meiga como fala com/dos filhos. O pai, mais introvertido, tem um falar parecido com o da filha (“atrapalhado”).

Das muitas vezes que a irmã do Jorge interrompeu a entrevista, entrando na sala para perguntar à mãe se podia abrir um pacote de batatas fritas para comer, se podia comer amêndoas, se..., o pai mandava-a embora, e como ela não ia,

continuando a falar, o pai levantava-se e, imediatamente, a Júlia saía a chorar,... mas voltava pouco tempo depois. Numa das vezes, trouxe consigo uma vassora cor de rosa que a mãe lhe tinha comprado e que ela me queria mostrar.

O Jorge apareceu na sala apenas uma vez, quase no final da entrevista: queria saber se demorávamos muito. A mãe disse-lhe que tinha que esperar um pouco mais e o Jorge voltou para o quarto.

Começamos por falar da gravidez do Jorge. A mãe diz que esta não foi planeada: *“Estávamos casados há 3 meses, foi um acidente de percurso, aconteceu pronto!”*. Conta que quando recebeu a confirmação da gravidez ficou *“em choque”*. E continua: *“Tive problemas... a médica dizia que era uma quisto que eu tinha, depois dizia que eram nervos e depois andámos assim... é, não é,... claro que eu fiquei contente,... ao princípio não estava à espera... início da vida de casados, isto estava um bocadinho atrapalhado...”*. O pai explica: *“Eu estava desempregado”*. Também para o pai, a gravidez foi *“um bocado de susto,... sem trabalho,... nasce um filho....”*. A mãe interrompe: *“Eu trabalhava, tudo se cria e criou-se!”*.

Em relação a preferência pelo sexo do bebé, o pai diz que não havia, o que a mãe diz não ser verdade, pois o pai queria um menino e ela uma menina: *“Estive sempre, até ao fim, a pensar que era uma menina. Não quisemos saber... o médico dizia que era um rapaz grande, um bebé grande, mas eu dizia que não, que era uma menina”*. Quando o Jorge nasceu e disseram à mãe que era um menino, ela não queria acreditar, mas depressa se conformou.

O nome do bebé foi escolhido pela mãe. O pai diz não se lembrar como foi. A mãe conta: *“Combinámos que quando nascesse um primeiro filho era um a escolher o nome e quando nascesse o segundo era o outro que escolhia. Já não sei porque apareceu Jorge Fernando... já sei, Jorge do meu sogro e Fernando do meu pai. Como me calhava a mim escolher, ficou este nome”*.

O pai não assistiu ao parto, *“porque na altura já estava a trabalhar no petroleiro e nem sempre vinha a casa”*. O parto foi por cesariana. O pai diz que viu o Jorge no dia em que ele nasceu. A mãe, espantada, diz-lhe que não, que o Jorge

nasceu à noite e que o pai só o viu no dia a seguir. O pai nega, dizendo que viu o filho na noite em que nasceu. A mãe diz que não sabia disso, e acrescenta: *“Eu só o viu no dia a seguir, porque foi por cesariana...”*.

Correspondia ao bebé imaginário? A mãe diz que não, que ele era muito feio e que até a mãe dela (avó do Jorge) *“começou a ralar comigo quando o viu”*. *“Quando vi o menino disse assim: “Ó mãe, o menino é tão feio!!!”. Porque quando nasceu teve um problema qualquer de respiração, e era muito gordo, pesava 4970g e media 55cm,... era feio. Levaram-no para a incubadora e raparam-lhe o cabelo da parte de cima da cabeça, parecia careca como os chineses, muito inchado... era muito feio!”*. Na incubadora ficou apenas umas horas, os pais não sabem explicar porquê. A mãe conta que, no dia a seguir, o Jorge já estava no berçário, e que passado um dia já estavam os dois em casa.

Com quem era parecido? *“Com a mãe”* diz a mãe, com o que o pai concorda.

Como era o Jorge em bebé? A mãe diz que ele era um bebé muito calmo, que *“chegava a dormir 12 horas seguidas, de dia ou de noite”*. O pai diz: *“Só chorava com fome”*. A mãe conta que o Jorge mamou até aos 5 meses e meio. Nesta altura foi trabalhar e ele ficava com a avó paterna, tendo a mãe parado de lhe dar de mamar. Adaptou-se muito bem às papas e às comidas sólidas: *“Comia bem, bem demais,... é pior agora. Para comer era uma maravilha, agora é um problema... O Jorge não come!”*. A mãe recorda que *“já estive 3 horas com um hambúrguer e batatas fritas à mesa, come um bocadinho, mexe na comida com o garfo, leva bocadinhos muito pequeninos à boca...”*. O pai interrompe: *“Mas se estiver com interesse para ir a algum sítio, come num instante!”*. A mãe continua: *“De manhã ralho com ele para comer, ao almoço ralho com ele para comer, ao jantar também,.... Já foi gordo e era baixinho, depois cresceu muito no ano passado, até então era quase da altura da Júlia, emagreceu muito, agora já está bem”*.

Em relação ao desenvolvimento do Jorge, a mãe diz que ele começou a andar *“um bocadinho tarde, tinha 14 meses, foi um bocadinho atrasado, mas como*

era gordo, era muito redondinho tinha dificuldade, mas gatinhava e andava agarrado”.

As primeiras palavras? *“Isso foi cedo, aos 2 meses e meio ele já palavra muito, depois foi por volta dos 9 meses que começou a falar”*, diz a mãe e continua: *“Não me lembro qual foi a primeira palavra que ele disse”*. O pai também não se lembra. A mãe justifica: *“Pois, ele estava muito tempo fora a trabalhar..., mas acho que foi “tia”, depois desenvolveu muito depressa, rapidamente começou a dizer muitas palavras, repetia-as, era como um papagaio!”*.

Em relação ao controle dos esfínteres, a mãe diz que foi *“muito tarde, até há um ano ele ainda fazia xixi na cama. Usava fralda à noite para dormir ou à tarde para dormir. Mas de dia deixou com 2 anos. À noite ele nunca deixou de fazer xixi. Às vezes tem uns descuidos, mas a gente desculpa,... o pai era mijão, a mãe era mijona, os tios eram mijões...”*. O pai interrompe: *“A mãe fez xixi na cama até aos 12 anos”*. Foram ao médico que terá dito que não ralhassem com ele por fazer xixi na cama, pois mais tarde isso iria passar.

Dos 5 meses e meio até aos 15 meses, o Jorge ficava com a avó paterna, pois a mãe estava a trabalhar. Quando a mãe ficou desempregada, o Jorge ficava com ela. Com 4 anos foi para um infantário, onde ficou apenas cerca de 6 meses: *“Tirei-o de lá, porque não gostava do ambiente, eram muitas crianças e a higiene não era muita”*. A mãe conta que a adaptação do Jorge ao infantário não foi muito complicada, apesar de nos primeiros dias chorar e não querer ficar. Quando saiu, a mãe pensa que ele não estranhou muito: *“Falava nos amigos, mas não estranhou ficar em casa, até preferia!”*

A entrada para a escola foi aos 6 anos: *“Foi contente para a escola, gostava de andar na escola, mas era muito calado, muito envergonhado, se lhe diziam alguma coisa ele chorava,... mas foi bom”*, diz a mãe. Nunca teve dificuldades escolares, tendo passado todos os anos. Este ano vai para o ciclo, o que implica mudança de escola. O pai, que permanecia em silêncio há algum tempo, diz: *“Já é a segunda vez que muda de escola... mudou quando nos mudamos de casa”*. A mãe diz: *“Aí é que ele estranhou. Foi na passagem da 2ª para a 3ª classe”*. *“Deixou de gostar da escola, quando veio para aqui”*, continua o pai. *“Não é que não goste de*

estudar, mas não gostava muito era de ir para a escola. Mesmo assim tem um grupinho de amigos”, diz a mãe. O pai continua: “A professora diz que ele é do género barbeiro: diz mal de todos, quando não tem de quem dizer mal, diz mal dele próprio”. Segundo a mãe, “ele fala muito para os colegas e se estes não lhe dão atenção, fala sozinho. A professora diz que ele se distrai. Desde a 1ª classe que as professoras dizem que ele é assim: põe-se a ver as moscas, ou a falar com os outros,... a professora chegou a pô-lo numa carteira virada para a parede,... fala sozinho e continua assim”. O pai lembra que isto não acontece apenas na escola, pois em casa, “à mesa é a mesma coisa, fala sozinho”. A mãe concorda: “Não percebemos o que ele diz. A gente diz: “Ó Jorge, então?” E ele diz, “não é nada”.

No que se refere à gravidez da Júlia, os pais concordam: “Foi outro acidente!!!”. Mas o pai acrescenta imediatamente: “Nós queríamos tentar outro, mas não naquela altura....”. A mãe interrompe e diz: “Eu tinha o aparelho já há 4 anos e fui à médica e perguntei se não era melhor mudar e ela disse que não, que ainda podia esperar mais um ano. Passado 3 meses descobri que estava grávida. Fui à médica, que disse para deixar vir, pois só tinha um, e podia ser que viesse a menina. Desta vez o pai ficou contente, queria a menina”.

Recordam que quem escolheu o nome para a irmã foi o Jorge e que “andava sempre de roda da mãe, a mãe dizia-lhe que a bebé estava a mexer e ele punha a mão”.

Na entrevista realizada com a mãe durante a gravidez, esta disse que tinha contado ao Jorge que ele ia ter um irmão ou uma irmã quando estava grávida de cerca de 3 meses: “O Jorge disse que queria ter um irmão, porque não queria meninãç em casa. Mas depois de saber que ia ser uma menina, disse o contrário, que se fosse um menino não o queria em casa, tinha que ir para a casa da avó”. Costumava ir com a mãe fazer compras para a bebé e queria comprar-lhe muitas bonecas. A mãe referiu alguns comportamentos regressivos do Jorge: “o Jorge andou para trás: faz muitas birras e amua facilmente”.

Em relação ao nascimento da irmã, ao momento em que o Jorge a viu pela primeira vez, a mãe refere que ele ficou triste pois a Júlia estava a dormir e assim não o viu. Ambos os pais concordam que nos primeiros tempos ele estava mais *“mimado e continuava muito agarrado à mãe”*. Gostava de ajudar a cuidar da irmã, na higiene dela (por exemplo, a dar a toalha à mãe para ela limpar a irmã e a dar-lhe as fraldas). Gostava de lhe cantar uma canção de embalar para a irmã adormecer. Quando a irmã chorava e o Jorge não conseguia que ela parasse, ele chorava também.

No que se refere à relação actual entre os irmãos, o pai diz: *“É como o cão e gato. Mas apesar disso, é visível que gostam muito um do outro: “Ainda agora o Jorge esteve uns dias com os meus pais (nunca vão os dois juntos por causa das discussões) e a Júlia ficou connosco: estava diferente, perdeu o jeito dela, a vivacidade, deixou de andar de um lado para o outro, nem à mesa comia (ela que come tanto)”*. Quando discutem, os pais castigam os dois: *“Tem que ser igual”*, diz a mãe, *“vão para o quarto, cada um tem o seu, e depois passa-lhes. Zangam-se mais por causa dos brinquedos. Ela gosta muito de ir brincar para o quarto dele. Se está sossegada ele deixa mas, na maior parte das vezes, manda-a para o quarto dela”*. O pai diz: *“Quando ralhamos com ele, amua, refila e vira as costas à mãe,... comigo é diferente”*. A mãe lembra que no ano passado quando mudou de escola, o Jorge *“escondia-se por baixo da secretária, não sei porquê, a gente ralhava com ele e ele escondia-se por baixo da secretária. Mas depois perdeu isso. Agora é diferente, diz que a Júlia é que é a menina, que eu ralho mais com ele do que com a irmã,... às vezes quando não sei quem tem razão leva uma palmada cada um, depois resmungam”*. O pai diz que há algum tempo atrás, *“a Júlia fazia as coisas pela calada, depois fazia queixa e nós ralhavamos com ele porque era mais velho...”*. *“Mas uma vez foi apanhada”*, continua a mãe *“e começaram a levar os dois. Ela cala-se, ele não, sente-se mais injustiçado”*.

Com quem se parecem mais? Para o pai, *“a Júlia é mais a mãe,...”* e a mãe continua: *“... é mais dada, mais alegre, mais faladora. O Jorge é mais o pai, mais*

calado, mais fechado... Eu vou a qualquer lado com a Júlia e demoro uma hora para chegar a casa, porque ela fala com todas as pessoas na rua. Aqui por perto toda a gente a conhece! O Jorge não é assim, desde pequenino que se escondia atrás de mim. Com ela, até tenho medo, porque vai com toda a gente. No outro dia, estávamos à porta do supermercado, ela foi meter conversa com um senhor que estava num carro, já ia abrir a porta para entrar para o carro. O meu Jorge estranhava e não ia com ninguém". E continua: "O Jorge é muito fechado, não fala sobre os problemas que possa ter. Não fala nem com os pais, nem com avós... mas gosta de estar com os avós. Perguntamos-lhe onde foi, se foi passear, e ele não diz nada. A Júlia é o contrário, fala pelos dois, conta tudo, se dizemos que é segredo, ela também conta. O Jorge não abre para nada!"

Como é a relação do Jorge com os pais? Ambos acham que ele está "mais próximo da mãe", ainda que ultimamente se tenha aproximado mais um pouco do pai. (Os pais calaram-se, como se quisessem mudar de assunto, como se aquele não fosse muito confortável para eles).

O que o Jorge gosta de fazer nos tempos livres? A mãe diz que uma das coisas que o filho mais gosta é de ler: "é capaz de passar o dia deitado no sofá a ler". O pai refere os desenhos animados e os jogos, do género dos gameboys: "Mas rapidamente perde o interesse no jogo, depois de os jogar bem,... já aprendeu, já sabe, não precisa de mais. Quando chega ao fim desinteressa-se". A mãe diz que talvez este ano ele vá para a natação, mas "não mostra interesse em nada... a não ser no andebol, que era a única coisa que ele gostava".

Sobre interesses que o Jorge tem, o pai diz: "Quando for crescido, o Jorge diz que quer ser engenheiro de barcos para trabalhar nos barcos, como o pai". A mãe continua: "Ele hoje era para ir com o pai, mas como veio cá, não pode". Dizem que de vez em quando, desde há cerca de 2 meses, o Jorge vai para o petroleiro com o pai: "Anda de um lado para o outro, vê as gaivotas... os meus colegas gostam dele".

Acontecimentos importantes na vida do Jorge os pais não recordam nenhum em particular. A mãe refere apenas que, quando o Jorge tinha 6 meses, estava deitado no carrinho, a mãe pô-lo no patamar da escada para abrir a porta e o carrinho caiu pelas escadas abaixo: *"Estive uma noite no hospital com ele com um traumatismo craneano, mas estava bem disposto, a rir-se, passou a noite acordado,... não foi nada de grave, no dia a seguir viemos para casa!"*. Diz também que *"durante alguns anos andava com dores de cabeça, andou a fazer uns exames à cabeça e a médica não descobriu nada. No ano passado fomos ao médico dos olhos, começou a usar óculos e passou, portanto, devia ser falta de vista"*.

Projectos para o futuro do filho? O pai diz logo: *"Ir à Roda dos Milhões e ganhar os 20.000 contos"*. A mãe diz: *"Eu gostava que ele fosse aquilo que quer ser: engenheiro,... e diz que quer comprar um jipe e uma casa para cada um de nós (uma para ele, uma para a irmã, uma para a mãe e uma para o pai... não sei qual é a ideia dele, mas...)"*.

Nota: No final de toda a observação, quando o pai já tinha saído para ir trabalhar, a mãe perguntou-me o que achava do Jorge, mostrando algumas preocupações em relação ao filho. Diz que já pediu à pediatra para lhe arranjar um psicólogo, porque acha que o Jorge precisa de falar com alguém, que é muito fechado. Pela primeira vez falou dos problemas familiares que têm. Contou que o pai do Jorge é alcoólico e que quando está sob os efeitos do álcool torna-se agressivo com os filhos e, principalmente, com ela. Disse que durante a gravidez do filho sofreu muito, pois o marido batia-lhe, e que quando o Jorge tinha cerca de 4 anos de idade, o pai alcoolizado *"quase o matava, apertou-lhe o pescoço"*. Disse que a relação do pai com o Jorge foi sempre muito distante, mas que há cerca de 2 meses para cá, o pai está a dar mais atenção ao filho, levando-o com ele para o trabalho, o que deixa o Jorge muito contente. Disse que o marido não aceita ajuda, pois considera que não tem nenhum problema com a bebida.

* Análise da entrevista com os pais

A gravidez do Jorge não foi planeada pelos pais, que a vivenciaram como um “*choque*”. É a mãe que fala das dúvidas quanto à gravidez que, de início não foi percebida pelos pais ou pela médica, que associava os sintomas apresentados pela mãe a “*um quisto... nervos*”. Também o pai fala de “*um susto*”, devido à pouca estabilidade a nível profissional e económico, mas que, para a mãe, esteve mais relacionado com o facto de ter sido um período muito complicado da vida do casal, em que ela recebia maus tratos, devido ao alcoolismo do marido.

A mãe tinha preferência por uma menina. Quando nasceu, o Jorge não correspondeu ao bebé imaginário da mãe. Esta descreve-o como “*muito feio!*”. Há como que o sentimento de ter gerado uma criança imperfeita: “*nasceu com um problema qualquer de respiração, era muito gordo... era feio... parecia careca como os chineses, muito inchado... era muito feio*”. Este sentimento foi reforçado pela avó materna do Jorge que, ao vê-lo “*ralhou*” com a mãe- como se esta mãe fosse responsável por não ter gerado um bebé bonito, que até se parecia a ela.

Ao longo da entrevista surgiram factos contados de forma divergente pelo casal, dos quais ressaltaríamos um deles e que está relacionado com o nascimento do Jorge. A mãe pensa que o pai apenas o viu no dia a seguir ao seu nascimento, o que o pai retorquiu dizendo não ser verdade, que o tinha visto no próprio dia (o que parece indicar para uma relação algo distante entre ambos).

São também alguns os dados que parecem indicar uma relação distante pai-Jorge, principalmente durante a primeira infância deste, o que a mãe, na presença do marido, justificou dizendo “*ele estava muito tempo fora a trabalhar*”, e na sua ausência, falou do alcoolismo do pai do Jorge, o que lhe dava pouca disponibilidade para estar com o filho, referindo a sua agressividade em relação a ele: “*quando o Jorge tinha cerca de 4 anos, o pai alcoolizado quase o matava, apertou-lhe o pescoço*”. Contudo, actualmente, ainda que ambos os pais considerem que o Jorge tem uma relação mais próxima com a mãe, tem havido uma aproximação entre pai e

filho, uma maior procura de identificação do Jorge com o pai- gosta de ir com este para o petroleiro e quando fôr adulto quer trabalhar num barco como o pai. A mãe identifica-se mais à Júlia, dizendo que o Jorge é mais parecido com o pai *“é mais calado, mais fechado... não fala sobre os problemas que possa ter”*.

O Jorge mantém enurese nocturna primária, a qual não é muito valorizada pelos pais, que o comparam a eles próprios: *“a gente desculpa,... o pai era mijão, a mãe era mijona...”*.

A gravidez da irmã do Jorge também foi *“outro acidente”*. Durante esta gravidez, o Jorge mostrou comportamentos regressivos, como sejam, *“muitas birras, amuava facilmente, andava sempre à roda da mãe”*. Quando a irmã nasceu, se por um lado o Jorge mostrava o desejo de ajudar a mãe a cuidar dela (identificando-se a um papel mais protector, paternal), por outro lado, identificava-se à irmã, por exemplo, *“quando a irmã chorava... ele chorava também”*.

Os pais referem-se à relação entre os irmãos, como amigável e agressiva: *“é como o cão e o gato... gostam muito um do outro”* (ambivalência de sentimentos entre a fratria). É visível o desejo da irmã de estar com o irmão mais velho: na sua ausência *“perde o jeito, a vivacidade,... nem à mesa comia, ela que come tudo”*; *“Ela gosta de ir brincar para o quarto dele”*. Mas da parte do Jorge verifica-se alguma agressividade em relação à irmã: *“na maior parte das vezes manda-a para o quarto dela”*. A mãe refere que o Jorge sente que a mãe protege mais a irmã, que *“ela é que é a menina”* (que a mãe sempre desejou), *“que eu ralho mais com ele do que com a irmã”*.

Entrevista com o Jorge

No quarto do Jorge, aquilo que me chamou mais a atenção, foram os vários objectos alusivos ao tema dos barcos. Vários pósteres de grandes navios, uma almofada com barcos em cima da cama, dois barcos de madeira na estante. Fiz

referência a isto, e o Jorge contou que foi o pai que lhe deu os pósteres. Foi a uma gaveta e mostrou-me um dossier. Este dossier tem várias folhas e em cada uma, um postal de um navio ou de um veleiro. O Jorge disse que o pai trabalha num petroleiro, que leva petróleo aos navios que fazem cruzeiros pelo mundo e que passam por Lisboa, e que nestes lhes dão postais que o Jorge colecciona.

Sentamo-nos na cama do Jorge e começamos a falar. À medida que vamos falando, o Jorge vai-se aproximando de mim, e ficamos muito próximos um do outro, com os joelhos juntos.

Recordações da infância o Jorge diz não ter muitas: *“Eu lembro-me de uma coisa que eu fazia, era desarrumador em casa e agora sou falador na escola... falo muito com os meus colegas nas aulas e os professores mandam-me calar ou põem-me de castigo, que é por causa que falo muito”*.

Em relação à escola, diz gostar. Lembra-se do infantário *“até tirei uma fotografia,... olha, a minha mãe deve ter a fotografia para tu veres”*. *“Andei na outra escola e agora estou nesta. Gosto mais da outra, pelo menos na outra ninguém me batia e aqui, no primeiro dia que vim para esta escola, vim todo negro”*. Porquê? *“Porque quando nós somos novos na escola querem estreitar... agora vou para aquela lá de baixo”*.

Na escola diz que fez muitos amigos, *“até fiz uma namorada, no 1º e 2º ano, era a mesma namorada. É assim, a primeira, no 1º ano era uma que chamava-se Júlia (já não me lembro dela), é por causa disso que pôs o nome Júlia à minha irmã; a outra chamava-se Silvia, já a vi, já está tão grande deve ter para aí, 11 anos, é loura e tem olhos azuis. E agora tenho uma que é a do 3º e do 4º ano que se chama Eliana e que mora mesmo ao pé de mim e vai para a mesma escola que eu... ai quem me dera que vá para a mesma turma!”*. Porque é que a Eliana é tua namorada? *“Olha, porque ela é bonita”*. Gosta de ti? *“Não, não gosta, um dia fui-lhe dizer que gostava dela e ela virou-me as costas e nunca mais me falou... às outras eu nunca perguntei se gostavam de mim”*.

Qual é o teu melhor amigo? *“Tenho dois amigos, o Filipe e o Jaime. Eles brincam comigo... eles também vão para a escola nova”.*

Nos tempos livres, o Jorge gosta de *“fazer desenhos, ver televisão... televisão é o meu passatempo preferido e ler também... olha, estes livros todos eu já li, estes ainda tenho para ler (são livros de banda desenhada e alguns da colecção “Arrepios”). Na televisão gosto de ver desenhos animados e comédias”.*

Em relação ao nascimento da irmã, o Jorge diz: *“Isso já não me lembro muito bem... olha eu tenho uma fotografia que tava a Júlia sentada, mas já tava grande”.* *“Quando ela era bebé ela era bonita e agora ela continua bonita, só que quando era bebé era meiguinha e agora parece que é um Gremlin... quando eu não faço nada ela começa-me a bater e quando eu faço ela bate-me na m... ah... quando eu faço é normal ela bater-me, mas quando eu não faço, não fiz nada, porque é que ela me há-de bater?”. Que coisas é que lhe costumam fazer? “A Júlia bate-me, arranha-me, belisca-me, morde-me... já me mordeu e eu faço-lhe a mesma coisa, só que não lhe mordo, dou-lhe uma palmada”. Mas há momentos em que são amigos? “Olha, por acaso até há... ela gosta de vir para o meu quarto e eu gosto, mas eu digo sempre a ela para ficar a brincar sossegadinha, e ela às vezes não me deixa ouvir o filme que está a dar e então eu mando-a sair”. Gostavas de ter mais irmãos? “Não, uma chega!”.*

O Jorge conta que *“gosto de ir com o pai para o petroleiro, enche os tanques e depois vai abastecer os paquetes”. “Já tive ao pé de um pacote, é tão grande!”.* *“Quando vou com o pai, jogo às cartas com ele, às vezes vamos passear...”.*

Como descreves o teu pai? *“É forte, musculoso.”*

E a mãe? *“É bonita, boa, forte- consegue levantar o pai e tudo!”*

E a Júlia? *“De vez em quando é boa... eu também sou de vez em quando bom... sou mais mau do que bom... até sou divertido... ela é boa é minha amiga e eu*

sou amigo dela, gosta de brincar comigo e eu gosto de brincar com ela e tá sempre cheia de ideias e é divertida”.

E o Jorge? *“Quem eu? Eu sou... alto, pareço... tá a ficar difícil... coleciono livros, aqueles ali, por exemplo, da França, da Austrália,... gosto de barcos, o meu passatempo é colecionar livros e postais de barcos e gosto muito de brincar”.*

De repente o Jorge diz: *“Às vezes, quando eu morava na outra casa, tava no sótão onde estavam os meus brinquedos, estava a brincar com a chave e de repente queria abrir e não conseguia, saí pela janela, era baixinha”.*

* Análise da entrevista com o Jorge

Da entrevista com o Jorge destacaram-se alguns aspectos que passamos a salientar.

É visível o desejo de proximidade com o pai, o qual descreve como *“forte e musculoso”* (o que não corresponde às características físicas reais do pai). O seu quarto é prova desse desejo, com os muitos objectos relacionados com os barcos e a colecção (que guarda com muito cuidado) de postais de navios com os quais o pai trabalha, e o prazer que sente quando acompanha o pai ao seu trabalho.

A mãe é sentida como *“bonita”*, e também *“forte- consegue levantar o pai e tudo”*- talvez como o pilar da família, um papel protector e contentor.

Em relação à irmã verificam-se sentimentos ambivalentes: se por um lado a descreve como *“bonita”*, por outro diz que, se em bebé a irmã era meiga, actualmente é *“um Gremlin... bate-me, arranha-me, belisca-me, morde-me”*. Reconhece contudo momentos agradáveis na convivência com a irmã (*“ela é boa é minha amiga e eu sou amigo dela, gosta de brincar comigo e eu gosto de brincar com ela e tá sempre cheia de ideias e é divertida”*). Mas apesar disso, não deseja ter mais irmãos: *“Não, uma chega!”*.

*** Análise do Teste projectivo Patte Noire**

O protocolo do teste Patte Noire do Jorge e a sua análise detalhada encontram-se em anexo (anexos 36 e 37).

No quadro que se segue encontram-se os aspectos mais relevantes da análise do teste projectivo Patte Noire:

Relação fraterna	Relação com imago materna	Relação com imago paterna	Relação com as imagens parentais
* Tendências regressivas * agressividade entre irmãos angustiante * receio de morte própria na rivalidade fraterna e fantasias de morte da fratria e dos pais * ausência de impulsos de salvação da fratria	* desejo de proximidade com a figura materna * figura materna gratificante * figura materna substituta gratificante	* figura paterna gratificante * identificação ao pai	* agressividade de carácter anal dirigida às figuras parentais (censurada) * cena primitiva angustiante * relação parental conflituosa * movimentos de independência/ necessidade de protecção parental (fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna)

Nota: Durante a realização desta prova, ouvimos a Júlia, atrás da porta, a brincar com a sua vassoura e a falar sozinha. Por duas vezes bateu à porta, dizendo que precisava entrar porque se tinha esquecido de coisas no quarto do irmão (da boneca, dos chinelos). A Júlia entrava, falava, perguntava o que estávamos a fazer. De uma das vezes não queria sair. O Jorge foi então buscar uma pistola de brincar, que tinha umas setas. A Júlia veio para perto de mim, dizendo que ele lhe mandava as setas, o que lhe fazia doer. Acabou por se ir embora (agressividade dirigida à irmã).

*** Análise do Teste das Relações Familiares**

O protocolo e a análise detalhada do teste encontram-se em anexo (anexos 38 e 39).

Da sua análise temos que:

A **mãe** é o membro da família com o qual a criança tem um maior envolvimento emocional. Ela é o seu principal objecto de amor (é para ela que o Jorge envia mais sentimentos positivos) e é também a sua principal fonte de amor (é dela que recebe mais sentimentos positivos). São muitos os itens que mostram que a relação com a mãe é desejada e agradável para o Jorge. Por exemplo, é *“muito boa para mim”* (item 40), *“gosta muito de mim”* (item 42), *“dá-me muita atenção”* (item 43), *“é quem me compreende bem”* (item 46). Por outro lado, da parte do Jorge há o sentimento de que também a mãe tem prazer na relação com ele, pois *“gosta de me abraçar, de me fazer festas, de estar na cama comigo”* (itens 51, 52 e 55). É ela a pessoa da família que a criança sente que *“cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa”* (item 57). Surgem também itens negativos, como seja, *“de vez em quando ralha comigo”* (item 62), ou seja, reconhece também o seu papel de impôr limites aos filhos.

De salientar que foi na mãe que o Jorge colocou os itens 90- *“Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra”* e o item 94- *“Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta”*, o que parece apontar para uma ambivalência de sentimentos que o Jorge poderá sentir na relação do casal parental (neste caso do pai dirigida à mãe).

O **pai** aparece em terceiro lugar no que se refere ao envolvimento. Se por um lado ele aparece como gratificante (*“é muito simpático para mim... gosta de me dar beijinhos... gosto muito de dar um abraço a esta pessoa”* (item 41, 50 e 17), por outro é sentido como estando pouco disponível para o filho (*“pouca paciência”* (item 28), *“irrita-se”* (item 23), *“zanga-se comigo”* (item 66), e *“demasiado ocupada para me prestar atenção”* (item 67)).

A **irmã** aparece em segundo lugar na escala de envolvimento emocional. É ela que o Jorge sente como sendo a sua principal fonte de hostilidade, sendo também o seu principal objecto de hostilidade (é para ela que o Jorge envia mais

sentimentos negativos). Verifica-se, em relação à figura fraterna uma grande ambivalência de sentimentos, talvez por o Jorge sentir que a mãe dá muita atenção à irmã (e poderemos pensar que a dificuldade que ele tem em atribuir apenas a ele ou à irmã o sentimento de “ser a pessoa de quem a mãe mais gosta”, poder estar relacionada com o facto dele sentir que é da irmã de quem a mãe mais gosta).

Em relação a **si próprio**, são poucos os itens que atribuiu. Apareceu apenas um sentimento que ressalta as suas qualidades: “*ajuda sempre os outros*” (item 2). A maioria dos itens que aparecem estão, principalmente, relacionados com a protecção materna (itens que o Jorge não conseguiu atribuir apenas a si ou à irmã, atribuindo aos dois).

Desenho de uma Família Imaginária

Quando digo ao Jorge para desenhar uma família inventada por ele, pergunta se pode desenhar a sua família, dizendo que vai desenhar os pais, ele a irmã e os avós. Depois diz que não desenha os avós, que desenha apenas os quatro lá de casa.

Começa por desenhar uma casa no canto esquerdo da folha e um sol com um grande sorriso. Depois desenha o pai, a mãe e ele. Inicia o desenho de cada um sempre pelos pés, sendo a cabeça a última parte do corpo a ser desenhada.

Diz que falta a irmã. Pergunta-me se pode ir lá fora ver como a irmã está vestida, para a desenhar com a roupa que tem naquele dia. Saí, e a Júlia estava atrás da porta a brincar com a sua vassora. Começa a falar com o Jorge, mas este fecha a porta e volta para desenhar a irmã. A Júlia entra e diz que também quer conversar comigo, no quarto dela, de porta fechada. Digo-lhe que assim que o Jorge terminar o desenho vou ter com ela. O Jorge manda-a sair e ela saí. Comento isto com o Jorge, ao que ele responde: “*Ela faz tudo o que eu digo... qualquer dia digo-lhe para se atirar de uma ponte e ela atira-se... não, isso eu não digo!*” O Jorge desenha então a Júlia, ao seu lado, mas ligeiramente afastada da família.

O desenho e o questionário estão em anexo (Anexo 40).

* Análise do Desenho de uma Família Imaginária

Esquema de análise do desenho:

Relação entre a família real e a família imaginária:

- nº de elementos- 4 (pai, mãe, Jorge (filho) e irmã)
- personagens ausentes- nenhum
- personagens acrescentados- nenhum

Identificações/preferências:

- conscientes- mãe (e pai)
- inconscientes- mãe- desenhada em primeiro lugar
 - mais simpática
 - filho- mais feliz

Relação fraterna:

- ainda que no desenho não se possa falar de uma reacção agressiva, depressiva ou regressiva, pensamos que existe alguma agressividade dirigida à irmã, não só por estar desenhada um bocadinho mais afastada da família, mas sobretudo pelo comentário que fez, cuja agressividade dirigida à irmã foi sentida com culpa: *“Ela faz tudo o que eu digo... qualquer dia digo-lhe para se atirar de uma ponte e ela atira-se... não, isso eu não digo!”*.

Relação com as imagens parentais:

- identificação maior ao sexo oposto (figura materna)
- aproximação ao sexo oposto (figura materna)
- desvalorização da figura paterna

O Jorge identificou-se mais à figura materna (primeira a ser desenhada, mais simpática, e desenhada da mesma cor que se desenhou a si e à irmã- aqui parece haver um maior distanciamento em relação à figura paterna). É também a esta que se verificou uma maior aproximação da criança. Fez a desvalorização da figura

paterna, a qual considerou como sendo a menos simpática e, de certa forma, agressiva, uma vez que: *“O pai, porque cada vez que chega a casa vem de mau humor e está sempre a mandar vir”*.

Em relação à irmã surgiu alguma agressividade, como já foi referido acima.

Quando termino a observação do Jorge, a mãe vem ter connosco. Enquanto falo com a mãe, a Júlia vem ter comigo e mostra-me, tão depressa quanto fala, várias fotografias que estão expostas na sala, algumas do Jorge e dela, uma dos pais (há alguns anos atrás). O Jorge vem para a sala e senta-se ao meu lado no cadeirão, quase ao meu colo. A Júlia faz o mesmo, e fico entre os dois, todos muito apertados. A mãe vai buscar fotografias do Jorge de quando ele era pequenino, e algumas da escola. Da Júlia ou dos dois irmãos juntos não há fotografias, com excepção de duas que a Júlia tirou na escola e de uma que está numa moldura dos dois irmãos quando eram mais pequenos. Ficamos algum tempo a ver as fotos, o que parecia agradar as duas crianças (muitas vezes a Júlia dizia que fotografias do Jorge quando era bebé, era ela quando era pequena).

Antes de me ir embora, o Jorge foi buscar o seu telemóvel, que os pais lhe compraram, para ele levar para a escola nova e lhes telefonar se necessitar. O Jorge pede-me o meu número de telefone, que põe na agenda do seu telemóvel, pede-me o meu telemóvel e coloca na agenda deste o seu número. Depois dá-me um grande abraço e um beijinho. A Júlia oferece-me um anel dela e fica muito contente quando lhe agradeço. Senti em ambas as crianças uma grande necessidade de afecto, de atenção, de proximidade física.

Síntese

No quadro seguinte encontra-se a síntese dos dados que considerámos mais importantes, obtidos a partir dos diferentes instrumentos utilizados.

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Entrevista pais	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez não planeada- “choque” (maus tratos do marido- alcoolismo) * preferência por uma menina * não correspondia ao bebé imaginário- sentimento de ter gerado um bebé imperfeito 	<ul style="list-style-type: none"> * gravidez não planeada- “susto” * relação pai-filho distante/ agressividade (1ª infância) * procura de aproximação como filho 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade com a irmã * identificação da mãe com a filha * maior protecção da filha pela mãe (sentimento do Jorge) 	<ul style="list-style-type: none"> * maior proximidade com a mãe * procura de proximidade com o pai/ identificação * gravidez da irmã- comportamentos regressivos * nascimento da irmã- regressão/ identificação pais * relação fraterna actual: ambivalente
Entrevista criança	<ul style="list-style-type: none"> * mãe protectora e contentora 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade/ identificação 	<ul style="list-style-type: none"> * sentimentos ambivalentes 	
Patte Noire (criança)	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade com a figura materna * figura materna gratificante * figura materna substituta gratificante * agressividade de carácter anal (censurada) * cena primitiva angustiante * relação parental conflituosa 	<ul style="list-style-type: none"> * figura paterna gratificante * identificação ao pai * agressividade de carácter anal (censurada) * cena primitiva angustiante * relação parental conflituosa 	<ul style="list-style-type: none"> * Tendências regressivas * agressividade entre irmãos angustiante * receio de morte própria na rivalidade fraterna e fantasias de morte da fratria e dos pais * ausência de impulsos de salvação da fratria 	

	Figura materna	Figura paterna	Figura fraterna	Criança
Patte Noire (criança) continuação	* movimentos de independência/ necessidade de protecção parental (fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna)	* movimentos de independência/ necessidade de protecção parental (fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna)		
Teste relações familiares (criança)	* envolvimento emocional- 1º lugar * principal objecto de amor * principal fonte de amor * relação desejada, agradável e contentora * ambivalência na relação marital (pessoa de quem o pai mais gosta e com quem mais embirra)	* envolvimento emocional- 3º lugar * ambivalência de sentimentos em relação ao pai: gratificante e pouco disponível	* envolvimento emocional- 2º lugar * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * super- protecção materna * sobre-indulgência materna * de quem a mãe mais gosta (juntamente com o irmão)	* envolvimento emocional- 4º lugar * super- protecção materna * sobre-indulgência materna * de quem a mãe mais gosta (juntamente com a irmã)
Desenho família imaginária (criança)	* maior aproximação e identificação à mãe	* desvalorização do pai (agressivo)	* agressividade	

Da análise dos diferentes instrumentos verifica-se um grande envolvimento emocional do Jorge com a **figura materna**, a qual aparece simultaneamente como principal objecto e fonte de amor. A relação com a mãe é desejada e sentida como gratificante e protectora.

Em relação à **figura paterna** existem sentimentos de grande ambivalência: se por um lado é desvalorizada, sentida como agressiva e pouco disponível para a relação com o filho, por outro a proximidade com ele é desejada, sendo grande a identificação que o Jorge faz com a figura paterna, a qual aparece também como gratificante (maior proximidade pai-filho actualmente).

Em relação à **figura fraterna**, verifica-se que esta aparece como principal fonte e objecto de hostilidade, existindo uma ambivalência de sentimentos em relação a ela: agressividade e comportamentos amigáveis.

Estabelecendo uma breve **comparação dos resultados encontrados nos três momentos deste estudo**, verificamos não existirem muitas diferenças, no que se refere à relação do Jorge com as figuras parentais e fraterna.

Assim, continuam-se a verificar tendências regressivas, e ambivalência de sentimentos em relação à figura fraterna. Nos dois primeiros momentos a agressividade em relação à irmã não era censurada, mas no momento actual esta aparece como angustiante. Mas por outro lado, se durante a gravidez surgiram impulsos de salvação da figura fraterna, nos outros dois momentos estes impulsos já não se verificam. Neste último momento surgiu o receio de morte própria na rivalidade fraterna, assim como fantasias de morte da fratria e dos pais.

Em relação às figuras parentais, verifica-se que a mãe foi sentida em todos os momentos como gratificante, verificando-se sempre uma maior proximidade a esta do que ao pai, em relação ao qual se verificou nos três momentos, uma grande ambivalência (desvalorizado/ agressivo/ abandonico, mas também gratificante). No momento actual, o desejo de proximidade com o pai é muito forte (já tendo estado presente nos momentos anteriores, mas não de uma forma tão intensa).

A cena primitiva continua a ser sentida como angustiante. Verificaram-se, nos três momentos, movimentos de independência face às figuras parentais, mas que foram sentidos como angustiantes: após o nascimento da irmã verificou-se o receio de morte própria, e no momento actual surgiu também a fantasmática de morte. Em todos esteve presente a necessidade de protecção parental.

Em relação aos **instrumentos** utilizados, parece-nos que, o teste projectivo Patte Noire e o Teste das relações familiares são os que mais informação nos dão relativamente à personalidade do Jorge e às relações que se estabelecem nesta família.

3. Discussão geral: Comparação dos dados encontrados nos três momentos de observação

Apresentados os casos e a sua interpretação, passamos agora a analisar os pontos convergentes e divergentes encontrados nas seis crianças, o que será realizado de acordo com o sexo destas, uma vez que, o objectivo deste estudo é precisamente o de procurar compreender como a relação fraterna e parental é vivenciada pelas crianças, 4 anos após o nascimento dos irmãos: se difere do período de gravidez materna e do primeiro mês de vida dos irmãos e se essa vivência é diferente nas crianças do sexo feminino e do sexo masculino.

Os dados presentes nesta análise comparativa foram obtidos através da entrevista com os pais, da entrevista com a criança, do Teste Projectivo "Patte Noire", do Teste das Relações Familiares e do Desenho de uma Família Imaginária.

Dado o objectivo do estudo, essa análise vai-se centrar em quatro áreas específicas - **fratria, figura materna, figura paterna e casal parental** - e abrangerá os três momentos de avaliação (1º momento- durante a espera de um irmão-gravidez materna; 2º momento- 1 mês após o nascimento do irmão; 3º momento- passados cerca de 4 anos do nascimento deste).

3.1. FRATRIA

Nos quadros que se seguem encontram-se os dados mais relevantes das análises apresentadas anteriormente, quer para as crianças do sexo feminino, quer para as do sexo masculino, relativamente à fratria.

3.1.1. Crianças do sexo feminino (fratria)

	1º momento	2º momento	3º momento
Isabel	* tendências regressivas	* tendências regressivas	* tendências regressivas (identificação ao irmão)/ tendências progressivas (identificação ao adulto)

	1º momento	2º momento	3º momento
Isabel (continuação)	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado e punido * impulsos de salvação directa da fratria (fantasia de destruição do agressor) * fantasias de separação entre a fratria e os pais (sentimentos de exclusão da relação mãe-bébé) * fantasias de morte da fratria (culpa) * receio de morte própria na rivalidade fraterna 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado e punido * impulsos de salvação indirecta da fratria (fantasia de destruição do agressor) * fantasias de separação entre a fratria e os pais (sentimentos de exclusão da relação mãe-bébé) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências depressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * o conflito não é dado * impulsos de salvação indirecta da fratria * fantasia de morte da fratria (culpa, angústia) * receio de morte própria na rivalidade fraterna * 1ª figura- envolvimento emocional * principal fonte de amor * principal fonte de hostilidade * figura fraterna sentida como a preferida do pai
Sara	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado e punido 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas/ tendências progressivas (identificação à figura materna) * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade (angústia)/ amor (desejo de proximidade) * conflito entre irmãos censurado

Sara	1º momento	2º momento	3º momento
(continuação)	<ul style="list-style-type: none"> * impulsos de salvação directa da fratria * fantasias de separação da fratria, das figuras parentais (culpa) 	<ul style="list-style-type: none"> * identificação à vítima * sentimentos de exclusão da relação mãe-bébés * receio de morte própria na rivalidade fraterna 	<ul style="list-style-type: none"> * impulsos de salvação indirecta da fratria/ sentimentos de protecção da fratria * sentimentos de exclusão da relação pais-filhos * fantasias de morte da fratria (angústia) * receio de morte própria na rivalidade fraterna * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade
Mónica	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * tendências depressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado * identificação à vítima * fantasias de separar a figura fraterna da família (angústia) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressiva/ identificação à figura materna * tendências depressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado (necessidade de ser protegida pelos pais) * impulsos de salvação directa da fratria * fantasias de separar a figura fraterna da família (angústia) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado (necessidade de ser protegida pelos pais) * ausência de impulsos de salvação da fratria * fantasias de morte da fratria (angústia)

	1º momento	2º momento	3º momento
Mónica (continuação)		* receio de morte própria na rivalidade fraterna	* fantasia de morte própria (em sequência da fantasia de morte da fratria, sentida como angustiante) * irmãs- 3 ^{as} figuras- envolvimento emocional * figura fraterna sentida como a preferida da mãe * a irmã mais velha da Mónica aparece como o principal objecto e fonte de hostilidade

Com base neste quadro temos que:

* Em todas as crianças do sexo feminino, as tendências regressivas estiveram presentes nos três momentos de observação. Contudo, se nos dois primeiros, esses movimentos regressivos apareceram, não só nos testes utilizados como também nos comportamentos das crianças referidos pelas mães (como sejam, o falar abebesado, a enurese nocturna secundária, as birras e amúos e problemas da autonomia do sono, alimentação e higiene), no momento actual, as tendências regressivas foram, principalmente, expressas através dos testes projectivos (com identificações a personagens de idades inferiores às suas, identificações aos irmãos,...).

* Em duas das crianças (Sara e Mónica), no período após o nascimento das irmãs, verificou-se também uma grande identificação à figura materna na relação com a fratria, como se fantasiassem ser as mães das irmãs (referindo-se a elas, por exemplo, como "a minha bebé").

* As tendências depressivas estiveram presentes em duas crianças, mas em momentos distintos: na Mónica verificaram-se durante a gravidez materna e após o nascimento da irmã (talvez pelo sentimento de deixar de ser a “filha mais nova”- pois já tinha uma irmã mais velha- e “ceder” o seu lugar a uma outra criança sobre a qual a atenção parental se centraria); na Isabel, essas tendências aparecem no 3º momento (o que evidencia que, mesmo passados 4 anos do nascimento do irmão, o sentimento de ter sido “destronada” ainda está fortemente presente na criança).

* Verificou-se em todos os momentos e em todas as meninas uma ambivalência de sentimentos em relação à fratria (como era de esperar). Contudo, podemos dizer que, nos dois primeiros momentos, a agressividade prevaleceu à expressão de sentimentos de amor, enquanto que no 3º momento a agressividade em relação à fratria suscitou uma maior angústia, ao mesmo tempo que foram mais os movimentos de aproximação à fratria, assim como os sentimentos positivos a ela dirigidos.

* No que se refere ao conflito entre irmãos, este foi censurado em todos os momentos. Contudo, a punição dos membros da fratria inseridos no conflito (que se verificou no 1º momento) foi desaparecendo, de tal forma que neste 3º momento tal já não se verificou (ou seja, o conflito é censurado, mas já não é punido). Numa das crianças (Mónica) quando o bebé deixou de ser imaginário e passou a ser real, o conflito entre os irmãos foi sentido com maior angústia, o que a levou a sentir necessidade de protecção parental na situação de conflito fraterno.

* Nos dois primeiros momentos do estudo os impulsos de salvação de um elemento da fratria atacado foram fortes, tendo surgido a fantasia de destruição do agressor (Isabel). Em duas das crianças (Sara e Mónica) verificou-se a identificação à vítima (talvez por a situação ter sido muito angustiante para elas, ou por ser demasiado culpabilizante a figura atacada ser a fraterna). Neste 3º momento, os impulsos de salvação ou foram indirectos (ou seja, sem a intervenção directa da criança no conflito) (Isabel e Sara) ou estiveram ausentes (Mónica). Isto poderá mostrar que a

rivalidade fraterna continua bem presente nestas crianças, de tal forma que, os impulsos de salvação já não são tão fortes como eram anteriormente.

* Em todas as crianças do sexo feminino, neste 3º momento, surgiram fantasias de morte do rival fraterno (ainda que sentidas como angustiantes e suscitando sentimentos de culpa). É como se estas fantasias substituíssem as fantasias de separação da fratria das figuras parentais, muito presentes nos momentos anteriores deste estudo (e que apareceram em sequência de sentimentos de exclusão da relação pais-irmãos). Verificou-se que, neste 3º momento, em todas as crianças, apareceu o receio de morte própria na rivalidade fraterna, como se fosse uma retaliação pelas fantasias de morte da fratria. Verifica-se pois, que a rivalidade fraterna é grande neste período, pois as fantasias são mais fortes (fantasias de morte) do que as dos períodos anteriores (fantasias de separação).

* Apenas numa destas crianças o irmão (do sexo masculino) aparece como o elemento da família com o qual ela tem um maior envolvimento emocional (Isabel). Nas outras duas crianças, os irmãos aparecem como a 2ª (Sara) ou 3ª figura (Mónica) no que se refere ao envolvimento emocional.

* Para duas das crianças (Isabel e Sara) os irmãos aparecem como as principais fontes de hostilidade. Mas se para a Isabel o irmão é simultaneamente fonte de amor (o que denota uma ambivalência de sentimentos que a Isabel sente do irmão em relação a ela, logo dela com o irmão), para a Sara aparece como objecto de hostilidade. Na Mónica, é a irmã mais velha que é sentida como o principal objecto e fonte de hostilidade.

* A Isabel sente o irmão como o preferido do pai; a Mónica sente que a irmã mais nova é a preferida da mãe. Verifica-se pois que, em duas das crianças há o sentimento de que os pais gostam mais dos irmãos do que delas.

3.1.2. Crianças do sexo masculino (fratria)

	1º momento	2º momento	3º momento
Duarte	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * agressividade (cul-pa)/ amor (ambiva-lência) * conflito entre irmãos censurado * ausência de impul-sos de salvação da fratria * identificação ao agressor da fratria * receio de morte própria na rivalidade fraterna 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * tendências depres-sivas * agressividade (cul-pa)/ amor (ambiva-lência) * conflito entre irmãos não censurado * impulsos de salva-ção indirecta da fra-tria * identificação ao agressor da fratria * fantasia de morte da fratria * sentimentos de ex-clusão da relação mãe-bébés 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado * ausência de impul-sos de salvação da fratria * 3ª figura- envolvi-mento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade
Tomás	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos angustiante 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * tendências depres-sivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos não angustiante 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regres-sivas * tendências depres-sivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos censurado

<p>Tomás</p> <p>(continuação)</p>	<p>1º momento</p>	<p>2º momento</p>	<p>3º momento</p>
<p>Jorge</p>	<ul style="list-style-type: none"> * impulsos de salvação directa da fratria * fantasias de separar o irmão das figuras parentais (angústia) 	<ul style="list-style-type: none"> * impulsos de salvação directa da fratria (agressor da fratria é castigado) * fantasias de morte da fratria (culpa) 	<ul style="list-style-type: none"> * impulsos de salvação directa da fratria * sentimento de exclusão da relação mãe-bébés * fantasias de morte da fratria e das figuras parentais na rivalidade fraterna * receio de morte própria na rivalidade fraterna * 1ª figura- envolvimento emocional * principal fonte de amor * principal fonte de hostilidade (juntamente com a mãe) * principal objecto de hostilidade
	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos não censurado * impulsos de salvação directa da fratria * fantasias de separar a fratria das figuras parentais (angústia) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade (culpa)/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos não censurado * impulsos de salvação directa da fratria * fantasias de separar a fratria das figuras parentais (angústia) 	<ul style="list-style-type: none"> * tendências regressivas * agressividade/ amor (ambivalência) * conflito entre irmãos sentido como angustiante * ausência de impulsos de salvação da fratria

Jorge (continuação)	1º momento	2º momento	3º momento
			<ul style="list-style-type: none"> * fantasias de morte da fratria e das figuras parentais * receio de morte própria na rivalidade fraterna * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade * irmão e ele próprio sentidos como as pessoas de quem a mãe mais gosta

Com base neste quadro podemos dizer que, em relação à fratria:

* Todas as crianças do sexo masculino apresentaram tendências regressivas, quer no período de gravidez materna, quer um mês após o nascimento dos irmãos, quer neste 3º momento em que as duas crianças convivem há cerca de 4 anos. Tal como referido para as crianças do sexo feminino, também nestas essas tendências foram muito referidas pelas mães nos dois momentos anteriores (devido a comportamentos regressivos que apresentavam), tendo neste 3º momento sido mais visíveis através dos testes projectivos.

* As tendências depressivas apareceram em duas das crianças (Duarte e Tomás) após o nascimento dos irmãos. No Tomás essas tendências mantêm-se. Parece pois que, nas crianças do sexo masculino, o período após o nascimento dos irmãos e os primeiros anos de convivência entre ambas as crianças suscita mais tendências depressivas do que o período de gravidez materna.

* Em todos os meninos verificou-se uma ambivalência de sentimentos em relação à fratria em todos os momentos de observação.

* Nas crianças do sexo masculino, verifica-se que, no 2º momento (um mês após o nascimento dos irmãos) o conflito entre irmãos não foi censurado nem sentido como angustiante, contrariamente ao que acontece nos outros dois momentos: talvez o nascimento dos irmãos seja o momento de maior agressividade dos meninos em relação aos irmãos.

* No que se refere aos impulsos de salvação da fratria verifica-se que, apenas numa das crianças (Tomás) estes estiveram sempre presentes e de uma forma directa. No Duarte, apenas após o nascimento da irmã (2º momento) surgiram impulsos de salvação (ainda que indirectos) da fratria, tendo nos primeiros dois momentos havido uma identificação ao agressor (agressividade dirigida à fratria). No Jorge, ao contrário do que se verificou nos momentos anteriores, neste 3º momento verificou-se uma ausência de impulsos de salvação (rivalidade fraterna bem presente).

* Relativamente às fantasias de morte da fratria e de separação desta das figuras parentais verificou-se que: no Duarte quando surgiram mais sentimentos de exclusão da relação pais-irmã foi no 2º momento do estudo, o que o levou a fantasiar a morte da fratria; no Tomás, essas fantasias também estiveram presentes nesse 2º momento, mas é actualmente que ele se sente mais excluído dessa relação, surgindo não só fantasias de morte da fratria, como também das figuras parentais (consequentemente surge o receio de morte própria na rivalidade fraterna- como retaliação das suas fantasias de morte em relação à família); no Jorge, nos primeiros dois momentos surgiu a fantasia de separar a fratria das figuras parentais (o que suscitava angústia), mas neste 3º momento surgiram também fantasias de morte da fratria.

* O envolvimento emocional das crianças com os irmãos varia: no Tomás o irmão aparece como a figura da família com quem a criança tem um maior envolvimento

emocional; no Jorge a irmã surgiu como a 2ª figura e no Duarte a irmã aparece como 3ª figura no que se refere ao envolvimento emocional.

* Para todas as crianças do sexo masculino, os irmãos são os principais objectos de hostilidade. Mas se para duas delas (Duarte e Jorge) são também as principais fontes de hostilidade, para outra (Tomás) é a principal fonte de amor da criança.

* O Jorge sente que ele e a irmã são as pessoas de quem a mãe mais gosta.

3.1.3. Comparação entre crianças do sexo feminino e crianças do sexo masculino (fratria).

No quadro que se segue apresentamos uma síntese das semelhanças e diferenças que encontramos nas crianças do sexo feminino e do sexo masculino, relativamente à fratria, nos três momentos do estudo.

FRATRIA	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Tendências regressivas	- 1º, 2º e 3º momentos	- 1º, 2º e 3º momentos
Identificação à figura materna	- 2º momento	—
Tendências depressivas	- 1º, 2º e 3º momentos	- 2º e 3º momentos
Ambivalência de sentimentos	- 1º, 2º e 3º momentos	- 1º, 2º e 3º momentos
Conflito entre irmãos	- 1º, 2º e 3º momentos- censurado - 1º e 2º momentos- punido - 2º e 3º momentos- maior angústia (necessidade de protecção parental na situação de conflito fraterno)	- 1º e 3º momentos- censurado - 2º momento- não censurado e não angustiante
Impulsos de salvação	- 1º e 2º momentos- fantasias de destruição do agressor e identificação à vítima	1º e 2º momentos- impulsos de salvação directos/ indirectos e identificação ao agressor

FRATRIA	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Impulsos de salvação (continuação)	- 3º momento- impulsos indirectos ou ausentes	- 3º momentos- ausência de impulsos (maior incidência)
Fantasias de separação/ morte	- 1º e 2º momentos- fantasia de separação (sentimentos de exclusão) - 3º momento- receio de morte própria e fantasias de morte do rival fraterno	- 1º e 2º momentos- fantasias de separação - 2º e 3º momentos- fantasias de morte da fratria; fantasias de morte das figuras parentais; receio de morte própria
Envolvimento emocional	- aparece como: 1ª figura, 2ª figura e 3ª figura	- aparece como: 1ª figura, 2ª figura e 3ª figura
Principal objecto de amor	—	—
Principal objecto de hostilidade	- em 1 criança	- nas 3 crianças
Principal fonte de amor	- em 1 criança	- em 1 criança
Principal fonte de hostilidade	- em 2 crianças	- em 2 crianças
Fratria sentida como preferida de	- mãe- numa criança - pai- numa criança	- mãe- numa criança (juntamente com a fratria)

Assim, podemos encontrar pontos comuns e pontos divergentes nestes dois grupos de crianças:

* Pontos comuns:

- Tendências regressivas (em todos os momentos)
- Ambivalência de sentimentos em relação aos irmãos (em todos os momentos).
- Fantasias de separação da fratria em relação às figuras parentais (1º e 2º momentos) e fantasias de morte da fratria e receio de morte própria (3º momento).
- Envolvimento emocional com irmãos difere consoante a criança (em ambos os sexos).

- Em nenhuma das crianças dos dois grupos os irmãos aparecem como os principais objectos de amor.
- Em cada grupo apenas numa criança os irmãos aparecem como as principais fontes de amor das crianças.
- A maior parte das crianças de cada grupo sente os irmãos como as principais fontes de hostilidade.

* Pontos divergentes:

- Nas crianças do sexo feminino verificaram-se tendências depressivas nos três momentos, enquanto que nas crianças do sexo masculino no momento de gravidez materna tal não se verificou (sendo mais fortes no 2º momento- após o nascimento dos irmãos). Isto poderá estar relacionado com o facto de a gravidez ser um elemento de identificação feminina: nas meninas existe o desejo e a capacidade de engravidar, donde se poderão sentir preteridas pelos pais (do sexo masculino)- porque é a mãe a dar um filho ao pai e não ela???
- O conflito entre irmãos foi quase sempre censurado nos dois grupos, mas se nas meninas também foi punido (principalmente no 2º momento) e sentido como muito angustiante (no 3º momento, de tal forma que surgiu a necessidade de protecção parental), nos meninos, no 2º momento, não foi nem censurado nem punido, nem sentido como angustiante.
- Nas crianças do sexo feminino, nos dois primeiros momentos do estudo surgiram fantasias de destruição do agressor da fratria e identificação à vítima, enquanto que nas crianças do sexo masculino houve uma maior identificação ao agressor, assim

como impulsos de salvação (directos e indirectos) da fratria. No 3º momentos esses impulsos ou foram indirectos ou estiveram ausentes em ambos os grupos.

- Nos meninos verificaram-se fantasias de morte das figuras parentais devido a sentimentos de exclusão da relação pais-irmãos mais novos (no 2º e 3º momentos do estudo).

- Os irmãos das crianças do sexo masculino apareceram mais como objectos de hostilidade das crianças, do que os irmãos das crianças do sexo feminino.

- Houve mais crianças do sexo feminino a sentirem os irmãos como os preferidos dos pais (mãe/pai).

3.2. FIGURA MATERNA

Apresentamos agora os dados mais significativos das análises quer das crianças do sexo feminino, quer das crianças do sexo masculino, relativamente à figura materna.

3.2.1. Crianças do sexo feminino (figura materna)

	1º momento	2º momento	3º momento
Isabel	* gratificante e securizante * desejo de relação exclusiva com figura materna	* gratificante, mas não tanto como no 1º momento * agressividade (culpa) * desejo de proximidade com a figura materna	* gratificante, securizante e contentora * valorização e identificação à figura materna * agressividade * desejo de proximidade com a figura materna

Isabel (continuação)	1º momento	2º momento	3º momento
Sara	<p>* mãe substituta gratificante (culpa)</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes/ necessidade de protecção materna</p>	<p>* mãe substituta agressiva e frustrante</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes/ necessidade de protecção parental</p>	<p>* mãe substituta gratificante (culpa)</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna bem sucedidos</p> <p>* 2ª figura- envolvido emocional</p> <p>* principal objecto de amor</p> <p>* sente-se como a preferida da mãe (identificação da mãe à filha)</p>
	<p>* gratificante/ proibitiva</p> <p>* zanga com a figura materna</p> <p>* receio de morte da figura materna</p> <p>* desejo de relação exclusiva com a figura materna</p> <p>* mãe substituta frustrante e punida por isso</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna- necessidade de protecção parental</p>	<p>* gratificante/ rejeitante</p> <p>* desejo de relação exclusiva com a figura materna</p> <p>* mãe substituta frustrante e agressiva</p> <p>* sentimentos de abandono (angústia)-necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores)</p>	<p>* gratificante e protectora</p> <p>*valorização e identificação à figura materna</p> <p>* desejo de proximidade com figura materna</p> <p>* mãe substituta não gratificante</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna sentidos como angustiantes</p> <p>* 1ª figura- envolvido emocional</p> <p>* principal objecto de amor</p> <p>* principal fonte de amor</p>

	1º momento	2º momento	3º momento
Sara (continuação)			* mãe faz uma grande identificação à Sara, existe um sentimento de abandono nos primeiros anos de vida da filha- culpa- bilidade
Mónica	* gratificante * desejo de proximidade com figura materna * mãe substituta gratificante (culpa) * movimentos de autonomia em relação à figura materna sentidos como angustiantes- necessidade de protecção materna	* agressividade (culpa) * desejo de relação exclusiva com figura materna * rivalidade com os filhos da mãe substituta * movimentos de autonomia em relação à figura materna- necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores)	* gratificante * valorização da figura materna * desejo de proximidade com a figura materna * mãe substituta não gratificante * movimentos de autonomia em relação à figura materna bem sucedidos * 1ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de amor * mãe identifica-se à Mónica

Tendo em conta os dados presentes neste quadro, podemos tirar algumas conclusões da forma como as crianças do sexo feminino vivenciam a sua relação com a figura materna:

* De um modo geral, a relação com a mãe foi sentida como gratificante, securizante e contentora. A figura materna foi valorizada, havendo uma procura, da parte das crianças, de se identificarem a ela. Contudo, foi no 2º momento (após o nascimento dos irmãos) que a mãe foi sentida como menos gratificante e rejeitante pela criança.

* Foi também nesse 2º momento que se verificou uma maior rejeição e agressividade das crianças em relação à figura materna. De referir que, numa delas (Sara), durante a gravidez materna, verificou-se zanga com a mãe e receio de que esta morresse (talvez este receio de morte materna apareça como consequência da zanga da criança com a mãe nesse período).

* Todas as crianças do sexo feminino, em todos os momentos do estudo, mostraram o desejo de proximidade com a figura materna. Contudo, houve momentos (principalmente no período de gravidez materna) em que apareceu o desejo de uma relação exclusiva com a figura materna (ou seja, que não houvesse relação entre a mãe e os outros membros da fratria) (Isabel- no 1º momento; Sara- no 1º e 2º momentos; Mónica- no 2º momento). Este desejo de relação exclusiva já não esteve presente neste 3º momento.

* Em relação à existência de uma mãe substituta, verifica-se que, apenas para uma criança (Isabel) esta é, no presente, sentida como gratificante, ainda que associada a sentimentos de culpa (o mesmo se verificou no período de gravidez materna). No 2º momento, a mãe substituta tornou-se agressiva e frustrante para duas das crianças (Isabel e Sara), mas para a outra (Mónica) foi sentida como gratificante, de tal forma que surgiu rivalidade com os filhos desta.

* Relativamente aos movimentos de autonomia da criança em relação à figura materna verifica-se que, durante a gravidez materna, esses movimentos foram sentidos como angustiantes, surgindo a necessidade de protecção materna. Essa angústia manteve-se no 2º momento, no qual a necessidade de protecção passou a ser parental (contudo, a mãe e o pai não foram sentidos como suficientemente

protectores). Neste 3º momento, verificaram-se, principalmente, movimentos bem sucedidos no sentido de uma maior independência face à figura materna (Isabel e Mónica), ainda que esses movimentos também sejam sentidos com alguma angústia (Sara).

* Em duas das crianças (Sara e Mónica) é com a mãe que se verifica um maior envolvimento emocional (na Isabel a figura materna é a 2ª figura- a 1ª é o irmão).

* Em todas as crianças a mãe é o principal objecto de amor e em duas delas (Sara e Mónica) é igualmente a principal fonte de amor da criança.

* A Isabel sente-se a preferida da mãe (é a única criança em que tal acontece).

3.2.2. Crianças do sexo masculino (figura materna)

	1º momento	2º momento	3º momento
Duarte	<p>* gratificante</p> <p>* desejo de proximidade com figura materna/ receio de separação da mãe após o nascimento da irmã</p> <p>* mãe substituta sentida como frustrante</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes- fantasia de morte própria- necessidade de protecção parental</p>	<p>* gratificante/ não gratificante</p> <p>* desejo de proximidade com figura materna</p> <p>* mãe substituta gratificante (culpa)</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes- fantasia de morte própria- necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores)</p>	<p>* gratificante</p> <p>* agressividade (culpa)</p> <p>* desejo de proximidade com figura materna</p> <p>* mãe substituta gratificante (culpa)</p> <p>* movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes (pais não sentidos como suficientemente protectores)</p>

	1º momento	2º momento	3º momento
Duarte (continuação)			<ul style="list-style-type: none"> * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * principal fonte de hostilidade (juntamente com a irmã) * mãe tem grandes expectativas em relação ao Duarte (que procura corresponder a elas)
Tomás	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * zanga com figura materna * desejo de proximidade com a figura materna * mãe substituta gratificante (culpa- castigo) * autonomia sentida como abandono (angústia)- necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * agressividade (culpa) * desejo de proximidade com a figura materna * mãe substituta gratificante (culpa) * movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiante- necessidade de protecção materna 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante e contentora * agressividade * identificação à figura materna * desejo de proximidade com a figura materna * mãe substituta gratificante * movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes/ necessidade de protecção parental * 2ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de hostilidade * figura materna sentida como dando muita atenção ao irmão/ tomando partido por ele nos conflitos entre ambos

Jorge	1º momento	2º momento	3º momento
	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante e protectora * identificação à figura materna * desejo de relação exclusiva com a figura materna * recusa da existência de uma mãe substituta * autonomia sentida como abandono (angústia)-necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * identificação à figura materna * desejo de relação exclusiva com a figura materna (desejo de ser o seu filho favorito) * recusa da existência de uma mãe substituta * movimentos de autonomia em relação à figura materna angustiantes- fantasia de morte própria- necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante, contentora e protectora * agressividade (culpa- censurada) * identificação à figura materna * desejo de proximidade com a figura materna * mãe substituta gratificante * movimentos de autonomia angustiantes- fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna- necessidade de protecção parental * 1ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de amor * principal fonte de amor

Assim, para as crianças do sexo masculino, em relação à figura materna, temos que:

* A mãe foi sempre sentida como gratificante, securizante e contentora. Contudo, numa criança (Duarte) após o nascimento da irmã, houve alguma ambivalência: mãe gratificante/não gratificante (mãe de alguma forma decepcionante).

* A agressividade em relação à figura materna não esteve muito presente (no Tomás houve sentimentos de zanga com a figura materna durante a gravidez do irmão), mas apareceu principalmente neste 3º momento (o que suscitou culpabilidade nas crianças).

* Em todos os momentos verificou-se o desejo de proximidade com a mãe e apenas numa das crianças (Jorge) surgiu a fantasia de relação exclusiva com a figura materna (no período de gravidez materna e um mês após o nascimento da irmã).

* Em relação à mãe substituta, no período de gravidez materna, esta foi sentida como frustrante (Duarte) ou houve uma recusa da sua existência (Jorge). Neste 3º momento, a mãe substituta é sentida como gratificante por todas as crianças (ainda que tal possa suscitar nelas sentimentos de culpa).

* Em todas as crianças do sexo masculino e em todos os momentos de observação os movimentos de independência em relação à figura materna surgiram com angústia e necessidade de protecção materna (e por vezes também paterna). Pensamos que o momento de maior angústia foi após o nascimento dos irmãos, pois em duas das crianças (Duarte e Jorge) surgiu a fantasia de morte própria (foi o momento em que as crianças mostraram uma maior necessidade de protecção, talvez pelo receio de que com o nascimento de um irmão os pais as “abandonassem”). Neste 3º momento, no Jorge ainda surgiu a fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna e a necessidade de protecção parental que, no Duarte, não foi sentida como suficiente.

* Apenas numa das crianças (Jorge) a mãe foi a pessoa com quem ela tem um maior envolvimento emocional. Nos outros dois meninos as mães encontra-se em segundo lugar.

* Em duas crianças (Tomás e Jorge) a mãe aparece como o principal objecto de amor, mas noutra (Duarte) aparece como o principal objecto de hostilidade. Por

duas (Duarte e Tomás) ela é sentida como a principal fonte de hostilidade, enquanto que por uma (Jorge) é sentida como a principal fonte de amor.

3.2.3 Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino (figura materna).

No quadro que se segue apresentamos uma síntese das semelhanças e diferenças que encontramos nas crianças do sexo feminino e do sexo masculino, relativamente à figura materna.

FIGURA MATERNA	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Gratificante e contentora	- 1º, 2º e 3º momentos - 2º momento- mãe sentida como menos gratificante	- 1º, 2º e 3º momentos - 2º momento- ambivalência gratificante/não gratificante
Agressividade dirigida a	- maior no 2º momento	- maior no 3º momento
Desejo de proximidade	- 1º, 2º e 3º momentos	- 1º, 2º e 3º momentos
Relação exclusiva	- 1º e 2º momentos	- 1º e 2º momentos
Mãe substituta	- 1º momento- gratificante - 2º momento- agressiva e frustrante (rivalidade com filhos da mãe substituta) - 3º momento- não gratificante/gratificante (culpa)	- 1º momento- recusa da sua existência/ frustrante - 2º momento- recusa/ gratificante (culpa) - 3º momento- gratificante (culpa)
Movimentos de autonomia	- 1º momento- angustiantes, necessidade de protecção materna - 2º momento- necessidade de protecção parental - 3º momento- movimentos bem sucedidos, ainda que por vezes surja alguma angústia	- 1º momento- angustiantes - 2º momento- angustiantes, fantasias de morte própria - 3º momento- fantasmática de morte e necessidade de protecção parental
Envolvimento emocional	- aparece como: 1ª figura (em 2 crianças) 2ª figura (em 1 criança)	- aparece como: 1ª figura (em 1 criança) 2ª figura (em 2 crianças)

FIGURA MATERNA	CRIANÇAS SEXO FEMININO	CRIANÇAS SEXO MASCULINO
Principal objecto de amor	- nas 3 crianças	- em 2 crianças
Principal objecto de hostilidade	—	- em 1 criança
Principal fonte de amor	- em 2 crianças	- em 1 criança
Principal fonte de hostilidade	—	- em 2 crianças
Criança sentida como a preferida da mãe	- 1 criança	—

* Pontos comuns:

- A figura materna foi sentida como gratificante e contentora nos três momentos, mas foi no 2º que foi sentida como menos gratificante (nas meninas) e ambivalente (nos meninos).

- Em todas as crianças verificou-se o desejo de proximidade com a figura materna (em todos os momentos).

- Nas crianças tanto do sexo feminino como do sexo masculino nos dois primeiros momentos houve o desejo de uma relação privilegiada com a figura materna (ausência da fratria).

- Na maioria das crianças de ambos os grupos as mães apareceram como os principais objectos de amor das crianças.

* Pontos divergentes:

- Nas meninas a agressividade dirigida à mãe é maior no 2º momento (gravidez materna) enquanto que nos meninos é maior no 3º momento (4 anos após o nascimento dos irmãos).

- No que se refere à mãe substituta, verificou-se que, no 1º momento foi sentida como gratificante pelas meninas e frustrante ou rejeitada pelos meninos; no 2º momento foi sentida como agressiva e frustrante pelas meninas e rejeitada ou gratificante pelos meninos; no 3º momento foi sentida como não gratificante/ gratificante (sentimentos de culpa) pelas meninas e gratificante (sentimentos de culpa) pelos meninos.

- Relativamente aos movimentos de autonomia, se estes foram angustiantes no outros dois momentos, neste 3º momento esses movimentos foram melhor sucedidos nas meninas do que nos meninos (nos quais ainda surgiu fantasmática de morte e necessidade de protecção parental).

- Na maior parte das crianças do sexo feminino as mães são as 1^{as} figuras no que se refere ao envolvimento emocional, enquanto que na maior parte das crianças do sexo masculino as mães são as 2^{as} figuras.

- Nas crianças do sexo feminino a mãe aparece como a principal fonte de amor, enquanto que nas crianças do sexo masculino tal só se verifica numa delas.

- Apenas numa criança (do sexo masculino) a mãe foi sentida como o principal objecto de hostilidade.

- Na maioria das crianças do sexo masculino a mãe aparece como a principal fonte de hostilidade da criança, enquanto que tal não se verifica em nenhuma criança do sexo feminino.

- Apenas uma criança (do sexo feminino) sente-se como a preferida da mãe.

3.3. FIGURA PATERNA

No que se refere à figura paterna, passamos a apresentar os dados mais relevantes das análises apresentadas anteriormente, quer para as crianças do sexo feminino, quer do sexo masculino.

3.3.1. Crianças do sexo feminino (figura paterna)

	1º momento	2º momento	3º momento
Isabel	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa) * fantasia de exclusão da figura paterna da relação da criança com a mãe 	<ul style="list-style-type: none"> * tema de "pai alimentador"- culpa * necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * sentimentos de zanga dirigidos à figura paterna/ desvalorização da figura paterna * desejo de proximidade com a figura paterna * figura punitiva dos conflitos entre irmãos * movimentos de autonomia em relação à figura paterna * 3ª figura- envolvimento emocional * principal objecto de hostilidade * pai identifica-se ao irmão da Isabel
Sara	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa) 	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa) 	<ul style="list-style-type: none"> * gartificante/ valorização da figura paterna * agressividade (culpa)

Sara (continuação)	1º momento	2º momento	3º momento
Mónica	<ul style="list-style-type: none"> * figura paterna surge como alternativa à mãe desejada * movimentos de autonomia em relação à figura paterna- necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade com a figura paterna * autonomia sentida como abandono (angústia)- necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores) 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de proximidade com a figura paterna * movimentos de autonomia em relação à figura paterna (angústia) * 3ª figura- envolvimento emocional * pai identifica-se muito à Sara
	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa) * desejo de proximidade com a figura paterna * inversão das figuras parentais (afinidade com o pai) * movimentos de autonomia em relação à figura paterna sentidos como angustiantes 	<ul style="list-style-type: none"> * desejo de relação exclusiva com a figura paterna * tema de "pai alimentador" (culpa) * movimentos de autonomia em relação à figura paterna sentidos como angustiantes- necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores) 	<ul style="list-style-type: none"> * valorização da figura paterna * agressividade (culpa) * desejo de proximidade e de cumplicidade com a figura paterna * movimentos de autonomia em relação à figura paterna bem sucedidos * 2ª figura- envolvimento emocional * segunda fonte de amor (juntamente com a irmã mais nova) * pai- sentimento de culpa pela sua ausência nos primeiros tempos de vida da Mónica

Assim, temos que:

- * Nestas crianças verifica-se alguma ambivalência em relação à figura paterna: agressividade e sentimentos de zanga (que suscitam culpa) versus figura paterna sentida como gratificante. Se no período de gravidez materna surgiu, por exemplo, a fantasia de exclusão da figura paterna da relação da criança com a mãe (Isabel), no período após o nascimento dos irmãos a figura paterna apareceu como “pai alimentador” (figura alternativa à mãe) (Isabel e Mónica), o que, segundo Corman (1973), aponta para a afinidade da criança com o pai nesse período.
- * Neste 3º momento verifica-se o desejo de proximidade com a figura paterna, desejo esse que, de uma forma geral, já esteve presente nos momentos anteriores, sendo que, no 2º momento, a Mónica evidenciou o desejo de uma relação exclusiva com a figura paterna.
- * Em relação a movimentos de autonomia, verifica-se que estes foram sempre sentidos com alguma angústia pelas crianças que mostraram necessidade de protecção paterna/parental. Neste 3º momento, esses movimentos foram, na maioria dos casos, bem sucedidos (só na Sara se verificou ainda alguma angústia).
- * Em duas das crianças (Isabel e Mónica) o pai é a 2ª figura no que se refere ao envolvimento emocional e noutra criança (Sara) é a 3º figura.
- * Na Isabel o pai aparece como o principal objecto de hostilidade.

3.3.2. Crianças do sexo masculino (figura paterna)

	1º momento	2º momento	3º momento
Duarte	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa) * desejo de relação exclusiva com figura paterna * movimentos de autonomia em relação à figura paterna angustiante- fantasia de morte própria- necessidade de protecção parental 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante e protectora * agressividade (culpa) * movimentos de autonomia em relação à figura paterna angustiante- necessidade de protecção parental (pais não são sentidos como suficientemente protectores) 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante * identificação com a figura paterna * agressividade (culpa) * competição com figura paterna * movimentos de autonomia bem sucedidos * 5ª figura- envolvimento emocional * pai tem grandes expectativas em relação ao Duarte (que procura corresponder a elas)
Tomás	<ul style="list-style-type: none"> * agressividade (culpa)/ zanga com figura paterna * desejo de proximidade com a figura paterna 	<ul style="list-style-type: none"> * pouco gratificante/ inversão das figura parentais (afinidade com pai) * desejo de proximidade com a figura paterna 	<ul style="list-style-type: none"> * gratificante e contentor * identificação à figura paterna * agressividade (culpa)/ desvalorização da figura paterna * desejo de proximidade com a figura paterna (culpa- traição à mãe)

	1º momento	2º momento	3º momento
Tomás (continuação)	* autonomia sentida como abandono (angústia)-necessidade de protecção parental		* movimentos de autonomia angustiantes- necessidade de protecção parental * 5ª figura- envolvimento emocional
Jorge	* agressividade * desejo de proximidade com a figura paterna * figura paterna sentida como abandonada * autonomia sentida como abandono (angústia)- necessidade de protecção parental	* gratificante * agressividade (culpa) * pai substituto frustrante * movimentos de autonomia em relação à figura paterna angustiantes- fantasia de morte própria- necessidade de protecção parental	* gratificante/ não gratificante * agressividade (censurada)/desvalorização da figura paterna * desejo de proximidade/ identificação à figura paterna * movimentos de autonomia em relação à figura paterna angustiantes- fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna- necessidade de protecção parental * relação com pai-filho distante- tentativa de maior proximidade entre ambos * 3ª figura- envolvimento emocional

Com base no quadro acima apresentado, temos que:

* A figura paterna aparece como gratificante, principalmente no 2º e no 3º momentos.

* A agressividade que lhe é dirigida, de um modo geral, em todos os momentos e por todas as crianças do sexo masculino, é sempre acompanhada por sentimentos de culpa.

* É visível o desejo de proximidade de todos os meninos com o pai e a identificação que fazem a este nestes três momentos. O Duarte, no período de gravidez materna fantasiava uma relação exclusiva com o pai. Por seu lado, o Jorge sentiu-o como abandonado durante esse período.

* Em todas as crianças os movimentos de autonomia/independência em relação à figura paterna (nos dois primeiros momentos do estudo) foram sentidos como angustiantes (tendo surgido fantasias de abandono e de morte própria). Neste 3º momento, esses movimentos são bem sucedidos apenas numa das crianças (Duarte), sendo ainda angustiantes para as outras duas crianças que evidenciam necessidade de protecção parental.

* No que se refere ao envolvimento emocional, em duas das crianças (Tomás e Jorge) o pai é a 3ª figura, enquanto que na outra (Duarte) é a 5ª figura.

3.3.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino (figura paterna).

Assim, no que se refere à figura paterna, passamos a apresentar a síntese das semelhanças e diferenças que encontramos nas crianças do sexo feminino e do sexo masculino.

FIGURA PATERNA	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Gratificante	- 2º momento- mais gratificante ("pai alimentador")	- 2º e 3º momentos
Desejo de proximidade	- 1º, 2º e 3º momentos	- 1º, 2º e 3º momentos
Desejo de relação exclusiva	- 2º momento	- 2º momento

FIGURA PATERNA	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Movimentos de autonomia	- 1º e 2º momentos- necessidade de protecção parental/paterna - 3º momento- bem sucedidos ainda que possa haver alguma angústia	- 1º e 2º momentos- angústia; fantasias de abandono e de morte própria - 3º momento- maior angústia
Envolvimento emocional	- aparece como: 2ª figura (em 2 crianças) 3ª figura (em 1 criança)	- aparece como: 3ª figura (em 2 crianças) 5ª figura (em 1 criança)
Principal objecto de amor	—	—
Principal objecto de hostilidade	- em 1 criança	—
Principal fonte de amor	—	—
Principal fonte de hostilidade	—	—
Criança sentida como a preferida do pai	—	—

No que se refere a pontos comuns e divergentes entre as crianças dos dois sexos relativamente à figura paterna, temos que:

* Pontos comuns:

- Tanto nas crianças do sexo feminino como nas do sexo masculino verificou-se o desejo de proximidade com a figura paterna (em todos os momentos).

- No 2º momento (gravidez materna) quer nas meninas, quer nos meninos, houve o desejo de uma relação exclusiva com a figura paterna.

- No que se refere ao envolvimento emocional com a figura paterna, em nenhuma criança dos dois grupos este esteve em primeiro lugar, estando em segundo ou abaixo deste.

- O pai não apareceu em nenhuma criança como o principal objecto de amor, fonte de amor ou fonte de hostilidade.

- Nenhuma das crianças se sente a preferida do pai.

* Pontos divergentes:

- Nas crianças do sexo feminino foi no 2º momento que o pai foi sentido como mais gratificante; nas crianças do sexo masculino foi no 2º e no 3º momentos.

- No que se refere aos movimentos de autonomia das crianças, verifica-se que, nos dois primeiros momentos eles foram sentidos como angustiantes, mas neste 3º momento se nas meninas foram relativamente bem sucedidos, nos meninos houve uma maior angústia.

- Numa das crianças do sexo feminino a figura paterna foi sentida como o principal objecto de hostilidade, enquanto que tal não aconteceu em nenhuma das crianças do sexo masculino.

3.4. CASAL PARENTAL

Vamos agora analisar a forma como as crianças do sexo feminino e do sexo masculino reagem face à relação do casal parental.

3.4.1. Crianças do sexo feminino (casal parental)

	1º momento	2º momento	3º momento
Isabel	* cena primitiva angustiante * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante- fantasia de destruição do casal parental * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante

Sara	1º momento	2º momento	3º momento
	* cena primitiva angustiante- fantasia de morte própria * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante
Mónica	* cena primitiva angustiante * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante * desejo de substituir a mãe na relação com o pai	* cena primitiva angustiante * mãe sentida como a pessoa da família de quem o pai mais gosta

Podemos pois dizer que, nas crianças do sexo feminino:

* A cena primitiva continua a ser “difícil” para elas, ainda que já não tanto como nos dois momentos anteriores. Por exemplo, a Isabel, após o nascimento do irmão fantasiou a destruição do casal parental, enquanto que a Sara, durante a gravidez da mãe fantasiou a sua própria morte.

* A fantasia presente em todas as crianças do sexo feminino de substituírem a mãe na relação íntima do casal parental (nos dois primeiros momentos), já não esteve presente, neste momento actual.

* Para a Mónica, a mãe é sentida como a pessoa da família de quem o pai gosta mais.

3.4.2. Crianças do sexo masculino (casal parental)

	1º momento	2º momento	3º momento
Duarte	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p> <p>* fantasia de destruição da figura paterna (culpa)</p> <p>* desejo de substituir o pai na relação do casal parental</p>	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p> <p>* fantasia de destruição da figura paterna (culpa)</p>	<p>* cena primitiva angustiante</p>
Tomás	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p>	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p> <p>* fantasia de destruição da figura paterna (culpa)</p>	<p>* cena primitiva angustiante</p>
Jorge	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p>	<p>* cena primitiva angustiante- alteração dos elementos percebidos no teste Patte Noire</p>	<p>* cena primitiva angustiante</p> <p>* relação parental conflituosa (mãe sentida simultaneamente como a pessoa de quem o pai mais gosta e também com quem mais "embirra")</p>

Com base neste quadro podemos dizer que:

* A cena primitiva foi sentida como mais angustiante por todos os meninos no período de gravidez materna e um mês após o nascimento dos irmãos (em todos, na prancha do teste projectivo Patte Noire relacionada com a relação íntima do casal parental, houve uma alteração dos elementos percebidos, de tão angustiante que a situação era) do que no 3º momento.

* O Duarte fantasiou a destruição da figura paterna (no 1º e 2º momentos), e o Tomás fez o mesmo no 2º momento, parecendo indicar que foi nesse 2º momento, o qual correspondeu ao período após o nascimento dos irmãos, que a cena primitiva foi mais angustiante para estas crianças.

* O Jorge, actualmente, sente ambivalência na relação entre os pais (amor/agressividade).

3.4.3. Comparação entre as crianças do sexo feminino e as crianças do sexo masculino (casal parental).

Em relação ao casal parental, podemos sintetizar da seguinte forma as diferenças entre as crianças de sexo diferente:

CASAL PARENTAL	CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	CRIANÇAS DO SEXO MASCULINO
Cena primitiva	- 1º e 2º momentos mais angustiantes do que o 3º momento, com fantasias de destruição do casal parental e fantasias de morte própria - 1º, 2º e 3º momentos- fantasia de substituir a mãe na relação com o pai	- 1º e 2º momentos mais angustiantes do que o 3º momento, com alteração dos elementos percebidos (teste Patte Noire) - 1º e 2º momentos- fantasias de destruição do casal parental
Preferências	- mãe sentida como a pessoa de quem o pai mais gosta (em 1 criança)	- sentimento de grande ambivalência na relação entre os pais (em 1 criança)

Assim, temos que, nos dois primeiros momentos a cena primitiva foi sentida como mais angustiante do que no 3º momento, tendo surgido nesses momentos nas crianças do sexo feminino surgido fantasias de destruição do casal parental e fantasias de morte própria (o que não se verificou, de uma forma geral, nas crianças do sexo masculino). Nas meninas, como já referido anteriormente, nos dois primeiros momentos do estudo verificou-se o desejo de substituírem a mãe na relação com o pai, como se quisessem ser elas a darem ao pai o bebé. Nos rapazes, pensamos que a mágoa e decepção que em alguns momentos surgiu em

relação à mãe, assim como a agressividade dirigida à figura paterna poderá estar também relacionada com o desejo de substituírem o pai na relação com a mãe.

Terminada a análise comparativa dos dados, a qual foi realizada de uma forma sistematizada, no sentido de facilitar a leitura dos vários aspectos que nos propusemos compreender neste estudo, vamos apresentar uma pequena síntese, na qual aparecem apenas aqueles dados que nos parecem de maior relevância dado o nosso objectivo de estudo.

4. SÍNTESE CONCLUSIVA

Ao longo deste estudo, tivemos sempre presente o problema por nós levantado, ou seja, procurar compreender como a relação fraterna e parental é vivenciada pelas crianças, 4 anos após o nascimento dos irmãos: tentar perceber se essa vivência difere da do período de gravidez materna e do primeiro mês de vida dos irmãos e se existem diferenças significativas nas crianças do sexo feminino e do sexo masculino.

Passamos agora a apresentar, em síntese, algumas conclusões a que chegámos, tendo sempre presente que estas dizem apenas respeito aos casos por nós estudados, e não à população geral que vive esta mesma situação, ou seja, crianças que vivenciaram pela primeira vez o nascimento de um irmão.

* Quatro anos após o nascimento dos irmãos, todas as crianças mantêm tendências regressivas, ainda que estas apareçam de uma forma diferente das presentes no período de gravidez materna e um mês após o nascimento dos irmãos.

Estas tendências poderão mostrar que, mesmo passados alguns anos de a criança deixar de ser filha única/ filha mais nova, há ainda, como dizia Corman (1961), uma procura de um estado anterior "Idade de Ouro", em que a criança era filha única. Por outro lado, através dessas tendências regressivas, a criança procura obter uma maior atenção da parte dos pais, atenção essa que muitas vezes julga mais dirigida para o irmão mais novo, ou mesmo perdida.

* As tendências depressivas mantêm-se também, em ambos os grupos, sendo que, nas crianças do sexo masculino estas não estiveram presentes no período de gravidez materna, mas mais no período após o nascimento dos irmãos. Talvez esse período, aquele em que o irmão deixa de ser um "bébé imaginário" e passa a ser um "bébé real", tenha suscitado nestas crianças mais tendências depressivas, também por a criança sentir que a atenção e o amor parentais já não são exclusivamente

para si. Neste 3º momento elas continuam presentes: mesmo passados 4 anos, existe ainda o sentimento de ter sido “destronado” pela outra criança.

* Continua também a existir uma grande ambivalência de sentimentos em relação à fratria (amor/agressividade). De uma forma geral, os irmãos são sentidos como as principais fontes de hostilidade da criança, e apenas para uma pequena parte são a principal fonte de amor. Nunca aparecem como os principais objectos de amor, mas sim como os principais objectos de hostilidade (principalmente nas crianças do sexo masculino). Ou seja, a criança sente que o irmão lhe dirige sentimentos negativos, os quais reenviam para os próprios sentimentos da criança em relação ao irmão, ou seja, a criança projectiva no irmão os seus próprios sentimentos.

* Se nos dois primeiros momentos do estudo as crianças fantasiavam a separação da figura fraterna das figuras parentais, devido ao sentimento de exclusão da relação privilegiada pais-irmãos, no momento actual, essas fantasias foram substituídas por outras mais fortes- fantasias de morte da fratria- o que levou ao receio de morte própria, assim como surgiram também, nas crianças do sexo masculino, fantasias de morte dos pais. Parece pois que, são ainda fortes os sentimentos de exclusão da criança relativamente à relação dos pais com os filhos mais novos, surgindo assim fantasias de morte da fratria (e dos pais), os tais “fantasmas destructivos” referidos por Freud (1900), existentes nas crianças em relação aos irmãos.

A agressividade que as crianças apresentam em relação aos irmãos pode ser entendida como uma defesa contra sentimentos de frustração e de perda de amor das figuras parentais. Freud (1900) fez referência à intensidade dos sentimentos hostis, na relação fraterna, os quais têm normalmente a forma de desejos de morte das figuras fraternas, tendo dito que, “muitas das pessoas que amam os seus irmãos, têm desde muito cedo desejos de morte inconscientes em relação a eles, desejos esses que são, por vezes, realizados em sonhos”. Para Corman (1961), a agressividade da criança não é proporcional à sua frustração. Quando sente ciúmes

de um irmão, a criança quer destruí-lo, desejando o seu desaparecimento total. Se não ataca o irmão, é porque a agressividade é censurada pelos pais ou, nas crianças depois dos 4, 5 anos, essa agressividade é censurada pelo super-eu da criança.

* O conflito entre irmãos é sentido de forma mais angustiante pelas meninas em todos os momentos do estudo, sendo que, no período de gravidez materna não foi censurado, punido nem angustiante para as crianças do sexo masculino.

* O mesmo se verifica no que se refere a impulsos de salvação da fratria, pois nas crianças do sexo feminino, no período de gravidez materna e após o nascimento dos irmãos surgiram fantasias de destruição do agressor da fratria e identificação à vítima, enquanto que nos meninos se verificou uma identificação ao agressor. É como se nestes períodos se verificasse uma maior agressividade das crianças do sexo masculino em relação aos irmãos, do que nas crianças do sexo feminino. Neste momento, quatro anos após o nascimento dos irmãos, os impulsos de salvação da fratria são indirectos ou estão ausentes (o que, mais uma vez, mostra que a rivalidade entre irmãos está ainda fortemente presente).

* Em relação à figura materna, que aparece em ambos os grupos como o principal objecto de amor das crianças, verifica-se que ela foi sentida como gratificante em todos os momentos, assim como houve sempre o desejo de proximidade com a mãe (o momento em que tanto as crianças do sexo feminino como do sexo masculino a sentiram como menos gratificante foi no período após o nascimento dos irmãos (talvez por terem que partilhar a mãe com a nova criança), surgindo nas meninas o desejo de relação exclusiva com a mãe, desejo esse que também se verificou em relação à figura paterna, que nesse período foi sentida como mais gratificante, principalmente pelas crianças do sexo feminino ("pai alimentador"). Se nas meninas o momento de maior agressividade dirigida à mãe foi o 2º, nos meninos foi neste 3º momento. De referir que se neste 3º momento, nas meninas, a mãe aparece mais

como fonte de amor (identificação à mãe), nos meninos aparece mais como fonte e objecto de hostilidade (decepção com a mãe).

* Relativamente a movimentos de autonomia, estes foram sentidos pelas crianças de ambos os grupos como angustiantes nos dois primeiros momentos. Neste momento actual tais movimentos são melhor sucedidos pelas crianças do sexo feminino, pois nas do sexo masculino ainda aparece fantasmática de morte própria num contexto de solidão nocturna.

* A cena primitiva foi sentida como angustiante pelas crianças de ambos os grupos nos dois primeiros momentos, já não o sendo tanto neste último momento.

Tentando fazer uma pequena síntese dos resultados por nós encontrados e na procura de dar uma resposta ao problema levantado, pensamos poder dizer que, ainda que existam diferenças na forma como as crianças do sexo feminino e do sexo masculino reagem à situação de terem um irmão mais novo, nos dois sexos a rivalidade fraterna começa no momento em que a criança percebe que existe alguma “coisa” dentro da barriga da mãe, que altera as relações existentes na família (logo, a relação pais-criança) e que a criança sente como um “perigo”, no sentido em que lhe vai tirar a sua exclusividade na relação com os pais. Essa rivalidade aumenta após o nascimento do irmão, e mantém-se (ao longo de toda a vida?!!!). Nas crianças por nós estudadas, essa rivalidade é positiva, pois apesar de estar presente (como seria de esperar), na relação entre irmãos ela é apenas uma parte, pois existem muitos outros sentimentos positivos, que permitem uma convivência afectuosa entre os irmãos.

Relativamente aos instrumentos utilizados neste 3º momento do estudo (entrevista com os pais e com a criança; teste projectivo Patte Noire; Teste das

Relações Familiares e Desenho de uma Família Imaginária), parece-nos que, ainda que as entrevistas sejam instrumentos privilegiados que nos permitiram ter um conhecimento das famílias, o facto de só ter sido realizada uma entrevista com a família (contrariamente ao que acontece na prática clínica, na qual consideramos ser o instrumento que nos dá uma maior compreensão da criança e da sua dinâmica familiar) deixou algumas lacunas, as quais foram preenchidas através dos restantes instrumentos utilizados. Destes, destacariamos o teste projectivo Patte Noire e o Teste das Relações Familiares, que permitiram uma abordagem mais específica e detalhada das vivências subjectivas da criança relativamente às figuras parentais e fraterna(s), quando comparados com o Desenho de uma Família Imaginária.

Ainda que seja um estudo exploratório, e por essa razão não pretenda ser representativo da população em geral, parece-nos que as suas conclusões poderão ter reflexos práticos no processo educativo parental-filial.

Um dos mais relevantes é que, os pais compreendam que em todas as relações fraternas existe ciúmes e rivalidade, que desde que não comprometam a integridade física e psicológica das crianças, devem ser vistos como normais e necessários ao bom desenvolvimento das relações entre irmãos. Desta forma, a ansiedade dos pais (face a determinados sentimentos/comportamentos das crianças) poderá diminuir, levando-os a darem respostas mais adequadas a cada situação de conflito que surja entre elas. Assim, a criança mais velha (referimo-nos a esta por ter sido o nosso objecto de estudo, sem querermos desta forma desvalorizar os sentimentos da mais nova) verá que os seus sentimentos, muitas vezes negativos, em relação aos irmãos, são contidos pelos pais, diminuindo assim a sua culpabilidade. Isto facilitará o estabelecimento de relações afectuosas entre os irmãos, pois o sentimento de rejeição ou de ter sido substituída no afecto dos pais pela nova criança irá desaparecendo, permitindo o estabelecimento de relações harmoniosas no interior da família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abardanel, J. (1983). Revival of the sibling experience during the mother's second pregnancy. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 38. New Haven: Yale University Press, 353-379.
- Ajuriaguerra, J. and Marcelli, D. (1984). *Manual de Psicopatologia Infantil*. 2ª edição. Porto Alegre: Masson, 1991.
- Barrett, J. and Hinde, R.A. (1988). Triadic interactions mother-first born- second born. In R. Hinde & J.S. Hinde (Eds), *Relationships within Families, Mutual Influences*. Oxford: Oxford Science Publications, 1990, 181-190.
- Barton, M.E. e Tomasello, M. (1991). Joint attention and conversation in mother-sibling triads. *Child Development*, 62, 517-529.
- Baudert, A. (1974). Irmãos e Irmãs. In J. dos Santos, *A educação da criança*, (Vol I), 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, 26-32.
- Belsky, J. and Isabelle, R.A. (1985). Marital and parent-child relationships in family of origin and marital changes following the birth of a baby. *Child Development*, 56, 342-349.
- Bene, E. e Anthony, J. (1957). *Family Relations Test. Children's version. Revised Manual*. Windsor: Nfer-Nelson, 1978.
- Berndt, R. J. e Bulleit, T.N. (1985). Effects of sibling on preschoolers' behavior at home and at school. *Developmental Psychology*, vol. 21, nº 5, 761-767.
- Bettelheim, B. (1975). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1995.

- Brazelton, T.B. (1988). *Dar atenção à criança*. Lisboa: Terramar.

- Brazelton, T.B. (1992). *Tornar-se família. O crescimento do vínculo antes e depois do nascimento*. Lisboa: Terramar.

- Castro, C.S. (1991). *Fantasia fraternal pré-natal: estudo exploratório através do teste projectivo "Patte Noire"*. Monografia de Fim de Curso na área de clínica. Lisboa: ISPA.

- Clerget, J. (1980). *Ser Pai Hoje*. Lisboa: Moraes Editores.

- Colonna, A.B. and Newman, L.M. (1983). The psychoanalytic literature on siblings. *The psychoanalytic study of the child*, 38. New Haven: Yale University Press, 285-309.

- Corman, L. (1961). *Le teste du dessin de famille*. Paris: Presses Universitaires de France, 4^a ed, 1982.

- Corman, L. (1961). *Le Test PN- Manuel 1*. Paris: Presses Universitaires de France, 8^a ed., 1986.

- Corman, L. (1973). *Le Test PN. Le Complexe D'Oedipe- Manuel 2*. Paris: Presses Universitaires de France, 3^a ed., 1981

- Corman. L. (1976). *Le Test PN. La Règle D'Investissement- Manuel 3*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Corsini, R. (1984). *Encyclopedia of Psychology*. Vol. II, New York.

- Dunn, J. (1984). *Relationes entre Hermanos*. Madrid: Ediciones Morata S.A., 1986.

- Dunn, J. (1988). Connections between relationships: Implications of Research on Mothers and Siblings. In, R. Hinde & J.S. Hinde (Eds), *Relationships within families, mutual influences*. Oxford: Oxford Science Publications, 1990, 168-180.

- Dunn, J. (1996). Children's family relationships between two and five: developmental changes and individual differences. *Social Development*, vol. 5, n° 3.

- Dunn, J. and Kendrick, C. (1981). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and first born. *Development Psychology*, 17 (3), 336-343.

- Dunn, J. and Munn, N. (1985). Becoming a family member: family conflict and development of social understanding in the second year. *Child Development*, 56, 480-492.

- English, H. B. (1958). *Comprehensive dictionary of psychological and psychoanalytical terms: a guide to usage*. London: Longmans.

- Freud, A. (1937). *The writings of Anna Freud. The ego and mechanisms of defense*. (Vol II). New York: International Universities Press, 1966.

- Freud, S. (1909). *Two case History ("Little Hans" and "Rat Man")*, Vol. X. London: The Hogarter Press and the Institute of Psycho-Analyse, 1981.

- Furman, W. (1995). Parenting siblings. In M. H. Bornstein (Ed), *Handbook of parenting. Children and parenting*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- Gayet, D. (1993). *Les Relations Fraternelles. Approches Psychologiques et Antrpologiques des Fratries*. Paris: Delachaux et Niestlé.

- Howe, N. e Ross, H.S. (1990). Socialization, perspective-taking, and sibling relationship. In *Developmental Psychology*, vol. 26, nº 1, 1990, 160-165.

- Klein, M. (1955). Técnica psicanalítica del juego, su história y significado. In G. Bierman (Edt) *Tratado de Psicoterapia Infantil*. Madrid: Espays, 1973: 170-186.

- Kreppner, K. (1988). Changes in dyadic relationships within a family after the arrival of a second child. In R. Hinde & J.S. Hinde (Eds). *Relationship within Families, Mutual Influences*. Oxford: Oxford Science Publications, 1991, 143-167.

- Kris, M. e Ritvo, S. (1983). Parents and siblings. Their mutual influences. In A. J. Solnit, R. S. Eissler e P. B. Neubauer (Eds). *Psychoanalytic study of the child*, vol. 38. New Haven: Yale University Press.

- Lagache, D. (1964). Symposium of fantasy: fantasy, reality and truth. *International Journal Psycho-Analyse*, 45 (2/3), 180-189.

- Laplanche, J. e Pontalis. J.B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. 7ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

- Leichtman, M. (1985). The influence of an older sibling on the separation-individuation process. In A. J. Solnit, R. S. Eissler e P. B. Newbauer (Eds), *The psychoanalytic study of the child*, vol. 40. New Haven: Yale University Press.

- Lima, M. R. (1991). *Metodologia da aplicação do Teste das Relações Familiares de Ben-Anthony aplicado a uma população portuguesa*. Monografia de fim de curso na área de Psicologia Clínica. Lisboa: ISPA

- Munn, P. and Dunn, J. (1989). Temperament and the developing relationships between siblings. *International Journal of Behavioral Development*, 12 (4), 433-451.

- Neubauer, P. B. (1983). The importance of the sibling experience. In A. J. Solnit, R. S. Eissler e P. B. Newbauer (Eds), *The psychoanalytic study of the child*, vol. 38. New Haven: Yale University Press.
- Oberndorf, C.P. (1984). *Relações entre Pais e Filhos. A Moderna Psicanálise*. Rio de Janeiro: Gertum Carneiro Editores.
- Osofsky, J.D. and Osofsky, H.J. (1984). Psychological and developmental perspective on expectant and new parenthood. In R. Parke (Ed.), *Review of Child Development Research. The Family*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984, 372-297.
- Provence, S. e Solnit, A. (1983). Development-promoting aspects of the sibling experience. In A. J. Solnit, R. S. Eissler e P. B. Newbauer (Eds), *The psychoanalytic study of the child*, vol. 38. New Haven: Yale University Press.
- Rabain, J.F. (1985). La rivalité fraternelle. In S. Lebovici (Ed), *Traité de Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*, vol. III, Paris: PUF, 231-251.
- Reber, S.A. (1985). *Dictionary of Psychology*. London: Penguin Books.
- Santos, J. (1990). *Se não sabe, porque pergunta?*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Soifer, R. (1977). *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Solnit, A.J. (1983). The sibling experience. *Psychoanal. Study Child*, 38, 281-284.
- Stewart, R.B. (1987). The first born adjustment to the birth of a sibling: a longitudinal assessment. *Child Development*, 58, 341-355.

- Stoneman, Z., Brody, G.H., MacKinnon, C. (1984). Naturalistic observations of children's activities and roles while playing with their siblings and friends. *Child Development*, 55, 617-627.

- Teixeira, S. (1995). *Fantasia infantis fraternas pré-natais e ajustamento psicológico de uma criança ao nascimento de um irmão*. Monografia de fim de curso na área de clínica. Lisboa, ISPA

- Volling, B.L. and Belsky, J. (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: a longitudinal study. *Child Development*, 63: 1209-1222.

- Ward, M. J., Vaughn, B.E. e Robb, M.D. (1988). Social-emotional adaptation and infant-mother attachment in siblings: role of the mother in cross-sibling consistency. *Child Development*, 59, 643-651.

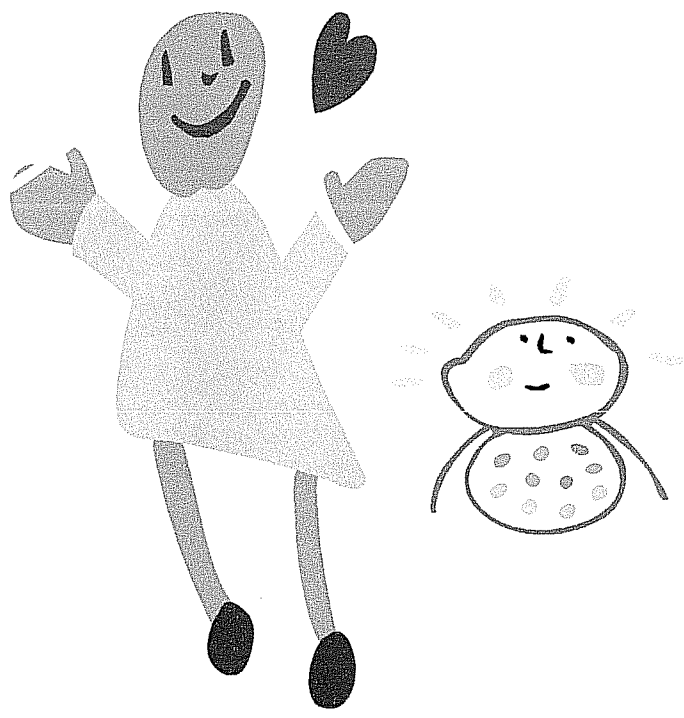
DM
TEIX.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

“Reacção de irmãos ao nascimento de um irmão mais novo:
reavaliação 4 anos depois”

Volume II - Anexos



Orientador: Prof. Doutor Emílio Salgueiro

Seminário de dissertação: Prof. Doutor Eduardo Sá

2000

Sandra Isabel Teixeira

nº 879

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação

Registo: 13551
Data: 27/09/00

Tel.: 21 881 17 50 • bibispa@ispa.pt

REACÇÃO DE IRMÃOS AO NASCIMENTO DE UM IRMÃO MAIS NOVO:
REAVALIAÇÃO 4 ANOS DEPOIS

VOLUME 2

ÍNDICE:

Anexo 1- Guião da entrevista semi-directiva com os pais (3º momento de avaliação)	3
Anexo 2- Guião da entrevista semi-directiva com a criança (3º momento de avaliação)	5
Anexo 3- Conteúdos manifestos e latentes do Teste Projectivo Patte Noire	7
Anexo 4- Teste das Relações Familiares- Lista de sentimentos	10
Anexo 5- Isabel- Dados biográficos	14
Anexo 6- Isabel- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	16
Anexo 7- Isabel- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	20
Anexo 8- Isabel- Protocolo do Teste das Relações Familiares	24
Anexo 9- Isabel- Análise do Teste das Relações Familiares	28
Anexo 10- Isabel- Desenho de uma Família Imaginária	33
Anexo 11- Sara- Dados biográficos	35
Anexo 12- Sara- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	37
Anexo 13- Sara- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	40
Anexo 14- Sara- Protocolo do Teste das Relações Familiares	44
Anexo 15- Sara- Análise do Teste das Relações Familiares	49
Anexo 16- Sara- Desenho de uma Família Imaginária	53
Anexo 17- Mónica- Dados biográficos	55
Anexo 18- Mónica- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	57
Anexo 19- Mónica- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	60
Anexo 20- Mónica- Protocolo do Teste das Relações Familiares	64
Anexo 21- Mónica- Análise do Teste das Relações Familiares	68
Anexo 22- Mónica- Desenho de uma Família Imaginária	72

Anexo 23- Duarte- Dados biográficos	74
Anexo 24- Duarte- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	76
Anexo 25- Duarte- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	79
Anexo 26- Duarte- Protocolo do Teste das Relações Familiares	83
Anexo 27- Duarte- Análise do Teste das Relações Familiares	87
Anexo 28- Duarte- Desenho de uma Família Imaginária	92
Anexo 29- Tomás- Dados biográficos	93
Anexo 30- Tomás- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	95
Anexo 31- Tomás- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	99
Anexo 32- Tomás- Protocolo do Teste das Relações Familiares	103
Anexo 33- Tomás- Análise do Teste das Relações Familiares	107
Anexo 34- Tomás- Desenho de uma Família Imaginária	111
Anexo 35- Jorge- Dados biográficos	112
Anexo 36- Jorge- Protocolo do teste projectivo Patte Noire	114
Anexo 37- Jorge- Interpretação do teste projectivo Patte Noire	117
Anexo 38- Jorge- Protocolo do Teste das Relações Familiares	121
Anexo 39- Jorge- Análise do Teste das Relações Familiares	126
Anexo 40- Jorge- Desenho de uma Família Imaginária	131

ANEXO 1

Guião da entrevista semi-directiva com os pais (3º momento de avaliação)

- * Gravidez- vivência de cada um dos pais face à gravidez da criança (desejada, planeada, reacção à confirmação da gravidez, como cada um viveu esse período, “bébé imaginário”, preferência pelo sexo, escolha do nome....)

- * Parto- normal/com complicações, como foi vivido e sentido pela mãe/pai, se o pai assistiu, o que sentiram quando viram o filho pela primeira vez, com quem se parecia,.....

- * Desenvolvimento da criança (como foi sentido e vivido pelos pais cada marco do desenvolvimento da criança)- sorriso, 1ª palavras, primeiros passos, alimentação, sono, controlo dos esfíncteres,.....

- * Amas, infantários, familiares (como foi a adaptação da criança nesses sítios e como foi sentida pelos pais a “separação” dos filhos)

- * Escola- adaptação (relação com professores, colegas, comportamento na escola,...), aprendizagem (facilidade/ dificuldade em aprender, no caso de existirem dificuldades, quais são e a que é que os pais as atribuem,....)

- * Acontecimentos familiares ou outros que os pais tenham sentido como perturbadores para a criança (por exemplo, mortes, doenças, acidentes, separações, mudanças de residência, mudanças de escola,...)

- * Irmãos- vivência durante a gravidez dos irmãos e durante o 1º mês de vida destes, como os pais se aperceberam do ajustamento psicológico da criança ao irmão durante estes 4 anos (comportamentos regressivos, sentimentos de exclusão, agressividade, ciúmes,...)

- como descrevem relação entre os filhos- amigável/ agressiva/ protecção/ entreadajuda....

- como pensam que os filhos sentem a relação com os pais- preferências, atenção dada a cada um, participação nas tarefas de cada um,...

- quando há conflitos entre as crianças, como é que estas as resolvem e qual a intervenção dos pais nelas (castigos, se tomam partido por alguma,)

* Relação da criança com os pais (com qual tem maior proximidade, quem a ajuda a resolver os seus problemas, com qual se zanga mais vezes,....) e com outros familiares.

* Actividades que a criança gosta de fazer nos tempos livres

* Um dia na vida da criança

* Como os pais descrevem os filhos (com qual dos pais eles se parecem mais)/ preocupações que têm em relação a eles/ projectos para o futuro dos filhos

ANEXO 2

Guião da entrevista semi-directiva com a criança (3º momento de avaliação)

- * Imagem que a criança tem dela própria de quando era bebé/ mais nova
- * Episódios da sua vida que ela recorde como felizes/ tristes
- * Recordações que tem de quando a mãe estava grávida e de quando o irmão nasceu
(como era ele, o que ela sentiu quando ele veio para casa e ela deixou de ser a única criança da casa, como foi ter que partilhar o seu mundo com ele,....)
- * Relação com o irmão- como o descreve
 - actividades que costumam fazer juntos
 - zangas que têm (motivos, como as resolvem, se os pais intervêm,...)
 - se preferia que o irmão fosse do outro sexo
 - se gostava de ter mais irmãos
- * Relação com os pais- como os descreve
 - a qual recorre mais quando tem um problema
 - quem a ajuda mais
 - com quem se diverte mais
 - quem ralha mais com ela, porquê, e o que pensa disso
- * Familiares com quem tem uma relação próxima
- * Escola- gosta/ não gosta (porquê)
 - dificuldades
 - relação com professores/ colegas
 - profissão que gostava de ter no futuro

* Amigos- se tem algum amigo especial/ ou se tem um grupo de amigos
- o que gosta de fazer com eles

* Actividades que gosta de fazer nos tempos livres

ANEXO 3

Conteúdos manifestos e latentes do Teste projectivo Patte Noire

* Frontespício

Conteúdo manifesto: Cinco porcos. De um lado encontram-se os dois maiores, de outro os três mais pequenos (um deles com uma mancha- PN).

Conteúdo latente: Família imaginária, identificação (idade, sexo).

* Gamela (1)

Conteúdo manifesto: No primeiro plano o PN urina na maior de duas gamelas. No segundo plano os dois porcos grandes e os dois pequenos dormem.

Conteúdo latente: Expressão da agressividade (de carácter anal) contra as imagos parentais.

* Beijo (2)

Conteúdo manifesto: No primeiro plano os dois porcos grandes beijam-se. No segundo plano um dos porquinhos espreita atrás de um muro.

Conteúdo latente: Problemática de tipo edipiana.

* Batalha (3)

Conteúdo manifesto: PN e um dos porquinhos brancos mordem-se. O outro porquinho branco foge. No segundo plano, está o casal de porcos grandes.

Conteúdo latente: Agressividade directa nas relações fraternas.

* Carroça (4)

Conteúdo manifesto: PN está deitado na palha. Sonha que um homem coloca um porquinho na carroça. Os dois porcos grandes e dois pequenos olham a cena.

Conteúdo latente: Angústia de separação e/ou agressividade nas relações familiares.

* Cabra (5)

Conteúdo manifesto: PN mama numa cabra.

Conteúdo latente: Fantasmática de abandono e problemática da figura materna substituta.

* **Partida (6)**

Conteúdo manifesto: Um porquinho vai numa rua isolada. Caminha de costas, sem que se lhe possa ver a expressão.

Conteúdo latente: Fantasmática da abandono, problemática de dependência-independência.

* **Hesitação (7)**

Conteúdo manifesto: À esquerda, um dos porquinhos mama na porca grande com mancha. À direita, o porco grande branco e um poquinho branco comem. O PN está no meio, com o corpo virado para a porca grande e a cabeça para o porco grande.

Conteúdo latente: Frustração e ambivalência na relação fraterna.

* **Ganso (8)**

Conteúdo manifesto: À esquerda está um ganso que puxa o rabo do porquinho. À direita, atrás de um muro, um outro porquinho observa a cena.

Conteúdo latente: Relação de agressividade- castração; rivalidade fraterna.

* **Lamaceiro (9)**

Conteúdo manifesto: Perto de um monte de estrume, dois porquinhos brincam na lama e um deles projecta-a para o porco grande branco. O terceiro porquinho está a observar.

Conteúdo latente: Agressividade (de carácter anal) para com a figura paterna.

* **Noite (10)**

Conteúdo manifesto: Um estábulo é iluminado pela lua. Está dividido por uma cerca: de um lado estão os porcos grandes próximos um do outro, do outro lado dois porquinhos estão deitados e um outro está encostado à cerca a olhar para os grandes.

Conteúdo latente: Cena primitiva, curiosidade sexual.

* **Ninhada (11)**

Conteúdo manifesto: Os três recém-nascidos mamam enquanto a porca come. Um homem põe comida na gamela, enquanto que outro põe palha. No primeiro plano, encostados à cerca, os três porquinhos espreitam.

Conteúdo latente: Agressividade na relação fraterna relacionada com o nascimento.

* **Sonho Mãe (12)**

Conteúdo manifesto: O PN dorme e sonha com a porca grande com mancha.

Conteúdo latente: Imagem materna ideal.

* **Sonho Pai (13)**

Conteúdo manifesto: O PN dorme e sonha com o porco grande branco.

Conteúdo latente: Imagem paterna ideal.

* **Mamada 1 (14)**

Conteúdo manifesto: PN mama na porca grande.

Conteúdo latente: Relação dual privilegiada com a figura materna (sob o modo oral).

* **Mamada 2 (15)**

Conteúdo manifesto: PN mama na porca grande. No segundo plano os dois porquinhos.

Conteúdo latente: Relação dual privilegiada (sob o modo oral) no contexto de rivalidade fraterna.

* **Buraco (16)**

Conteúdo manifesto: Durante a noite, com a claridade da lua, o PN está numa poça de água.

Conteúdo latente: Fantasmática de abandono, de morte, essencialmente na situação nocturna.

ANEXO 4

Teste das Relações Familiares- lista de sentimentos

* Sentimentos enviados: positivos fracos

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- 3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada
- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal visto
- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia
- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa

* Sentimentos enviados: positivos fortes

- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção do que aos outros
- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
- 16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família

* Sentimentos enviados: negativos fracos

- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabugenta
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
- 22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de

fazer

- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
- 26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão
- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
- 29- Esta pessoa da minha família de vez que quando zanga-se muito

* Sentimentos enviados: negativos fortes

- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
- 35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado

* Sentimentos recebidos: positivos fracos

- 40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer

* Sentimentos recebidos: positivos fortes

- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar

- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de de estar na cama comigo
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra

* Sentimentos recebidos: negativos fracos

- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada
- 61- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou em dificuldades
- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção

* Sentimentos recebidos: negativos fortes

- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim

* Super-protecção materna

- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- 81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer
- 82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada
- 83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe

- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro
- 86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos
- 87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente

* Sobre-indulgência paterna

- 90- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra
- 91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- 94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta

* Sobre-indulgência materna

- 95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra
- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família
- 98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família
- 99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

ANEXO 5

Isabel- Dados biográficos

Data de nascimento: 11 de Novembro de 1989

1ª Observação (criança e mãe)

Data: 9 de Outubro de 1994

Criança

Idade: 4A 11M

Escolaridade: Pré-primária

Posição na fratria: Filha única

Mãe

Mês de gravidez: 8 meses e meio

2ª Observação (criança, mãe e irmão)

Data: 3 de Dezembro de 1994

Criança

Idade: 5A 1M

Irmão

Sexo: masculino

Data de nascimento: 29 de Outubro de 1994

Idade: 1M 4D

3ª Observação (criança, pais e irmão)

Data: 24 de Abril de 1999

Criança

Idade: 9A 5M

Escolaridade: a frequentar a 4ª classe

Família

* Mãe

Idade: 37 anos

Profissão: Técnica de seguros

Habilitações literárias: Curso de Máquinas Marítimas

* Pai

Idade: 37 anos

Profissão: Soldador na Marinha

Habilitações literárias: Curso de Máquinas Marítimas

* Irmão

Idade: 4A 6M

Escolaridade: infantário

Classificação social (Escala de Graffard)

Fonte de rendimento familiar- 3ª grau

Conforto do alojamento- grupo 3

Bairro habitado- grupo 2

Classe social- Classe II (11 pontos)

ANEXO 6

Isabel- Protocolo do Teste Projectivo Patte Noire

Frontespício

Porca grande com mancha- pai,... não, é a mãe porque tem maminhas- 5M

Porco grande branco- pai- 6M

Porquinho com mancha (PN)- menina, porque tem mancha como a mãe- 2M

Porquinho branco- menino- 1M

Porquinho branco- menino- 1M

Ordem das pranchas escolhida pela Isabel para contar as histórias:

Sonho Mãe (12)

Era um porquinho que estava a dormir bem na sua caminha e tava a sonhar com a mãe, que queria ser como a mãe e dar dois filhinhos.

Mamada 2 (15)

E depois acordou e foi logo para o pé da mãe para ser o primeiro a mamar o leite da mãe porca.

Ninhada (11)

E depois os filhos também estavam a comer, e o tratador da quinta estava lá e os porquinhos, eram os vizinhos, estavam a espreitar aquela porca com os seus porquinhos.

Ganso (8)

Depois, um porquinho foi para a pocilga e meteu-se com um ganso e depois o ganso estava a enervar-se e conseguiu morder-lhe a cauda e depois o porquinho começou a chorar, e tava o irmão a ver que ia chamar a mãe para dizer ao ganso para parar.

Beijo (2)

Depois, quando o irmão os foi chamar, à mãe, os pais estavam aos beijinhos e depois o menino saltou o muro e foi contar à mãe que o irmão tinha sido mordido por um ganso.

Mamada 1 (14)

Quando a mãe chegou disse ao ganso para parar e como a menina estava com muita sede bebeu o leitinho da mamã.

Lamaceiro (9)

Depois voltaram os dois irmãos para a pocilga e foram molhar a mãe com a lama e a mãe não gostou muito e deu-lhes um ralhete.

Cabra (5)

Depois foi aos campos, tava todo cheio de ervas verdes, e foi beber leite da cabra. Disse assim: "Dona cabra, posso beber o seu leite?". A cabra conhecia-o desde nascença e disse assim: "Podes, à vontade". Ele bebeu e gostou do leite da cabra.

Partida (6)

Ele voltou para a pocilga e foi contar à mãe que bebeu o leite da cabra, porque a cabra deixou, porque tinha feito anos hoje e foi simpática. A mãe disse: "Ainda bem que não te magoaste, porque se te magoasses eu dava-te um ralhete por te teres metido com a cabra",... a cabra quando estava em dias de mau humor dava com os chifres no rabinho dos porquinhos.

Batalha (3)

Depois foi brincar com os irmãos e os pais disseram assim: "Párem que está na hora de beberem água" e eles foram beber água.

Hesitação (7)

Foram beber água e a porquinha disse: "Ó mãe, não tou com sede!". E a mãe disse assim: "Então não bebas água". E depois o irmão disse assim: "Ó mãe posso beber do teu leite?" E a mãe disse assim: "Podes". E depois beberam leite e o outro irmão foi para a água.

Gamela (1)

Agora era hora de irmos para a cama. Aqui estávamos na cama, o porquinho estava a fazer... as suas necessidades e depois iam dormir.

Sonho Pai (13)

Primeiro começou a sonhar outra vez com a mãe, como na noite passada.

Carroça (4)

Depois ouviu a mãe a dizer: "Adeus filho, diz adeus aos teus irmãos, porque o senhor vai-te levar, para fazer chouriço, banha,...". Então o porquinho acordou e pensava que era real e então...

Noite (10)

... fugiu e depois...

Buraco (16)

... o porquinho ia a correr e encontrou uma poça de água e foi-se lá esconder até ao amanhecer.

Preferências/Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Sonho Mãe (12)		mãe
Mamada 2 (15)		porquinha filha
Ninhada (11)		porquinho que está a espreitar- a mãe deixava-o ficar acordado até tarde a ver os outros animais a adormecer
Beijo (2)		mãe
Mamada 1 (14)		porquinha
Cabra (5)		porquinha
Batalha (3)		mãe
Hesitação (7)		pai
Gamela (1)		porquinho
Buraco (16)		porquinha
	Ganso (8)- o ganso está a morder a cauda ao porquinho	irmão
	Lamaceiro (9)- estavam a fazer marotices à mãe	porquinho lavado
	Partida (6)- a porquinha tava cansada	porquinha
	Sonho Pai (13)- a mãe tava a despedir-se do filho e o porquinho no sonho pensava que estava triste	mãe
	Carroça (4)- iam transformar o porquinho em comida para nós	mãe porca
	Noite (10)- porquinho estava assustado porque parecia que iam levá-lo e ele fugiu	porco grande

Fada

Os desejos foram:

- Haver sempre paz no mundo e nunca haver guerras

- Ser uma princesa
- Ser imortal, para viver sempre, para se houvesse algum problema dizer que, em vez de matarem outra pessoa, me matarem, porque eu não morria e a pessoa podia salvar a vida.

Nota: a mãe da Isabel referiu que a filha diz algumas vezes, que gostava de ser princesa, e que isto acontece desde o primeiro momento de observação, quando no cartão "fada", um dos desejos que pediu foi esse.

ANEXO 7

Isabel- Interpretação do teste projectivo Patte Noire

Frontespício:

Segundo Corman (1961), no cartão frontespício, "as leis gerais da personalidade infantil impõem uma constelação familiar". Assim, a criança identificar-se-á ao PN e verá os porquinhos como irmãos deste, a porca grande como a mãe e o porco grande como o pai. A Isabel construiu uma família. De início fez a inversão das figuras parentais, uma vez que identificou a porca como sendo o pai, mas rapidamente emendou dizendo: "não, é a mãe porque tem maminhas".

Relativamente à caracterização do PN, a Isabel atribuiu-lhe o sexo feminino, justificando-o pelo "emparelhamento das manchas", ou seja, "é menina porque tem uma mancha como a mãe". A idade atribuída ao PN é inferior à sua o que, segundo Corman (1961), aponta para uma tendência regressiva, que resulta do desejo da criança de reencontrar o "paraíso perdido" da sua infância. A diferença de idades entre os membros da fratria é pequena: o PN (ao qual a criança se identifica) é apenas 1 mês mais velho que os irmãos.

Relação fraterna:

* Batalha (3)

Esta prancha reenvia para a agressividade directa nas relações fraternas, a qual, aparentemente, não é dada pela Isabel, que colocou os porquinhos num contexto lúdico. Contudo, a intervenção dos pais face a esse contexto ("*Parém que está na hora de beberem água*"), parece fazer pressupôr algum conflito entre os irmãos, que não é dado directamente pela criança, talvez por a agressividade entre irmãos lhe suscitar alguma culpabilidade.

* Carroça (4)

Reenvia para a agressividade mortal na rivalidade fraterna e/ou angústia de separação nas relações familiares. De início, a situação é vivida como um sonho, no qual a criança separa o irmão da família, surgindo depois agressividade mortal na relação fraterna, pois o irmão porquinho vai servir para "*fazer chouriço e banha*". À

figura materna (a quem a Isabel se identificou) não foram atribuídos sentimentos de tristeza pela separação e morte do filho. Antes pelo contrário, parece haver alguma indiferença face ao trágico destino do porquinho: *“Adeus filho, diz adeus aos teus irmãos, porque o senhor vai-te levar, para fazer chouriço, banha,...”*. Contudo, surgiu alguma culpabilidade e receio de destruição própria na rivalidade fraterna, de tal forma que o PN acorda e ao pensar que o seu sonho afinal era realidade, foge para se proteger. Este cartão foi colocado pela Isabel nas escolhas negativas.

* Hesitação (7)

Na história elaborada pela Isabel, parece estar presente a frustração face à fratria, ainda que esta seja dada de uma forma muito subtil. Ou seja, a porquinha (PN) não quer ir beber água o que, dado o desenho, poderemos inferir que ela não quer ir para perto do pai (o que é aceite pela mãe- *“Então não bebas água”*), mas talvez para perto da mãe. Contudo, há um irmão que lhe tira o lugar de maior proximidade com esta, quando pede à mãe para beber o leite dela e ela aceita. É como se a porquinha ficasse afastada dos pais em detrimento dos irmãos.

* Ganso (8)

Nesta prancha, que reenvia para a agressividade contra um irmão, a Isabel identificou-se ao porquinho que teve um papel de salvador indirecto do irmão, recorrendo à figura materna para o ajudar. Este cartão foi uma escolha negativa, o que parece indicar que, o ataque directo à figura fraterna é angustiante para ela.

* Ninhada (11)

Este cartão reenvia para a agressividade fraterna relacionada com o nascimento. A Isabel identifica os porquinhos que estão a espreitar a relação mãe-bébés como sendo vizinhos, não fazendo pois parte daquela família, talvez pela dificuldades que a criança sente face à relação de grande proximidade existente entre a mãe e os seus bebés. Contudo, a identificação é feita a um dos porquinhos que está a espreitar, porque *“a mãe o deixava ficar acordado até tarde a ver os outros animais a adormecer”*. Ou seja, esse porquinho apesar de não mamar, tem outras compensações, atribuídas aos mais crescidos- ficar acordado até mais tarde.

* Mamada 2 (15)

Esta prancha reenvia para a relação dual privilegiada com a mãe num contexto de rivalidade fraterna, o que está presente nesta história, quando a Isabel diz: *“E depois*

acordou (a porquinha à qual se identificou) e foi logo para o pé da mãe para ser o primeiro a mamar o leitinho da mãe porca”.

Relação com as imagos parentais:

* Gamela (1)

Na história construída pela Isabel a agressividade contra as imagos parentais não está expressa.

* Beijo (2)

Esta prancha suscita a inveja edipiana, a qual não aparece expressa na história da Isabel, que apenas referiu *que “os pais estavam aos beijinhos”*, sem expressar os seus sentimentos em relação a isso. Contudo, a identificação foi feita à mãe, como se a criança quisesse tomar o lugar desta na relação do casal parental.

* Noite (10)

Neste cartão, a Isabel não deu o conteúdo latente, ou seja, a curiosidade sexual num contexto de relação parental nocturna. Contudo, essa relação poderá ter sido angustiante para ela, de tal forma que não construiu uma história, tendo-a utilizado apenas para completar a história da prancha 4- Carroça. Por outro lado, este cartão fez parte das escolhas negativas, porque *“o porquinho estava assustado porque parecia que iam levá-lo e ele fugiu”*.

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

O conteúdo latente deste cartão está intimamente relacionado com a figura materna de substituição, a qual foi sentida como gratificante pela Isabel: *“Ele bebeu e gostou do leite da cabra”*.

* Sonho Mãe (12)

Nesta prancha que reenvia para a imagem materna ideal, a Isabel identificou-se à mãe, mostrando o seu desejo de ser como ela, assim como de, tal como a mãe, ter dois filhos: *“queria ser como a mãe e dar dois filhinhos”*.

* Mamada 1 (14)

A mãe foi sentida como protectora e gratificante pela criança, numa prancha que está relacionada com a relação dual privilegiada com a figura materna (sob o modo oral).

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Este cartão reenvia para a agressividade, essencialmente de carácter anal, para com a figura paterna. A Isabel deu-a, mas dirigida à figura materna, o que suscitou repreensão desta, assim como culpabilidade da criança, que a colocou nas escolhas negativas porque “*estavam a fazer marotices à mãe*”.

* Sonho Pai (13)

Na prancha que suscita a imagem paterna ideal, a Isabel identificou o porco como sendo a mãe, havendo, mais uma vez, uma identificação a esta.

Abandono-Solidão:

* Partida (6)

A Isabel não deu o conteúdo latente desta prancha, ou seja, a fantasmática de abandono num contexto de dependência-independência, continuando a história iniciada na prancha 5- Cabra. Assim, a mãe mostrou desagrado por a porquinha ter sentido a cabra como gratificante, parecendo que o tema da mãe substituta gratificante foi sentido com alguma culpa pela criança.

* Buraco (16)

A situação de solidão nocturna não foi sentida como angustiante pela Isabel, a qual se identificou à porquinha que encontrou nessa situação uma forma de se proteger de ir para o matadouro (como está implícito na história iniciada na prancha 4- Carroça). Ou seja, a Isabel apresenta movimentos de independência face às figuras parentais.

Fada:

Corman (1961) considera que ao projectar-se no PN, a criança atribuí-lhe os seus próprios desejos. Nos desejos expressos pela Isabel, destaca-se o desejo de imortalidade (no sentido de salvar outras pessoas) e o de ser uma princesa, que a mãe disse ser referido algumas vezes pela Isabel, desde o 1º momento de observação (gravidez do irmão), o que nos poderá levar a pensar que esse desejo possa estar relacionado com a maior necessidade que a Isabel sentiu, a partir da gravidez do irmão, de receber mais atenção e ser amada por todos, pois as princesas das histórias infantis têm muitas qualidades que agradam aqueles que as rodeia, recebendo muito amor dos pais.

ANEXO 8

Isabel- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

Mãe- figura nº15

Pai- figura nº 8

Irmão- figura nº 5

Isabel-figura nº 21

Cartões atribuídos à mãe:

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 3- Esta pessoa da minha família é muito educada
- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal vista
- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 17- Eu gosto de dar um abraço a esta pessoa da minha família
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
- 40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 90- Esta é a pessoa da minha que o pai acha mais simpática
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família

* o cartão 93, a Isabel disse que não sabia em quem colocar, pois o pai passava tempo com os três (mãe, ela e irmão), dependia da hora a que chegavam a casa; para decidir fez "um dó li tá....", que não chegou ao fim, acabando por pôr o cartão na mãe.

Cartões atribuídos ao pai:

- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 16- Gosto que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito
- 35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 95- Esta é a pessoa da minha família que a minha mãe acha mais simpática
- 98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos ao irmão:

- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
- 22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 61- Esta pessoa da minha família gosta de me provocar
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece

brincar com ela

- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me muito triste
- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- 83- A mãe preocupa-se que esta pessoa da minha família se magoe
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro
- 94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta

* a Isabel disse que podia colocar os cartões 80 e 83 no irmão ou nela. Fez então "um dó li tá...", mas sem chegar ao fim, acabando por pôr no irmão, como se tivesse sido neste que tinha saído à sorte.

Cartões atribuídos a si própria:

- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- 7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia
- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção que aos outros
- 20- Esta pessoa da minha família é um bocado rabugenta
- 25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
- 26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada
- 81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer
- 82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada
- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família
- 91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família
- 99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

Cartões atribuídos ao "Zé Ninguém":

- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
- 36- Por vezes paetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando estou em dificuldades
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim
- 86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos
- 87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente

ANEXO 9

Isabel- Análise do Teste das Relações Familiares

As figuras do teste escolhidas pela Isabel para representar a sua família, correspondem, de alguma forma, a esta, quer no sexo, quer na idade (dá a diferença de gerações). A figura que a representa tem as configurações de uma jovem, enquanto que a que representa o irmão é a de uma criança do sexo masculino, adequada à idade deste.

No quadro seguinte encontra-se o número de itens que a criança atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
sentimentos enviados positivos:					
fracos	5	0	3	2	0
fortes	3	2	1	2	0
SOMA S. +	8	2	4	4	0
sentimentos enviados negativos:					
fracos	1	3	2	3	1
fortes	0	2	1	0	5
SOMA S. -	1	5	3	3	6
sentimentos recebidos positivos:					
fracos	3	2	2	0	1
fortes	1	2	3	1	1
SOMA S. +	4	4	5	1	2
sentimentos recebidos negativos:					
fracos	1	1	2	1	2
fortes	0	0	3	0	6

SOMA S. -	1	1	5	1	8
TOTAL de ENVOLVIMENTO	14	12	17	9	16

Nota: Os sentimentos enviados são aqueles que vêm da criança e que fazem dela uma pessoa amorosa, ambivalente ou hostil. Os sentimentos recebidos pelas crianças dependem da sua experiência de vida e do seu sistema de defesas. Estes confrontam duas realidades: a realidade "emocional" que as pessoas têm em relação a ela e a "psíquica" das emoções percebidas que a criança quer ou necessita. Os sentimentos que a criança tem em relação aos outros estão muito relacionados com os sentimentos que ela acredita que os outros têm em relação a si (Bene e Anthony, 1957).

Com base no quadro acima apresentado verifica-se pois, que relativamente ao total de envolvimento que a criança tem com cada membro da sua família (o total de envolvimento é dado pelo número total de itens que a criança atribui a cada membro da família), estes podem ser ordenados da seguinte forma:

- 1º- Irmão (17 pontos)
- 2º- Mãe (14 pontos)
- 3º- Pai (12 pontos)
- 4º- Criança (9 pontos)

O "Zé Ninguém" recebeu 16 pontos (quase tantos como o irmão que na ordenação ficou em primeiro lugar), o que está relacionado com as defesas utilizadas pela criança, colocando nele itens que não foram sentidos como adequados, ou que foram difíceis para a criança colocar num membro da sua família, principalmente sentimentos enviados negativos. Por exemplo, itens enviados negativos fortes, como sejam, os itens 30- *Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família*, 31- *Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse*, 32- *Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*; itens de carácter negativo, relacionados com o bater, o meter medo. De salientar o item 46- *Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem*, como se a Isabel se sentisse incompreendida por todas as pessoas da sua família.

Tendo em conta o número de itens de sentimentos positivos e negativos enviados e recebidos pela criança, pode-se dizer que:

- principal objecto de amor- mãe
- principal fonte de amor- irmão
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Pai (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, o pai será o principal objecto de hostilidade)
- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Irmão (da mesma forma, o irmão será a principal fonte de hostilidade)

Verifica-se pois, que a figura fraterna aparece, simultaneamente, como principal fonte de amor e de hostilidade.

O quadro seguinte permite analisar a discrepância entre sentimentos positivos/negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
enviados +	8	2	4	4	0
recebidos +	4	4	5	1	2
enviados -	1	5	3	3	6
recebidos-	1	1	5	1	8

Relativamente aos sentimentos enviados pela criança, vamos analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes (a ambivalência surge quando os itens positivos são menos do dobro dos negativos ou vice versa). Assim temos que:

- membro que recebe principalmente sentimentos positivos:
 - Mãe (8 positivos/ 1 negativo)
- membros que recebem principalmente sentimentos negativos:
 - Zé Ninguém (0 positivos/ 6 negativos)- forma de defesa
 - Pai (2 positivos/ 5 negativos)
- membros que recebem sentimentos ambivalentes:
 - Irmão (4 positivos/ 3 negativos)
 - Criança (4 positivos/ 3 negativos)

No que se refere aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membros de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Mãe (4 positivos/ 1 negativo)

- Pai (4 positivos/ 1 negativo)

- membro de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (2 positivos/ 8 negativos)- forma de defesa

- membros de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- Irmão (5 positivos/ 5 negativos)

- Criança (1 positivo/ 1 negativo)

Assim, no que se refere à discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família, verifica-se que:

* a criança envia mais sentimentos positivos à mãe do que recebe, sendo os negativos em igual (e baixa) proporção;

* são menos os sentimentos positivos enviados ao pai e são mais os recebidos do pai, enquanto que com os sentimentos negativos se verifica o inverso, ou seja, a criança envia mais sentimentos negativos ao pai do que recebe dele;

* a criança recebe mais sentimentos positivos ou negativos da figura fraterna do que aqueles que envia.

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super- protecção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
Super protecção materna	0	0	3	3	2
Sobre Indulgência materna	0	2	0	3	0
Sobre indulgência paterna	2	0	1	2	0

Conclui-se pois que, relativamente à super-proteccção materna esta se encontra igualmente distribuída por ambos os filhos, o mesmo não se passando com a sobre indulgência. Assim, a sobre indulgência materna é maior na criança (a mãe *preocupa-se que ela possa adoecer* (item 81), *ser atropelada* (item 82), *que lhe possa acontecer alguma coisa* (item 84), seguida do pai, não estando presente na fratria. A sobre-indulgência paterna está igualmente presente na criança e na mãe, sendo menor na fratria.

ANEXO 10

Isabel- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário:

- Quem são?

Filha- Carolina- 8A

Mãe- Joana- 38 A

Pai- Fernanado- 36A

Irmão- Joselito- 2M

- Onde estão e o que estão a fazer?

Estão em casa e o pai estava com o filho, eles estavam os dois a ver televisão. A mãe e a filha foram às compras, comprar roupa nova e material escolar, porque ia começar a escola.

- Qual é o mais simpático?

A filha, porque ela estava sempre com a mãe e quando o irmão fazia birras ou se metia com ela, ela ignorava-o, não lhe ligava.

- Qual é o menos simpático?

O pai, porque estava sempre a ralhar, se eles tocassem numa coisinha que não devem o pai ralhava sempre.

- Qual é o mais feliz?

O filho, porque gostava de todos e a mãe percebia que ele estava feliz.

-Qual é o mais triste?

A mãe, porque estava sempre com problemas no emprego, davam-lhe trabalhos que ela não queria e às vezes ela ficava triste.

- Qual preferes?

A filha porque ela é bonita, é a mais simpática e é boa aluna.

- Qual gostavas de ser?

A filha, pelas mesmas razões.

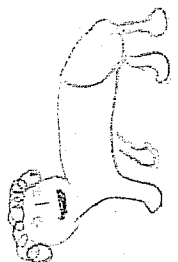
- Se a família quisesse ir passear, mas no carro só houvesse lugar para três pessoas, quem ficava em casa?

O pai, porque não se interessava muito pelos passeios e ficava em casa.

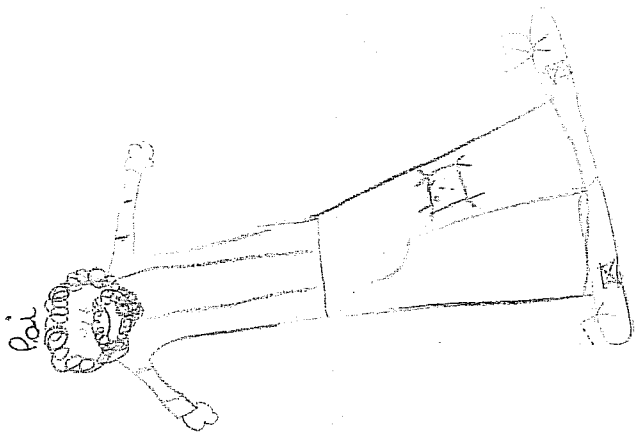
- Quem são as pessoas da tua família?

Os quatro cá em casa, os meus avós do meu pai, os meus avós da minha mãe, os meus tios e primos.

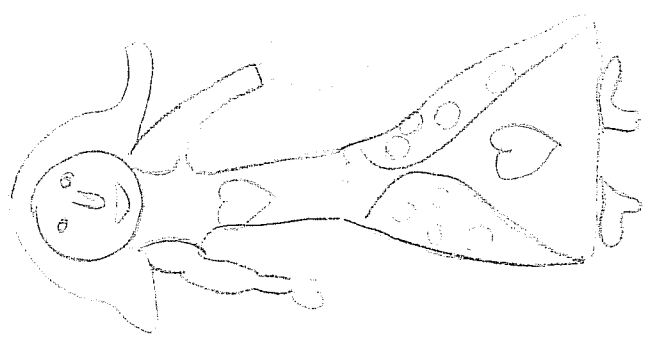
Filho



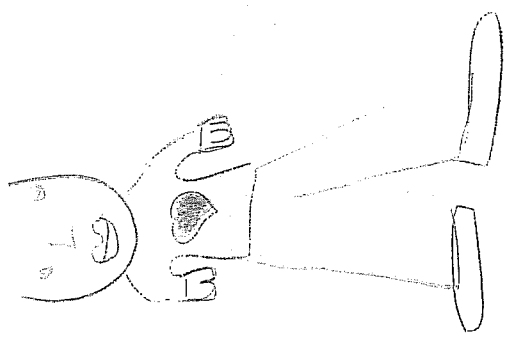
Pai



Mãe



Filha



68-4-98



ANEXO 11

Sara- Dados biográficos

Data de nascimento: 20 de Março de 1989

1ª Observação (criança e mãe)

Data: 1 de Dezembro de 1994

Criança

Idade: 5A 8M

Escolaridade: Pré-primária

Posição na fratria: Filha única

Mãe

Mês de gravidez: 7 meses e meio

2ª Observação (criança, mãe e irmã)

Data: 15 de Janeiro de 1995

Criança

Idade: 5A 10M

Irmã

Sexo: feminino

Data de nascimento: 13 de Dezembro de 1994

Idade: 1M 2D

3ª Observação (criança, pais e irmã)

Data: 1 de Maio de 1999

Criança:

Idade: 10A 1M

Escolaridade: a frequentar a 4ª classe

Família

Mãe

Idade: 37 anos

Profissão: Professora (ensino secundário)

Habilitações literárias: Licenciatura em Engenharia

* Pai

Idade: 37 anos

Profissão: Engenheiro

Habilitações literárias: Licenciatura em Engenharia

* Irmã

Idade- 4A 4M

Escolaridade- infantilário

Classificação social (Escala de Graffard)

Fonte de rendimento familiar- 3ª grau

Conforto do alojamento- grupo 2

Bairro habitado- grupo 3

Classe social- Classe II (10 pontos)

Sara- Protocolo do Teste Projectivo Patte Noire

Frontespício:

Porco grande branco- pai- 26A

Porca grande com mancha- mãe- 25A

PN- menino- 5A... não, este é menina, tem mancha como a mãe

Porquinho branco- menina- 3A... não, este é menino

Porquinho branco- menina- 2A... este também é menino

Ordem escolhida pela Sara para contar as histórias:

Ninhada (11)

Era a mãe a ter os filhinhos e a comer e estes a espreitarem, eram amigos ou primos.

Gamela (1)

Tavam aqui os dois pais e este estava a fazer xixi e estes estavam a dormir, aqui era a comida dos pais e era noite eles tavam a dormir, não, era de dia.

Lamaceiro (9)

Eles tavam a brincar na lama e atiraram lama para a cara do pai ou da mãe que estava aqui, este estava aqui a ver... aquele é o pai e acho que se zangou, disse para eles não fazerem isso, que o estavam a sujar todo.

Batalha (3)

Os pais tavam aqui e eles tavam a morder-se uns aos outros e estavam a zangar-se uns com os outros e eles não acharam graça e disseram para pararem e os porquinhos pararam.

Hesitação (7)

Aqui estavam eles a comer, os pais, este estava a mamar e o outro a olhar para eles... pensava: "Dão a todos menos a mim!"

Mamada 2 (15)

Este estava a mamar e os outros não tavam, porque já tinham comido e mamado.

Noite (10)

Quando os pais tavam a dormir, este estava acordado e estava a espreitar os pais,... se calhar queria fugir... se calhar pensava que os pais não gostavam dele porque davam mais maminhos às irmãs.

Carroça (4)

Ele tava a dormir e tava a sonhar que estavam a levar os porquinhos para eles comerem e então, era por isso que eles queriam fugir.

Mamada 1 (14)

Aqui estava ele a mamar nas maminhas da mãe... mais nada...

Partida (6)

Ele estava a sair, estava a passear,... tava a fugir porque pensava que iam levar eles.

Ganso (8)

Ele... tava aqui um porquinho a fugir e o pato tava a agarrar o rabinho dele, ele tava a chorar e o outro tava a ver... ia chamar os pais para o irem buscar.

Buraco (16)

O porquinho caiu dentro da lama, estava a fugir e tinha caído para dentro da lama, tinha escorregado e depois aqui ia... fugir.

Cabra (5)

Depois ele tava... quando não tinha leite tava a mamar no coiso da cabra, ele não gostava do leite, porque não era da mãe dele.

Sonho Mãe (12)

Ele foi dormir e sonhou com a mãe, que a mãe tava lá ao pé dele a ver ele e a dar maminhos.

Sonho Pai (13)

Tava lá o pai também a dar-lhe maminhos, ao pé dele a acariciá-lo.

Beijo (2)

Depois aqui encontrou um namorado e tava-lhe a dar um beijinho.

Preferências/ Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Ninhada (11)		os senhores que tavam a tratar deles
Gamela (1)		porquinhos brancos
Batalha (3)		este porquinhos porque não tava a fazer maldades
Hesitação (7)		porquinho a mamar
Mamada 2 (15)		porquinho a mamar
Noite (10)		porquinho
Mamada 1 (14)		porquinho a mamar
Partida (6)		porquinho
Buraco (16)		porquinho
Cabra (5)		cabra porque tava a dar o leitinho a ele
Sonho Mãe (12)		porquinho
Sonho Pai (13)		porquinho
Beijo (2)		porca
	Lamaceiro (9)- tavam a fazer maldades	porquinho a ver
	Carroça (4)- tavam a levar os porquinhos	porquinho a sonhar
	Ganso (8)- pato está a puxá-lo	porquinho escondido

Fada

Os desejos foram:

- Gostava de ter uma casa muito grande, com piscina para vivermos eu e a minha prima
- Que fossemos imortais, para não morrermos
- Ter tudo o que eu queria... brinquedos

Sara- Interpretação do teste projectivo Patte Noire

Frontespício:

A Sara constituiu uma família, da qual fazem parte a mãe, o pai e três irmãos (uma menina e dois meninos). Em relação a estes, houve alguma hesitação na definição do género. De início, a Sara atribuiu ao PN o sexo masculino, mas depressa emendou, dizendo ser uma menina, porque *“tem mancha como a mãe”* (identificação pelo emparelhamento das manchas). Em relação aos porquinhos brancos, aconteceu o inverso, ou seja, primeiro identificou-os como sendo meninas, para depois passarem a ser meninos (na maior parte das histórias, houve uma nova inversão).

Ao PN, a Sara atribuiu uma idade inferior à sua (5 anos), o que reenvia para uma tendência regressiva, o desejo de reencontrar o “paraíso perdido da sua infância” (Corman, 1961), ou seja, quando a Sara era filha única.

Relação fraterna:

* Batalha (3)

A Sara deu o conteúdo latente desta prancha, ou seja, a agressividade directa nas relações fraternas: *“estavam a morder-se uns aos outros e estavam a zangar-se uns com os outros”*. Contudo, esta situação de conflito da fratria foi censurada pelas figuras parentais (*“os pais (...) não acharam graça e disseram para pararem e os porquinhos pararam”*), logo censurada pela Sara, tendo-se então identificado aos porquinhos que se encontravam afastados do conflito.

* Carroça (4)

Esta prancha reenvia para a angústia de separação e para a agressividade nas relações familiares. Na história da Sara, a qual é dada em forma de sonho (devido à angústia suscitada pela prancha), verifica-se a fantasia de morte da fratria, assim como o receio de destruição, de morte própria na rivalidade fraterna: *“...a levar os porquinhos (nos quais está incluída) para eles (homens) comerem”*. Esta prancha aparece colocada nas escolhas negativas, sendo mais um sinal da angústia que suscitou na criança.

Hesitação (7)

Nesta prancha a Sara evidenciou inveja da fratria, assim como um forte sentimento de exclusão da relação com os pais: "*Dão a todos menos a mim!*". A identificação foi feita ao porquinho que está a mamar, o que demonstra o desejo da criança de proximidade com a figura materna.

* Ganso (8)

Nesta prancha, que reenvia para a agressividade contra um irmão, surgiram impulsos de salvação indirecta do elemento fraterno atacado: "*...o outro (...) ia chamar os pais para o irem buscar*". A identificação foi feita ao porquinho que teve o papel de "salvador" (ainda que indirecto) da figura fraterna. Esta prancha encontra-se no grupo das escolhas negativas, o que poderá evidenciar que, a agressividade e punição da figura fraterna é, de alguma forma, sentida pela criança como angustiante. Poderá ainda estar relacionado com o facto do estímulo suscitar sentimentos de ameaça e medo de castração, uma vez que, "*o outro (porquinho) tava a ver*", podendo também ser castigado.

* Ninhada (11)

Esta prancha foi a primeira a ser escolhida pela Sara: o seu conteúdo latente é a agressividade na relação fraterna relacionada com o nascimento. O facto desta ter sido a primeira prancha escolhida, poderá indicar que, o nascimento da irmã foi fortemente sentido pela Sara. Dá os porquinhos que estão a ver a mãe a dar de mamar aos bebés, como sendo amigos ou primos (tentativa de se afastar do conflito), o que é reforçado na identificação que faz aos "*senhores que tavam a tratar deles*".

* Mamada 2 (15)

Esta prancha reenvia para a relação dual privilegiada com a mãe, num contexto de relação fraterna. Nesta história não aparece inveja da fratria na relação com a mãe, mas um sentimento de partilha: "*estes tavam a mamar e os outros não tavam, porque já tinham comido e mamado*". Mesmo assim, identificou-se ao porquinho a mamar.

Relação com as imagos parentais:

* Gamela (1)

Na história contada pela Sara esteve presente a agressividade de carácter anal contra as figuras parentais, ainda que não tenha sido expressa claramente: "*...este*

estava a fazer xixi (...) era a comida dos pais". A identificação foi feita a um dos porquinhos brancos, talvez por a identificação ao PN ser culpabilizante para a criança.

* Beijo (2)

É uma prancha que suscita a inveja edipiana, a qual não esteve presente na história elaborada pela Sara. Ela não deu as figuras parentais, mas sim a porca (PN) (à qual se identificou) que "*encontrou um namorado e tava-lhe a dar beijinhos*". Ou seja, projecta-se a ela no futuro, a ter uma relação como aquela que os pais têm.

* Noite (10)

Reenvia para a curiosidade sexual num contexto nocturno de relação parental. A Sara fez referência ao casal parental, colocando o porquinho (ao qual se identificou) a espreitar os pais. Face ao que o porquinho terá visto e que foi sentido como angustiante pela Sara, o porquinho "*se calhar queria fugir*", surgindo aqui inveja fraterna na relação com os pais: "*se calhar pensava que os pais não gostavam dele porque davam mais miminhos às irmãs*".

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

Nesta prancha, que reenvia para a figura materna de substituição, esta não foi sentida como gratificante: "*ele não gostava do leite, porque não era da mãe dele*".

* Sonho Mãe (12)

Nesta prancha, que suscita a imagem materna ideal, a Sara construiu uma história, na qual a figura materna aparece como protectora ("*tava lá ao pé dele a ver ele*") e gratificante ("*e a dar miminhos*"). A identificação foi feita ao porquinho.

* Mamada 1 (14)

Nesta prancha, que reenvia para a relação privilegiada com a figura materna, a Sara apenas deu o conteúdo manifesto da prancha, não evidenciando os seus sentimentos face ao facto de o porquinho estar "*a mamar nas maminhas da mãe*".

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Reenvia para a agressividade, essencialmente de carácter anal, para com a figura paterna. Na história elaborada pela Sara, a hostilidade com a figura paterna é dada (ainda que de início tenha havido alguma hesitação quanto à identificação do

orco- pai ou mãe?), aparecendo a agressividade, de certa forma desculpabilizada, não só porque a criança se identificou a um porquinho que apenas estava a assistir, como também porque colocou esta prancha nas escolhas negativas porque *"tavam a fazer maldades"*.

Sonho Pai (13)

Numa prancha cujo conteúdo latente é a imagem paterna ideal, a figura paterna aparece como gratificante e amorosa: *"... o pai a dar-lhe miminhos, ao pé dele a acariciá-lo"*. A identificação foi feita ao porquinho.

Abandono-Solidão:

* Partida (6)

Reenvia para a fantasmática de abandono num contexto de dependência-independência. A Sara começou por dar uma situação em que são visíveis movimentos de independência (*"estava a sair, estava a passear"*), os quais originaram alguma angústia, tendo o passeio sido transformado numa fuga: *"tava a fugir porque pensava que iam levar eles"*. Parece pois que, os movimentos de independência em relação às figuras parentais são ainda angustiantes para a criança.

* Buraco (16)

Nesta prancha, que reenvia para a fantasmática de abandono num contexto de solidão nocturna, surgiu novamente o tema da fuga, a qual encontrou alguns obstáculos *"... estava a fugir e tinha caído para dentro da lama"*, mas da qual o porquinho (ao qual a identificação foi feita) não desistiu. É como se ainda que sozinho, o porquinho conseguisse fazer face às adversidades.

Fada

Segundo o autor do teste, os desejos que a criança atribui ao PN reenviam para os seus próprios desejos. Um dos desejos que a Sara pediu foi *"ter uma casa muito grande, com piscina para vivermos eu e a minha prima"*. Neste desejo é visível, por um lado, movimentos de autonomia e de independência face às figuras parentais, por outro, exclusão das figuras parentais e da fratria.

Sara- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

Mãe- figura nº6

Pai- figura nº 9

Irmã- figura nº 18

Sara-figura nº 21

Cartões atribuídos à mãe:

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada
- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal visto
- (6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito)
- (7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia)
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção do que aos outros
- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão
- 29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes zangado
- 40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo

- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa
- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- (91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- 91- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- (94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta)

Cartões atribuídos ao pai:

- (6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito)
- (7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia)
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
- 17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos à irmã:

- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- (6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito)
- (7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia)
- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família
- 22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer

- 5- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
- 3- Por vezes até me apetece bater a esta pessoa da minha família
- 5- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 31- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar
- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- (81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer)
- (82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada)
- 83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe
- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro
- 86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com miúdos brutos
- (87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente)
- (91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- (94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta)
- (94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta)
- (96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- (97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família)

Cartões atribuídos a si própria:

- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- (6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito)
- (7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia)
- (81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer)
- (82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada)
- (87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente)

- 0- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra
- 91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família)
- 94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta)
- 95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra
- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família)

Cartões atribuídos ao Zé Ninguém:

- (6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito)
- (7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia)
- 16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabugenta
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou com dificuldades
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim

- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim
- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- (81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer)
- (82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada)
- (87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente)
- (91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- (92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família)
- (94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta)
- 95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra
- (96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família)
- (97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família)
- (99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta)

* A Sara colocou no Zé Ninguém alguns cartões que eram dirigidos a mais de um membro da família e que não conseguiu escolher para qual estavam mais adequados. São eles:

- 6 e 7- para a mãe, pai, irmã e Sara
- 91 e 94- para a mãe, irmã e Sara
- 81, 82, 87, 92, 96 e 97- para a irmã e para a Sara
- 99- para a irmã, pai e Sara

Sara- Análise do Teste das Relações Familiares

Em relação às figuras do teste escolhidas pela Sara para representar a sua família, verifica-se que, para a irmã, escolheu um desenho de uma criança muito mais nova que ela (um bebé). As características físicas das figuras que a Sara escolheu para a representarem a ela e à mãe são muito idênticas, sendo a figura que representa a Sara relativamente maior do que a que representa a mãe.

No quadro seguinte encontra-se o número de itens que a Sara atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

Nota: Em relação a alguns itens, a Sara teve dificuldade em colocá-los apenas numa pessoa, pelo que, face à sua indecisão, colocou-os no Zé Ninguém, mas mencionando sempre em que pessoas gostaria de os ter colocado. Assim, na análise dos itens, eles serão atribuídos a essas pessoas e não ao Zé Ninguém.

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
sentimentos enviados positivos:					
fracos	5	2	5	4	0
fortes	3	3	1	0	1
SOMA S. +	8	5	6	4	1
sentimentos enviados negativos:					
fracos	3	1	2	0	4
fortes	1	0	3	0	4
SOMA S. -	4	1	5	0	8
sentimentos recebidos positivos:					
fracos	4	2	0	0	2
fortes	5	2	0	0	1
SOMA S. +	9	4	0	0	3

sentimentos recebidos negativos:					
fracos	1	0	2	0	2
fortes	0	0	0	0	7
SOMA S. -	1	0	2	0	9
TOTAL de ENVOLVIMENTO	22	10	13	4	21

Com base nos resultados apresentados neste quadro, relativamente ao total de envolvimento que a criança tem com cada membro da sua família, estes podem ser ordenados da seguinte forma:

- 1º- Mãe (22 pontos)
- 2º- Irmã (13 pontos)
- 3º- Pai (10 pontos)
- 4º- Criança (4 pontos)

O "Zé Ninguém" recebeu 21 pontos (quase igualando a mãe que na ordenação ficou em primeiro lugar), o que está relacionado com as defesas utilizadas pela criança. Por exemplo, colocou nele itens que não conseguiu atribuir aos membros da sua família. Por exemplo, os itens 30- *Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família*, 31- *Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse*, 32- *Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*. De salientar o facto de no Zé Ninguém a Sara ter colocado o item 46- *Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem*, como se a Sara se sentisse pouco compreendida pela sua família.

Tendo em conta o número de itens de sentimentos positivos e negativos enviados e recebidos pela criança, pode-se dizer que:

- principal objecto de amor- mãe
- principal fonte de amor- mãe
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, a irmã será o principal objecto de hostilidade)

- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã (da mesma forma, a irmã será a principal fonte de hostilidade)

Verifica-se pois, que a figura fraterna aparece como principal objecto e fonte de hostilidade, enquanto que a figura materna aparece como principal objecto e fonte de amor.

O quadro seguinte permite analisar a discrepância entre sentimentos positivos/negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
enviados +	8	5	6	4	1
recebidos +	9	4	0	0	3
enviados -	4	1	5	0	8
recebidos-	1	0	2	0	9

Relativamente aos sentimentos enviados pela criança, vamos analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes. Assim temos que:

- membros que recebem principalmente sentimentos positivos:

- Mãe (8 positivo/ 4 negativo)
- Pai (5 positivos/ 1 negativo)
- Criança (4 positivos/ 0 negativos)

- membro que recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (1 positivos/ 8 negativos)- forma de defesa

- membro que recebe sentimentos ambivalentes:

- Irmã (6 positivos/ 5 negativos)

No que se refere aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membros de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Mãe (9 positivos/ 1 negativo)
- Pai (4 positivos/ 0 negativo)

- membros de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (3 positivos/ 9 negativos)- forma de defesa
- irmã (0 positivos/ 2 negativos)

- membros de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- não existem

Assim, no que se refere à discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família, verifica-se que:

- * a criança recebe mais sentimentos positivos da mãe do que aqueles que envia (ainda que a diferença seja mínima), e envia mais sentimentos negativos do que recebe;
- * a criança envia mais sentimentos positivos ao pai do que recebe (embora a diferença não seja significativa)
- * a criança envia mais sentimentos positivos e negativos para a figura fraterna do que aqueles que recebe desta (de salientar que da figura fraterna não recebe sentimentos positivos, mas apenas negativos).

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super-proteção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
Super proteção materna	0	0	7	3	1
Sobre Indulgência materna	0	2	3	3	1
Sobre indulgência paterna	3	0	3	4	1

Verifica-se que, a super-proteção materna é sentida pela Sara como sendo maior para a irmã do que para ela. Em relação à sobre-indulgência materna esta está igualmente distribuída pelas irmãs. A sobre-indulgência paterna é maior na criança, do que na irmã e na mãe.

ANEXO 16

Sara- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário:

- Quem são?

Mãe- 31A

Mana- 2A

Eu- 6 A

Pai- 32A

- Onde estão e o que estão a fazer?

Tão todos juntos a tirar uma fotografia, para recordarem.

- Qual é o mais simpático?

A mãe e o pai, porque...

- Qual é o menos simpático?

Ninguém,... é o Zé Ninguém.

- Qual é o mais feliz?

Agora neste momento é o meu pai e a minha mãe, o meu pai porque está a trabalhar por conta própria, a minha mãe porque tá a trabalhar.

- Qual é o menos feliz?

Ninguém.

- Qual gostavas de ser?

Eu.

- Qual preferes?

A mana, a mãe e o pai.

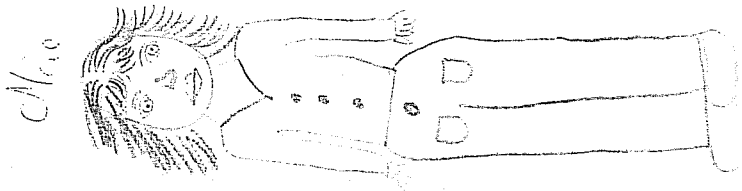
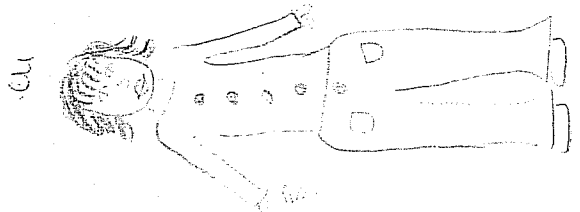
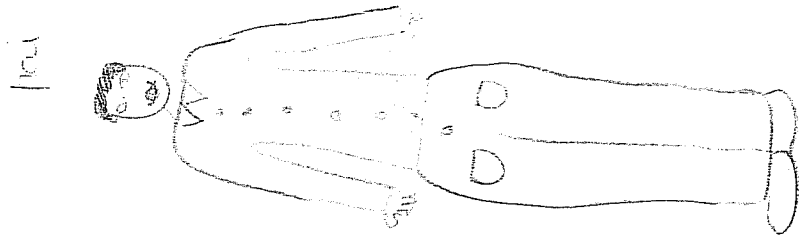
- Se a família quisesse ir passear, mas no carro só houvesse lugar para três pessoas, quem ficava em casa?

Ninguém ou ficávamos todos.

- Quem são as pessoas da tua família?

A mãe, o pai, eu, a mana, avós e primos,... os da mãe vivem longe, mas os do pai vivem aqui perto, por isso nós vemos mais.

Familia



ANEXO 17

Mónica- Dados biográficos

Data de nascimento: 9 de Abril de 1989

1ª Observação (criança e mãe)

Data: 30 de Novembro de 1994

Criança

Idade: 5A 7M

Escolaridade: em casa com a mãe

Posição na fratria: 2ª filha (tem uma irmã dois anos mais velha)

Mãe

Mês de gravidez- 9M

2ª Observação (criança, mãe e irmãs)

Data: 4 de Janeiro de 1995

Criança

Idade: 5A 9M

Irmã

Sexo: feminino

Data de nascimento: 1 de Dezembro de 1994

Idade: 1M 3D

3ª observação (criança, pais e irmãs)

Data: 24 de Maio de 1999

Criança

Idade: 10A 1M

Escolaridade: a frequentar a 4ª classe

Família

* Mãe

Idade- 41 anos

Profissão- Empresária

Habilitações Literárias- Licenciatura em Farmácia

* Pai

Idade- 35 anos

Profissão- Empresário

Habilitações Literárias- 12º ano

* Irmãs

Irmã mais velha: 12A

Escolaridade: 7º ano

Irmã mais nova:

Idade: 4A 7M

Escolaridade: infantário

Classificação Social (Escala de Graffard)

Fonte de rendimento- 3º grau

Conforto do alojamento- grupo 2

Bairro habitado- grupo 2

Classe Social- Classe II (10 pontos)

ANEXO 18

Mónica- Protocolo do Teste Projectivo Patte Noire

Frontespício

Porca grande com mancha- pai- 26 anos

Porco grande branco- mãe- 24 anos

Porquinho com mancha (PN)- filho- 5 anos

Porquinho branco- filha- 4 anos

Porquinho branco- filha- 7 anos

Ordem das pranchas escolhida pela Mónica para contar as histórias:

Mamada 1 (14)

A mãe dos porquinhos estava a dar leite a um dos porquinhos.

Batalha (3)

Os pais estão a correr, um está a morder a perna ao outro e o outro está-lhe a morder na orelha, e este está a fugir, porque não quer entrar na luta para não se magoar... vai fugir para o pé dos pais.

Sonho Mãe (12)

O porquinho tá a sonhar com a mãe... que a mãe tá-lhe a dar beijinhos.

Noite (10)

É noite, eles os filhos tão a dormir e um está em pé a ver os pais... a mãe tá deitada e o outro também está... não sei bem o que ele está a ver... tá a ver a lua.

Beijo (2)

Estes dois porquinhos tão a dar beijinhos na cara, este porquinho está a dar beijinhos na cara do outro e o outro está a subir ao muro... ia ter com os irmãos.

Hesitação (7)

A mãe e o filho tão a beber água, o outro tá a vir e o pai tá ali a brincar, não... é o filho que tá a brincar e o pai tá a ir beber água.

Cabra (5)

O filho enganou-se e foi beber leite na cabra... acho que ele não gostou, porque não é o leite da sua mãe.

Buraco (16)

Está noite e o porquinho está na água perdido, não sei, está perdido, se calhar tava a tomar banho e não viu que estava a ficar de noite.

Sonho Pai (13)

A mãe tá a sonhar com o pai. Se calhar o pai acordou durante a noite e... foi beber água.

Gamela (1)

Os pais estão a dormir e os filhos também e o outro está a fazer xixi na comida... é malandro!

Partida (6)

Um porquinho tá a passear para a casa dele, se calhar foi brincar com os amigos.

Ganso (8)

Agora, um pato... um porquinho tá a chorar porque um pato mordeu-lhe o rabo e então dói-lhe muito e o outro está a olhar... o pato tá zangado... este tá a olhar para o que tá a acontecer ao irmão.

Ninhada (11)

A mãe teve mais seis porquinhos e os senhores que cuidam deles tão a pôr comida e palha para ficarem confortáveis e os outros porquinhos já grandes, já um bocado grandinhos tão a espreitar os irmãos.

Mamada 2 (15)

E agora eles tão com inveja dos irmãos de estarem a mamar na mãe e estão a correr para a mãe.

Lamaceiro (9)

Agora a palha tá toda suja, tem água... é lama, tão-se a esfregar nela, só um é que não tá, tá a ver. Então o pai foi lá e ele tava a brincar e mandou-lhe lama para os olhos... o pai ficou zangado.

Carroça (4)

O porquinho tava a ter um sonho que o pai, a mãe e os outros bebés irmãos que tinham nascido e o homem foi pôr ele, os outros irmãos, os outros mais no... os dois...

foram... pronto, foram para cima da carruagem e já não viam os pais e os irmãos... iam para... não me lembro o nome... é os sítios para fazer chouriço e isso.

Preferências/ Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Mamada 1 (14)		menina
Batalha (3))		porquinho a fugir
Sonho Mãe (12)		porquinho a dormir
Noite (10)		porquinho a dormir
Beijo (2)		porquinho a subir ao muro
Hesitação (7)		porquinho a beber água
Cabra (5)		porquinho
Buraco (16)		porquinho
Sonho Pai (13)		porquinho
Gamela (1)		porquinho a dormir
Partida (6)		porquinho
Ganso (8)		porquinho a ver
Ninhada (11)		um dos porquinhos a mamar
Mamada 2 (15)		porquinho a mamar
Lamaceiro (9)		porquinho limpo
Carroça (4)		porquinho a subir para a carroça

Fada

Os desejos foram:

- Ter uma casa no Algarve
- Ter uma casa com piscina
- Ter um quarto só para mim, gosto de estar sozinha no quarto. Eu durmo com as minhas irmãs e às vezes o quarto está desarrumado e depois dizem que sou eu e às vezes não sou eu. Também gostava de ter as minhas coisas só, os meus bonecos.

ANEXO 19

Mónica- Interpretação do teste projectivo Patte Noire

Frontespício:

A Mónica construiu uma família, identificando os porcos grandes como os pais e os porquinhos como a fratria. Contudo, fez a inversão das figuras parentais, atribuindo ao porco grande o papel de mãe e à porca grande o de pai. Esta inversão presente no Frontespício, não se verificou em nenhuma das histórias narradas pela Mónica para as outras pranchas do teste.

Relativamente à caracterização do PN, a criança atribuiu-lhe o sexo oposto ao seu, o que, segundo Corman (1961), é frequente nas meninas. A idade atribuída ao PN foi inferior à sua, mostrando aqui tendências regressivas.

Relação com as figuras fraternas:

* Batalha (3)

Esta prancha reenvia para a agressividade directa nas relações fraternas. A Mónica construiu uma história, na qual esta agressividade está presente. Fez uma identificação ao porquinho que se encontra afastado do conflito, que "*não quer entrar na luta para não se magoar*" e que procura a protecção dos pais.

* Carroça (4)

A Mónica construiu uma história, em forma de sonho, na qual surgiu a fantasia de agressividade mortal da fratria ("*os irmãos iam para (...) os sítios para fazer chouriços e isso*"). Contudo, esta foi de tal forma sentida como culpabilizante e angustiante, que a criança teve dificuldade em expressar esta fantasia: "*o homem foi pôr os outros irmãos, os outros mais no... os dois... foram... pronto, foram para cima da carruagem*", assim como se identificou a um porquinho que também ia na carroça (fantasia de morte própria).

* Hesitação (7)

Nesta prancha, relacionada com a frustração e ambivalência na relação fraterna, a Mónica identificou-se ao porquinho que se encontra numa relação de maior proximidade com a figura materna.

* Ganso (8)

Reenvia para a agressividade contra um irmão. Nesta prancha, a Mónica identificou-se ao porquinho que *"está a olhar para o que tá a acontecer ao irmão"*, não apresentando impulsos de salvação da figura fraterna atacada.

* Ninhada (11)

Numa prancha que tem como conteúdo latente a agressividade fraterna relacionada com o nascimento, a Mónica identificou-se a um dos porquinhos bebés, mostrando, por um lado, que a relação com a mãe é sentida como gratificante e, por outro, que existe o desejo de ser bebé outra vez.

* Mamada 2 (15)

Esta prancha reenvia para a relação dual privilegiada com a mãe, num contexto de rivalidade fraterna. Esta rivalidade está bem presente na história da Mónica, a qual fez referência à inveja fraterna: *"E agora eles tão com inveja dos irmãos de estarem a mamar na mãe"*. Identificou-se ao PN que se encontra numa relação privilegiada e gratificante com a mãe.

Relação com as imagos parentais:

* Gamela (1)

A Mónica deu a agressividade de carácter anal contra as figuras parentais, mas por esta ser sentida com alguma culpa, identificou-se a um dos porquinhos que estavam a dormir, afastando-se assim do conflito.

* Beijo (2)

Nesta prancha, a criança não identificou os porcos presentes na prancha como sendo o casal parental, subentende-se que são irmãos numa atitude carinhosa. Afastou-se assim do conteúdo latente desta prancha, que reenvia para a inveja edipiana.

* Noite (10)

Na história narrada pela Mónica, a cena primitiva aparece como angustiante para ela, uma vez que *"um (porquinho) está em pé a ver os pais... a mãe tá deitada e o outro também está... não sei bem o que ele está a ver..."*. O que o porquinho estaria a ver seria de tal forma difícil para a criança, que o transformou: *"tá a ver a lua"*.

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

Reenvia para a figura materna substituta, a qual não foi sentida pela Mónica como gratificante: *“O filho enganou-se e foi beber leite na cabra... acho que ele não gostou, porque não é o leite da sua mãe”*.

* Sonho Mãe (12)

Numa prancha que reenvia para a imagem materna ideal, a Mónica deu a imagem de uma mãe carinhosa e próxima do filho.

* Mamada 1 (14)

Nesta prancha, que reenvia para a relação privilegiada com a figura materna, a Mónica identificou-se à porquinha que estava a mamar (mais uma vez, uma tendência regressiva), aquela que estava a ter a relação privilegiada com a figura materna, mostrando pois que a relação com esta é sentida como gratificante.

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Esta prancha está relacionada com a agressividade, essencialmente de carácter anal, dirigida à figura paterna. Na história da Mónica surgiram impulsos de natureza agressiva. Contudo, o ter-se identificado ao porquinho que se encontra afastado do conflito parece indicar que existe alguma culpabilidade pelos impulsos agressivos face à figura paterna (*“o pai ficou zangado”*).

* Sonho Pai (13)

Nesta prancha que reenvia para a imagem paterna ideal, a Mónica colocou a mãe a sonhar com o pai, mas depois transformou o sonho em *“o pai acordou durante a noite e ... foi beber água”*.

Abandono- Solidão:

* Partida (6)

Reenvia para a fantasmática de abandono num contexto de dependência-independência. Na história narrada pela Mónica, verifica-se uma tentativa de autonomia em relação às figuras parentais, a qual foi bem sucedida: *“um porquinho tá a passear para casa dele, se calhar foi brincar com os amigos”*.

* Buraco (16)

O conteúdo latente desta prancha está relacionado com a fantasmática de abandono num contexto nocturno, surgindo a fantasmática de morte. O tema de solidão nocturna encontra-se presente na história, na qual o *"porquinho está na água perdido (...) tava a tomar banho e não viu que estava a ficar de noite"*, mas não aparece como angustiante para a criança.

Fada

Os desejos que a criança pede para o PN reflectem os seus próprios desejos (Corman, 1961). O desejo expresso pela Mónica de *"ter um quarto só para mim, gosto de estar sozinha no meu quarto"*, reflecte o seu desejo de não ter que partilhar tudo com as irmãs- *"também gostava de ter as minhas coisas só, os meus brinquedos"*.

ANEXO 20

Mónica- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

Mãe- figura nº21

Pai- figura nº 11

Irmã mais velha- figura nº 4

Irmã mais nova- figura nº 17

Mónica-figura nº 10

Cartões atribuídos à mãe:

- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção do que aos outros
- 16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção
- 90- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra

91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família

94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta

Cartões atribuídos ao pai:

0- Esta pessoa da minha família é muito simpática

3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada

12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família

29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito

40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim

45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo

54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas

60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada

66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo

Cartões atribuídos à irmã mais velha:

23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se

26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão

35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família

44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar

47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer

61- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar

65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me

76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim

95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra

Cartões atribuídos à irmã mais nova:

4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal vista

5- Esta pessoa da minha família tem muita graça

7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia

8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família

10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família

46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem

55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo

- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer
- 82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada
- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- 98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família
- 99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

Cartões atribuídos a si própria:

- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- 83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe
- 86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos
- 87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente
- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos ao Zé Ninguém:

- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabujenta
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
- 22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência

- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou em dificuldades
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim

ANEXO 21

Mónica- Análise do Teste das Relações Familiares

As figuras do teste escolhidas pela Mónica para representar a sua família, correspondem, de alguma forma, a esta, quer no sexo, quer na idade. De referir que a figura escolhida para representar a irmã mais nova foi a de um bebé.

No quadro seguinte encontra-se o número de itens que a criança atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

	Mãe	Pai	Irmã mais velha	Irmã mais nova	Criança	Zé Ninguém
sentimen- tos enviados positivos:						
fracos	3	2	0	4	1	0
fortes	5	1	0	1	0	1
SOMA S. +	8	3	0	5	1	1
sentimen- tos enviados negativos:						
fracos	0	1	2	0	1	6
fortes	0	0	1	0	0	7
SOMA S. -	0	1	3	0	1	13
sentimen- tos recebidos positivos:						
fracos	3	2	2	1	0	0
fortes	5	1	0	2	0	0
SOMA S. +	8	3	2	3	0	0
sentimen- tos recebidos negativos						
fracos	2	2	2	0	0	2

fortes	0	0	1	0	0	7
SOMA S. -	2	2	3	0	0	9
TOTAL de ENVOLVIMENTO	18	9	8	8	2	23

Com base no quadro acima apresentado verifica-se que, relativamente ao total de envolvimento que a criança tem com cada membro da sua família, estes podem ser ordenados da seguinte forma:

- 1º- Mãe (com 18 pontos)
- 2º- Pai (com 9 pontos)
- 3º- Irmãs (com 8 pontos)
- 4º- Criança (com 2 pontos)

O "Zé Ninguém" recebeu 23 pontos, mais do que qualquer um dos membros da família. Este resultado tão elevado está relacionado com as defesas utilizadas pela criança. Isto é, a Mónica colocou no Zé Ninguém, aqueles sentimentos que teve dificuldade em atribuir aos membros da sua família, ou seja, os sentimentos negativos enviados e recebidos, como sejam, os itens enviados negativos fortes (os itens 30- *Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família*, 31- *Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse*, 32- *Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*) e outros itens de carácter negativo, relacionados com o bater, o meter medo.

De acordo com o número de itens de sentimentos positivos e negativos enviados e recebidos pela criança, podemos dizer que:

- principal objecto de amor- mãe
- principal fonte de amor- mãe
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã mais velha (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, a irmã mais velha será o principal objecto de hostilidade)
- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã mais velha (da mesma forma, a irmã mais velha será a principal fonte de hostilidade)

Verifica-se pois, que a mãe aparece como o principal objecto e fonte de amor, enquanto que a irmã mais velha é sentida como o principal objecto e fonte de hostilidade. Relativamente à irmã mais nova, ela aparece como o segundo objecto de amor e, juntamente com o pai, é a segunda fonte de amor da criança.

O quadro seguinte permite analisar a discrepância entre sentimentos positivos/negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmã mais velha	Irmã mais nova	Criança	Zé Ninguém
enviados +	8	3	0	5	1	1
recebido+	0	1	3	0	1	13
enviados -	8	3	2	3	0	0
recebidos-	2	2	3	0	0	9

No que se refere aos sentimentos enviados pela criança, passamos a analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes. Assim temos que:

- membros que recebem principalmente sentimentos positivos:

- Mãe (8 positivos/ 0 negativo)
- Irmã mais nova (5 positivos/ 0 negativos)
- Pai (3 positivos/ 1 negativo)

- membros que recebem principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (1 positivos/ 13 negativos)- forma de defesa
- Irmã mais velha (0 positivos/ 3 negativos)

- membro que recebe sentimentos ambivalentes:

- Criança (1 positivos/ 1 negativos)

Relativamente aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membros de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Mãe (8 positivos/ 2 negativo)
- Irmã mais nova (3 positivos/ 0 negativo)

- membro de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (0 positivos/ 9 negativos)- forma de defesa

- membros de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- Pai (3 positivos/ 2 negativos)
- Irmã mais velha (2 positivo/ 3 negativo)

Assim, temos que:

* a criança envia à mãe e ao pai tantos sentimentos positivos como aqueles que recebe deles (mas envia e recebe mais da mãe);

* à mãe e à irmã mais nova não são atribuídos sentimentos negativos, mas se da mãe recebe dois sentimentos negativos, da irmã não recebe nenhum;

* à irmã mais velha, não envia sentimentos positivos e recebe tantos sentimentos negativos desta como aqueles que lhe envia.

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super-protecção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmã mais velha	Irmã mais nova	Criança	Zé Ninguém
Super protecção materna	0	0	0	4	4	0
Sobre indulgência materna	0	0	1	2	2	0
Sobre indulgência paterna	3	0	0	2	0	0

Verifica-se que, no que se refere à super-protecção materna esta se encontra igualmente distribuída por ambas as filhas mais novas (não sendo atribuído nenhum item à filha mais velha). Quanto à sobre-indulgência materna, esta aparece mais uma vez de igual forma distribuída pelas filhas mais novas, sendo que na mais velha aparece um item, o qual expressa um sentimento negativo (*Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra*- item 95). A sobre-indulgência paterna está ausente quer na Mónica, quer na irmã mais velha, aparecendo na mãe e na filha mais nova.

ANEXO 22

Mónica- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário:

- Quem são?

O meu pai- 36 anos

A minha mãe- 43 anos

Eu- 10 anos

A minha irmã Rita- 12 anos

A minha irmã Maria- 4 anos

- Onde estão e o que estão a fazer?

Estão numa festa de uns amigos.

- Qual é o mais simpático?

Os meus pais porque dão-me carinhos.

- Qual é o menos simpático?

Nenhum.

- Qual é o mais feliz?

O meu pai, a minha mãe, são todos... porque têm uma família bonita, às vezes todos juntos.

- Qual é o menos feliz?

Às vezes quando os meus pais se zangam comigo sou eu,... mas não é nenhum.

- Qual gostavas de ser?

Eu.

- Qual preferes?

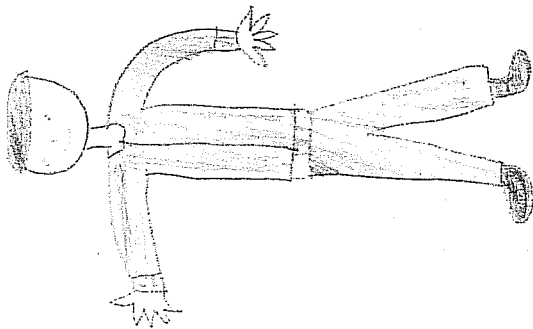
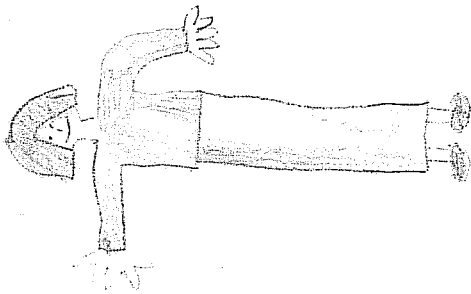
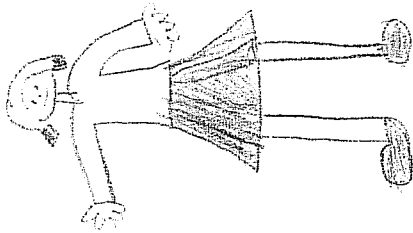
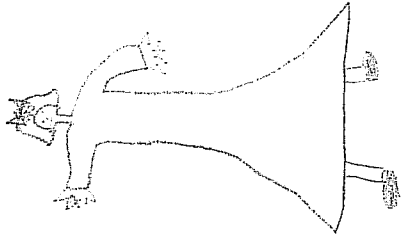
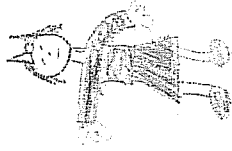
O pai e a mãe, porque gosto deles, dão-me mais carinho e amor.

- Se a família quisesse ir passear, mas no carro só houvesse lugar para quatro pessoas, quem ficava em casa?

A Rita... a Rita, eu ou a minha mãe.... o pai e a mãe.

- Quem são as pessoas da tua família?

A mãe, o pai, eu, a Rita e a Maria.



ANEXO 23

Duarte- Dados biográficos

Data de nascimento: 10 de Junho de 1988

1ª Observação (criança e mãe)

Data: 4 de Fevereiro de 1995

Criança

Idade: 6A 8M

Escolaridade: 1ª classe

Posição na fratria: Filho único

Mãe

Mês de gravidez: 7 meses e meio

2ª Observação (criança, mãe e irmã)

Data: 29 de Março de 1995

Criança

Idade: 6A 9M

Irmã

Sexo: feminino

Data de nascimento: 2 de Março de 1995

Idade: 27D

3ª Observação (criança, pais e irmã)

Data: 5 de Maio de 1999

Criança

Idade: 10A 11M

Escolaridade: a frequentar o 5º ano

Família

* Mãe

Idade: 40 anos

Profissão: Farmacêutica

Habilitações Literárias: Licenciatura em Farmácia

* Pai

Idade: 42 anos

Profissão: Médico

Habilitações Literárias: Licenciatura em Medicina

* Irmã

Idade- 4A 2M

Escolaridade- infantilário

Classificação Social (Escala de Graffard)

Fontes de rendimento familiar- 3º grau

Conforto do alojamento- grupo 2

Bairro habitado- grupo 2

Classe Social- Classe I (9 pontos)

ANEXO 24

Duarte- Protocolo do Teste Projectivo Patte Noire

Frontespício:

Porco grande branco- pai- 8A

Porca grande com mancha- mãe- 10A

PN- menino- 4A

Porquinho branco- menino- 2A

Porquinho branco- menino- 3A

Ordem escolhida pelo Duarte para contar as histórias:

Beijo (2)

É a mãe e o pai a beijarem-se. Tá ali o filho a olhar, começa-se a rir porque tem graça.

Ninhada (11)

Depois são os porquinhos depois de nascerem a mamarem na mãe e os outros a tentarem ir lá, são outros porquinhos lá da quinta.

Noite (10)

É o pai e a mãe a dormirem, os outros tão a dormir e este está a espreitar, deve estar a ver a lua.

Mamada 2 (15)

É o porquinho a mamar da mãe e os outros também a correrem para irem lá.

Hesitação (7)

É um ao lado da mãe, outro a olhar para os pais e outros a beberem água. Este deve estar a ir beber água também.

Batalha (3)

É os dois a lutarem e outro a fugir para o pé dos pais para os pais irem separar os filhos, falam para eles não andarem à tareia.

Lamaceiro (9)

Esta são eles a brincarem na lama e a sujarem o pai. (ri-se)

Gamela (1)

Depois é um a fazer xixi para a comida (ri-se) e os outros a dormirem.

Mamada 1 (14)

É o porquinho a mamar na mãe.

Ganso (8)

É o porquinho a fugir de um ganso, com um deles a olhar para ele e a chorar, mas não ia fazer nada.

Sonho Mãe (12)

É o porquinho a sonhar com a mãe, que a mãe está a olhar para ele muito carinhosa.

Sonho Pai (13)

E aqui está a pensar no pai, que o pai está a olhar, é a mesma coisa da mãe, está a olhar para ele muito carinhoso.

Cabra (5)

Agora é o porquinho a mamar na cabra. Deve-se ter chateado com os pais.

Carroça (4)

É ele a pensar que tava a ser levado... os pais e ele tava... não queria ir e os pais tavam a deixar.

Partida (6)

Ele tava a fugir, a ir-se embora, tava a fugir de ser levado.

Buraco (16)

Era de noite e ele tava numa poça, a dormir.

Preferências/ Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Beijo (2)		porquinho ao pé das pedras
Ninhada (11)		tratador, porque gosto de tratar os animais
Noite (10)		porquinho (PN)
Mamada 2 (15)		porquinho
Hesitação (7)		porquinho a mamar
Batalha (3)		porquinho a fugir
Lamaceiro (9)		porquinho a atirar lama ao pai
Gamela (1)		porquinho a dormir
Mamada 1 (14)		porquinho

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Ganso (8)		porquinho a ver
Sonho Mãe (12)		porquinho
Sonho Pai (13)		porquinho
Cabra (5)		cabra, para dar uma marrada
Carroça (4)		porquinho (PN)
Partida (6)		porquinho
Buraco (16)		porquinho

Fada:

Os desejos foram:

- Um barco à vela
- Todas as tábuas de skate que houvesse, se partisse uma tinha outra
- Paz no mundo

Duarte- Interpretação do teste projectivo Patte Noire

Frontespício:

O Duarte constituiu uma família, na qual os porquinhos foram vistos como irmãos do PN. Atribuiu ao PN e aos dois porquinhos brancos o sexo masculino (verifica-se pois que, a fratria imaginária corresponde apenas em parte à fratria real, pois nenhum dos porquinhos tem o sexo feminino- como a irmã do Duarte, o que segundo Corman (1961), significa existir uma relação de amizade, mas ao mesmo tempo de agressividade para com a fratria, ou seja, sentimentos ambivalentes). A idade que o Duarte atribuiu ao PN (e ao qual, de acordo com o mesmo autor, a criança se identifica) é inferior à sua idade real, o que aponta para tendências regressivas.

Relação fraterna:

* Batalha (3)

O Duarte deu a agressividade directa na relação fraterna. Identificou-se ao porquinho que não está a participar na luta entre irmãos, ou seja, que está afastado do núcleo do conflito, e que recorre aos pais para que resolvam esse conflito- *"...fugir para o pé dos pais para os pais irem separar os filhos, falam para eles não andarem à tarefa"*. Mostra assim que a agressividade entre irmãos é censurada pelo Duarte.

* Carroça (4)

Na história narrada pelo Duarte, não está presente a agressividade mortal na rivalidade fraterna (um dos conteúdos latentes desta prancha), mas sim a angústia de separação nas relações familiares. Verifica-se, pois, angústia de separação dos pais- *"é ele a pensar que tava a ser levado"*. As figuras parentais não foram sentidas como suficientemente protectoras do filho *"não queria ir e os pais tavam a deixar"*. Apesar de tudo, a identificação foi feita ao PN, talvez por a situação ter sido vista como *"o porquinho a pensar"*, não tendo dessa forma sido sentida com grande ansiedade pela criança.

* Hesitação (7)

Nesta prancha o Duarte expressou o seu desejo de proximidade com a figura materna (identificou-se ao porquinho que estava a mamar). Colocou os outros porquinhos (fratria) junto da figura paterna, afastando-os assim da relação privilegiada com a mãe. Parece pois que, perante uma situação de ambivalência frente aos parceiros fraternos, o Duarte apresenta o desejo de não partilhar com eles a figura materna.

* Ganso (8)

Numa prancha que reenvia para a agressividade contra um irmão, o Duarte identificou-se ao porquinho que, face à agressão a um elemento da fratria, teve uma atitude passiva, não evidenciando impulsos de salvação, ainda que tenha apresentado alguma tristeza face à situação: *"um deles a olhar para ele e a chorar, mas não ia fazer nada"*.

* Ninhada (11)

Na história narrada pelo Duarte não aparece agressividade fraterna relacionada com o nascimento. A relação com a mãe parece ser sentida como gratificante e desejada pelos porquinhos mais velhos: *"... depois de nascerem a mamarem na mãe e os outros a tentarem ir lá"*.

* Mamada 2 (15)

Nesta prancha relacionada com a relação dual privilegiada com a mãe, num contexto de relação fraterna surgiu, não só, o desejo de uma relação privilegiada com a mãe, sentida como gratificante (a criança identificou-se ao PN), como também foi visível alguma competição fraterna: *"é o porquinho a mamar da mãe e os outros a correrem para irem lá"*.

Relação com as imagens parentais:

* Gamela (1)

Suscita a agressividade, essencialmente de carácter anal, contra as figuras parentais. O Duarte referiu que o porquinho está *"a fazer xixi para a comida"*, mas identificou-se ao porquinho que está a dormir, o que parece indicar que essa agressividade suscita alguma culpabilidade, afastando-se assim do núcleo do conflito.

* Beijo (2)

Nesta prancha que suscita inveja edipiana, o Duarte entendeu o casal presente no estímulo como sendo o casal parental e o porquinho como sendo o filho: construiu assim o triângulo edipiano pai- mãe -filho, identificando-se a este último.

* Noite (10)

O Duarte deu o conteúdo latente desta prancha, ou seja, a curiosidade sexual num contexto da relação parental: "*É o pai e a mãe a dormirem,... este está a espreitar*". Contudo, o que o porquinho terá visto foi angustiante para a criança, de forma que o porquinho (ao qual o Duarte se identificou) estava "*a ver a lua*".

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

A mãe substituta foi aceite pelo Duarte: a cabra aparece como substituta da mãe, porque o porquinho "*deve-se ter chateado com os pais*". Contudo, depois, o Duarte identificou-se à cabra "*para dar uma marrada*", o que parece demonstrar que, afinal a existência de uma mãe substituta é punível.

* Sonho Mãe (12)

Suscita a imagem materna ideal. O Duarte identificou-se ao porquinho que sonha com a mãe que "*está a olhar para ele muito carinhosa*". Dá pois uma imagem gratificante da relação com a figura materna.

* Mamada 1 (14)

Esta prancha está relacionada com a relação privilegiada com a figura materna. O Duarte fez apenas a descrição do estímulo. Contudo, ao ter-se identificado ao PN que está a mamar, evidenciou o desejo de uma relação próxima com a figura materna.

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Nesta prancha surgiram impulsos de natureza agressiva dirigidos à figura paterna, não tendo surgido sentimentos de culpa pela agressão à figura paterna, uma vez que o Duarte se identificou ao "*porquinho a atirar lama ao pai*".

* Sonho Pai (13)

O Duarte deu uma imagem gratificante da relação com a figura paterna, dizendo "*o pai está a olhar para ele muito carinhoso*".

Abandono- Solidão:

* Partida (6)

A história narrada pelo Duarte para esta prancha é a continuação da história da prancha 4- Carroça. Assim, colocou o porquinho (ao qual se identificou) a "fugir de ser levado", uma vez que os pais não o ajudaram.

* Buraco (16)

Esta prancha reenvia para a fantasmática de abandono num contexto de solidão nocturna, o que não foi sentido de forma angustiante pelo Duarte: "era de noite e ele tava numa poça a dormir".

Fada

Os desejos expressos pelo Duarte estão principalmente relacionados com o seu gosto pelo desporto.

ANEXO 26

Duarte- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

Mãe- figura nº21

Pai- figura nº 9

Irmã- figura nº 18

Duarte-figura nº 8

Avó- figura nº 16

Tia- figura nº 15 (apesar de a tia não viver com eles, o Duarte quis que ela também fizesse parte do teste, porque “de vez em quando ela vem cá dormir”)

Cartões atribuídos à mãe:

- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
- 26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão
- 32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 94- Esta é a pessoa da minha família de quem o pai mais gosta

Cartões atribuídos ao pai:

- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- 7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia
- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se

Cartões atribuídos à irmã:

- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família

- 25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 61- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim
- 83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe
- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro
- 86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos
- 90- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra
- 91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
- 95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra
- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos a ele próprio:

- 82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada

Cartões atribuídos à avó:

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada
- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal
- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família

- 17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 42- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa
- 81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer

Cartões atribuídos à tia:

- 16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas

Cartões atribuídos ao Zé Ninguém:

- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção do que aos outros
- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabugenta
- 22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer
- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
- 29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito
- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha

família

- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou com dificuldades
- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir parterna
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim
- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- 87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- 98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família
- 99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

ANEXO 27

Duarte- Análise do Teste das Relações Familiares

As figuras do teste escolhidas pelo Duarte para representar a sua família, correspondem, de alguma forma, a esta. De salientar que o Duarte quis que a avó materna e a tia fizessem parte deste teste.

No quadro seguinte encontra-se o número de itens que a criança atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

	Mãe	Pai	Irmã	Avó	Tia	Criança	Zé Ninguém
sent. enviados positivos							
fracos	1	2	1	6	0	0	0
fortes	0	0	1	4	1	0	2
SOMA S. +	1	2	2	10	1	0	2
sent. enviados negativos							
fracos	2	1	1	0	1	0	5
fortes	1	0	2	0	1	0	4
SOMA S. -	3	1	3	0	2	0	9
sent. recebidos positivos							
fracos	1	0	0	7	0	0	0
fortes	1	0	0	4	1	0	2
SOMA S. +	2	0	0	11	1	0	2
sent. recebidos negativos							

fracos	1	0	1	0	0	0	6
fortes	1	0	1	0	0	0	6
SOMA S.	2	0	2	0	0	0	12
TOTAL de ENVOLVIMENTO	8	3	7	21	4	0	25

Com base no quadro acima apresentado podemos ordenar da seguinte forma os diferentes membros da família, de acordo com o envolvimento emocional que a criança tem com cada um:

- 1º- Avó (21 pontos)
- 2º- Mãe (8 pontos)
- 3º- Irmã (7 pontos)
- 4º- Tia (4 pontos)
- 5º- Pai (3 pontos)
- 6º- Criança (0 pontos)

O "Zé Ninguém" teve 25 pontos (mais do que qualquer um dos membros da família), o que está relacionado com as defesas utilizadas pela criança: colocou no Zé Ninguém grande parte dos sentimentos enviados negativos fortes, como sejam, os itens 30- *Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família*, 31- *Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse*, 32- *Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*. De salientar que foi no Zé Ninguém que o David colocou o item 99- *"Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta"*.

Tendo em conta o número de itens de sentimentos positivos e negativos enviados e recebidos pela criança, podemos dizer que:

- principal objecto de amor- avó
- principal fonte de amor- avó
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Mãe e Irmã (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, a mãe e a irmã serão os principais objectos de hostilidade)

- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Mãe e Irmã (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, a mãe e a irmã serão os principais objectos de hostilidade)

Verifica-se pois, que a avó é o principal objecto de amor e a principal fonte de amor do Duarte, enquanto que a mãe e a irmã aparecem como os principais objectos e fontes de hostilidade.

O quadro que se segue pretende analisar a discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmã	Avó	Tia	Criança	Zé Ninguém
Enviado s+	1	2	2	10	1	0	2
recebidos +	2	0	0	11	1	0	2
Enviado s-	3	1	3	0	2	0	9
recebidos -	2	0	2	0	0	0	12

No que se refere aos sentimentos enviados pela criança, vamos analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes (a ambivalência surge quando os itens positivos são menos do dobro dos negativos ou vice versa). Assim temos que:

- membros que recebem principalmente sentimentos positivos:

- Avó (10 positivos/ 0 negativo)

- Pai (2 positivos/ 1 negativo)

- membros que recebem principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (2 positivos/ 9 negativos)- forma de defesa

- Mãe (1 positivo/ 3 negativos)

- Tia (1 positivo/ 2 negativos)

- membro que recebe sentimentos ambivalentes:

- Irmã (2 positivos/ 3 negativos)

No que se refere aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membro de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Avó (11 positivos/ 0 negativos)

- membros de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (2 positivos/ 12 negativos)- forma de defesa

- Irmã (0 positivos/ 2 negativos)

- membros de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- Mãe (2 positivos/ 2 negativos)

- Tia (1 positivo/ 0 negativos)

Do pai e dela própria, a criança não recebeu qualquer tipo de sentimentos.

Assim, no que se refere à discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família, verifica-se que:

* à avó, o Duarte atribui e recebe apenas sentimentos positivos;

* envia mais sentimentos negativos à mãe do que positivos e recebe dela tantos sentimentos positivos como negativos;

* envia mais sentimentos positivos ao pai do que negativos (ainda que a diferença não seja significativa) e deste não recebe sentimentos;

* à irmã envia sentimentos positivos mas não recebe sentimentos positivos dela; em relação aos sentimentos negativos, envia mais para a irmã, do que recebe dela.

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super- protecção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmã	Avó	Tia	Criança	Zé Ninguém
Super protecção materna	0	0	4	1	0	1	2
Sobre indulgência materna	0	0	3	0	0	0	2
Sobre indulgência paterna	1	0	3	0	0	0	1

Deste quadro conclui-se que, relativamente à super-proteção materna esta se encontra principalmente presente na irmã (4 itens) e igualmente distribuída pelo Duarte e pela avó (cada um com 1 item). A sobre-indulgência materna e paterna estão apenas presentes na irmã do Duarte (e no Zé Ninguém).

ANEXO 28

Duarte- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário:

- Quem é?

É o pai.

- Quantos anos tem?

Tem 10 A.

- O que faz?

Faz desporto e estuda na escola, é uma aluno assim assim, de 3 e 4.

- O que gosta de fazer nos tempos livres?

Gosta de jogar ténis, futebol,... o normal.

- Como o descrevias?

Não sei... desportista, mais nada.

- É casado?

Não, e não tem filhos.

- Se não tem filhos, como é que ele é pai?

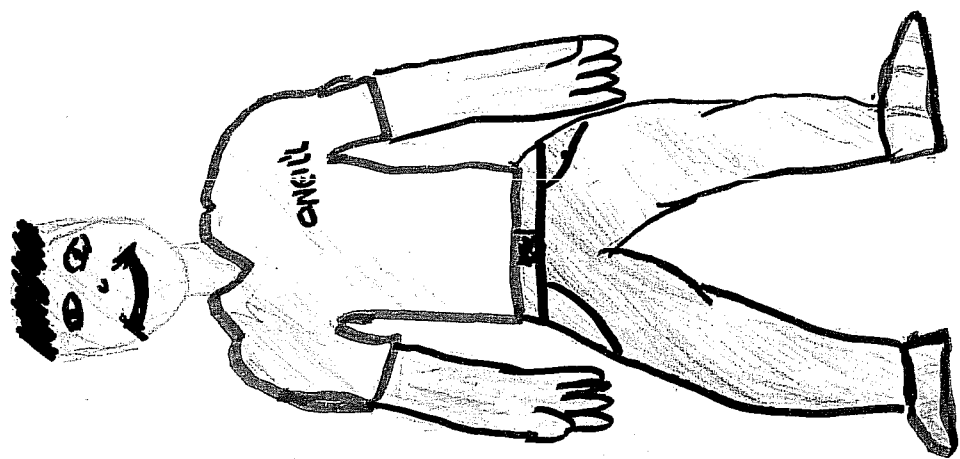
Ri-se e responde: "É o meu pai quando era mais novo, quando tinha a minha idade".

- Como pensas que era o teu pai na tua idade?

Devia fazer porcarias! (ri-se). Eu já ouvi histórias. Tirava as borracha dos pneus...

- O que é que ele irá fazer no futuro?

Vai ser médico.



ANEXO 29

Tomás- Dados biográficos

Data de nascimento: 18 de Novembro de 1988

1ª Observação (criança e mãe)

Data: 7 de Dezembro de 1994

Criança

Idade: 6A 1M

Escolaridade: 1ª classe

Posição na fratria: Filho único

Mãe

Mês de gravidez: 7 meses

2ª Observação (criança, mãe e irmão)

Data: 9 de Março de 1995

Criança

Idade: 6A 4M

Irmão

Sexo: masculino

Data de nascimento: 7 de Fevereiro de 1994

Idade: 1M 2D

3ª Observação (criança, pais e irmão)

Data: 9 de Maio de 1999

Criança:

Idade: 10A 6M

Escolaridade: a frequentar o 5º ano

Família

* Mãe

Idade: 40 anos

Profissão: Doméstica

Habilitações Literárias: 10º ano

* Pai

Idade: 37 anos

Profissão: Controlador aéreo

Habilitações Literárias: 10º ano

* Irmão

Idade: 4A 3M

Escolaridade: está em casa com a mãe

Classificação Social (Escala de Graffard)

Fontes de rendimento familiar- 3º grau

Conforto do alojamento- grupo 3

Bairro habitado- grupo 2

Classe Social- Classe II (13 pontos)

ANEXO 30

Tomás- Protocolo do teste projectivo Patte Noire

Frontespício

Porca grande com mancha- mãe- 5 ou mais anos

Porco grande branco- pai- 5 ou mais anos

Porquinho com mancha (PN)- filha- 3 anos

Porquinho branco- filho- 2 anos

Porquinho branco- filho- 3 ano

Ordem das pranchas escolhida pelo Tomás para contar as histórias:

Carroça (4)

É um porco bebé que tava a pensar na família e está a pensar que vai ser levado para uma carroça e tem medo, porque se vê pela cara dele. Também não quer ir e viu os pais com cara amoadada e os filhos com medo,.. devem ir para outro sítio,... serem abatidos.

Lamaceiro (9)

Os filhos estão a brincar na lama menos dois e um roça-se na lama e deita lama para o pai,... estão a chafurdar, estão todos pretos da lama, eles gostam muito de brincar,... pela cara do pai parece que está chateado.

Mamada 2 (15)

É a mãe que está a amamentar o bebé e os outros vêm a correr também para serem alimentados, vêm com pressa do banho da lama e estão ali a correr a uma velocidade para comer e o outro está a chuchar na mama da mãe descansado, enquanto que os outros não, ainda vêm a correr. A mãe e este porquinho têm manchas pretas e estes dois não têm.

Ninhada (11)

É a mãe a alimentar os seus bebesinhos e o homem a pôr palha, comida para a mãe comer, enquanto que estes tão com uma carinha com ar triste, porque não estão a ser amamentados,... também estão com fome. Deve ser uma estalagem de criação de

porcos. Está aqui uma cerca e eles estão a espreitar, ou então foram trocados, ao serem transportados de uma estalagem para outra podem ter sido trocados. Vejo aqui uma mancha preta e outros não têm, o que quer dizer que não são todos filhos dela, porque os dela têm uma mancha preta

Ganso (8)

Estes devem ser irmãos, e está a fugir dum pato ou de uma ave que tá a puxar a cauda. Deve ser na estalagem dentro das cercas. Aqui o irmão, penso ser irmão, está a reparar, penso que o quer ajudar, se conseguir vai atrás dele a ver se ele pára.

Partida (6)

O bebé deve-se ter perdido e vai a caminho de casa porque estão aqui terras batidas... está perdido, está a fazer este caminho, não sabe para onde vai nem de onde vem, deve-se ter perdido completamente. Deve encontrar alguém.

Gamela (1)

Aqui são os pais que estão a dormir, estão todos a dormir menos a menina que está a fazer porcaria... está a fazer xixi... penso que para a comida dos pais. Devia estar a dormir. Este aqui está apenas deitado porque está com os olhos abertos, está só a descansar. Ela em vez de estar a dormir, deitada, ou só a descansar, não, está só a fazer asneiras. Os pais sem saber de nada!

Sonho Pai (13)

É o bebé que está a pensar, está a sonhar que vai ser um bonito porco, ser famoso no mundo dela, vai ser bem comportado, vai ter uns bons donos, só que agora não é.

Buraco (16)

Aqui é a bebé que vai brincar num poço de lama e não sabe onde é que anda. Devia estar aqui a brincar, de repente anoiteceu, e perdeu-se, não sabe onde está.

Cabra (5)

A bebé deve-se ter enganado ou perdido e está-se a alimentar numa outra fêmea de uma outra espécie sem ser de porcos. Ela não sabe onde está a mãe ou sabe, devia estar com fome e veio comer. Deve ser a fêmea de um burro ou de uma coisa qualquer.

Hesitação (7)

Está aqui a família toda e este bebé vai comer na mãe que está a olhar para ele, o pai está a comer e o bebé quis imitá-lo, foi também comer ali em vez de comer da mãe, beber leite, e a menina está a observar o irmão e o pai com cara de espantado...

não é normal os porcos pequeninos irem comer aqui, devem ser amamentados... não é normal.

Beijo (2)

É os pais que estavam numa relação, estão a beijar e o filho está a ver, está a observar, parece que está numa aula de namoro. Está a espreitar e fica espantado porque nunca viu os pais assim... nunca deve ter visto. Senão os pais não deviam estar aqui, deviam estar na estalagem.

Noite (10)

Aqui à noite estão todos a dormir e vimos este bebé que parece que está a ver os pais aos empurrões. São bastante gordos e não cabem na cama e estão aos empurrões, parece que os pais estão acordados. A bebé e os pais deviam estar a dormir.

Sonho Mãe (12)

Deve estar a pensar na mãe ou então que quer ser como ela, ser como a mãe, tem uma bolinha preta aqui atrás e já tem mamas porque já teve filhos.

Batalha (3)

A bebé e o bebé, os irmãos, estão aqui à porrada, o bebé aflito, este, foi chamar os pais que vêm a correr para os separar. Estava aflito porque não sabia o que havia de fazer, ou não os conseguia separar e os pais vieram a correr. Os pais mandam parar esta luta. Os irmãos não se devem ter entendido bem por qualquer coisa e começaram à porrada.

Mamada 1 (14)

Esta aqui devia estar com muita muita fome e está aqui a beber o leite e a mãe contente a olhar para ela. Ela tá a beber, tá sorridente.

Preferências/ Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Carroça (4)		bébé aflito
Lamaceiro (9)		porquinho a chafurdar na água sem chatear o pai
Mamada 2 (15)		porquinho branco
Ninhada (11)		mãe- está com cara de contente
Ganso (8)		porquinho irmão- ia ter coragem para en-

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
		frentar o pato
Partida (6)		porquinho
Gamela (1)		porquinho tava a dormir não acordou com o barulho que ela devia estar a fazer.
Sonho Pai (13)		pai
Buraco (16)		porquinho
Cabra (5)		bode
Hesitação (7)		pai
Beijo (2)		miúdo, o bebé a observar
Noite (10)		porquinho a dormir
Sonho Mãe (12)		porquinha
Batalha (3)		bébé assustado
Mamada 1 (14)		bébé

Fada

Os desejos foram:

(colocou-se no papel da porquinha- PN)

- queria ser menos trapalhona
- não andar à guerra com os irmãos
- andar a brincar muito sem fazer trapalhices

Tomás- Interpretação do teste projectivo Patte Noire

Frontespício:

O Tomás constituiu uma família- pais porcos, dois irmãos gémeos (um menino e uma menina) e outro irmão. Atribuiu ao PN o sexo contrário ao seu, mas na maioria das pranchas deste teste, o PN foi visto como sendo do sexo masculino. A idade dada ao PN foi inferior à sua, o que reevia para uma tendência regressiva, ou seja, o desejo de voltar ao “paraíso perdido” da sua infância, no qual era filho único.

Relação com as figuras fraternas:

* Batalha (3)

Nesta prancha está presente a agressividade directa nas relações fraternas. O Tomás identificou-se ao “*bébé assustado*”, que viu os irmãos “*à porrada... estava aflito porque não sabia o que havia de fazer ou não os conseguia separar*”: colocou-se assim afastado do núcleo do conflito, o qual foi censurado por ele. As figuras parentais aparecem como contentoras dos receios da criança, pois resolvem o conflito entre os irmãos.

* Carroça (4)

Reenvia para a agressividade mortal na rivalidade fraterna, a qual está presente na história narrada pelo Tomás: “*devem ir para outro sítio... serem abatidos*”. Contudo, de início, surgiu o receio de morte própria “*vai ser levado para uma carroça e tem medo*”, (identificou-se, mais uma vez, ao “*bébé aflito*”), receio esse que foi generalizado à restante família- “*viu os pais com cara amuada e os filhos com medo*”.

* Hesitação (7)

Nesta prancha, que suscita a frustração e ambivalência na relação fraterna, verifica-se uma identificação ao pai, a qual é visível não só na identificação directa que o Tomás fez a este, como também quando referiu “*o pai está a comer e o bebé quis imitá-lo, foi também comer ali*”. Contudo, esta procura de proximidade com o pai parece ser, de alguma forma, sentida como uma traição à mãe: “*não é normal os porcos pequeninos irem aqui, devem ser amamentados... não é normal*”.

* Ganso (8)

Nesta prancha, que reenvia para a agressividade contra um irmão, o Tomás identificou-se ao porquinho que vai salvar a figura fraterna, que *“ia ter coragem para enfrentar o pato”*. Ou seja, numa situação de perigo, surgiram impulsos de salvação directa da figura fraterna.

* Ninhada (11)

Verifica-se um sentimento de exclusão da relação mãe-bébé: *“estes tão com uma carinha triste, porque não estão a ser amamentados”*. Há mesmo o sentimento de ter sido trocado, ou face à relação de proximidade da mãe com os irmãos, surge a fantasia de separação da figura materna: *“foram trocados ao serem transportados de uma estalagem para outra podem ter sido trocados (...) não são todos filhos dela porque os dela têm mancha preta”*.

* Mamada 2 (15)

Nesta prancha, que reenvia para a relação dual privilegiada com a mãe, num contexto de relação fraterna, surgiu o desejo de disfrutar da relação gratificante com a mãe: *“vêm com pressa (...) estão ali a correr a uma velocidade para comer”*. O facto de se ter identificado ao porquinho branco reforça esta ideia.

Relação com as imagos parentais:

* Gamela (1)

Surgiu a expressão da agressividade contra as figuras parentais- *“a menina que está a fazer porcaria... está a fazer xixi... penso que para a comida dos pais”*. Contudo, esta parece ter sido sentida com alguma culpabilidade, o que levou o Tomás a criticar o acto da porquinha (*“em vez de estar a dormir ou só a descansar, não, está só a fazer asneiras”*), além de se ter identificado a um porquinho que estava muito afastado do conflito: *“porquinho tava a dormir não acordou com o barulho que ela devia estar a fazer”*.

* Beijo (2)

A a relação íntima do casal parental parece ter sido angustiante para a criança (*“os pais não deviam estar aqui, deviam estar na estalagem”*). Identificou-se ao *“porquinho que está a observar, parece estar numa aula de namoro”*, o qual, *“fica espantado porque nunca os viu assim”*.

* Noite (10)

Reenvia para a curiosidade sexual num contexto de relação parental, a qual esteve presente na história narrada pelo Tomás. Este fantasiou acerca da relação íntima do casal parental: *“os pais aos empurrões. São bastante gordos e não cabem na cama... parece que os pais estão acordados”*. Essa relação é angustiante, de tal forma que o Tomás procura anulá-la: *“os pais deviam estar a dormir”*.

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

Nesta prancha, surgiu claramente o tema de mãe substituta: *“ela não sabe onde está a mãe, devia estar com fome e veio comer”*, a qual foi sentida como gratificante pelo Tomás.

* Sonho Mãe (12)

Numa prancha que suscita a imagem materna ideal, verifica-se um desejo de identificação à mãe: *“quer ser como a mãe”*.

* Mamada 1 (14)

O Tomás mostrou sentir a figura materna como muito gratificante (*“está a beber o leite e a mãe contente a olhar para ele”*).

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Na história do Tomás esteve presente agressividade dirigida ao pai (*“deita lama para a cara do pai... o pai parece que está chateado”*). Contudo, esta foi culpabilizante para a criança, uma vez que a identificação foi feita ao *“porquinho a chafurdar na água sem chatear o pai”*, ou seja, a uma personagem que se encontra mais afastada do conflito.

* Sonho Pai (13)

Nesta prancha, o Tomás projectou-se no futuro, atribuindo características positivas que, no momento, considera ainda não ter (*“só que agora não é”*): *“ser um bonito porco, ser famoso no mundo dele, ser bem comportado”*.

Abandono-Solidão:

* Partida (6)

Os movimentos de independência em relação às figuras parentais são angustiantes para o Tomás- *“não sabe para onde vai nem de onde vem”*- evidenciando a necessidade de protecção parental. A resolução que encontra vem do exterior: *“deve encontrar alguém”*.

* Buraco (16)

Nesta prancha o Tomás mostrou, mais uma vez, que os obstáculos que surgem na procura de independência não são bem resolvidos por ele, pois não lhes dá resoluções.

Fada

Neste cartão os desejos que a criança pede para o PN reenviam para os seus próprios desejos. Dos expressos pelo Tomás salientamos um- *“não andar à guerra com os irmãos”*. Parece pois que o conflito entre irmãos é censurado pelo Tomás.

ANEXO 32

Tomás- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

- Mãe- figura nº12
- Pai- figura nº 13
- Irmão- figura nº 5
- Tomás- figura nº 3

Cartões atribuídos à mãe:

- 2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros
- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção do que aos outros
- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste

Cartões atribuídos ao pai:

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada

- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal vista
- 16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas
- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabugenta
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar sempre comigo
- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada

Cartões atribuídos ao irmão:

- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- 7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia
- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo
- 61- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar
- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim
- 80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe
- 81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer
- 84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da
minha família
- 85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o
outro

- 96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos a si próprio:

- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe
86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos
87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente
90- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra
91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família
92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos ao Zé Ninguém:

- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família
21- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece os outros
22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer
24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar
26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão
27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
32- Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família
34- Por vezes pensi que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra pessoa

- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou em dificuldades
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim
- 82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- 94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta
- 95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra
- 99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

ANEXO 33

Tomás- Análise do Teste das Relações Familiares

Em relação às figuras do teste escolhidas pelo Tomás para representar a sua família, verifica-se que, estas estão em concordância com os membros da família, em género e idade.

No quadro que se segue encontra-se o número de itens que o Tomás atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
sentimentos enviados positivos:					
fracos	3	3	4	0	0
fortes	4	1	1	0	2
SOMA S. +	7	4	5	0	2
sentimentos enviados negativos:					
fracos	2	1	0	1	6
fortes	0	0	4	0	4
SOMA S. -	2	1	4	1	10
sentimentos recebidos positivos:					
fracos	4	1	2	0	1
fortes	0	1	5	0	2
SOMA S. +	4	2	7	0	3
sentimentos recebidos negativos:					
fracos	2	1	2	0	3
fortes	1	0	1	0	6
SOMA S. -	3	1	3	0	9
TOTAL de ENVOLVIMENTO	16	8	19	1	24

Assim, tendo em conta os resultados apresentados neste quadro, no que se refere ao total de envolvimento que a criança tem com cada membro da sua família, podemos ordená-los da seguinte forma:

- 1º- Irmão (19 pontos)
- 2º- Mãe (16 pontos)
- 3º- Pai (8 pontos)
- 4º- Criança (1 ponto)

O “Zé Ninguém” recebeu 24 pontos, mais do que qualquer membro da família, o que pensamos estar relacionado com as defesas utilizadas pelo Tomás, que colocou neste personagem a maior parte dos sentimentos negativos (enviados e recebidos). De referir alguns, como por exemplo, “*esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra*” (item 95), “*esta é a pessoa da minha família de quem o pai mais gosta*” (item 94) e “*esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta*”, como se sentisse dificuldade em atribuir estes sentimentos tão fortes a uma só pessoa da família.

Tendo em conta o número de itens de sentimentos positivos e negativos que o Tomás enviou e recebeu, podemos dizer que:

- principal objecto de amor- mãe
- principal fonte de amor- irmão
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Irmão (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, o irmão será o principal objecto de hostilidade)
- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Mãe e Irmão (da mesma forma, a mãe e o irmão serão as principais fontes de hostilidade)

Verifica-se pois, que a mãe é o principal objecto de amor do Tomás, mas aparece também como uma das principais fontes de hostilidade. O irmão, a sua principal fonte de amor, é simultaneamente fonte de hostilidade, assim como é o principal objecto de hostilidade do Tomás.

O quadro seguinte permite analisar a discrepância existente entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
enviados +	7	4	5	0	2
recebidos +	4	2	7	0	3
enviados -	2	1	4	1	10
recebidos-	3	1	3	0	9

Relativamente aos sentimentos enviados pela criança, vamos analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes. Assim temos que:

- membros que recebem principalmente sentimentos positivos:

- Mãe (7 positivo/ 2 negativos)

- Pai (4 positivos/ 1 negativo)

- membro que recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (2 positivos/ 10 negativos)- forma de defesa

- membros que recebem sentimentos ambivalentes:

- Irmão (5 positivos/ 4 negativos)

- Criança (0 positivos/ 1 negativo)

No que se refere aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membros de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Irmão (7 positivos/ 3 negativo)

- Pai (2 positivos/ 1 negativo)

- membro de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (3 positivos/ 9 negativos)- forma de defesa

- membro de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- Mãe (4 positivos/ 3 negativos)

Assim, no que se refere à discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família, verifica-se que:

- * a criança recebe mais sentimentos da mãe, quer positivos quer negativos, do que aqueles que lhe envia;
- * a criança envia mais sentimentos positivos ao pai do que recebe;
- * a criança recebe do irmão mais sentimentos positivos e menos sentimentos negativos do que aqueles que lhe envia.

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super-protecção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmão	Criança	Zé Ninguém
Super protecção materna	0	0	4	3	1
Sobre Indulgência materna	0	0	2	1	2
Sobre indulgência paterna	0	0	0	3	2

Verifica-se que, a super-protecção materna é sentida pelo Tomás como sendo relativamente idêntica entre ambos os irmãos (ainda que no irmão esta seja maior, não sendo a diferença significativa). Em relação à sobre-indulgência materna, esta é maior no irmão (mas não é significativa a diferença), sendo a sobre-indulgência paterna maior no Tomás.

ANEXO 34

Tomás- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário

- Quem são?

Este pode ser o meu avô- 72A; este é o cão deles (deve ter uns 100A na idade dele, uns 16A na nossa idade) e esta é a minha avó- 69A

- Onde estão e o que estão a fazer?

Foram passear à Costa, levaram o cão a passear.

- Qual é o mais simpático?

A avó e o avô.

- Qual é o menos simpático?

O cão, porque às vezes chego de férias ou estou a chegar de passeios e ele começa a ladrar muito.

- Qual é o mais feliz?

Os meus avós, porque o cão não sei se é feliz.

- Qual é o menos feliz?

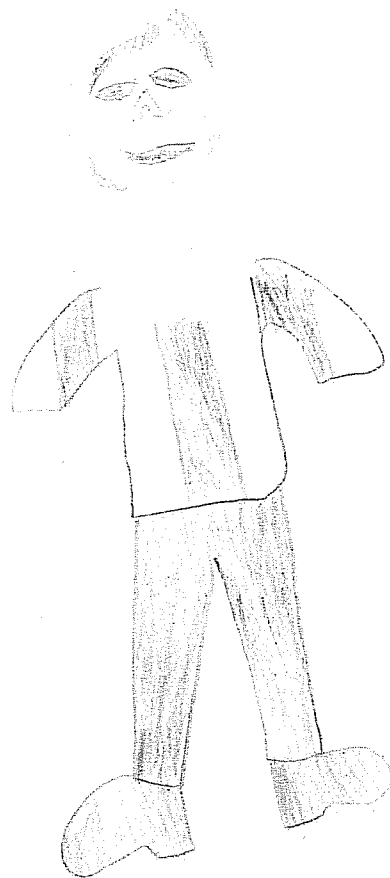
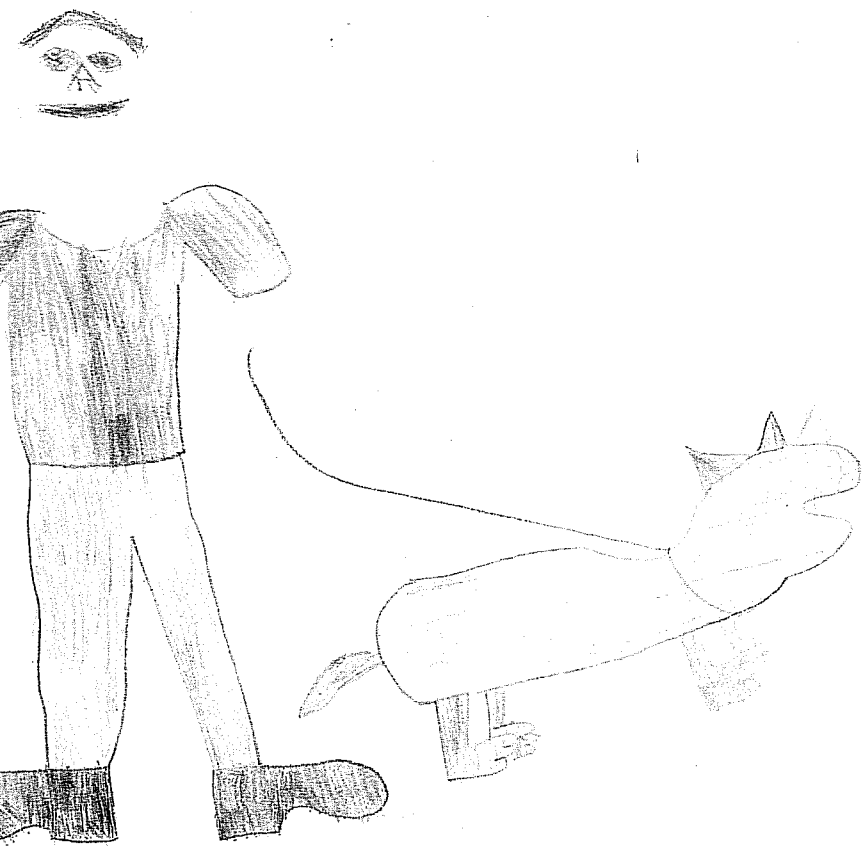
A minha avó, não sei... ela tem montes de problemas de saúde.

- Qual preferes?

A avó.

- Qual gostava de ser?

O avô porque trabalha muito e é giro,... na 5ª feira passada não tive aulas, tinha a chave de casa e fui buscar o jogo de damas e levei para baixo para a gente jogar... às vezes ganho eu outras ganha o avô. Às vezes engano o meu pai, sem ele reparar.



ANEXO 35

Jorge- Dados biográficos

Data de Nascimento: 11 de Janeiro de 1989

1ª observação (criança e mãe)

Data: 28 de Dezembro de 1994

Criança

Idade: 5A 11M

Escolaridade: Pré-primária

Posição na fratria: Filho único

Mãe

Mês de gravidez: 8 meses e 3 semanas

2ª observação (criança, mãe e irmã)

Data: 16 de Fevereiro de 1995

Criança: 6A 1M

Irmã

Sexo: feminino

Data de nascimento: 12 de Janeiro de 1995

Idade: 1M 4D

3ª observação (criança, pais e irmã)

Data: 4 de Setembro de 1999

Criança:

Idade: 10A 8M

Escolaridade: vai iniciar o 5º ano

Família

*** Mãe**

Idade: 34 anos

Profissão: Empregada doméstica

Habilitações Literárias: 4ª Classe

*** Pai**

Idade: 37 anos

Profissão: Trabalha num petroleiro

Habilitações Literárias: 2º ano do ciclo preparatório

*** Irmã**

Idade: 4A 8M

Escolaridade: em casa com a mãe

Classificação Social (Escala de Graffard)

Fontes de Rendimento- 3º grau

Conforto do alojamento- grupo 3

Bairro habitado- grupo 3

Classe Social- Classe III (17 pontos)

ANEXO 36

Jorge- Protocolo do Teste projectivo Patte Noire

Frontespício

Porca grande com mancha- mãe- 38A

Porco grande branco- pai- 41A

Porquinho com mancha (PN)- filho- 4A

Porquinho branco- filho- 4A

Porquinho branco- filho- 4A

Ordem das pranchas escolhida pelo Jorge para contar as histórias:

Hesitação (7)

Deixa ver como é que eu vou começar... Não sei bem... o pai e o filho tão a comer, o outro filho tá a beber leitinho da mamã e o outro tá... o que é que ele tá a fazer?... tá-se a coçar.

Batalha (3)

Eles tão a dançar ou quê?... Parece que eles estão a cheirar qualquer coisa e o Pata Negra tá a lutar... lutar um contra o outro, devem estar zangados. Este aqui parece que vai a fugir.

Beijo (2)

O pai e a mãe tão a namorar e o filho tá a ver.

Gamela (1)

Ele tá a fazer xixi para o comer, o pai e a mãe tão a dormir e estes também, menos o Pata Negra,... acho mal fazer xixi dentro do comer.

Ganso (8)

O porquinho tá a chorar, deve ter feito qualquer coisa ao pato e o pato agora tá a puxar-lhe o rabo e o outro porquinho tá a olhar.

Carroça (4)

O porquinho da pata negra tá a sonhar, a ter um pesadelo com um homem que os levava todos para servirem de comida.

Noite (10)

O porquinho tá a ver os pais a dormirem e tá..., ao pé dele tão os irmãos também a dormir.

Partida (6)

O porquinho aqui tá a andar, deve tar a fugir de casa e vai para outro lugar... se calhar o pai e a mãe brigaram.

Buraco (16)

Aqui tá de noite e o porquinho tá escondido, deve ter visto alguém e escondeu-se, porque podia levar o porquinho para ser cortado ao meio.

Sonho Pai (13)

Aqui o porquinho tá a sonhar com o seu pai porque tem saudades dele... e do resto da família... ele tinha fugido e os outros tavam na quinta.

Sonho Mãe (12)

Aqui o porquinho tá a sonhar com a sua mãe... tem muitas saudades dela.

* Era bom que houvesse aqui outra coisa (diz o Jorge enquanto olha para as restantes pranchas do teste), o porquinho a voltar para casa, a voltar para trás.

Cabra (5)

O que é isto? É uma cabra? O porquinho tá a mamar na cabra, porque tem fome e tá longe da mãe... o leitinho da cabra é bom.

Lamaceiro (9)

Aqui o porquinho voltou e viu o pai e os seus irmãos... estavam a rebolar-se na lama. Perguntaram porque é que ele tinha ido embora e ele disse que era por os ter visto brigar e o pai disse que isso aí é normal entre os casais.

Mamada 1 (14)

Aqui o porquinho já tinha voltado e agora estava a beber o leitinho da mamã. A mamã também disse ao porquinho que era normal os casais brigarem.

Mamada 2 (15)

Aqui o porquinho continuava a beber leitinho da mãe e os irmãos chegaram.

Ninhada (11)

E depois os três porquinhos foram ver a mãe já tinha tido mais 3 filhinhos e os homens tavam a tratar dela e ele ficou muito contente.

Preferências/ Rejeições e Identificações

Escolhas positivas	Escolhas negativas	Identificações
Hesitação (7)		PN
Batalha (3)		porquinho a fugir
Beijo (2)		filho, gosto mais de ser filho
Gamela (1)		porquinho branco
Ganso (8)		porquinho a olhar, não se mete em nada
Carroça (4)		porquinho que está a impedir que o metam lá dentro
Noite (10)		aqui não se vê qual é o PN
Partida (6)		porquinho, porque só há aqui um porquinho
Buraco (16)		ninguém
Sonho Pai (13)		pai
Sonho Mãe (12)		porquinho
Cabra (5)		porquinho
Lamaceiro (9)		porquinho branco
Mamada 1 (14)		porquinho
Mamada 2 (15)		porquinho a mamar
Ninhada (11)		PN

Fada

- Porque é que este (prancha Fada) não veio antes deste (prancha Ninhada)? Porque um desejo que eu queria que ele pedisse era para ter mais irmãos.
- Desejou que os pais nunca mais brigassem
- Vivessem felizes

ANEXO 37

Jorge- Interpretação do Teste Projectivo Patte Noire

Frontespício:

O Jorge percepcionou os personagens presentes no estímulo como sendo uma família: mãe (porca grande com mancha), pai (porco grande branco) e três filhos (PN e os dois porquinhos brancos). Verificou-se que, na caracterização do PN (ao qual o autor do teste considera que a criança se identifica), o Jorge atribuiu-lhe o sexo masculino, e uma idade inferior à sua, o que poderá indicar uma tendência regressiva ou, como designado por Corman (1961), o desejo de retornar ao “paraíso perdido da sua infância”- “Idade de Ouro”. Por outro lado, o facto de nenhum dos porquinhos ter o sexo feminino, como a irmã do Jorge, e serem todos da mesma idade (4 anos) leva-nos a pensar em alguma dificuldade em aceitar a irmã, que lhe tirou o seu lugar privilegiado na família.

Relação fraterna:

* Batalha (3)

De início o Jorge não deu o conteúdo latente desta prancha, ou seja, a agressividade directa nas relações fraternas. Tentou transformar essa agressividade numa actividade lúdica e amigável (“*eles tão a dançar ou quê?*”). Contudo, essa agressividade acabou por aparecer. Não se identificou a nenhum dos porquinhos intervenientes na relação agressiva, mas sim àquele que se encontra fora do conflito e que “*vai fugir*”, o que poderá indicar que a agressividade fraterna causa-lhe alguma angústia.

* Carroça (4)

Esta prancha reenvia para a agressividade mortal na rivalidade fraterna e/ou angústia de separação nas relações familiares. Na história narrada pelo Jorge surgiram fantasias de morte quer das figuras parentais, quer das figuras fraternas, quer do próprio: “... *levava a todos para servirem de comida*”. Por ser angustiante, este conteúdo foi dado em forma de sonho (pesadelo). A identificação foi feita ao porquinho que tentava resistir- “*porquinho que está a impedir que o metam lá dentro*”.

* Hesitação (7)

O conteúdo latente desta prancha está relacionado com a frustração e ambivalência na relação fraterna. Na história do Jorge, o PN (ao qual a criança se identificou) é o único membro da fratria que não está a comer, não evidenciando desejo de intervir na relação dos pais com os irmãos.

* Ganso (8)

Reenvia para a agressividade contra um irmão. O Jorge identificou-se ao porquinho não atacado, o qual não apresentou movimentos de salvação do elemento da fratria atacado: é pois um espectador passivo da situação agressiva (*"o outro porquinho tá a olhar... não se mete em nada"*).

* Ninhada (11)

Nesta prancha, cujo conteúdo latente é a agressividade fraterna relacionada com o nascimento, o Jorge identificou-se ao PN, que *"ficou muito contente... ver a mãe já tinha mais 3 filhinhos"*. Não apresentou sentimentos de exclusão da relação mãe-bébés.

* Mamada 2 (15)

Está relacionada com a relação dual com a figura materna, num contexto de relação fraterna. Na história narrada pelo Jorge, a mãe é sentida como uma figura gratificante. Poderemos pensar numa possível alusão à rivalidade fraterna na relação com a mãe, mas que não está muito clara nesta história: *"o porquinho continuava a beber leitinho da mãe e os irmãos chegaram"*.

Relação com as imagos parentais:

* Gamela (1)

Reenvia para a expressão da agressividade, essencialmente de carácter anal, contra as figuras parentais, agressividade essa presente na história narrada pelo Jorge: *"tá a fazer xixi para o comer, o pai e a mãe tão a dormir"*. Identificou-se a um dos porquinhos que se encontra fora do conflito, mostrando que, a agressividade contra as figuras parentais, é sentida com alguma culpa pelo Jorge que diz: *"acho mal fazer xixi dentro do comer"*.

* Beijo (2)

Numa prancha que suscita a expressão da chamada inveja edipiana, o Jorge deu o triângulo pai-mãe-filho, identificando-se ao filho que *"tá a ver... o pai e a mãe tão a namorar"*, não expressando dificuldades face à relação parental.

* Noite (10)

Reenvia para a curiosidade sexual num contexto de relação parental, a qual está subentendida na história o Jorge: “o porquinho tá a ver os pais a dormirem e tá...”. A relação parental mais íntima parece ser já mais angustiante para a criança, de tal forma que não continua a história, desviando-se do conteúdo latente da prancha, dizendo: “ao pé dele tão os irmãos também a dormir”.

Relação com a imago materna:

* Cabra (5)

O conteúdo latente desta prancha está relacionado com a figura materna de substituição, a qual aparece nesta história: “o porquinho tá a mamar na cabra, porque tem fome e tá longe da mãe”. Esta mãe substituta foi sentida como gratificante: “o leitinho da cabra é bom”.

* Sonho Mãe (12)

Reenvia para a imagem materna ideal. O Jorge percepcionou o estímulo como um sonho do porquinho (ao qual se identificou), no qual este expressa o seu desejo de proximidade com a figura materna (“tem muitas saudades dela”) (esta história vem em seguimento de outras pranchas, em que o porquinho tinha fugido de casa porque os pais discutiram).

* Mamada 1 (14)

Esta prancha suscita a relação privilegiada com a figura materna, a qual foi sentida, pela criança, como gratificante.

Relação com a imago paterna:

* Lamaceiro (9)

Reenvia para a agressividade, essencialmente de carácter anal, para com a figura paterna, a qual não se encontra presente na narrativa do Jorge. Contudo, houve uma referência à relação “agressiva” entre o casal parental, a qual originou a fuga do porquinho de casa, afastando-se assim daquele conflito.

* Sonho Pai (13)

Nesta prancha que suscita a imagem paterna ideal, esta é sentida como gratificante. Como se verificou na prancha Sonho Mãe (12), o Jorge diz que “o

porquinho tá a sonhar com o seu pai porque tem saudades dele". De referir que se identificou à figura paterna.

Abandono-Solidão:

* Partida (6)

Reenvia para a fantasmática de abandono, num contexto de dependência-independência. Nesta narrativa, verificam-se movimentos de autonomia da criança em relação aos pais, numa tentativa de se afastar dos conflitos do casal parental: "*deve tar a fugir de casa e vai para outro lado... se calhar o pai e a mãe brigaram*". Contudo, após algumas pranchas em que o porquinho está longe dos pais, o Jorge mostrou o desejo de o porquinho voltar para junto deles, dizendo: "*era bom que houvesse aqui outra coisa, o porquinho a voltar para casa, a voltar para trás*".

* Buraco (16)

Nesta prancha aparece a fantasmática de morte num contexto de solidão nocturna. Sozinho, "*o porquinho tá escondido, deve ter visto alguém e escondeu-se, porque podia levar o porquinho para ser cortado ao meio*". Por ser tão angustiante para o Jorge, ele não se identificou a nenhum personagem da história.

Fada

Os desejos expressos pelo Jorge estão muito centrados na família. Por um lado o desejo de ter mais irmãos, por outro que a relação entre os pais não fosse conflituosa. Ou seja, que "*vivessem felizes*".

ANEXO 38

Jorge- Protocolo do Teste das Relações Familiares

Figuras escolhidas:

Mãe- figura nº 1

Pai- figura nº 11

Irmã- figura nº 18

Jorge- figura nº 5

Cartões atribuídos à mãe

- 0- Esta pessoa da minha família é muito simpática
- 3- Esta pessoa da minha família é muito bem educada
- 4- Esta pessoa da minha família nunca me deixa ficar mal visto
- 6- Esta pessoa da minha família merece um presente bonito
- 9- Esta pessoa da minha família é muito bondosa
- 11- Eu gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos
- 12- Quem me dera dormir uma vez por outra na cama desta pessoa da minha família
- 13- Quem me dera que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim
- 15- Quando me casar gostava que fosse com alguém muito parecido com esta pessoa da minha família
- 40- Esta pessoa da minha família é muito boa para mim
- 42- Esta pessoa da minha família gosta muito de mim
- 43- Esta pessoa da minha família dá-me muita atenção
- 44- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar
- 46- Esta pessoa da minha família é quem me compreende bem
- 51- Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar
- 52- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer festas
- 53- Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho
- 54- Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas
- 55- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo
- 57- Esta pessoa da minha família cuida mais de mim do que qualquer outra

- 60- Esta pessoa da minha família de vez em quando faz cara de zangada
- 62- Esta pessoa da minha família de vez em quando ralha comigo
- 90- Esta é a pessoa da minha família com quem o pai mais embirra
- 94- Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta

* O Jorge disse, em relação ao nº 12, que quando o pai não está, ou ele ou a irmã vão dormir com a mãe, o que é do agrado dele.

Cartões atribuídos ao pai

- 17- Eu gosto muito de dar um abraço a esta pessoa da minha família
- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 28- Esta pessoa da minha família tem pouca paciência
- 41- Esta pessoa da minha família é muito simpática para mim
- 50- Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos
- 66- Esta pessoa da minha família por vezes zanga-se comigo
- 67- Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada para me prestar atenção

Cartões atribuídos à irmã

- 1- Esta pessoa da minha família é muito alegre
- 5- Esta pessoa da minha família tem muita graça
- 7- Esta pessoa da minha família é uma boa companhia
- 8- Gosto muito de brincar com esta pessoa da minha família
- 10- Eu gosto de fazer festas a esta pessoa da minha família
- 20- Esta pessoa da minha família por vezes é um bocado rabujenta
- 21- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer
- 35- Por vezes fico aborrecido com esta pessoa da minha família
- 45- Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo
- 47- Esta pessoa da minha família ouve sempre o que eu tenho para dizer
- 56- Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo
- 61- Esta pessoa da minha família de vez em quando gosta de me provocar
- 65- Esta pessoa da minha família por vezes aborrece-me
- 76- Esta pessoa da minha família está sempre a queixar-se de mim

81- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa adoecer

96- A mãe dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família

Cartões atribuídos a ele próprio

2- Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros

25- Esta pessoa da minha família por vezes gosta de se queixar

26- Esta pessoa da minha família por vezes está aborrecida sem ter razão

86- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família brinque com os miúdos brutos

87- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família não coma o suficiente

* Houve alguns cartões que o Jorge não conseguiu atribuir apenas ou a ele ou à irmã, atribuindo-os a ambos.

Cartões atribuídos a ele e à irmã:

80- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se constipe

82- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família possa ser atropelada

83- A mãe preocupa-se muito que esta pessoa da minha família se magoe

84- A mãe preocupa-se muito que possa acontecer alguma coisa a esta pessoa da minha família

85- A mãe tem medo que esta pessoa da minha família corra muito de um lado para o outro

91- O pai dá demasiada atenção a esta pessoa da minha família

95- Esta é a pessoa da minha família com quem a mãe mais embirra

98- A mãe passa muito tempo com esta pessoa da minha família

99- Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta

Cartões atribuídos ao Zé Ninguém:

14- Quem me dera que fosse a mim que esta pessoa da minha família desse mais atenção que aos outros

16- Eu gosto muito que esta pessoa da minha família me faça cócegas

22- Esta pessoa da minha família por vezes estraga aquilo que os outros gostam de fazer

- 23- Esta pessoa da minha família de vez em quando irrita-se
- 24- Esta pessoa da minha família tem por vezes mau feitio
- 27- Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita
- 29- Esta pessoa da minha família de vez em quando zanga-se muito
- 30- Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família
- 31- Por vezes gostava que esta pessoa da minha família desaparecesse
- 32- Por vezes tenho ódio a esta pessoa da minha família
- 33- Por vezes até me apetece bater nesta pessoa da minha família
- 34- Por vezes penso que seria mais feliz se esta pessoa não fizesse parte da minha família
- 36- Por vezes apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família
- 37- Esta pessoa da minha família deixa-me por vezes muito zangado.
- 63- Esta pessoa da minha família não gosta de brincar comigo quando me apetece brincar com ela
- 64- Esta pessoa da minha família não me ajuda quando eu estou com dificuldades
- 70- Esta pessoa da minha família bate-me muito
- 71- Esta pessoa da minha família castiga-me muitas vezes
- 72- Esta pessoa da minha família faz-me sentir palerma
- 73- Esta pessoa da minha família mete-me medo
- 74- Esta pessoa da minha família é má para mim
- 75- Esta pessoa da minha família deixa-me triste
- 77- Esta pessoa da minha família não gosta de mim
- 92- O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família
- 93- O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família
- 97- A mãe dá demasiados mimos a esta pessoa da minha família

* Em relação aos números 30 e 32 o Jorge ficou com uma expressão muito séria e perguntou: *"Mas quem é que escreveu estas coisas?"*

Colocou o número 73 no Zé Ninguém, mas disse: *"Há uma coisa que me mete medo"*. Perguntei-lhe o que era. Ficou calado por alguns momentos, olhou para a porta, como se quisesse confirmar que estava fechada e que ninguém nos ouviria, e a sussurar disse: *"Os meus pais..."*. Pergunto-lhe porquê. Ele diz: *"... quando se zangam. O meu*

pai trabalha muito, chega a casa sempre zangado e zanga-se com a mãe e connosco”.

Cala-se e continuamos.

ANEXO 39

Jorge- Análise do Teste das Relações Familiares

Em relação às figuras do teste escolhidas para representar a sua família, verifica-se que, para a irmã, o Jorge escolheu um desenho de uma criança mais nova que ela (um bebé). A figura escolhida para a mãe é a de uma criança (como se a mãe fosse da mesma idade do Jorge). As figuras que escolheu para o representarem a ele e ao pai estão adequadas, tanto em género como em idade.

No quadro seguinte encontra-se o número de itens que o Jorge atribuiu a cada membro da sua família (e ao Zé Ninguém), para cada uma das diferentes áreas (sentimentos enviados/recebidos, positivos/negativos).

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
sentimentos enviados positivos:					
fracos	5	0	4	1	0
fortes	4	1	1	0	2
SOMA S. +	9	1	5	1	2
sentimentos enviados negativos:					
fracos	0	2	2	2	5
fortes	0	0	1	0	7
SOMA S. -	0	2	3	2	12
sentimentos recebidos positivos:					
fracos	5	1	2	0	0
fortes	6	1	1	0	0
SOMA S. +	11	2	3	0	0
sentimentos recebidos negativos:					
fracos	2	2	2	0	2
fortes	0	0	1	0	7

SOMA S. -	2	2	3	0	9
TOTAL de ENVOLVIMENTO	22	7	14	3	23

Com base nos resultados apresentados neste quadro, no que se refere ao total de envolvimento que a criança tem com cada membro da sua família, estes podem ser ordenados da seguinte forma:

- 1º- Mãe (22 pontos)
- 2º- Irmã (14 pontos)
- 3º- Pai (7 pontos)
- 4º- Criança (3 pontos)

O "Zé Ninguém" recebeu 23 pontos, ou seja, teve mais pontos do que qualquer um dos membros da família do Jorge. Contudo, tal relaciona-se com o facto de o Jorge ter colocado nele a maioria dos sentimentos negativos (enviados e recebidos). Em relação a dois deles, o item 30- *Por vezes gostava de matar esta pessoa da minha família*, e o item 32- *Por vezes até tenho ódio a esta pessoa da minha família*, o Jorge mostrou alguma angústia, perguntando: "Mas quem é que escreveu estas coisas?".

Tendo em conta o número de itens de sentimentos positivos e negativos enviados e recebidos pela criança, pode-se dizer que:

- principal objecto de amor- mãe
- principal fonte de amor- mãe
- principal objecto de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã (se considerarmos o Zé Ninguém como uma defesa, a irmã será o principal objecto de hostilidade)
- principal fonte de hostilidade- Zé Ninguém, Irmã (da mesma forma, a irmã será a principal fonte de hostilidade)

Verifica-se pois, que a figura fraterna aparece como principal objecto e fonte de hostilidade, enquanto que a figura materna aparece como principal objecto e fonte de amor.

O quadro que se segue permite analisar a discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família.

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
enviados +	9	1	5	1	2
recebidos +	11	2	3	0	0
enviados -	0	2	3	2	12
recebidos-	2	2	3	0	9

Relativamente aos sentimentos enviados pela criança, vamos analisar quais os membros que recebem principalmente sentimentos positivos, negativos e ambivalentes (a ambivalência surge quando os itens positivos são menos do dobro dos negativos ou vice versa). Assim temos que:

- membro que recebe principalmente sentimentos positivos:

- Mãe (9 positivo/ 0 negativo)

- membros que recebem principalmente sentimentos negativos:

- Pai (1 positivo/ 2 negativos)

- Criança (1 positivo/ 2 negativos)

- Zé Ninguém (2 positivos/ 12 negativos)- forma de defesa

- membro que recebe sentimentos ambivalentes:

-Irmã (5 positivos/ 3 negativos)

No que se refere aos sentimentos recebidos pela criança, temos que:

- membros de quem a criança recebe mais sentimentos positivos:

- Mãe (11 positivos/ 2 negativo)

- Pai (4 positivos/ 0 negativo)

- membro de quem a criança recebe principalmente sentimentos negativos:

- Zé Ninguém (2 positivos/ 12 negativos)- forma de defesa

- membros de quem a criança recebe sentimentos ambivalentes:

- pai (2 positivos/ 2 negativos)

- irmã (3 positivos/ 3 negativos)

Assim, no que se refere à discrepância entre sentimentos positivos/ negativos enviados e recebidos pela criança aos/dos diferentes membros da família, verifica-se que:

- * é à mãe que a criança envia mais sentimentos positivos e é dela que recebe mais destes sentimentos (à mãe não envia sentimentos negativos, recebendo dela poucos);
- * a criança envia poucos sentimentos positivos ao pai, recebendo deste também poucos sentimentos (mas em igual número no que se refere a sentimentos positivos e negativos);
- * a criança envia mais sentimentos positivos do que negativos à figura fraterna e desta recebe menos sentimentos (mas em igual número de sentimentos positivos e negativos).

O quadro que se segue refere-se aos sentimentos de super-protecção materna e de sobre-indulgência parental:

	Mãe	Pai	Irmã	Criança	Zé Ninguém
Super protecção materna	0	0	6	7	0
Sobre indulgência materna	0	0	4	3	1
Sobre indulgência paterna	2	0	1	1	2

Verifica-se que, a super-protecção materna está dividida pelos irmãos, sendo um pouco maior no Jorge (ainda que a diferença seja muito pequena). Em relação à sobre-indulgência materna verifica-se o onverso, ou seja é relativamente maior (mas não significativamente) na irmã. A sobre-indulgência paterna é maior na mãe, estando igualmente dividida por ambas as crianças.

De salientar, como já referido anteriormente que, os itens que o Jorge não conseguiu atribuir ou a si ou à irmã, mas que atribuiu a ambos, estão relacionados com a super-protecção materna e com a sobre-indulgência parental. Destes itens ressalta, pela sua maior importância, o item 99- "*Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe mais gosta*". Ou seja, ao contrário do que se passou com o pai, em que o Jorge

colocou na mãe o item 94 (*“Esta é a pessoa da minha família que o pai mais gosta”*), quando se refere à mãe, surge a dificuldade (por sentir que o amor materno é igual em ambos os filhos ou por dificuldade face aos seus sentimentos que lhe trariam angústia ou culpa?)

ANEXO 40

Jorge- Desenho de uma Família Imaginária

Questionário:

- Quem são?

Pai- não sei quantos anos tem... queres que vá perguntar à minha mãe?

Mãe- também não sei

Jorge- 10 anos

Júlia (irmã)- 4 anos

- Onde estão e o que estão a fazer?

Tão na rua e vão passear a vários sítios, ao parque, à praia.

- Qual é o mais simpático?

A minha mãe, porque ela atura as nossas parvoíces e é boa.

- Qual é o menos simpático?

O pai, porque cada vez que chega a casa vem de mau humor e está sempre a mandar vir.

- Qual é o mais feliz?

A minha irmã, não, não, não,... eu, porque estou sempre contente.

- Qual é o mais triste?

Nenhum.

- Qual gostavas de ser?

Se eu fosse uma menina gostava de ser a minha mãe, se fosse menino gostava de ser o meu pai, claro!

- Qual preferes?

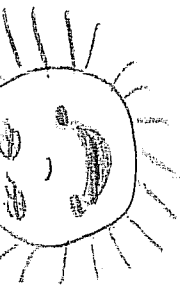
A minha mãe, porque é mais boa para nós.

- Se a família quisesse ir passear, mas no carro só houvesse lugar para três pessoas, quem ficava em casa?

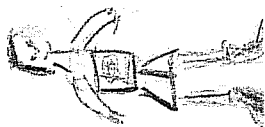
Ficava eu, porque não me importo de ficar em casa, já tou habituado. A primeira vez que fiquei em casa sozinho, nesta nova casa, a minha mãe e o meu pai foram a uma reunião, tava aflito, nunca mais voltavam, o vídeo não estava a funcionar, se estivesse eu ficava calmo. Estava tão assustado, tão assustado que acordei a Júlia para não ficar sozinho. Agora já não tenho medo de ficar sozinho.

- Quem são as pessoas da tua família?

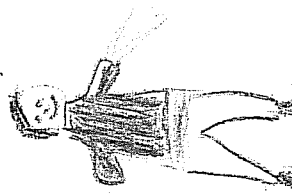
A minha mãe, o meu pai, a minha irmã, eu, os meus avós.



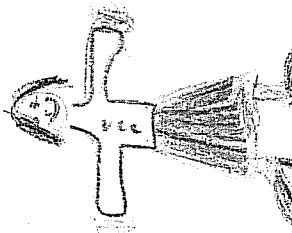
IRMA



EU



MAE



PAI

